

A VERDADEIRA ESPOSA DE JESUS CRISTO

ou

**A Religiosa Santificada por meio das virtudes
próprias do seu estado**

Por Sto. Afonso Maria de Ligório
Doutor da Igreja

Tradução oferecida às religiosas e também a
todas as classes de pessoas,
como um guia seguro para a prática
das virtudes cristãs com perfeição

por

ANTÔNIO ALVES FERREIRA DOS SANTOS
*Decano da Sta. Igreja Catedral Metropolitana, e
Capelão das Religiosas Concepcionistas do Convento da Ajuda do Rio de Janeiro etc.*

VOLUME I

APPARECIDA DO NORTE
Oficinas do Santuário de Aparecida
1922

Edição Pdf de Fl.Castro - 2004

A Mto. Revdma. Abadessa
Madre Ignez de Sant'Anna
e demais Religiosas Concepcionistas do Convento da Ajuda
O. D. e C.
O Tradutor

Rio de Janeiro, 24 de fevereiro de 1919

IMPRIMATUR
Aparecida, 2 de agosto de 1921.
† *Duarte. Arc. Metr.*

NIHIL OBSTAT.
Flumine Januario, 25 Octobris 1919.
Sac. Sebastianus Oliveira.

IMPRIMATUR.
Die XXIV mensis Februarii, anno MCMXX.
L. † S.
† *J. Card. Archieps.*

Com licença dos Superiores

Ao Pio Leitor

Compelido pelo desejo da perfeição das religiosas a quem tenho prestado os serviços do sagrado ministério; e instado de um modo particular pelas Concepcionistas de que sou Capelão há muitos anos, abalancei-me a fazer esta tradução, para lhes dar satisfação. Pelo acúmulo de trabalhos em que sempre me achei envolvido, comecei-a com pouca esperança de concluí-la. Como, porém, as circunstâncias vieram em meu auxílio, sinto-me feliz de poder hoje apresentá-la ao respeitável público, pedindo a todos, a cujas mãos chegar, não deixem de percorrer suas páginas até ao fim.

Ai encontrarão motivos bastantes para reformar sua vida, tomar resoluções de melhor servir a Deus e santificar o resto de seus dias neste mundo.

Esta é uma das mais preciosas obras de Sto. Afonso Maria de Ligório, doutor incomparável na moral, notável no dogma e na controvérsia, um dos principais mestres da vida espiritual.

É uma obra cheia de doutrina segura, segura e venerada por todos os que tratam da matéria, excedendo a quase todas as deste gênero pela sua clareza e profundidade.

O Santo Autor a publicou em 1760, tendo já atingido a idade de 64 anos, em pleno desenvolvimento da experiência, ciência e virtudes, para tratar como verdadeiro mestre de matérias tão delicadas e tão sublimes.

Esta obra tem sido traduzida em quase todas as línguas do mundo católico, e isto mostra quanto tem

sido estimada de todos, não só dos religiosos, senão também dos seculares.

Se, como diz o Santo Autor, pode aproveitar a todos, convém maravilhosamente aos eclesiásticos encarregados da direção das almas que aspiram a perfeição.

O Santo escreveu num tempo de muitos abusos nas Ordens regulares, sobretudo no reino de Nápoles, onde vivia; por isso ninguém estranhe que os profligue com uma veemência à sombra dos governos civis, felizmente desapareceram, em nossos dias.

Tendo, nos últimos anos se multiplicado, de um modo prodigioso, em nosso país, as Congregações religiosas, espero que esta tradução seja bem aceita por todas, não obstante seus inúmeros defeitos, e lhes faça algum bem espiritual.

Em vista da pronunciada tendência de tudo se nacionalizar, na nossa época, confio que todos deixe de parte as traduções em língua estrangeira para adotar esta que ora ofereço a todas as classes de pessoas aspirantes da perfeição.

Antônio Alves Ferreira dos Santos

Advertência do Autor

Esta obra, como se vê, é destinada propriamente às Monjas; mas cumpre notar que, tirados poucos pontos especiais para as religiosas, todos os outros convêm igualmente aos demais religiosos no que respeita a observância dos votos, disciplina regular e perfeição do seu estado; e também aos seculares no que se refere à prática das virtudes cristãs.

Tive o cuidado de concluir cada instrução com orações entremeadas de diversos afetos piedosos, por saber que isto agrada muito às religiosas aplicadas à perfeição; e com razão, porque, no dizer de S. Dionisio Areopagita o amor divino consiste mais nos afetos do coração do que nos conhecimentos do espírito.

Nas ciências humanas o conhecimento produz o amor; na ciência dos santos, ao contrário, o amor produz o conhecimento: quanto mais uma pessoa ama a Deus, tanto mais o conhece. Além disso, não são os conhecimentos, mas os afetos, que propriamente nos unem a Deus e nos enriquecem de merecimentos para a vida eterna.

Protesto do Autor

Para obedecer aos decretos de Urbano VIII, de santa memória, protesto que aos milagres, revelações, graças e casos incertos neste livro, assim como aos títulos de *santo* ou *beato* dados aos servos de Deus ainda não canonizados, não entendo atribuir senão uma autoridade puramente humana; e fora das coisas que foram confirmadas pela Santa Igreja Católica Romana e pela Sta. Sé Apostólica, da qual professo ser filho obediente, submeto ao seu juízo a minha pessoa e tudo quanto neste livro escrevi.

CAPÍTULO I

Do apreço que merecem as virgens que se consagram a Deus

I. As virgens se tornam semelhantes aos anjos, e são esposas de Jesus Cristo

1. — As virgens que tiveram a felicidade de se dedicarem ao amor de Jesus Cristo, consagrando-lhe o lírio de sua pureza, tornam-se primeiramente tão queridas de Deus como os anjos: *Serão*, disse Jesus, *como anjos de Deus no céu*, e isto graças a virtude da castidade¹.

Pelo contrário, perdendo esta virtude, se fazem semelhantes ao demônio. “A castidade faz anjos, afirma Sto. Ambrósio: quem a guarda é um anjo, e quem a perdeu é um demônio”².

Baronio refere que na morte de uma virgem chamada Jorgia, viu-se voar ao redor um grande bando de pombas; e, quando seu corpo foi levado a igreja, estas vieram pousar sobre o teto justamente em cima do lugar em que estava o esquife, e dali não se foram senão depois que foi dado à sepultura. Nestas pombas todos julgaram ver anjos que, a seu modo, honravam o corpo virginal.

É com razão que a virgindade se chama *virtude angélica e celeste*, porque, segundo Sto. Ambrósio, esta virtude achou no céu o que deve imitar na terra,

e é no céu que foi tirar e aprender as regras de vida, e lá achou o próprio Esposo³.

2. — Além disso, a virgem que consagra a Jesus Cristo sua virgindade, torna-se esposa dele; donde o Apóstolo, escrevendo aos seus discípulos, não teme dizer: Eu prometi a Jesus Cristo apresentar-lhe vossas almas como outras tantas esposas⁴. E Jesus mesmo, na parábola das virgens quer ser chamado seu esposo: Saíram ao encontro do esposo, ... com ele entraram no festim das nupcias⁵.

Relativamente aos demais fiéis, toma o título de Mestre, de Pastor e de Pai; mas, em relação às virgens, adota o de Esposo. Dai este belo verso de S. Gregório Nazianzeno: *Castaque virginitas decoratur conjuge Christo*: Nobre virgindade que tem Jesus por Esposo.

Tal aliança se contrai pela fé, segundo a palavra de Oséas: *Eu te desposarei na fé*⁶.

Esta virtude da virgindade foi merecida especialmente por Jesus Cristo para os homens. É por isso que está escrito que as virgens seguem o Cordeiro por toda a parte em que ele vai⁷.

A Mãe de Deus disse à certa alma que uma esposa de Jesus deve amar todas as virtudes, mas de modo particular a pureza que mais do que qualquer outra contribue para torná-la semelhante ao seu divino Esposo. É certo, como diz S. Bernardo, que todas as almas justas são esposas do Senhor: Nós somos sua esposa, diz o Santo, e todas as almas justas não são mais do que uma mesma esposa, e cada alma em particular é uma esposa de Jesus Cristo⁸. Todavia, segundo nota Sto. Antônio de Pádua, as virgens

consagradas a Deus o são de um modo especial⁹. Por isso, S. Fulgêncio chama a Jesus Cristo Esposo único de todas as virgens que lhe são consagradas¹⁰.

3. — Uma jovem, quando quer estabelecer-se no mundo, se é prudente, antes de tudo, indaga com cuidado qual dos pretendentes à sua mão é mais digno e capaz de a fazer feliz na terra.

Ora, a religiosa, ao fazer a profissão, se desposa com o próprio Jesus Cristo. E por isso o Bispo lhe diz: “Eu vos uno a Jesus Cristo. Que ele vos guarde de toda a mancha. Recebei, pois, como sua esposa, o anel da fidelidade, afim de que, servindo-o lealmente, sejais coroada para a eternidade”.

Recorramos, pois, à Esposa dos Cantares que conhece perfeitamente todas as qualidades do divino Esposo, e lhe perguntemos quem é ele: Dizei-me, ó Esposa santa, quem é o vosso bem amado, único objeto de vosso amor, e quem vos faz a mais feliz de todas as mulheres¹¹. — Ela vos responderá: Meu amado é todo cândido de inocência e rubro das chamas de amor de que arde pelas suas esposas. Em uma palavra, é tão belo, tão repleto de todas as virtudes, e, ao mesmo tempo, tão doce e tão afável que, entre todos os esposos, se torna o mais estimável e o mais amável possível. — Com efeito nada iguala a sua magnificência, nem à sua glória, nem à sua beleza, nem à sua munificência diz Sto. Eucherio¹²

Saibam, pois, as virgens felizes que se consagraram a Jesus Cristo, conclui Sto. Ignacio mártir; saibam qual o Esposo a quem tiveram a felicidade de se unirem. Nunca, nem na terra, poderão achar outro tão belo, tão nobre, tão rico e tão amável¹³.

4. — Convencida desta verdade, Sta. Clara de Montefalco ligava tanta importância à sua virgindade, que antes de perdê-la, dizia, teria preferido sofrer as penas do inferno toda a sua vida. — E quando ofereceram a Santa Ignez para seu esposo o filho do prefeito de Roma, esta gloriosa virgem teve bastante razão de responder, segundo refere Sto. Ambrósio, que ela havia achado um partido muito mais vantajoso¹⁴.

Tal foi também a resposta de Sta. Domitila, sobrinha do Imperador Domiciano, às pessoas que tentavam persuadi-la de que podia sem temor casar-se com o conde Aureliano, visto que este, embora fosse gentio, consentia que ela continuasse a ser cristã: “Mas, digei-me, respondeu, se apresentassem à uma jovem, de um lado, um grande monarca, e, de outro, um pobre paisano, qual dos dois escolheria para esposo? Para aceitar a mão de Aureliano, deveria eu abandonar o Reino do céu! Não seria isto uma loucura? Digei, pois, a Aureliano que renuncie o seu intento”. E assim, para permanecer fiel a Jesus Cristo a quem tinha consagrado sua virgindade, resignou-se a ser queimada viva por ordem de seu bárbaro pretendente¹⁵.

A virgem Sta. Suzana respondeu o mesmo aos enviados do Imperador Diocleciano que a queria fazer Imperatriz, dando-lhe por esposo seu genro Maximiano a quem proclamara César. E por esta recusa foi condenada à morte¹⁶.

Muitas outras santas virgens, para se desposarem com Jesus Cristo, recusaram núpcias reais, como a B. Joanna de Portugal às de Luiz XI, Rei de França; A B. Ignez de Praga as do Imperador Frede-

rico II; Izabel filha do Rei da Hungria e herdeira do reino as de Henrique Arquiduque d'Áustria, e outras.

II. Como as virgens, mesmo nesta vida, são muito mais felizes que as mulheres casadas

5. Por sua consagração a Jesus Cristo, a virgem é toda de Deus de corpo e alma, com muita diferença da mulher casada. É o que exprime S. Paulo, quando diz: A mulher não casada e virgem pensa nas coisas que respeitam ao serviço do Senhor e em se santificar quanto ao corpo e quanto à alma; mas a que está vinculada pelo casamento, pensa nas coisas do mundo e em agradar a seu marido¹. — A virgem que se dedicou a Deus, não pensa senão em Deus e nos meios de ser dele sem reserva, mas a mulher casada, pertencendo ao mundo, não pode deixar de pensar nele e de se aplicar às coisas mundanas. — O Apóstolo acrescenta: Eu vos digo isto para vosso bem, para vos mostrar o que é mais perfeito, o que vos facilita o meio de orar e servir a Deus sem obstáculos¹⁸.

As mulheres casadas tem, pois, de vencer muitos obstáculos para se santificarem; e, quanto mais elevada for a sua posição social no mundo, tanto maiores serão esses entraves.

6. — Para se santificar é preciso empregar os meios convenientes: freqüentar os sacramentos, dar-se muito à oração mental, praticar muitas mortificações interiores e exteriores, amar o desprezo, as humilhações e a pobreza, é preciso, em uma palavra,

estar sempre atento ao que se pode fazer para agradar a Deus; e, por isso, é necessário estar desapegado do mundo. Mas que tempos, que facilidade, que socorros, que recolhimento, pode ter uma mulher casada, para se aplicar continuamente às coisas de Deus?

A mulher casada pensa nas coisas do mundo. Deve cuidar de prover a família, educar os filhos, contentar o marido e os diversos parentes deste, às vezes mais exigentes do que ele: o que faz, como diz ainda o Apóstolo, que seu coração esteja dividido e seus afetos repartidos entre seu marido, seus filhos e Deus. Como acharia tempo bastante para fazer muita oração e freqüentar a comunhão, se ela não tem o suficiente para desempenhar os misteres do lar e acudir às necessidades da casa? O marido quer achar tudo pronto, trabalha e zanga-se, quando suas ordens não são executadas logo, à sua vontade. Os criados perturbam a casa com gritos, queixas e rixas importunas. Os filhos pequenos choram e pedem sem cessar o que desejam; e os grandes, causam inquietações, temores e penas muitos mais amargas, ora pelas más companhias que freqüentam, ora pelos perigos que correm, ora pelas doenças que padecem. Vá, pois, fazer oração e conservar-se recolhida, no meio de tantas preocupações e embaraços!

Para comungar, com dificuldade poderá sair aos domingos. Restar-lhe-á o bom desejo, mas lhe será moralmente impossível aplicar-se com assiduidade a solicitude aos negócios de sua alma. É verdade que, mesmo privada de todos os meios de se ocupar das coisas do céu, ela poderia merecer pela paciência e

resignação com a vontade de Deus, achando-se no desgraçado estado de tanta sujeição; poderia sem dúvida, mas no meio de tanto ruído e de tantas distrações, sem oração, sem leitura espiritual, sem o socorro dos sacramentos, será bem difícil e quase impossível ter a virtude heróica da paciência e da resignação.

7. — E prouvera a Deus que as mulheres casadas não tivessem outra coisa que lamentar, além do impedimento de fazer suas devoções, de orar mais e de comungar muitas outras vezes! O pior de todos os males é o grande perigo em que essas infelizes se acham continuamente de perder sua alma e a graça de Deus. Devem viver segundo a sua posição; devem ter casa e pagar criados. Fora de casa, ao menos nas visitas, devem conversar com toda a sorte de pessoas; e em suas casas, é preciso que entrettenham relações com os parentes e amigos de seus maridos... Oh! que perigos de perder a Deus, em tais ocasiões! Eis que ignoram as jovens, mas que é bem sabido das mulheres que vivem nesse estado perigoso, e também dos confessores que as ouvem.

8. — Mas deixemos de parte os tristes dias porque passam todas as mulheres casadas, *todas sem exceção*, digo eu, que durante tantos anos tenho recebido as confidências de um sem número delas de todas as condições. Não me lembra de ter achado uma que estivesse contente com a sua sorte. Maus tratos, zelos da parte dos maridos, enfados causados pelos filhos, necessidades domésticas, sujeição às sogras e parentes, dores de parte sempre acompanhadas de perigo de vida, escrúpulos e inquietações

de consciência, sobre a fuga das ocasiões, sobre a educação dos filhos, tudo isto forma uma tempestade horrível e contínua, sob a qual vivem as mulheres casadas, gemendo e lamentando sem cessar de terem escolhido voluntariamente um estado tão miserável. E queira Deus que não encontrem a desgraça muito maior de perderem a sua alma e de não saírem de inferno desta vida senão para caírem no inferno eterno! Tal a feliz sorte que buscam por sua própria escolha as jovens que se entregam ao mundo!

Mas, qual! dirá alguém, entre todas as mulheres casadas não haverá nenhuma que se santifique? — Sim, responderei, as há, mas quais? As que se santificam pelo martírio, sofrendo tudo por Deus com uma extrema paciência, oferecendo tudo a Deus com paz e amor, sem se perturbar. Ora quantas casadas encontrareis que se elevam a esta perfeição? Há algumas; mas são raras como as moscas brancas. E quando achardes uma, vereis que ela não faz outra coisa que chorar de arrependimento de se ter atirado ao mundo, tendo podido consagrar sua virgindade a Jesus Cristo, dar-se toda a Deus e viver feliz.

9. — Daí se vê que a verdadeira felicidade, o estado mais digno e venturoso é o das jovens que, renunciando ao mundo, se consagram a Jesus Cristo e se dedicam sem reserva ao seu divino amor. Elas são abrigadas dos perigos a que estão expostas necessariamente as mulheres casadas. Não tem o coração apegado aos filhos nem às criaturas da terra, nem aos bens efêmeros, nem aos aparatos vãos, nem a qualquer servidão terrena. Enquanto as casadas são obrigadas a se enfeitarem com cuidado e

grandes despesas, para aparecer no mundo segundo suas condições e agradar aos seus maridos, uma virgem consagrada a Jesus Cristo só tem necessidade de túnica que a cobre; escandalizaria mesmo a que se vestisse com elegância e aparentasse alguma vaidade. Demais, as virgens não tem que se preocuparem com a casa, com os filhos, com os maridos. Todo o seu pensamento, todo o seu cuidado é agradar a Jesus Cristo, a quem dedicaram sua alma, seu corpo e todo o seu amor. Estão livres de todo o respeito humano, das exigências do século e da família; vivem longe do bulício do mundo: o que lhes dá mais facilidade e mais tempo para freqüentar os sacramentos, fazer oração, ler livros espirituais, com mais liberdade de espírito para se ocuparem de sua alma e se conservarem no recolhimento e em união com Deus.

A virgem que se dá inteiramente ao Senhor está livre de todo cuidado inútil, diz Theodoreto¹⁹. Não tem pois outra coisa a fazer que conversar familiarmente com Deus sem cessar. Tal é precisamente, segundo Ecumenio, o sentido, das palavras do Apóstolo: *Para se santificar quanto ao corpo e quanto ao espírito*. Torna-se santa do corpo pela castidade e santa do espírito pela familiaridade com Deus²⁰. Quando não tivesse outro galardão a esperar, diz Sto. Agostinho, já se deveria julgar muito feliz de se livrar dos cuidados do mundo e não ter mais de se ocupar senão de Deus.

E por isso, acrescenta o santo Doutor, as virgens consagradas a Deus, além de grande glória no céu,

alcançam neste mundo uma recompensa antecipada, que consiste numa paz contínua²¹.

III. Excelência da virgindade

10. — As virgens que tendem à perfeição, são esposas queridas de Jesus Cristo, porque lhe consagraram sua alma e seu corpo, e nesta terra não têm outra coisa em mira que agradar a Nosso Senhor. A virgindade valeu a S. João o título de *discípulo amado*. Por isso a Igreja, no dia de sua festa, conta que *ele foi escolhido pelo Senhor, sendo ainda virgem, e foi mais amado que os outros*²².

As virgens,, diz o Espírito Santo, seguem o Cordeiro por toda a parte. São as primícias escolhidas dentre os homens e consagradas a Deus e ao Cordeiro²³. Onde lhes vem este nome de *primícias* consagradas a Deus? O Cardeal Hugo no-lo explica: Assim como os primeiros frutos são mais agradáveis, assim as virgens consagradas a Deus lhe agradam mais e são objeto de sua predileção²⁴.

11. — Está escrito no livro dos Cantares que o Esposo divino toma suas refeições entre os lírios²⁵. Estes lírios são propriamente as virgens que se conservam puras para agradar a Deus. Um intérprete nota sobre esta passagem que se o demônio se nutre de imundícies da impudícia, Jesus Cristo se alimenta dos lírios da castidade²⁶.

E assegura o Santo Venerável Beda, no céu o canto das virgens é mais agradável ao divino Cordeiro do que o de todos os outros santos²⁷.

Mas o que mais realça o mérito da virgindade, é que, diz o Espírito Santo, uma alma continente é um tesouro inestimável⁸. Por isso, afirma o Cardeal Hugo, com diferença dos outros votos, o de castidade não pode ordinariamente ser comutado; nenhuma outra obra pode igualar ao seu preço²⁹. É o que dá bem a entender a Santíssima Virgem, quando disse ao Arcanjo: Como se fará isso, pois não conheço homem?³⁰ Assim se declarava prestes a renunciar à dignidade de Mãe de Deus antes do que ao merecimento da virgindade.

12. — Segundo S. Cipriano, a virgindade é a rainha de todas as virtudes e nos põe na posse de todos os bens³¹. E segundo Sto. Efrém, Jesus Cristo favorece em tudo as virgens que se conservam puras para lhe agradar³².

S. Bernardino de Sena acrescenta que a virgindade dispõe a alma para ver o Esposo divino nesta vida pela fé, e na outra pela glória³³.

Oh! que glória imensa prepara Jesus Cristo no céu para suas esposas que lhe consagraram a virgindade na terra! Deus fez ver um dia a sua fiel serva Lucrecia Orsini o luar sublime em que estão colocadas as almas que consagram sua virgindade a Jesus Cristo. Depois disso ela exclamava: “Oh! como as virgens são queridas de Jesus e de Maria!” Os doutores ensinam que, no céu, as virgens têm sua auréola própria, que é uma coroa de honra e de alegria. É por isso que se lê no Apocalipse: Ninguém podia cantar este cântico, senão os cento e quarenta e quatro mil que foram escolhidos entre os habitantes da terra³⁴. No seu comentário sobre esta passagem, Sto. Agos-

tinho afirma que as alegrias outorgadas por Jesus Cristo às virgens não se concedem às outras santas³⁵.

IV. Meios para conservar a pureza virginal

13. — Para que uma virgem seja santa e verdadeira esposa de Jesus Cristo, não lhe basta ser virgem, é preciso mais que seja uma virgem prudente, e que tenha bastante óleo na sua lâmpada, isto é, no seu coração, para tê-lo sempre inflamado de amor para com seu divino Esposo. As virgens loucas eram certamente virgens; mas, por terem descuidado de se proverem de óleo, quando quiseram entrar na sala do festim das núpcias, foram repelidas pelo Esposo que lhes disse na face: Não vos conheço³⁶. Assim toda a virgem que quiser ser verdadeira esposa de Jesus Cristo, não deve ter na terra outra cuidado nem outro pensamento senão amar o divino Redentor e agradecer-lhe. Por sua qualidade de senhor, diz S. Bernardo, quer ele ser temido; fazendo-se nosso pai, quer ser honrado; mas tomando o título de esposo, quer ser amado³⁷.

14. — Para ser fiel no amor que deve ao seu celeste esposo, e para lhe conservar intacto o lírio a virgindade, tem a esposa que empregar muitos meios.

Os principais são a oração, a comunhão, a mortificação e o retiro. Ainda que nesta obra tenhamos de

tratar por extenso destes meios, é útil explicá-los aqui em poucas palavras.

I. O primeiro meio para amar a Jesus Cristo é a *oração mental*, ditosa fornalha, em que a alma se abraza do divino amor³⁸. E nas tentações contra a pureza, é preciso recorrer imediatamente a Deus pela oração. A venerável Cecília Gastelli dizia: “Sem a oração não se conserva a pureza”. Mas já antes o tinha dito Salomão: “Sabendo que não podia possuir este grande bem, se Deus não m’o desse,... dirigi-me ao Senhor e o pedi³⁹”.

II. O segundo meio é a *sagrada comunhão*. No dizer de S. Boaventura, a comunhão é celeiro misterioso onde o rei do céu introduz as suas esposas para ordenar no seu coração a santa caridade, a fim de que amem ao próximo como a si mesmas e a Deus sobre todas as coisas.

III. O terceiro meio é a *mortificação*. Uma virgem deve viver como um lírio entre os espinhos⁴⁰: isto é, não se manterá pura senão pela mortificação.

S. Maria Madalena de Pazzi dizia que a castidade não floresce senão entre os espinhos. É impossível que uma religiosa se conserve fiel a Jesus Cristo no meio dos divertimentos, dos apegos mundanos, das conversações com os seculares, dando liberdade demasiada aos sentidos, ora satisfazendo o paladar, ora alimentando a curiosidade da vista e dos ouvidos. S. Basílio observa que uma virgem que quer merecer esse nome, deve guardar-se de infringir seu voto, seja pela língua, seja pelo ouvido, seja pelos olhos, seja pelo tato e muito menos pelo coração⁴¹. Para ser casta *na língua*, deverá guardar uma grande modéstia

nas *palavras* e abster-se quando puder de falar com homens.

Casta de *ouvido*, fugindo dos discursos mundanos, como quem foge diante da morte; casta nos *olhos*, tendo-os fechados e baixos para nunca ver face de homem; casta no *tato*, usando de toda a precaução com os outros e consigo mesma; casta sobretudo de *espírito* e de *coração*, esforçando-se para resistir a todo o pensamento impuro que se apresentar e recorrendo logo a Jesus e Maria. A esposa de Jesus Cristo deve então agir como uma rainha que tentada por um vil escravo não lhe desse resposta, mas lhe voltasse as costas com desprezo. — É preciso, além disso, para permanecer fiel e intemerata, mortificar o corpo com jejuns, abstinências, disciplinas e outras penitências. Se não tem saúde bastante para praticar essas mortificações, ao menos suporte com paciência as enfermidades e dores, a par dos desprezos e maus tratos. As esposas do Cordeiro o seguem por toda a parte em que ele vai⁴².

Jesus Cristo não viveu na terra entre as delícias e honras, mas no meio das penas e opróbrios. É por isso que as virgens, que se santificaram, amaram sempre os sofrimentos e desprezos, e até saíram ao encontro dos tormentos e da morte com transportes de alegria.

15. IV. O quarto meio é o *amor do retiro*. O Senhor compara a beleza de sua esposa à da rola, porque esta foge da companhia dos outros passarinhos e ama a solidão⁴³. A religiosa aparecerá bela aos olhos de Jesus Cristo, quando levar vida retirada e fizer o possível para se conservar oculta aos olhos dos

homens. A castidade, no dizer de Sta. Maria Madalena de Pazzi, é uma flor que não desabrocha senão em jardins fechados e entre os espinhos. Demais, ao claustro do mosteiro a religiosa deve juntar a clausura dos sentidos; não deve aproximar-se da porta, das grades e das janelas, a não ser por necessidade, quando o exigir o seu ofício ou a obediência. Jesus, diz S. Jerônimo, é um Esposo zeloso, não quer que sua esposa deixe outrem ver a sua face⁴⁴.

Vê, pois, com grande desprazer, a que procura aparecer, diante dos seculares e com eles conversar. Não é assim que procedem as virgens virtuosas; estas procuram sempre ocultar-se, e quando devem aparecer, esforçam-se por se desfigurarem antes que se enfeitarem, preferindo inspirar asco a excitar o desejo de sua pessoa. — Bollando refere de Santa Angadréma Virgem, que, para se fazer desprezar, pediu a Deus a tornasse deforme, e foi logo ouvida: imediatamente ficou coberta de lepra, a ponto de todos dela fugirem⁴⁵. — Lê-se no *Espelho dos Exemplos* que, para livrar-se das importunações de um senhor que a amava, Sta. Eufêmia chegou ao extremo de se cortar o nariz e o lábio superior com uma navalha, dizendo: Vá beleza não me serás mais ocasião de pecado. — De Santa Ebba, abadessa do mosteiro de Coldingham, conta Baronio⁴⁶, que temendo a invasão dos bárbaros, se cortou igualmente o nariz e o lábio superior até os dentes e foi nisto imitada por todas as religiosas em número de trinta. Os bárbaros vieram de fato e, vendo-as assim desfiguradas entraram em furor, atearam fogo ao convento e as fizeram perecer todas no incêndio. A Igreja as honra como mártires.

— Antonino S.⁴⁷ cita um fato semelhante sucedido na Palestina, em um mosteiro de Clarissas, em 1291. — Essas heroínas foram levadas a tal extremo por impulso do Espírito Santo: às outras não é lícito proceder desse modo. Em suma, vê-se nestes exemplos o que tem feito as virgens que amam a Jesus Cristo, para escapar da cobiça dos homens; as religiosas devem, pois, ao menos, procurar subtrair-se de suas vistas. Quando tomaram a Jesus por Esopo, renunciaram ao mundo com todas as suas vaidades, respondendo as palavras que lhe foram dirigidas; “Renunciáveis ao século e à todas as suas vaidades? — Renunciamos”⁴⁸. — Se, pois, ó esposa do Redentor exclama S. Jerônimo, renunciastes ao século, sede fiéis ao vosso compromisso e não vos conformeis com as suas vaidades⁴⁹.

16. — Em uma palavra, se quereis perseverar puras, como deve ser uma esposa de Jesus Cristo, afastai-vos das ocasiões perigosas. Procurai viver em uma santa ignorância de tudo o que se opõe à pureza. Evitai toda a leitura, toda a vista que possa perturbar o vosso espírito. Se ouvirdes na grade conversas que não convém ao vosso estado, fugi logo, ou ao menos mudai imediatamente de assunto. Sem isto, tereis muito que lutar e sofrer para expelir as tentações que vos assaltarem. Quando o fogo não queima, aquece. A coisa mais pequena na aparência, como um olhar, uma palavra afetuosa, um presentinho, um mimo, poderá ser uma faísca capaz de excitar um incêndio infernal que vos consumirá. Não vos confieis das forças próprias. Nesta matéria, nunca serão demasiadas as precauções. Crêde em quem

conhece milhares de exemplos funestos. Não digais: Eu saberei parar e resistir; porque caireis no abismo, sem perceber. Se, em tal caso, não caíres, dai graças a Deus; mas temeí para o futuro. Para guardar a castidade os Santos se afundaram no deserto, e vós iríeis ao encontro da tentação? Sobre tudo se sois jovens, como pretendeis ficar puras conversando com rapazes sobre assuntos mundanos, sorrindo com eles de propostas que vos deveriam fazer corar? Fugi, fugi. E depois, sêde sinceras com o vosso confessor, dizendo-lhe não somente vossas tentações, mas também as ocasiões que lhes dais, e pedi-lhe conselhos próprios para as lançar fora.

V. Uma esposa de Jesus Cristo deve ser toda dele

17. — É bem grande a alegria de Jesus Cristo, quando recebe uma virgem no número de suas esposas, como no-lo assegura no Cântico dos Cânticos: “Sai, filhas de Sião, e vede o rei Salomão com o diadema, com que sua mãe o coroou no dia de seus desposórios e no dia da alegria de seu coração”⁵⁰.

Isto se entende das virgens que se dedicam sem reserva ao amor do divino Esposo e se preparam assim para se unirem a ele. É para tais núpcias que ele quer que todo o paraíso se regozije e ponha em festa, cantando: “Alegremo-nos e saltemos de júbilo e lhe demos glória, porque chegou a hora das bodas do Cordeiro e está preparada a sua esposa”⁵¹.

Os ornamentos com que Jesus quer ver preparadas suas esposas são as virtudes, especialmente a

caridade e a pureza, figuradas nos Cânticos dos Cânticos pelas *cadeias de ouro marchetadas de prata*⁵².

Tais são os vestidos e as jóias preciosas com que o Senhor se compraz de ornar as suas esposas, segundo Sta. Ignez: Cingiu a minha dextra e o meu colo com pedras preciosas; revestiu-me de uma túnica tecida de ouro e me decorou com imensos colares⁵³.

18. — As pessoas mundanas só cuidam do mundo; mas as esposas de Deus só procuram o Senhor. É propriamente destas que se disse: “Tal é a raça daqueles que o buscam”⁵⁴.

Isto é, estas religiosas pobres e humildes que vedes neste mosteiro, sabei-o, estas são as almas que não buscam outro bem senão Deus.

— Não deveis, pois, ó esposas do Redentor, exclama S. Thomaz de Villa Nova, não deveis pôr a vossa glória em exceder umas as outras pelo nascimento, pelo talento, pelas rendas vitalícias; antes porfiae umas com as outras, para cada uma ser mais querida do divino Esposo e mais unida a ele, em ser mais humilde, mais pobre, mais obediente⁵⁵. E eis aqui as sábias advertências do Espírito Santo todo aquele que resolveu a se dar ao Senhor: Quereis vos colocar no serviço de Deus, preparai-vos para sofrer com humildade e paciência; porque é pelo fogo que se prova e purifica o ouro⁵⁶. Ninguém pode servir a dois senhores, o mundo e Deus⁵⁷. — S. Jerônimo escrevendo estas mesmas advertências à Virgem Eustóquia, no momento de se consagrar a Deus, acrescentava: Olhai, pois, com desprezo a terra, e, feita esposa do Redentor, cantai sem cessar continua-

mente: Deus só é todo o meu tesouro, é o meu único bem.

As Religiosas mudam o nome no dia de sua profissão, para darem a entender que desde então morrem para o mundo, afim de viverem unicamente para Jesus Cristo, que morreu por elas: e é, no fim de contas, o que todos deveriam fazer, segundo diz o Apóstolo: “Jesus Cristo morreu por todos, afim de que todos os viventes não vivam mais para si mesmos, mas para aquele que morreu por eles⁵⁸. Mas se todos assim não fazem, devem fazê-lo ao menos as religiosas que o Senhor escolheu por esposas. — A venerável Sór Francisca Farnêse não encontrava meio mais eficaz para afervorar as suas religiosas e enlevá-las à perfeição do que recordar-lhes sua qualidade de esposas de Jesus Cristo: “É certo, dizia, que cada uma de vós foi escolhida para ser santa, pois que Deus vos fez a insigne honra de vos tomar por esposas”.

19. — Eis como fala Sto. Agostinho à uma virgem consagrada ao Senhor: Que felicidade é a vossa! Tendes por Esposo aquele cuja formosura eclipsa toda a beleza terrestre e mesmo celeste. Para vos dar um penhor do seu amor, ele vos escolheu entre tantas outras para sua esposa querida, dando-vos assim a entender que vivo afeto espera de vós em troco do seu⁵⁹. E S. Bernardo acrescenta: Ó esposas de Jesus! Cessai de vos ocupar de vós mesmas e do mundo; vós não pertenceis mais ao mundo nem a vós mesmas, mas a Deus a quem consagrastes. Esquecei, pois, tudo e pensai unicamente em vos conservar fiéis a este único Esposo que escolhestes na terra⁶⁰. Sto. Agostinho diz ainda: Escolhestes a Deus

para vosso Esposo; mas Deus já vos tinha escolhido primeiro para suas esposas. Quantas outras almas deixou lá no mundo, que não puderam conseguir o favor que vos fez! Vosso Redentor vos preferiu a todas essas almas, não porque fosseis mais dignas, mas porque vos amou mais. — O Santo Doutor conclui nestes termos: “É por isso que o Senhor vos disse que o tempo que vos resta de vida, é tempo de amar. Ponde, pois, toda a vossa esperança e todo o vosso amor em Jesus vosso Esposo, que vos amou desde toda a eternidade, e, depois de vos ter posto neste mundo só por sua bondade, vos atraiu por tantas graças especiais ao seu santo amor⁶¹.”

20. — Quando, pois, o mundo reclamar o vosso amor, ó esposas de Jesus Cristo, respondei-lhe com Santa Ignez: Retira-te de mim, pasto da morte! tu queres obter o meu amor; mas eu não posso amar a outro além de meu Deus, que foi o primeiro a me amar⁶². — É isto precisamente, o que diz a religiosa ao receber o véu no dia de sua profissão: Jesus meu Esposo me cobriu o rosto com o véu, afim de que não vendo e não sendo vista, não ame senão a ele e não queira ser amada senão por ele⁶³. — Tal é o santo orgulho que, segundo S. Jerônimo, deve sempre nutrir em seu coração uma esposa de Jesus Cristo: “Pois que, diz o santo doutor, sois uma esposa de Deus, aprendei a ser santamente altiva. As esposas do século se orgulham de sua união com personagens nobres e ricos; mas vós podeis glorificar-vos de ter tido melhor sorte, sendo escolhidas para esposas do rei da glória. Dizei, pois, com verdadeira alegria e santa altivez: Eu achei aquele que é amado da minha

alma, sempre o apertarei com os vínculos do meu amor, e nunca o deixarei afastar-se de mim⁶⁴. — O amor é o vínculo que une a alma a Deus⁶⁵.

21. — Sim, é uma grande felicidade e uma grande glória para uma virgem poder dizer: “Eu tenho por esposo aquele que os anjos do céu se gloriam de servir! Meu Criador me recebeu por esposa sua; e como ele é Senhor e Rei do universo deu-me a coroa de rainha⁶⁶. — Entretanto notai bem, ó esposa do divino Salvador, que ledes estes elogios, vossa coroa, enquanto viveis neste mundo, não é eterna; podeis perdê-la por vossas faltas. *Guardai o que possuis*, vos diz o Senhor, *com medo de que a vossa coroa seja dada a outra*⁶⁷. — Sim, segurai-a bem para que ninguém vo-la possa arrebatat. E por isso, desapegai-vos das criaturas e uni-vos cada vez mais estreitamente a Jesus Cristo, pelo amor e pela oração; pedi-lhe insistentemente não permita nunca a desgraça de abandoná-lo, dizendo: Ó Jesus, meu Esposo divino, não permitais que me separe de vós⁶⁸.

E quando as criaturas se apresentarem para ocupar o vosso coração e expulsar dele a Jesus Cristo, dizei com S. Paulo confiado no socorro de Deus: *“Quem me separará do amor de Jesus Cristo! Nem a morte, nem a vida, nem qualquer outra criatura poderá jamais separar-me do amor do meu Deus”*⁶⁹.

ORAÇÃO

Ah! meu Jesus, meu Redentor e meu Deus, donde me vem este favor? Porque razão, de preferência a tantas almas que deixastes no século, me esco-

lhestes a mim pecadora para vossa esposa, e me admitistes a viver aqui na terra, na vossa casa, a espera da coroa eterna que me haveis de dar no paraíso? Senhor! Visto que me favorecestes com tão insigne graça, fazei que eu saiba estimá-la, a fim de que o meu reconhecimento e o meu amor correspondam ao amor que me testemunhastes. Vós me preferistes a tantas outras, é justo que vos prefira a todos. Vós vos destes inteiramente a mim; é justo que eu me dê toda a vós e que sejais o meu único bem amado, meu único amor. Sim, meu Jesus, eu vos amo sobre todas as coisas e não quero amar senão a vós. Vós vos destes a mim sem reserva; e me dou toda a vós sem reserva. Aceitai, eu vo-lo peço, e não desprezeis o amor de meu coração, ainda que antigamente ele tenha amado as criaturas a ponto de preferi-las a vós, que sois o sumo bem. Aceitai-me e conservai-me; sem o vosso socorro, não posso deixar de vos trair. Visto que me escolhestes para vossa esposa, fazei que vos seja fiel e reconhecida. Ó belas chamas que jorrais do Coração de Jesus, abraçai-me e destruí no meu coração todos os afetos que não são para Jesus. Não me deixeis viver senão para amar este amabilíssimo Esposo, que quis dar sua vida para ser amado por mim.

Ó Maria, Mãe de Deus, se eu sou esposa de vosso Filho, vós sois não somente minha rainha, mas também minha Mãe. E se é por vossa intercessão que me desapeguei do mundo, fui trazida a esta santa casa, e fui elevada à dignidade de esposa de vosso divino Filho, socorrei-me agora, e nunca me aban-

doneis. Fazei que minha vida e minha morte sejam dignas de uma esposa de Jesus Cristo.

1. Erunt sicut angeli Dei in caelo. *Matth. 20. 30.*
2. Castitas angelos facit; qui eam servavit, angelus est: qui perdidit, diabolus. *De Virg. L. 1.*
3. E coelo accercivit quod imitaretur in terris; vivendi sibi usum quaesivit e coelo, quae Sponsum sibi invenit in coelo. *De Virg. L. 1.*
4. Despondi vos uni viro virginem castam exhibere Christo. *II. Cor. 11,2*
5. Exierunt obviam Sponso... Intraverunt cum eo ad nuptias. *Matth. 25, 1 et 10.*
6. Sponsabo te mihi in fide. *2,20.*
7. Sequuntur Agnum quocumque ierit. *Apoc. 14,4.*
8. Sponsa nos ipsi sumus, et omnes simul una sponsa, et animae singulorum quasi singulae sponsae. *Dom. 1. post Epiph. s. 2.*
9. Omnes animae sponsae sunt Christi, specialius tamen virgines. *De Virg. s. 2.*
10. Unus omium sacrarum virginum Sponsus. *Ep. ad. Prob. de virg. c. 4.*
11. Qualis est dilectus tuus ex dilecto, o pulcherrima mulierum? — Dilectus meus candidus et rubicundus, electus ex milibus. *Cant. 5,9.*
12. Nihil illo magnificentius, nihil gloriosius, nihil pulchrius, nihil munificentius. *De contempl.*
13. Virgines agnoscant cui se consecrarunt sponso, nimirum speciosissimo, nobilissimo, opulentissimo; amabiliorem nec in coelo nec in terris invenire nunquam poterunt. *Ep. ad Ant.*
14. Sponsum offertis: meliorem reperi. *De Virg. L. 1.*
15. *Croiset, 12 Mai.*
16. *Croiset, 11 Ag.*
17. Mulier innumpta et virgo cogitat quae Domini sunt, ut sit sancta corpore et spiritu; quae autem numpta est, cogitat quae sunt mundi, quomodo placeat viro. *I. Cor. 7,34.*
18. Porro hoc ad utilitatem vestram dico... Ad id quod honestum est et quod facultatem praebeat sine impedimento Dominum obsecrandi. *Ibid.*
19. Quae enim est virgo, ab inutilibus cogitationibus liberam habet animam. *In I. Cor. 7,32.*

20. Corpore sancta, propter castitatem; spiritu sancta, propter familiaritatem cum Deo. *In I. Cor. 7,34.*

21. Si nulla merces amplior virginem sequeretur, sufficeret ei haec sola praelatio: cogitare quae Domini sunt. Non solum in futuro saeculo gloriam, sed et in praesenti requiem habet virginitas. *In I. Cor. 7.*

22. Virgo est electus a Domino, atque inter caeteros magis dilectus.

23. Hi sequuntur Agnum. Quocumque ierit. Hi empti sunt ex hominibus primitiae Deo et Agno. *Apoc. 14,4.*

24. Sicut primitiae fructuum delectabiliores sunt.

25. Qui pascitur inter lilia. *Cant. 2,16.*

26. Sicut diabolus coeno libidinis saginatur, ita Christus castimoniae liliis pascitur. *Aponius, In Cant. I. 5.*

27. Cantus a virginibus modulati suaviorem Agno harmoniam efficiunt, quam si omnes alii sancti canere contenderent.

28. Omnis autem ponderatio non est digna continentis animae. *Eccli 26. 20.*

29. Inde est quod votum continentiae non habet dispensationem, quia non habet compensationem. *In Eccli. 26, 20.*

30. Quomodo fiet istud, quoniam virum non cognosco? *Luc. 1,34.*

31. Virginitas est regina virtutum, possessio omnium bonorum.

32. Hanc (virginitatem) si amaveris, a Domino in omnibus prosperaberis. *De Virt. c. 9.*

33. Virginitas praeparat animam ad videndum in praesenti Jesum Sponsum per fidem, et in futuro per gloriam. *T. II s. 48, a. 1.*

34. Et nemo poterat cantare canticum, nisi illa centum quadraginta quatuor millia, qui empti sunt de terra. *Apoc. 14,3.*

35. Gaudia propria virginum. Christi non sunt eadem non virginum, quamvis Christi; nam sunt aliis, sed nullis talia. *De Virg. c. 27.*

36. Nescio vos. *Matth. 25,12.*

37. Si sponsum se exhibeat, mutabit vocem et dicet: Si ego sponsus, ubi est amor meus? — Exigit ergo Deus timeri ut Dominus, honorari ut pater, ut sponsus amari. *In Cant. s. 83.*

38. In meditatione mea exardescet ignis. *Ps. 38.4.*

39. Et ut scivi quoniam aliter non possem esse continens nisi Deus det... adii Dominum, et deprecatus sum illum. *Sapient. 8, 21.*

40. Sicut liliun inter spinas, *Cant. 2, 2.*

41. Nulla in parte maechari convenit virginem, non lingua, non aure, non oculis, non tactu, multoque minus animo. *De vera virg.*

42. Sequuntur Agnum quocumque ierit. *Apoc. 14, 4.*
43. Pulchrae sunt genae tuae sicut turturis, *Cant. 1, 9.*
44. Zelotypus est Jesus; non vult ab aliis videri faciem tuam. *Ep. ad Eust.*
45. In Vit. St. Ansbert. 9 Febr.
46. Ann. 870 n. 39.
47. Hist. p. 3. t. 24 c. 9. § 11.
48. Abrenuntias huic saeculo et omnibus vanitatibus ejus? Abrenuntio.
49. Nunc autem quia saeculum reliquisti, serva foedus quod spondidisti; et noli conformari huic saeculo. *Ep. ad Demetr.*
50. Egredimini et videte, filiae Sion, regem Salomonem in diademate quo coronavit illum mater sua, in die desponsationis illius, et in die letitiae cordis ejus *Cant. 3, 11.*
51. Gaudeamus et exultemus et demus gloriam ei quia venerunt nuptiae Agni et uxor ejus praeparavit se. *Apoc. 19.7.*
52. Murenulas auras faciemus tibi vermiculatas argento *Cant. 1.10.*
53. Dexteram meam et collum meum cinxit lapidibus pretiosis. Induit me Dominus cyclade auro texta et immensis monilibus ornavit me *Off. 21. Jan.*
54. Haec est generatio quaerentium eum. *Ps. 23,6.*
55. In hoc ad invicem zelate, quaenam huic sponso carior, quaenam familiarior existat, quae humilior, quae obedientior. *De Nat. Mar. ad mon. conc. 2*
56. Fili, accedens ad servitatem Dei, sta in justitia et timore, et praepara animam tuam ad tentationem... In humilitate tua patientiam habet, quoniam in igne probatur aurum. *Eccli. 2, 1.*
57. Nemo potest duobus dominis servire. *Matth. 6, 24.*
58. Pro omnibus mortuus est Christus, ut et qui vivunt, jam non sibi vivant sed ei qui pro ipsis mortuus est. *II. Cor. 5, 15.*
59. Si ignoras te, o nimis felix inter mulieres, ex judicio sanctorum perpende. Sponsum habes pulcherrimum. Misit pignus amoris; in ipso munere poteris agnoscere quo affectu illum diligere debeas. *S. Aug. De dil. Deo, cap. 4.*
60. Nihil tibi et turbis; obliviscere omnium; soli serves te ipsam, quem ex omnibus tibi elegisti. *In Cant. s. 40.*
61. Elegit te Deus, et quot abjectae sunt, quae hanc, quae tibi data est, gratiam consequi non potuerunt! Omnibus illis Redemptor et sponsus tuus te praetulit: non quia tu dignior illis, sed quia prae omnibus dilexit te. — Propterea dicit Dominus: Ecce tempus tuum, tempus

amantium. Haec igitur recolens in corde tuo, in eo reponas spem tuam et dilectionem tuam, qui in charitate perpetua dilexit te et attraxit te miserans, Jesus, Sponsus tuus. *De dilig. Deo, c. 7.*

62. Discede a me pabulum mortis, quia jam ab alio amatore praeventa sum. *Off. 21. Jan.*

63. Posuit signum in faciem meam, ut nullum praeter eum amatorem admittam. *Ibid.*

64. Dei sponsa, disce superbiam sanctam; scito te illis esse meliorem, et dic: Inveni quem quaerebat anima mea; tenebo eum et non dimittam. *Ep. ad Eust.*

65. Charitatem habete, quod est vinculum perfectionis. *Colos. 3, 11.*

66. Ipsi sum desponsata cui angeli serviunt. Annulo suo subarrhavit me, et tamquam sponsam decoravit me corona. *Off. 21. Jan.*

67. Tene quod habes, ut nemo accipiat coronam tuam. *Apoc. 3, 11.*

68. Jesu, mi Sponse! ne permittas me separari a te.

69. Quis ergo nos separabit a charitate Christi? Neque mors, neque vita... neque creatura alia, poterit nos separare a charitate Dei. *Rom. 8,35-38.*

CAPÍTULO II

Vantagens do Estado Religioso***I. O Estado religioso é como a terra da promessa, o paraíso neste mundo; é uma grande graça***

1. Pode-se aplicar aos religiosos o que Moisés, falando a Deus, dizia do povo de Israel, depois do seu livramento da tirania de Faraó e da sua saída do Egito: *Senhor, vós fostes por vossa misericórdia o condutor do povo que resgatastes, e por vosso poder o trouxestes até o lugar de vossa santa morada*¹.

Na antiga lei, os israelitas eram o povo querido de Deus, em oposição aos Egípcios; e na lei nova os religiosos o são em relação aos seculares. Como os israelitas saíram do Egito, terra de trabalhos e escravidão onde Deus não eram conhecido; assim os religiosos saem do mundo, que paga seus servidores com amarguras e enfados, e onde Deus é pouco conhecido. Enfim, se os Israelitas, no deserto, foram guiados por uma coluna de fogo para a terra da promessa, assim os religiosos são conduzidos pela luz do Espírito Santo no caminho de sua vocação ao estado religioso que muito se assemelha à terra prometida.

E notemos que o estado religioso é semelhante, não só à terra prometida que figurava o céu, mas

também ao mesmo céu. De fato, no céu não há desejos das riquezas terrestres, nem dos prazeres dos sentidos, nem vontade própria; e no estado religioso os votos de pobreza, de castidade e de obediência fecham a porta a estas cobiças perniciosas. No céu não há outra ocupação que louvar a Deus, e o mesmo se dá no estado religioso, em que tudo o que se faz se refere ao louvor de Deus. Vós, ó religiosas, vós praticais o que ensina Santo Agostinho: louvais a Deus, quando tratais dos negócios do convento, quando cumpris o ofício de sacristã, de porteira, de escuta; louvais a Deus, quando ides ao refeitório; louvais a Deus, quando repousais e dormis; em uma palavra, em tudo o que fazeis, louvais a Deus². — No céu, enfim, goza-se de uma paz contínua, porque os bem-aventurados acham em Deus todos os bens; e no estado religioso em que não se busca outra coisa senão Deus, acha-se nele esta paz, que ultrapassa todas as delícias e todas as satisfações que o mundo pode proporcionar.

Santa Maria Madalena de Pazzi tinha, pois, razão de dizer que a religiosa deve ter em grande estima seu estado, porque, depois do batismo, a vocação ao estado religioso é a maior graça que Deus pode fazer a uma criatura.

2. — Deveis, portanto, estimar o vosso estado mais do que todas as grandezas e todos os reinos do mundo. Vosso estado vos preserva dos pecados que cometeríeis no mundo; vos tem continuamente ocupadas nos santos exercícios; vos faz merecer cada dia coroas eternas; vos faz esposas de Deus; enfim, depois desta curta vida, vos elevará a um trono de

glória no reino eterno do paraíso. Como alcançastes de Deus este favor de preferência a tantas almas que a mereciam mais do que vós? Ah! Seríeis ingratas, se, cada dia, não rendêsseis muitas graças ao Senhor de todo o vosso coração.

II. Bens que vos oferece o estado religioso, segundo S. Bernardo

Ninguém pintou melhor do que S. Bernardo as vantagens do estado religioso. Eis como se exprime o santo: “Haverá um estado santo como o em que o homem vive com mais pureza, cai mais raramente, levanta-se mais depressa, caminha rodeado de mais precauções, é mais vezes orvalhado das águas da graça, repousa com mais segurança, morre mais confiado, abrevia o purgatório e obtém maior recompensa?”³

Examinemos uma por uma estas notáveis palavras e procuremos descobrir os ricos tesouros, que cada uma encerra.

3. — *Vivit purius*; Vive com mais pureza.

Todas as obras feitas na religião são de certo, por si mesmas, mais puras e mais agradáveis a Deus. É pura a obra que se faz unicamente com o fim de agradar a Deus; de sorte que nossas ações são tanto mais aceitas de Deus quanto mais entra nelas a vontade de Deus e menos a nossa. Por mais santa e mais fervorosa que seja uma pessoa secular, sempre haverá mais vontade própria em suas ações de que nas de uma religiosa. O secular faz oração, quando

quer; comunga, quando quer; ouve Missa, faz leitura espiritual, toma disciplina, reza o offício divino, quando quer; mas a religiosa faz esses exercícios, quando a obediência o quer, isto é, quando Deus o quer, porque pela obediência é Deus mesmo que fala. Assim, obedecendo à regra e as superiores, a religiosa merece sempre, não só quando reza e faz outras obras espirituais, mas ainda quando trabalha, anda, serve na portaria, quando come, recreia-se ou repousa; porque fazendo tudo não por vontade própria, mas por obediência, faz em tudo a vontade de Deus e em tudo alcança merecimentos.

4. — Oh! quantas vezes a vontade própria danifica as obras mais santas! No dia do juízo, muitas pessoas hão de reclamar uma recompensa pelas obras que houverem praticado, dizendo: “Nós nos impusemos tantos jejuns, tantas humilhações; Senhor, vós não conheceis essas providências?” — O Senhor lhes responderá: “Que pretendeis? Vós já a recebestes no cumprimento da própria vontade, porque tudo fizestes para vos agradar a vós mesmas, antes que para me dar prazer⁴.”

É por isso que o abade Gilberto disse que as menores ações dos religiosos ultrapassam em méritos as maiores dos seculares⁵. — E S. Bernardo assegurava que, se um secular fizesse a quarta parte do que faz um religioso, seria venerado como santo⁶. Com efeito, tem-se visto muitas vezes pessoas que no mundo brilhavam como astros, perderem todo o seu fulgor ao entrar na clausura, junto das religiosas fervorosas que ai se acham. — Dizíamos pois que uma religiosa faz a vontade de Deus em todas as su-

as obras, e por isso mesmo pode verdadeiramente dizer-se toda de Deus.

A venerável Madre Maria de Jesus, fundadora de um mosteiro de Tolosa tinha em grande estima sua vocação, especialmente por dois motivos; dos quais o primeiro era porque a religiosa está sempre junto de Jesus Cristo que habita com ela sob o mesmo teto, oculto sob o véu do Ssmo. Sacramento; o outro, porque a religiosa é toda de Deus em virtude do voto de obediência, pelo qual sacrificou a Deus toda a sua vontade e toda a sua pessoa.

5. — *Cadit rarius*: Cai mais raras vezes.

É certo que a religiosa, estando fora do mundo, é menos sujeita a cair. Sto. Antão abade viu o mundo como um lugar cheio de laços, e o apóstolo São João já o tinha visto antes dele. É por isso que afirmou que no mundo não há mais do que concupiscência ou cobiça pelos prazeres sensuais, pelas riquezas, e pelos bens terrenos⁷. Os votos que se fazem em religião, estancam estas fontes envenenadas. O voto de castidade embola os prazeres dos sentidos, o de pobreza extingue o desejo das riquezas, e o de obediência apaga a sede das honras vãs.

6. — É verdade que mesmo vivendo no mundo, poderia qualquer conservar-se desapegado dos bens terrenos; mas, segundo o adágio, é difícil tocar em pez sem ficar dele manchado.

S. João disse ainda: O mundo está todo engolfado no mal⁸. O que Sto. Ambrósio explica deste modo: Todos os que vivem no mundo estão sob o poder tirânico do pecado. O ar do mundo é empestado e nocivo às almas: quem o respira contrai facilmente al-

guma doença espiritual. O respeito humano, os maus exemplos, as más companhias, são coisas possantes que arrastam as pessoas do século a se apegarem aos bens da terra e se afastarem de Deus. As ocasiões perigosas são freqüentes no mundo, e todos sabem a quantas almas são fatais. No claustro está de todo abrigada dessas ocasiões; e é por isso que Sta. Maria Madalena de Pazzi beijava muitas vezes as paredes do mosteiro dizendo: “Ó muros! ó muros! de quantos perigos me preservais!” E quando a Bem-aventurada Maria Madalena Orsini via rir alguma religiosa do seu convento, exclamava: “Ride, minha irmã, ride; tendes razão de estar contente, porque vos achais fora os perigos do mundo”.

7. — *Surgit velocius*: Levanta-se mais depressa.

Se por desgraça uma religiosa cai em alguma falta, tem certamente maiores socorros para se levantar: a regra que a obriga a confessar-se, a meditação em que ouve falar todos os dias verdades eternas, os exemplos de suas virtuosas irmãs, os avisos de suas superiores, tudo a sollicita a corrigir-se.

É uma desgraça para quem cai não ter quem o ajude a se levantar, diz o Espírito Santo⁹. — No mundo, aquele que pecou, raramente acha alguém que o advirta e corrija; assim está em grande perigo de ficar perdido na sua queda; não assim no estado religioso, onde o que cai, é logo levantado por outro¹⁰. Se uma religiosa cometer algum desvio, é logo socorrida por suas companheiras para entrar de novo no caminho do dever. É justamente o que diz S. Tomás do religioso: Seus irmãos lhe estendem a mão para ajudá-lo a se levantar¹¹.

8. — *Incedit cautius*: Caminha cercado de maiores precauções.

Ah! uma religiosa dispõe de maiores meios para chegar à vida eterna, do que todos os príncipes e monarcas da terra! Estes, é verdade, gozam de muitas riquezas, divertimentos, honras; tem exércitos e cortesãos a seu serviço; mas não tem quem se atreva a dizer-lhes uma palavra, quer para repreendê-los, quer ao menos para lhes recordar seus deveres. Todos temem perder as suas boas graças se lhes advertirem qualquer falta.

Muitos mesmo, para serem mais favorecidos, aplaudem e louvam até as suas desordens. Ao contrário, a religiosa que tiver cometido alguma falta, será advertida e de novo encaminhada por muitas que tem os olhos sempre abertos sobre ela: as superiores, as zeladoras, as companheiras não deixam de notar-lhes os seus defeitos e os perigos que corre. Os bons exemplos de suas irmãs são outras tantas lições que a levam a corrigir-se. Estes socorros para chegar à salvação eterna, que é o negócio mais importante, senão o único importante neste mundo, são, com certeza, para quem tem fé, bens preferíveis a todas as grandezas e a todos os domínios da terra.

9. — Quanto maiores são os obstáculos que os seculares encontram no mundo para fazerem o bem, tanto maiores são os embaraços para que as religiosas acham no convento para fazerem o mal. Especialmente, o cuidado que na religião se tem de evitar até as faltas mais leves é um dique e um baluarte sólido contra as faltas graves. Com efeito, ou a religiosa vence a tentação em matéria de pecado venial e ad-

quire por isso mais força para resistir ao pecado mortal; ou ao invés por fragilidade, é vencida, e nesse caso, se a praça perde um de seus fortes, ao menos não é tomada.

Às vezes, esses mesmos pequenos revezes servem para que seus defensores tomem maiores precauções e a fortifiquem melhor. Graças a essas faltas ligeiras, a religiosa conhece melhor sua fraqueza, torna-se mais humilde, mais desconfiada de si mesma, e aprende a recorrer mais vezes e com mais confiança a Jesus Cristo e a sua Mãe Santíssima; e assim, essas quedas não lhe causam grande mal, pois que desde que se humilha, o Senhor lhe estende sua mão para ampará-la: *Quando o justo cai, diz o salmista, não arrebenta, porque o Senhor o recebe nos seus braços*¹². E ela, como dizíamos, tirará a vantagem de se desconfiar de si mesma e pôr toda a sua confiança em Deus: O Bem-aventurado Frei Gil, da ordem franciscana, dizia que vale mais ter um só grau de graça em um convento em que este grau cresce facilmente e se perde dificilmente, do que ter dez graus no mundo, onde é difícil aumentá-los e muito fácil perdê-los¹³.

10. — *Irroratur frequentius*: É muitas vezes orvalhado com as águas da graça.

Oh! com quantas luzes, doçuras interiores e palavras de amor, Jesus favorece suas queridas esposas, as felizes habitantes do claustro, ora na oração, ora na comunhão, ora quando estão, prostradas no coro diante do SS. Sacramento ou na sua cela aos pés do crucifixo! As almas que ficam no meio do século, são como plantas em uma terra árida, em que o

orvalho do céu, não desce senão em pequena quantidade; e ainda esta pequena quantidade não cai senão raramente, porque faltam os meios para atraí-la. Pobres seculares! Quereriam dar mais tempos à oração, comungar mais freqüentemente, ouvir mais vezes a palavra de Deus, achar um pouco de retiro e solidão para se recolher e falar a sós com Deus, mas isto não lhes é permitido: os negócios do mundo, os parentes, as visitas dos amigos, as conveniências e dependências sociais os embaraçam. As religiosas, ao contrário, são plantas felizes, cultivadas em terra fértil e fresca, onde abunda sem cessar o orvalho do céu. Nos mosteiros, o Senhor assiste continuamente a suas esposas com luzes, inspirações e consolações espirituais, que elas recebem nas meditações, nos sermões, nas leituras piedosas e também nos bons exemplos das companheiras.

É, pois, com razão, que a Madre Catarina de Jesus, carmelita, dizia, quando lhe recordavam os trabalhos que ela tinha sofrido para fundar seu mosteiro: “O Senhor me pagou bem tudo isso com uma só hora passada na religião em casa de sua santa Mãe”.

11. — *Quiescit securius*: Descansa com mais segurança.

Os bens do mundo não podem contentar o nosso coração. Os animais são criados para a terra, e acham seu contentamento nos bens da terra; mas o homem foi criado para Deus, e Deus só pode contentá-lo. Aí está um fato da experiência; se os bens terrestres pudessem matar a nossa sede de felicidade, os ricos e os príncipes, que tem, até a saciedade, ouro, honras e prazeres dos sentidos, seriam felizes;

mas vemos o contrário; são mais inquietos e mais perturbados do que os outros, porque, onde abundam as riquezas e as dignidades, também superabundam os temores, os cuidados e os tormentos. — O Imperador Teodosio entrou um dia na cela de um piedoso solitário, que o não conhecia. Depois de uma curta conversa, lhe disse: “Padre, sabes quem sou eu? Sou o Imperador Teodosio”. Depois acrescentou: “Oh! como és feliz, vivendo contente neste retiro, longe das misérias do mundo! Eu sou um grande senhor da terra, sou Imperador; mas te asseguro, Padre, que não tenho um dia em que possa comer em paz”.

12. Como poderia dar paz o mundo, que não passa de uma terra de decepções, de invejas, de temores e de perturbações? Oferece alguns prazeres miseráveis, que afligem mais a alma do que a contentam; porque, se, por um instante, acariciam os sentidos, deixam o coração repleto de espinhos e de amarguras. Dai vem que as pessoas mais elevadas e mais cumuladas de honras no mundo, mais tem que sofrer, porque na proporção em que se engrandecem, se tornam mais rodeadas de temores e cuidados. É força pois reconhecê-lo, o mundo não é a morada da felicidade, mas das inquietações e dos tormentos. E porque? Porque nele reinam as paixões, tais como a ambição, ou o desejo das honras e grandezas, a sede das riquezas e dos prazeres: ora esses bens não podem ser tão grandes, que se não possa desejar mais, nem tais como se quereriam. De outro lado, em lugar de satisfazer o coração que deles goza, lhe ocasionam mil incômodos e moléstias: o

homem que só vive dos bens deste mundo, é como o que se alimenta de fel e veneno.

13. — Feliz, pois, a religiosa que ama a Deus e sabe apreciar a graça que o Senhor lhe fez, retirando-a do mundo, para estabelecê-la no claustro! Ai, aplicando-se, por meio da santa mortificação, a vencer suas paixões e a renunciar a si mesma, ela goza de uma paz que, no dizer do Apóstolo, ultrapassa a todas as delícias dos sentidos¹⁴. — Mostrai-me, se puderdes, nas mais altas fortunas do mundo, entre as princesas e as rainhas, uma mulher mais contente e mais feliz do que a religiosa, que desapegada dos afetos terrenos, só cuida em agradar a Deus. Que coisa há no seu estado, que possa parecer-lhe rude de mais? A pobreza? mas é a sua riqueza predileta, ela se compraz em sentir os seus efeitos. A mortificação dos sentidos? Ela entrou na religião para mortificá-los e crucificá-los. O jugo da obediência? Ela quis oferecer a Deus o sacrifício mais agradável, dando-lhe a própria vontade. Não se aflige de ser humilhada, porque foi para esse fim que veio a casa do Senhor: Preferi ocupar o último lugar da casa de Deus, a habitar nas moradas dos pecadores¹⁵. Bem longe de lhe ser penosa, a clausura faz a sua consolação, livrando-a das perturbações e perigos do mundo. Não acha duro demais nem o dever de servir a comunidade, nem ser desprezada, nem ser doente ou enferma: porque por isso se torna mais estremecida de Jesus Cristo, seu esposo. Não é tão pouco a observância que lhe pesa, porque, se as fadigas e os incômodos causados pela regra são um peso, peso são de asas que lhe são necessárias para voar para Deus e se

unir com ele. Oh! que consolação para uma religiosa achar-se em um estado em que seu coração não é mais dividido, e em que pode clamar com S. Francisco: Meu Deus e meu tudo! *Deus meus, et omnia*.

14. — É verdade que mesmo no claustro certas religiosas levam uma vida desgraçada; mas eu pergunto porque? Porque não vivem como religiosas. Ser boa religiosa e viver contente é uma e a mesma coisa. É preciso ficar bem entendido que a felicidade da religiosa consiste em ter sua vontade sempre e inteiramente conformada com a vontade de Deus. Assim toda a que não se conforma com a vontade de Deus, não pode ficar contente, porque Deus não pode consolar as almas que resistem a sua vontade. É, por isso que eu costumo dizer que, no seu convento, a religiosa goza de um paraíso antecipado, ou sofre, de antemão as penas do inferno. — Que é o inferno? É viver longe de Deus, não poder fazer sua própria vontade, ser olhada com maus olhos pelas pessoas com que se acha, curtir desprezos, censuras, castigos, ver-se encerrada em um patíbulo, donde não se pode sair; em uma palavra, o inferno consiste em viver num contínuo tormento, sem nunca experimentar um momento de sossego e paz verdadeira. Ora tudo isso acontece à má religiosa; de sorte que a desgraçada começa a sofrer o inferno em vida. — Que é o paraíso? É viver longe das inquietações e amarguras do mundo, conversar com os santos, estar unido a Deus, e nele gozar de uma paz contínua. Ora a boa religiosa já possui todos esses bens, acha assim na terra um paraíso antecipado.

15. É verdade também que as boas religiosas aqui tem suas cruces que levar, porque a terra é um lugar de provações e de merecimentos, e portanto um lugar de sofrimentos: os incômodos da vida comum são molestos; as reprimendas das superiores, as recusas que se recebem, desagradam; as mortificações dos sentidos fadigam; o amor próprio murmura, quando se experimentam enfados e humilhações injustas da parte das próprias companheiras. Mas para uma religiosa que quer dar-se toda a Deus, todas essas penas se tornam consolações e delícias, quando reflete, que, aceitando-as, agrada ao Senhor. — S. Boaventura diz que o amor divino é como o mel que adoça as coisas mais amargas. — O venerável César de Bustis escreveu um dia este belo pensamento a seu sobrinho, que era religioso: “Meu caro sobrinho, quando olhares o céu, lembra-te do paraíso; quando vires o mundo, lembra-te do inferno, onde se sofre sempre sem um momento de repouso; e quando enxergares o teu mosteiro, lembra-te do purgatório, onde se sofre deveras, mas com paz e segurança da salvação eterna”. Oh! que belos sofrimentos, se é que se pode chamar sofrimento o que se padece com a consciência tranqüila, na graça de Deus, e com a certeza de que cada pena se converterá um dia em uma pedra preciosa da nossa coroa celeste! Porque os mais belos florões das coroas dos Bem-aventurados no céu são as penas que suportaram com paciência e resignação na terra.

Por outra parte, Deus é generoso e fiel. Aqui já tem cuidado de infundir, de tempos a tempos, dulcíssimas consolações na alma, em recompensa da pa-

ciência com que esta sofre por seu amor. A experiência mostra que nunca estão contentes as religiosas que procuram prazeres e consolações nas criaturas; pelo contrário são mais felizes as mais mortificadas. Estejamos persuadidos, só Deus torna contente o coração, e não as satisfações dos sentidos, nem as honras, nem as riquezas, nem o mundo com todos os seus bens. Só Deus contente o coração, e não as satisfações dos sentidos, nem as honras, nem as riquezas, nem o mundo com todos os seus bens. Só Deus contenta o coração, quem acha Deus, acha tudo. Dai esta palavra de Sta. Escolástica: “Ah! Se os homens conhecessem a paz, que gozam os bons religiosos nos seus mosteiros, o mundo inteiro se converteria em convento”. “Eles renunciariam a todas as delícias do mundo, dizia por sua vez Sta. Maria Madalena de Pazzi, e escalariam os mosteiros”. E S. Lourenço Justiniano acrescenta: “É de propósito que N. Senhor oculta aos homens a felicidade do estado religioso; porque se a conhecessem, todos o abraçariam¹⁶”.

17. — Só a solidão, com o silêncio e repouso que ela produz, não é já um antegosto do paraíso na terra para uma alma que ama a Deus? — O Padre Carlos de Lorena da Companhia de Jesus, era oriundo de sangue imperial, e assegurava que Deus o desforrava largamente de tudo o que tinha deixado no mundo por um instante de paz de que gozava na sua cela. A alegria deste caro retiro, as vezes, o transportava a ponto de se pôr a dançar de contentamento.

S. Serafim de Ascoli, capuchinho, dizia que não trocava uma pologada do seu cordão por todos os

reinos da terra. — Quando o irmão Arnaldo, cirterciense contemplava as riquezas e honras que tinha deixado, renunciando a corte, e as comparava com as consolações que experimentava no seu mosteiro, exclamava: “Ó meu Jesus, vós cumpris com excesso a promessa que fizestes de dar cem por um a quem tudo abandonasse por vós!” — Os religiosos de S. Bernardo levavam uma vida austera, mas Deus lhes prodigalizava de tal sorte suas consolações na sua solidão que temiam já terem recebido nesta terra recompensa do pouco que faziam.

Uni-vos, pois, estreitamente a Deus, abraçai com resignação as cruzes que vos enviar, tende em mira sempre o mais perfeito e fazei-vos violência nas ocasiões. Mas para ter forças, orai sempre: orai na meditação, orai na comunhão, orai nas visitas ao SS. Sacramento, orai sobretudo quando o demônio vos tentar. Obrando assim, sereis do número das pessoas felizes, mais felizes que todas as princesas, rainhas e imperatrizes da terra.

18. — Pedi a Deus vos dê o espírito religioso, que faz agir, não segundo as inclinações da natureza, mas unicamente segundo os impulsos da graça, isto é, só com o fim de agradar a Deus.

Para que serve trazer o hábito religioso, quando se vive segundo o espírito do mundo, conservando um coração todo secular? “É a mesma coisa que ter um coração apostata” diz S. Bernardo¹⁷. — O espírito religioso consiste na obediência exata às regras e às ordens dos superiores, com grande disposição de servir a religião. Certas religiosas queriam santificar-se, mas segundo a sua inclinação particular: que-

reriam aplicar-se unicamente a guardar o silêncio, fazer oração, ler livros de piedade, sem serem empregadas nos ofícios da comunidade. E quando a ocupam na roda, na portaria, ou em outros empregos incompatíveis com suas devoções favoritas, se inquietam, murmuram e algumas vezes até recusam formalmente obedecer, sob pretexto de que essas funções lhes dão ocasiões de pecado. Não está aí o espírito religioso. O que é segundo a vontade de Deus, não pode ser nocivo. — O espírito religioso supõe além disso um desapego total do comércio com o mundo, uma grande afeição à oração, um grande amor do silêncio e do recolhimento, um grande zelo pela observância, um grande horror aos apetites sensuais, uma grande caridade para com todos, e enfim um grande amor para com Deus, amor que deve reinar e dominar todas as paixões. Tal é o espírito que anima as verdadeiras religiosas. A que não tem este espírito, deve ao menos ter um desejo eficaz de possuí-lo, fazer-se violência e pedir com instância a Deus o seu socorro para adquiri-lo. Em uma palavra, o espírito religioso consiste em banir do coração tudo o que não é de Deus e não querer outra coisa senão Deus.

19. — *Moritur confidentius*: Morre-se com mais confiança

Há jovens que não ousam abraçar a vida religiosa com medo de ter um dia que se arrependem. Eu quereria que, quando elas tivessem de escolher um estado, pusessem diante dos olhos não o tempo da vida, senão o momento da morte, do qual depende sua felicidade ou desgraça eterna. E então lhes per-

guntaria onde poderão esperar morrer mais contentes, se em casa secular, dos seus filhos com o espírito preocupado de pensamentos do século e o coração aflito de mil escrúpulos de consciência; ou morrendo na casa de Deus, no meio de suas santas companheiras, que lhe falarão continuamente de Deus, rezarão por elas e as disporão para dar o grande passo. — Figurai-vos, de uma parte, em um suntuoso quarto de um grandioso palácio, uma princesa a morrer deitada num leito riquíssimo, no meio de uma multidão de criados e criadas que lhe assistem, com seu marido, filhos e parentes; e de outra parte, em uma pobre cela de um convento, uma religiosa que morre longe dos parentes, mortificada, humilde, desapegada de afetos terrenos, não tendo coisa alguma, nem a própria vontade: e dizei-me: qual das duas morre mais contente e satisfeita? A rica princesa, ou a pobre religiosa? Ah! as riquezas, as honras e os prazeres que se gozam no mundo, não são coisas que consolam no momento da morte, mas que afligem e levantam dúvidas em relação à salvação eterna! A pobreza, ao contrário, as humilhações, as penitências, o desapego da terra, são outras tantas coisas que tornam a morte suave e amável, e aumentam a esperança de ir gozar dessa bem-aventurança que é uma verdadeira felicidade e não tem fim.

20. — Jesus Cristo prometeu a vida eterna aos que abandonam por seu amor a sua casa e os seus parentes: *Todo aquele que deixar sua casa, seus irmãos e irmãs, seu pai e sua mãe, sua mulher e filhos, e seus campos, por meu amor, receberá o cêntuplo e terá a vida eterna*¹⁸.

Um religioso da Companhia de Jesus estava a expirar e ria-se. Ao vê-lo, seus irmãos que lhe assistiam, temeram que ele fosse vítima de alguma ilusão e lhe perguntaram porque se ria assim. “Sim, respondeu o moribundo, como não hei de me alegrar, se estou certo de ir ao paraíso? Não prometeu o Senhor a vida eterna a quem deixasse o mundo por seu amor? Ora, eu deixei tudo por ele, e Deus não pode faltar às suas promessas. Rio-me, pois, porque estou certo de ir para o paraíso”. — S. João Crisóstomo tinha outrora dito a mesma coisa, escrevendo a um religioso: “Deus não pode mentir, e prometeu a vida eterna a quem abandona o mundo por ele. Vós o abandonastes: Quem pois vos poderia fazer duvida do efeito desta promessa¹⁹”.

21. — Da cela para o céu a passagem é fácil, escrevia S. Bernardo; porque dificilmente sucederá que um religioso morrendo na sua cela não se salve, visto que é muito difícil que persevere na cela até a morte a aquele que não é predestinado ao céu²⁰.

É o que fazia dizer S. Lourenço Justiniano que o estado religioso é a porta do paraíso, porque é um grande sinal de que é destinado a entrar na companhia dos bem-aventurados. — Gerardo irmão de S. Bernardo tinha razão de cantar estando a morrer no seu convento; porque Deus disse: Bem-aventurados os mortos que morrem no Senhor²¹. — E quais são estes *mortos* que morrem no Senhor, senão os religiosos, que, pelos santos votos, e especialmente pelo voto de obediência, morrem para o mundo e para si mesmos, renunciando a todas as suas vontades próprias? Era isso o que alegrava o padre Francisco So-

ares no momento da sua morte, recordando-se então de só por obediência ter feito tudo na religião: “Não, exclamava, não pensava que fosse tão doce morrer”.

22. — *Purgatur citius*: Abrevia-se o purgatório.

S. Tomás ensina que os religiosos, pela profissão, alcançam remissão de culpa e pena de todos os pecados, que cometeram no século. Dá a razão: É porque pela entrada na religião, o homem se consagra inteiramente ao serviço de Deus, o que é, acrescenta o santo, um gênero de satisfação acima de qualquer outra. É por isso que, diz terminando, vemos nas vidas dos Padres que os religiosos recebem nesse dia a mesma graça que no batismo²². — Quando as faltas ou culpas cometidas depois da profissão, as boas religiosas expiam-nas facilmente durante sua vida, por meio de suas orações, comunhões, mortificações e outros piedosos exercícios de cada dia. E suposto que uma ou outra não satisfação inteiramente por seus pecados antes da morte, não ficará longo tempo no purgatório, porque as numerosas Missas que se oferecem então por ela, as orações da comunidade e as de suas irmãs em particular a livrarão logo dessas penas.

23. — *Remuneratur copiosius*: Obtém-se uma recompensa maior.

Os mundanos são cegos, não conhecem o preço da vida eterna, em cuja comparação a vida presente não é senão um ponto. Se eles vissem claramente a sua importância, com certeza abandonariam suas casas, desceriam mesmo do trono, para se recolherem no claustro, afim de se aplicarem unicamente ao grande negócio da salvação eterna, pelo qual é muito

difícil trabalhar como se deve, ficando no mundo. Agradecei pois continuamente a Deus e bendizeí-o, por vos ter dado a luz e a força necessárias para sair do Egito e colocar-nos em segurança na sua santa casa. Testemunhai-lhe vosso reconhecimento, servindo-o com fidelidade e zelo correspondente a tão grande benefício. Colocai num prato de uma balança todos os bens do mundo e no outro a felicidade eterna que Deus prepara as almas que renunciam esses bens por seu amor, e vereis que há maior proporção entre um grão de areia e a terra toda, do que entre o valor de todos os bens do mundo que acabam depressa e os bens celestes, cuja duração é eterna.

24. — Jesus Cristo prometeu dar a quem tudo por ele deixar, o cêntuplo neste mundo e a vida eterna no outro. Quem pode por em dúvida esta promessa por ele feita? Ele é fiel em cumprir sua palavra, e além disso, mais liberal em recompensar as boas obras, do que rigoroso em punir as más. Prometeu não deixar sem recompensa um simples como de água dado por seu amor²³. Como deixará pois sem larga recompensa tantas boas obras, tantos atos de caridade, tantas abstinências, orações, preces, leituras espirituais, que faz cada dia uma religiosa em busca da perfeição? E é preciso observar que estas obras praticadas por obediência e em cumprimento dos votos ultrapassam muito em mérito as boas obras dos seculares. Um irmão da Companhia de Jesus, chamado Lacci, apareceu depois de morto a uma pessoa e lhe revelou que estava salvo, assim como o rei Filipe II, mas que tanto este lhe era superior na terra, quanto ele o eclipsava no céu.

25. — O martírio sofrido pela fé é muito meritório, mas o estado religioso parece ter algo de mais excelente ainda. O mártir sofre os tormentos para não perder a sua alma, mas a religiosa os sofre para tornar-se mais agradável a Deus; de sorte que o primeiro é mártir da fé, e a segundo o é da perfeição. É verdade que atualmente o estado religioso tem perdido muito do seu antigo esplendor; todavia, pode-se dizer mesmo hoje, as almas mais queridas de Deus, as que marcham no caminho da maior perfeição e que mais edificam a Igreja pelo seu bom odor de santidade, não se encontram ordinariamente senão nas casas religiosas. Com efeito, mesmo entre as pessoas que vivem espiritualmente no mundo, onde e quantas são as que levantam de noite para fazer oração e cantar os louvores de Deus, que consagram cinco ou seis horas do dia aos exercícios de piedade, que praticam tantos jejuns, abstinências, mortificações, que observam tanto silêncio de regra, que se aplicam tão constantemente a fazer a vontade de outrem? Pois bem, tudo isto se pratica nos conventos, mesmo naqueles em que não reina a observância; porque, nos mosteiros por mais relaxados que sejam, encontram-se sempre religiosas que, no dia de juízo, serão juízes das outras, porque amam a perfeição e observam as regras, além das obras de supererogação, que fazem em particular. Tudo o que as almas piedosas fazem ordinariamente no mundo, não se pode de certo comparar com o que faz uma religiosa.

S. Cipriano tinha pois razão de dizer que as virgens consagradas a Deus são flores do jardim da Igreja e a porção mais nobre do rebanho de Jesus

Cristo²⁴. Segundo S. Gregório Nazianzeno, os religiosos são as primícias da grei do Senhor, as colunas e a coroa da fé e as pedras preciosas da Igreja²⁵. — Quanto a mim, tenho por certo que a maior parte dos tronos dos Serafins deixados vagos pelos infelizes companheiros de Lúcifer serão ocupados pelos religiosos. Entre as sessenta pessoas que a Igreja, no século último, inscreveu no catálogo dos Santos e Beatos, somente cinco ou seis não pertencem as Ordens religiosas. Desgraçado do mundo, dizia um dia Jesus Cristo à Santa Teresa, senão houvesse religiosos! Segundo Rufino, deve-se ter por certo que se o mundo ainda subsiste, é devido ao merecimento dos religiosos²⁶. — Quando pois o demônio vos atemorizar, representando-vos os rigores da observância regular, a abnegação de vós mesmas, e a vida mortificada que deveis levar para vos salvardes, levantai os olhos ao céu, e a esperança da felicidade eterna que vos está reservada, vos dará coragem e força para sofrer tudo nesta terra. Um dia acabarão as penas, as mortificações e todas as misérias desta vida, e serão seguidas das delícias do paraíso, delícias plenas e eternas, sem temor de que possam jamais acabar nem se alterar.

ORAÇÃO

Ó Deus de minha alma! eu vejo que quereis salvar-me por todos os meios. Meus pecados já me tinham perdido; eu me tinha condenado a mim mesma ao inferno; mas em vez de me enviardes a este lugar de tormentos, como eu merecia, me estendestes a

vossa mão cheia de ternura, e não contente de me livrardes do inferno e do pecado, me tirastes, como por força, do meio dos perigos do mundo, para me colocar na vossa casa entre vossas esposas. Ó meu divino Esposo, eu espero ir para o céu, para lá cantar eternamente as grandes misericórdias que me fizestes. Como seria feliz, se nunca vos tivesse ofendido, ó meu Jesus! Ajudai-me agora que muitos vos quero amar, e fazer todo o possível para vos agradar. Vós nada poupastes para obter o meu amor, é justo que eu faça tudo para vos ser agradável. Vós vos destes a mim sem reserva, eu me dou também toda a vós. Sendo minha alma eterna, a vós me quero unir eterna; sendo o amor o vínculo que une a vós, eu vos amo. Eu vos amo, meu Salvador; eu vos amo, meu Redentor; eu vos amo, meu Esposo! eu vos amo meu único tesouro, meu único amor! eu vos amo, eu vos amo, e espero sempre vos amar. Vossos merecimentos são a única esperança.

Eu confio também inteiramente na vossa proteção, ó Maria, Mãe de meu Deus e minha Mãe! Vós me alcançastes o perdão, quando eu estava no pecado. Agora que estou na graça de Deus, como tenho confiança, e que tenho a felicidade de ser religiosa, pertence a vós obter-me a graça de me santificar. Assim o espero. Amém.

1. Dux fuisti in misericordia populo quem redemisti, et portasti eum in fortitudine tua ad habitaculum sanctum tuum. *Exod. 15, 13.*

2. Laudas Deum, cum agis negotium; laudas, cum cibum et potum capis; laudas, cum repuiescis et dormis. *In. Ps. 146.*

3. Nonne est haec religio sancta, in qua homo vivit purius, cadit rarius, surgit velocius, incedit, cautius, irroratur frequentius, quiescit

securius, moritur confidentius; purgatur citius, remuneratur copiosius?
De bono rel.

4. Quare jejunavimus, et non aspexisti; humiliavimus animas nostras, et nescisti? Ecce in die jejunii vestri invenitur voluntas vestra. *Is. 58, 3.*

5. Quod infirmum est in vobis, fortius est in saecularibus. *In Cant. s. 37.*

6. Credo nullum hic esse qui, si quartam partem eorum quae facit, in saeculo actitaret, non adoraretur ut sanctus. *Serm. 4., in Ps. 90.*

7. Omne quod est in mundo, concupiscentia carnis est, et concupiscentia oculorum, et superbia vitae. *I. Joan. 2, 16.*

8. Mundus totus in maligno positus. *I. Joan. 5, 19.*

9. Vae soli; quia cum ceciderit, non habet sublevantem se. *Eccl. 4, 10.*

10. Si unus ceciderit, ab altero fulcietur. *Ibid.*

11. Juvatur a sociis ad resurgendum.

12. Cum ceciderit, non collidetur quia Dominus supponit manum suam. *Ps. 36. 24.*

13. *Boll. 23. Apr.*

14. Pax Dei quae exsuperat omnem sensum, *Phil. 4, 7.*

15. Elegi abjectus esse in domo Dei mei, magis quam habitare in tabernaculis peccatorum. *Ps. 83, 11.*

16. Consulto Deus gratiam religionis hominibus occultavit; nam, si cognosceretur illius felicitas omnes ad eam concurrerent. *Vit. c. 9.*

17. Apostasia cordis, sub habitu religionis cor saeculare gerere. *In Ps. 90, s. 3.*

18. Omnis qui reliquerit domum, vel fratres, aut patrem, aut matrem, aut uxorem, aut filios, aut agros, propter nomen meum, centuplum accipiet, et vitam aeternam possidebit. *Matth. 19, 29.*

19. Impossibile est mentiri Deum. Promisit autem ille vitam aeternam ista relinquentibus: tu reliquisti omnia ista; quid igitur prohibet de hujusmodi promissione esse securum. *De Provid. l. 1.*

20. Est facilis via de cella in coelum moriens enim vix unquam aliquis e cella in infernum descendit, quia vix unquam nisi coelo praedestinatus in ea usque ad mortem persistit. *De Vit. sol. c. 4.*

21. Beati mortui qui in Domino moriuntur. *Apoc. 14, 13.*

22. Rationabiliter autem dici protest quod, etiam per ingressum religionis, aliquis consequatur remissionem omnium peccatorum. — In satisfactionem pro omnibus peccatis, sufficit quod aliquis se totaliter divinis obsequiis mancipet per religionis ingressum, quae excedit omne genus satisfactionis. — Unde legitur in vitis Patrum quod eandem

gratiam consequuntur religionem intrantes, quam consequuntur baptizati. *2. 2, q. 189, a 3.*

23. Quisquis enim potum dederit vobis calicem aquae in nomine meo; . . . non perdet mercedem suam. *Marc. 9. 40.*

24. Flos est ille ecclesiastici generis... illustrior portio gregis Christi. *De discipl. virg.*

25. Sunt generis nostri primitiae columnae et coronae fidei, margaritae templi. *Orat. 9.*

26. Dubitari non debet ipsorum, meritis adhuc stare mundum. *Hist. Monach. prol.*

CAPÍTULO III

A religiosa deve ser toda de Deus***I. É preciso renunciar a tudo, e não amar senão a Deus só***

1. — Plutarco refere que, em Roma, quando a esposa chegava a casa do esposo, devia dirigir-lhe estas palavras: Onde estiveres, estarei eu¹. Quer dizer: Tua vontade será sempre a minha.

É isto precisamente o que Jesus Cristo exige de suas esposas: Minha filha e minha esposa, lhe diz, o que vos peço é que me deis o coração, a vontade². — Quando Deus criou nossos primeiros pais Adão e Eva, não pôs seus olhos sobre suas mãos, porém sobre seus corações, segundo o Eclesiástico³; porque todas as obras exteriores que não procedem do coração e não são acompanhadas de boa intenção, não tem nenhum valor diante de Deus. Toda a glória de uma esposa de Jesus Cristo, diz o Salmista, consiste em ser unida inteiramente pelo interior ou pelo coração, ao coração de Deus⁴. É assim que uma religiosa é toda de Deus.

2. — Na sua qualidade de *Soberano*, Deus exige o temor, diz S. Bernardo; na sua qualidade de *Pai*, pede o respeito; mas na sua qualidade de *Esposo*, não quer outra coisa senão o amor⁵.

Dai vem que Jesus Cristo suporta mais facilmente outro qualquer defeito em suas esposas, do que a falta de amor, como quando elas nutrem em seu coração alguma afeição a outro fora dele.

Por isso mesmo quer que a religiosa, ao se consagrar ao seu amor pela emissão dos votos, receba o sagrado véu das mãos do prelado, que lhe dirige estas palavras: Recebei este véu, afim de que de ora em diante não olheis mais para as criaturas e desterreis de vosso coração todo o afeto que não é de Deus⁶. A Igreja quer além disso que a religiosa mude de nome, afim de que esqueça o mundo, considere-se morta para todas as coisas do século e diga, d'ora avante, do fundo do coração, estas palavras que ela pronuncia de boca: Eu desprezei o mundo e todas as suas pompas, por amor de Jesus, meu Esposo, a quem dediquei todos os afetos de meu coração, depois de tê-lo reconhecido como o objeto mais digno de ser amado⁷. — Assim, quando uma criatura se apresentar para partilhar este amor que ela consagrou todo ao divino Esposo, deve dizer com Santa Ignez: Retira-te objeto funesto, que queres envenenar o meu coração e me conduzir à morte. Retira-te porque outro mais nobre, mais fiel e mais amável, me amou primeiro e tomou posse do meu coração. Tu não passas de uma criatura vil e desprezível, e eu estou unida ao soberano Senhor, que é o rei do céu e da terra⁸.

3. — Nosso coração não pode viver sem amor; ou ama a Deus, ou ama as criaturas. Se pois não ama as criaturas, com certeza amará a Deus. É por isso que o Espírito Santo nos exorta a fazer toda a

diligência para conservar nosso coração, porque é dele que procede a vida⁹. Enquanto o nosso coração amar a Deus, terá a vida, mas se dedicar seu amor às criaturas, achará a morte. Uma alma que quer santificar-se, deve pois banir de seu coração tudo o que não é de Deus. Os antigos Padres do deserto, quando alguém se apresentava para ser recebido na sua sociedade, dirigiam-lhe esta pergunta? Trazeis o coração vazio, afim de que o possa encher o Espírito Santo?¹⁰. Tinham razão, porque um coração já ocupado por algum amor terreno não poderia encher-se de amor divino. Aquele que traz a fonte um vaso com areia, nunca poderá enchê-lo de água, se não tirar primeiro a areia que contém. Porque é que tantas religiosas vão à oração, à comunhão, e voltam sem trazer muito mais amor de Deus? É porque lá vão com o coração cheio de terra, isto é, cheio de apego à sua própria estima, às vaidades, à vontade própria, aos parentes, ou a outras criaturas. Se não tiram a terra do coração, nele nunca poderá entrar o amor divino. Dai-me uma alma que não ama coisa alguma deste mundo, e a vereis, com certeza, cheia do amor de Deus. É preciso pois orar continuamente como o rei profeta. Senhor, dai-me um coração puro, vazio de afeição a todo objeto que esteja fora de vós¹¹.

Ai daquele que tem um coração doble¹², diz o Senhor, isto é, segundo Sto. Agostinho: Ai daquele que divide o seu coração em duas partes, uma para Deus e outra para o demônio. Porque, acrescenta o mesmo Santo, Deus com razão se irrita contra quem o trata no mesmo pé de igualdade que seu inimigo; é por isso que se retira do seu coração e o abandona

inteiramente ao demônio¹³. Ao menos, conclui, uma alma não pode ser toda de Deus, quando ama algum outro objeto além de Deus: quanto mais amar este objeto, menos amará a Deus¹⁴.

4. — O menor apego as criaturas impede pois a alma de ser toda de Deus. Enquanto Sta. Teresa nutriu no seu coração uma leve afeição, não impura, mas somente desordenada, para com um de seus parentes, não era toda de Deus. Mas, quando se desapegou de todas as criaturas e consagrou inteiramente seu coração ao amor de Deus, mereceu ouvir da boca do Senhor estas palavras: Agora, Teresa, tu és toda minha, e eu sou todo teu. — S. José Calasans dizia que nada se dá a Jesus Cristo, quando não se lhe oferece o coração todo inteiro. Isto é verdade: nosso coração é pequeno demais para amar um Deus digno de um amor infinito, e quererá alguém dividir esse coração tão pequeno entre Deus e as criaturas? — Não, exclamava S. Frei Gil: Esta alma, este coração único que temos, nós devemos dá-lo não em parte mas inteiro a Deus só, que merece todo o nosso amor e que tanto fez e tanto sofreu para nos obrigar a amá-lo.

Não era por certo necessário, diz o padre Nieremberg, que Jesus Cristo fizesse tantos sacrifícios para nos salvar; uma só gota do seu sangue, uma lágrima, uma simples prece bastaria para salvar o mundo inteiro e uma infinidade de mundos; mas o Esposo divino quis dar todo o seu sangue e toda a sua vida, não só para nos salvar, mas ainda para ser amado de todo o nosso coração. Podia mesmo se contentar de enviar um anjo para nos livrar do peca-

do; mas não, diz Hugo de S. Vitor: afim de que não tivésseis de dividir o vosso amor entre ele Criador e o anjo que vos tivesse resgatado, quis ser ele mesmo vosso Criador e vosso Redentor¹⁵.

5. O Senhor quer que todos os homens o amem de todo o seu coração, intima este mandamento a cada um, mas de um modo todo especial às suas esposas. S. João José da Cruz, ouvindo um de seus irmão dizer que se tinha feito religioso para salvar sua alma lhe respondeu: Não, meu filho, não falais bem dizendo: *para salvar a minha alma*; — dizei antes: *para me fazer santo*; porque o fim que se deve propor um religioso, é amar a Deus em um grau muito elevado. — Meu Deus, se uma religiosa não ama a Jesus Cristo de todo o seu coração, de quem deverá ele esperar igual amor? Considerai, minhas irmãs, quanta seleção devera ter feito o Senhor em vosso favor para vos elevar a dignidade de suas esposas: primeiramente, vos escolheu entre todas as criaturas possíveis para vos tirar do nada; depois vos escolheu entre tantas que nascem no meio dos infiéis ou hereges para vos fazer filhas da Santa Igreja desde o nascimento pelo batismo; depois disso vos escolheu no meio de inúmeras pessoas seculares que vivem no mundo, isto é cercadas de tantos perigos e ocasiões de perderem sua salvação eterna, e se dignou de vos favorecer de quantidade de luzes, convites e outras graças especiais para vos trazer ao estado religioso. Se agora não amais a Deus de todo o vosso coração, se não sois todas dele, quem o será jamais? Quando se vêem virgens, que por seu nascimento e fortuna tinham mais facilidade do que outras para go-

zar dos prazeres do mundo e que todavia deixaram tudo e se encerraram no claustro para viver pobremente, que se pode pensar e dizer senão que são almas que não buscam outra coisa senão amar a Deus?¹⁶

6. Dai, diz S. Bernardo, devemos concluir que se Deus vos escolheu para suas esposas, não deveis pensar mais em outra coisa senão em amá-lo. Atualmente sendo consagradas a Jesus Cristo para que vos ocupais ainda do mundo? Esquecei tudo e dedicai vosso coração todo inteiro a este Esposo divino, que escolhestes entre todos os objetos para lhe oferecer vosso amor¹⁷. — Eu disse vosso *coração todo inteiro*; porque Jesus Cristo quer que suas esposas sejam um jardim fechado e uma fonte selada¹⁸. Jardim fechado, porque não devem admitir ao seu coração senão o divino Esposo, diz o Abade Gilberto¹⁹. Fonte selada, porque este Esposo é cheio de zelos e não permite outro amor no coração de suas esposas. É por isso que diz: Eu quero que me imprimas como um selo no teu coração e no teu braço, afim de que me ames a mim só, e o objetivo único de tuas ações seja agradar-me²⁰. Estas palavras S. Gregório assim explica: O bem amado se põe como um selo sobre o coração e sobre o braço de sua esposa, porque é por sua vontade e por suas ações que a alma santa faz conhecer quanto ama seu Esposo celeste²¹. — Ah, quando o amor divino reina em uma alma, sabe expulsar dela todo o amor afeto que não é para Deus; porque é forte como a morte²². — Como nenhum poder criado resiste a morte, quando chega o momento fixado para a sua vinda, assim não há obstáculo nem

dificuldade que vença o amor divino desde que toma posse de um coração. Se um homem desse todas as riquezas de sua casa em troca do amor, consideraria este preço como um nada²³. — O coração que ama a Deus, despreza tudo o que o mundo lhe oferece e pode dar-lhe; despreza, em uma palavra, tudo o que não é Deus. Quando há incêndio em uma casa, diz S. Francisco de Salles, lançam-se todos os móveis pelas janelas²⁴; isto é, quando uma alma está abraçada do amor de Deus, não tem necessidade de sermões, de leituras espirituais, nem de avisos do diretor para se desapegar do mundo: por si mesma se priva e despoja dos bens criados para possuir e amar somente a Deus, seu único bem.

7. Dizei-me, minhas irmãs, Jesus, vosso divino Esposo, não merecerá tal amor, depois de ter sacrificado sua vida por vós no calvário, depois de se fazer vosso alimento tantas vezes na comunhão e depois de vos ter enriquecido tantas graças especiais que não deu a outras? Pensai bem, diz S. João Crisóstomo, que se deu todo inteiro a vós, e nada reservou para si²⁵. Era isto o que mais comovia a S. Bernardo e o abrasava de amor para com Deus, pelo que exclamava: Meu divino Senhor se deu todo a mim, se consumiu todo e como se esgotou por meu amor²⁶. É pois justo que eu consuma todo por seu amor! O meu amado é meu e eu sou dele²⁷. — Sim; visto que se deu todo a mim, é justo que eu me dê todo a ele. — Santa Maria Madalena de Pazzi dizia que a religiosa sendo chamado a ser esposa de Jesus Crucificado, deve em toda a sua vida e em todas as suas ações ter sempre diante dos olhos a Jesus na cruz, e não

se ocupar em outra coisa senão em considerar o amor que lhe teve este divino Esposo.

Quando Jesus estava na hora de cumprir a obra da redenção dos homens, disse: Agora o príncipe deste mundo vai ser lançado fora²⁸. Sobre estas palavras nota Sto. Agostinho: O Salvador queria dizer que depois da sua morte o demônio sairia não do mundo, mas dos corações dos fiéis²⁹. Ora se Jesus Cristo morreu por todos nós, morreu especialmente por suas esposas. Se pois Deus se deu todo a vós sem reserva, muito grande seria a vossa ingratidão, se hesitásseis em dar-lhe todo o vosso coração, e si fizésseis reserva no vosso amor para com ele. Dizei-lhe, pois, muitas vezes: Meu Jesus! vós vos destes a mim sem reserva, destes-me todo o vosso sangue, todos os vossos suores, todos os vossos méritos; em uma palavra nada mais vos ficou para me dardes. Em troca, eu me dou toda a vós: dou-vos todos os bens que posso esperar na terra, todas as minhas satisfações, meu corpo, minha alma, minha vontade, minha liberdade. Nada mais tenho para vos dar; se tivesse mais, eu vo-lo daria. Renuncio a tudo o que o mundo pode dar-me, e declaro que vós só me bastais. — Oh! que bela troca exclamava Sta. Teresa, dar a Deus o nosso amor, e receber o seu!³⁰ Mas ela acrescentava: Deus não nos dá todo o tesouro do seu amor, porque nós nunca chegamos a dar-lhe sinceramente todo o nosso coração³¹.

8. — Uma esposa de Jesus Cristo não deve cantar senão o cântico novo de que fala o Salmista³². Que significa este cântico novo, pergunta Sto. Agostinho, senão um amor novo?³³ As velhas canções são

os apegos às criaturas e a nós mesmos. Estes nos acompanham desde o nascimento, em consequência da inclinação ao mal que o maldito pecado original produziu em nós, como o Espírito Santo nos adverte nestes termos: Os sentidos e os pensamentos do coração do homem são inclinados para o mal desde a sua mocidade³⁴. O cântico novo, ao contrário é o amor de nosso coração que consagramos a Deus. Sto. Agostinho a isso nos exorta: A voz de nosso coração, pela qual devemos louvar a Deus, deve ser o fervor do santo amor que nos faz amar o Senhor porque ele merece ser amado e expulsar do nosso coração tudo o que não é Deus³⁵. — Jesus, o Esposo crucificado, quer que suas esposas sejam crucificadas para todas as coisas do mundo. E quando o mundo nos põe diante dos olhos suas pompas e prazeres, devemos elevar a voz com S. Paulino e dizer: Os ricos gozem de suas riquezas, e os soberanos dos seus reinos; nosso reino e nossa glória é Jesus só: é mais vantajoso amar a Jesus, do que possuir toda a terra³⁶.

A esposa de Jesus Cristo não deve desejar outra coisa senão amar, não deve viver senão de amor, não deve procurar outra coisa senão crescer em amor cada vez mais; deve continuamente gemer e suspirar de amor, no coro, na cela, no dormitório, no jardim, em toda parte. O ardor do seu amor deve ser tão grande que se espalhe em chamas, não só no convento, mas até fora. É a este amor que a convida e exorta por seu exemplo seu Esposo bem amado. Oh! feliz a religiosa que pode dizer com verdade o que dizia S. Francisco: Meu Deus, meu tudo! Depois que me cumulastes de tantos sinais de vossa ternura,

como poderia eu buscar os bens terrenos, vos tendo achado a vós que sois todo o bem? Que! honras, riquezas, prazeres; vós sois a minha honra, minha riqueza e meu prazer; vós sois tudo para mim. Que há para mim no céu, e, fora de vós, que desejei na terra?... Ó Deus de meu coração, e minha partilha para sempre!³⁷ — Que posso encontrar eu no céu e na terra que seja mais digno de ser amado do que vós, e que me tenha mais obrigado a amar? É pois justo que só vós sejais o dono do meu coração: nele só vós deveis mandar a reinar.

Meu coração só deve obedecer ao vosso amor, fazendo tudo o que vos aprouver. Achei o que minha alma ama, e que só pode contentar-me. Venha o mundo inteiro com seus prazeres, venha o inferno com todas as suas forças, para me separar de vós, ó Jesus, meu Esposo! Jamais vos deixarei. Eu o seguro e não deixarei³⁸. — Eu quero prender-vos com os vínculos do meu amor; eu vos não deixarei afastar de mim; quero viver e morrer sempre unida e inteiramente unida a vós.

II. É necessário vencer-se a si mesmo e tender para a perfeição com coragem — Meios para isso

9. — Para chegar à perfeição e gozar da verdadeira paz de consciência, é preciso morrer para o mundo e desapegar-se de seus bens, é preciso resolver-se a sofrer. É por isso que, nas Sagradas Es-

crituras, o reino dos céus é comparado, ora a um tesouro, que só se pode conseguir, vendendo tudo; ora a uma cidade em que não se entra senão com trabalho e esforço, porque a porta é estreita; ora a um palácio cujas pedras, ou as almas que o compõem, devem ser talhadas a golpes de cinzel; ora a um festim ao qual não se pode ser admitido sem deixar de parte as outras ocupações; ora a um prêmio que se não pode ganhar senão correndo até o fim da carreira; ora enfim a uma coroa que se não pode obter sem combater e vencer. Em uma palavra, para morrer para o mundo, é preciso fazer morrer em si mesmo o amor próprio.

Segundo Sto. Agostinho a proporção que diminui o amor próprio, cresce o amor divino: a morte do amor próprio é a perfeição da caridade³⁹. — A caridade não se mede pela ternura mas pela força. Um amor ardente diz o mesmo santo doutor triunfa de tudo o que há de mais duro⁴⁰. — E em outro lugar afirma que uma alma que ama a Deus não sofre, quando por ele padece, ou se sofre, ama o sofrimento⁴¹. — Nas suas Confissões, o Santo declara que, quando se entregou a Deus, a mesma privação dos prazeres terrenos se lhe tornou logo doce e amável, e que ele que antes temia perdê-los, já se regozijava de tê-los abandonado⁴². — Desde que uma religiosa põe todo o seu amor em Deus, a pobreza, a obediência, a mortificação e todas as outras coisas se lhe tornam fáceis de praticar, mas a que não se contenta de Deus só, acha tudo insuportável.

10. — Na verdade, todo o bem que fazemos vem de Deus, e sem a sua graça, nem sequer podemos

pronunciar o nome de Jesus, como diz o Apóstolo; todavia, o Senhor quer que façamos de nossa parte, e cooperemos para a obra da nossa salvação. Muitas pessoas desejariam adquirir a santidade, mas queriam que Deus fizesse tudo e as fizesse santas, sem que lhes custasse nenhum incômodo, nenhum trabalho. Isto não pode ser. A lei divina se chama um jugo, e para levar um jugo são necessários dois. Isto quer dizer, que, para observarmos essa lei, é preciso que Deus ajude de um lado e nós do outro. As vezes, mesmo, para levar esse jugo e alcançar o céu, temos necessidade de nos fazer violência: O reino de Deus padece violência, assegura Jesus Cristo, e são os violentos que o alcançarão⁴³.

E S. Paulo nos adverte que ninguém recebe a coroa sem combater quanto é necessário para vencer os inimigos da salvação.

É por isso que vos digo com o Apóstolo: Guardai o que tendes afim de que ninguém arrebate a vossa coroa⁴⁴. — Tendo Jesus Cristo vos recebido por esposas ficai firmes e não deixeis os vossos inimigos roubar a coroa de rainha que vos está preparada no céu. Procurai ser semelhantes ao vosso divino esposo, pois que todos os predestinados deverão ser achados conformes a ele: Aqueles que Deus predestinou, diz S. Paulo, determinou que fossem conformes à imagem de seu Filho⁴⁵. Jesus caminha adiante, coroado de espinhos, carregado de uma cruz, dilacerado de açoites e desprezado. Neste estado, convida a quem quiser segui-lo, a renunciar a si mesmo: Se alguém quiser vir após de mim abnegue-se a si mesmo: Se alguém quiser vir após de mim abnegue-se a

si mesmo⁴⁶. — Vai morrer por vós. Deveis também fazer o sacrifício da vossa vida por seu amor e dizer-lhe com S. Francisco⁴⁷:

Ó bom Jesus! é justo que eu morra por vosso amor, para pagar o amor que me tivestes, morrendo por amor de mim. — Sim, diz o Apóstolo, é justo que morrais para nós mesmas, e vivais somente para Deus que morreu por vós⁴⁸. É verdade que sois fracas para fazer esse sacrifício; mas a virtude divina vos ajudará, se confiardes na bondade do vosso Esposo. Quando o demônio vos tentar e procurar abalar, dizendo-vos ao ouvido: Como podereis suportar uma vida tão mortificada e nunca ter uma satisfação própria? respondi-lhe com S. Paulo: Eu posso tudo naquele que me fortifica⁴⁹. Por mim sou incapaz de tudo, mas o Senhor que me escolheu para ser sua e me chamou ao seu amor, me dará a força necessária para fazer tudo o que de mim exigir. — S. Teresa diz: Se não obstarmos por nossa falta, não temamos que Deus nos deixe de conceder os auxílios precisos para a nossa santificação⁵⁰.

Ai! se uma religiosa não se santificar, quem o poderá conseguir? Tende pois cuidado de vos oferecer muitas vezes a Deus com vontade resoluta de agradar-lhe em tudo, e implorai o auxílio de sua graça; pois prometeu conceder tudo o que lhe fosse pedido com confiança: Tudo o que suplicardes na oração, crede que recebereis, pois será dado⁵¹.

11. — Animo, pois! não temais. Deus já vos tirou do meio do mundo, rompeu os laços que vos prendiam, vos fez sua esposa e vos prepara uma grande abundância de graças, se lhe fordes fiéis. Já deixas-

tes o século; já fizestes o mais, vos direi com Santa Teresa falando às suas filhas, resta-vos apenas o menos para vos santificardes. Decidi-vos pois sem delongas a romper inteiramente com o mundo. Como? Depois de ter deixado o mundo, depois de ter renunciado os bens que ele vos oferecia, depois de vos terdes privado da liberdade e vos terdes encerrado dentro de quatro paredes, querereis por miseráveis satisfações, por caprichos vãos, por-vos em perigo de perder tudo, alma, paraíso e Deus?

Querereis, de esposa do rei dos céus, passar a condição de tristes escravas de Lúcifer, que vos fará desgraçadas nesta vida e mais ainda na futura? Tomai já, repito, tomai já a resolução, e temei que as palavras que ledes não sejam o último convite que o Senhor vos dirige. Não resistais mais à voz de Deus. Quem sabe se por terdes ainda esta vez resistido, não sereis abandonadas de Deus neste mesmo instante? Resolução, resolução! O demônio tem medo das almas resolutas, dizia Sta. Teresa de Jesus⁵². Coragem! Muitas almas, diz S. Bernardo, não se santificam por falta de coragem. Armai-vos pois de coragem e confiai em Deus. Uma vontade resoluta triunfa de tudo. Como sereis felizes, se, obedecendo a voz de Deus que vos chama e vos dando sem reserva a Jesus Cristo, puderdes agradecer-lhe na hora da morte e falar-lhe com Sta. Ignez virgem e mártir, que dizia no fim de sua vida: Meu Deus! Vós que me livrastes do apego ao mundo, afim de que eu pusesse em vós todos os meus afetos, recebei agora a minha alma⁵³: e levai-me ao vosso reino, para vos amar

com todas as minhas forças, sem temor de me separar de vós, ó bem imenso e infinito!

12. — Oh! porque é que todas as religiosas não seguem o exemplo da venerável Irmã Francisca Farnese? Ela, a princípio, levava uma vida imperfeita; mas, tendo lido um dia, como por acaso, a narração do martírio dos Franciscanos no Japão, sentiu-se tocada de tanta compunção que pôs-se a dizer: E nós, minhas irmãs, que fazemos? Teremos abandonado a casa paterna, nossos parentes e as comodidades da vida para aqui nos condenarmos entre quatro paredes, conservando nosso coração apegado às coisas do mundo que não possuímos mais? — Dizendo isto, tomou a resolução de romper com o mundo, e se entregar inteiramente a Deus, como fez, estabelecendo a admirável reforma de que foi diretora.

Coisa estranha! exclama S. Jerônimo, todos os homens procuram aperfeiçoar seus conhecimentos, e, na ciência dos santos, havemos de nos contentar de ter principiado?⁵⁴ Todo cristão é obrigado a tender a perfeição. Quem diz um cristão diz um homem perfeito, escreve S. Ambrósio⁵⁵.

Esta obrigação nasce do primeiro mandamento, em virtude do qual devemos todos amar a Deus com todas as nossas forças. Além disso, sendo obrigados a mantermos na graça de Deus, devemos por isso nos aperfeiçoar cada vez mais no amor de Deus; porque é certo que no caminho do Senhor, quem não adianta, recua e se põe em perigo de cair no pecado. Ora, se isto é verdade em relação a todos os cristão, com maioria de razão o é para os religiosos, que tem maior obrigação de caminhar para a perfeição, seja

por causa das graças e dos socorros mais abundantes que recebem de Deus para se santificarem, seja por causa dos votos e das regras do seu instituto, que prometeram observar.

13. — Mas, para tender à perfeição, como se deve, não basta buscá-la somente com um desejo simples e ineficaz; é preciso pôr mãos à obra e aplicar resolutamente os meios necessários para conseguila. Não é preciso para isso empreender coisas extraordinárias e excessivas, basta fazer com cuidado e atenção os exercícios ordinários, observar fielmente as regras e praticar as virtudes cristãs.

Todavia a religiosa que quer santificar-se, não se contentará com o pouco que prescreve a regra comum, porque esta foi feita até para as almas fracas. É por isso que é preciso, com permissão do diretor espiritual, acrescentar certos exercícios de oração, de caridade, de mortificação e outros semelhantes. Como diz S. Bernardo: Nada há de perfeito, que não seja singular⁵⁶. A religiosa que só quer fazer o que as outras fazem comumente, nunca chegará a um alto grau de perfeição. Deveis pois usar de violência e empregar, com grande coragem, os esforços necessários para lá chegar.

14. — Eis aqui os meios principais:

1. Ter um desejo ardente de se santificar.
2. Ter grande confiança em Jesus Cristo e em sua divina Mãe.
3. Evitar todo pecado e toda falta plenamente voluntária; Mas se cairdes em alguma fraqueza, não desanimeis. Levantai-vos com um ato de arrependimento, e ide para diante.

4. Romper todo o apego as criaturas, à própria vontade e à própria estima.

5. Trabalhar sempre para resistir as próprias inclinações.

6. Observar fielmente as regras, por menores que sejam.

7. Fazer os exercícios ordinários com a maior perfeição possível.

8. Sob a direção do Padre espiritual comungar com freqüência, aplicar-se muito à oração mental e praticar todas as mortificações corporais por ele permitidas.

9. Dar sempre preferência às ações que parecerem mais agradáveis a Deus e mais contrárias ao amor próprio.

10. Receber com alegria das mãos de Deus todas as contrariedades que sobrevierem.

11. Amar os perseguidores e fazer-lhes bem.

12. Esforçar-se por empregar no serviço de Deus todos os momentos.

13. Oferecer a Deus todas as ações, em união com os merecimentos de Jesus Cristo.

14. Ter especial cuidado de oferecer-se sempre ao Senhor, para que ele faça de cada um e do que lhe pertence, tudo o que lhe aprover.

15. Protestar sempre diante de Deus não ter outro desejo senão o de agradar-lhe e amá-lo.

16. Enfim e sobre tudo, orar continuamente e recomendar-se com confiança a Jesus Cristo e à Santíssima Virgem; e ter uma devoção e ternura especiais à Nossa Senhora.

Termino dirigindo-vos as palavras que o Venerável padre Antônio Torres ao voltar a si de um êxtase de amor, escrevia a uma religiosa sua penitente: “Minha filha, amai o vosso divino Esposo que é o único objeto digno de ser amado”.

ORAÇÃO

Ó meu Deus! Ó amor sumamente amável! Ó Amor infinito, digno de um infinito amor! Quando vos amarei tanto, como me tendes amado? De vossa parte, não vos restam provas maiores para me dardes de me terdes amado, afim de me atrairdes ao vosso amor. Nada poupastes. Basta dizer que sacrificastes vosso sangue e vossa vida para me obrigardes a vos amar. E eu não vos amaria sem reserva! Perdoai-me, meu Jesus, se nos tempos passados fui tão ingrata, preferindo minhas malditas satisfações ao amor que vos devia. Ah! Meu Senhor e meu Esposo, descobri-me de mais a mais a grandeza de vossa amabilidade, afim de que, cada vez mais, me inflame de amor para convosco, e me esforce para vos agradar, como mereceis. Vós exigis o meu amor, e é tudo o que eu de-sejo. Falai, Senhor, e dizei-me o que quereis de mim; estou pronta para vos obedecer em tudo. Não quero mais resistir aos sinais de vossa ternura e a tantas provas de misericórdia que me destes. Vós vos destes todo a mim e eu me dou toda a vós. Recebei-me, e não me abandoneis. Eu mereceria ser repelida por causa de minhas numerosas infidelidades, mas o desejo que me inspirais de ser vossa, me assegura que me recebereis. Eu vos amo, ó amabilidade infinita! eu

vos amo, ó meu sumo bem! Vós sois e sereis sempre o único objeto de meus afetos. Visto que prometestes dar tudo o que vos pedirem, eu vos suplico com Santo Inácio de Loyola: Dai-me vosso amor e vossa graça, amai-me e fazei que eu vos ame, e isto me é bastante: é tudo o que desejo e quero de vós⁵⁷.

Ó Maria que fostes toda de Deus, como sois bem-aventurada! Pelo amor que o Senhor sempre vos teve, alcançai-me a graça de não amar de ora em diante senão a Deus.

1. Ubi tu Caius, ego Caia. *Quaest. Rom. q. 29.*
2. Praebe... cor tuum mihi. *Prob. 23, 26.*
3. Posuit oculum suum super corda illorum. *Eccli. 17, 7.*
4. Omnis gloria ejus... ab intus. *Pr. 44, 14.*
5. Exigit Deus timeri ut Dominus, honorari ut Pater, ut Sponsus amari. *In Cant. s. 83.*
6. Accipe velum, ut nullum amatorem praeter eum admittas.
7. Regnum mundi, et omnem ornatum saeculi contempsi, propter amorem Domini mei Jesu Christi, quem vidi, quem amavi, in quem credidi, quem dilexi.
8. Discede a me pabulum mortis, quia jam ab alio amatore praeventa sum. — Ipsi sum desponsata, cui angeli serviunt. *Off. 21. Jan.*
9. Omni custodia serva cor tuum, quia ex ipso vita procedit. *Prov. 4, 23.*
10. Affersne cor vacuum, ut possit illud Spiritus Sanctos implere?
11. Cor mundum crea in me Deus. *Ps. 50, 12.*
12. Vae duplici corde. *Eccli 2, 14.*
13. Vae duplici corde qui in corde suo partem faciunt Deo, partem diabolo. — Iratus Deus, quia fit ibi pars diabolo, discedit, et totum diabolus possidet. *In Joan. tr. 7.*
14. Minus te amat, qui tecum aliquid aliud amat. *Conf. 1. 10, c. 29.*
15. Ne amorem divideres, tibi factus est Creator et Redemptor.
16. Haec est generatio quaerentium eum. *Ps. 23, 6.*
17. Nihil tibi et turbis: obliviscere omnium; soli omnium serves te ipsam, quem ex omnibus tibi elegisti: *In Cant. s. 40.*

18. Mea sponsa, hortus conclusus, fons signatus. *Cant. 4, 12.*
19. Hortus conclusus qui neminem nisi dilectum admittit. *In Cant. s. 35.*
20. Pone me ut signaculum super cor tuum, ut signaculum super brachium tuum, quia fortis est ut mors dilectio. *Cant. 8, 6.*
21. Super cor et super brachium sponsae Dilectus ut signaculum ponitur, quia in sancta anima, quantum ab ea diligatur et voluntate et actione designatur.
22. Quia fortis est ut mors dilectio. *Cant. 8, 6.*
23. Si dederit homo omnem substantiam domus suae pro dilectione, quasi nihil despiciet eam. *Cant. 8, 7.*
24. *Espr. p. 3. ch. 27.*
25. Totum tibi dedit, nihil sibi retinuit.
26. Totus mihi datus, totus in meos usus impensus est. *In Circunc. s. 3.*
27. Dilectus meus mihi et ego illi. *Cant. 2, 16.*
28. Nunc princeps hujus mundi ejicietur foras. *Joan. 12, 31.*
29. Sed extra corda credentium. *In I. Joan. tr. IV.*
30. *Cam. da perfeição c. 17.*
31. *Vida c. 11.*
32. Cantate Domino canticum novum *Ps. 95, 1.*
33. Quid habet canticum novum, nisi amorem novum. *Serm. 336. E. B.*
34. Sensus enim et cogitatio humani cordis in malum prona sunt ab adolescentia sua. *Gen. 8, 21.*
35. Vox hujus cantoris, fervor est sancti amoris; ipsum amemus propter ipsum.
36. Sibi habeant divitias suas divites, sibi regna sua reges; nobis gloria, et possessio, et regnum Christus est. *Ep. ad Aprum.*
37. Quid enim mihi est in coelo et a te quid volui super terram?... Deus condis mei, et pars mea Deus in aeternum. *Ps. 72,25.*
38. Inveni quem diligit anima mea; tenui eum, nec dimittam. *Cant. 3, 4.*
39. Nutrimentum charitatis est imminutio cupiditatis; perfectio nulla cupiditas. *De div. quaest. q. 36.*
40. Nihil tam durum, quod non amoris igne vincatur. *De Mor. eccl. cath. c. 22.*
41. In eo quod amatur, aut non laboratur, aut et labor amatur. *De bono vid. c. 21.*

42. Suave mihi subito factum est carere suavitatibus nugarum; et quasmittere metus fuerat. jam dimittere gaudium est. *Conf. l. 9, c. 1.*

43. Regnum coelorum vim patitur, et violenti rapiunt illud. *Matth. 11, 12.*

44. Tene quod habes ut nemo accipiat coronam tuam. *Apoc. 11, 12.*

45. Quos praescivit, et praedestinavit conformes fieri imaginis Filii sui. *Rom. 8, 29.*

46. Si quis vult post me venire, abneget semetipsum. *Matth. 16, 24.*

47. O bone Jesu, moriar amore amoris tui, qui amore amoris mei dignatus es mori.

48. Qui vivunt, jam non sibi vivant, sed ei qui pro ipsis mortuus est. *II. Cor. 5, 5.*

49. Omnia possum in eo qui me confortat. *Phil. 4, 13.*

50. *Vida c. 13.*

51. Omnia quaecumque orantes petitis, credite quia accipietis, et evenient vobis. *Marc. 11, 24.*

52. *Cam. da perf. c. 24.*

53. Domine qui abstulisti a me amorem saeculi, accipe animam meam. *Off. 21. Jan.*

54. Cum in omnibus mundi studiis non satiantur homines, hic tantum caepisse sufficet? *Ad Demetr. De virginit.*

55. Christianum cum dico, perfectum dico. *In Ps. 118, s. 12.*

56. Perfectum non potest esse nisi singulare.

57. Amorem tui solum cum gratia tua mihi dones, et dives sum satis.

CAPÍTULO IV

Desejo de perfeição***I. Como os santos desejos são úteis e mesmo necessários***

1. O primeiro meio de que uma religiosa deve lançar mão para chegar à perfeição e ser toda de Deus, é o desejo da perfeição; e assim como o caçador que atira ao vôo, deve sempre apontar adiante da ave que pretende atingir, assim quem quiser chegar a qualquer grau de perfeição, deve pelo desejo tirar no ponto mais alto que seja possível. Davi exclamava: Quem me dera as asas da pomba, para voar até Deus e nele repousar, livre de todo apego à terra?¹

Os santos desejos são as asas benditas, com que as almas fervorosas se elevam acima do mundo e voam até a montanha santa da perfeição, onde gozam da paz que o mundo não pode dar.

Mas pergunto, como é que os santos desejos fazem as almas voar até Deus? É o que S. Lourenço Justiniano explica: O bom desejo, de um lado, dá forças e, de outro, torna mais leve a pena que se sofre para subir a mística montanha². Pelo contrário, quem não deseja a perfeição, desespera de consegui-la e para isso nada fará. O que não deseja subir ao cimo de uma montanha, onde sai que há um tesouro, não fará o menor esforço para lá chegar, ficará embaixo

na inação e na inércia. Assim aquele que não deseja adquirir o tesouro da perfeição, porque o trabalho necessário para consegui-lo lhe parece penoso demais, ficará sempre negligente e tívio, sem jamais dar um passo no caminho de Deus.

2. — Ainda mais! Aquele que não deseja nem se esforça por ir sempre adiante no caminho do Senhor, como afirmam todos os mestres da vida espiritual, baseados na experiência, voltará sempre para trás, e se porá em grande perigo de perder-se eternamente. Mas já Salomão nos tinha ensinado a mesma coisa, nos seguintes termos: A senda de justos avança sempre, como a luz da aurora aumenta e cresce até o dia perfeito: o caminho dos pecadores, ao contrário, torna-se cada vez mais tenebroso, até que estes desgraçados sejam reduzidos a marchar sem saberem ao abismo em que vão cair³. — No caminho espiritual, diz Sto. Agostinho, não andar adiante é voltar atrás⁴. — Sto. Gregório explica isto muito bem, usando de uma comparação: Se alguém, diz ele, embarcado numa canoa, rio acima, deixasse de impeli-la adiante, e quisesse parar onde está, sem se adiantar nem recuar, iria necessariamente para trás, porque a correnteza o arrastaria⁵. — Depois do pecado de Adão, o homem é inclinado naturalmente para o mal, desde o seu nascimento⁶. — Se não se lança para adiante, esforçando-se sempre por se tornar melhor, a corrente da concupiscência o arrastará sempre para trás, Eis como S. Bernardo exprime este pensamento: Não quereis ganhar em virtude; quereis então perder? — Oh, não, respondereis. — Que pretendeis, pois, fazer? — Dizeis: Quero permanecer no estado em que

me acho, sem ficar pior, nem melhor. — Quereis o impossível, porque no caminho de Deus, é preciso ir adiante e progredir na virtude, ou voltar atrás e precipitar-se nos vícios⁷.

3. — Na carreira da salvação, é pois necessário, como ensina o Apóstolo, nunca parar, mas correr sempre, pela prática das virtudes, até alcançar o prêmio da vida eterna; Correi de modo que consigais a palma⁸. — E saibamos bem, que se a não obtivermos, será por nossa culpa, porque Deus nos quer todos santos e perfeitos e nos diz por S. Paulo: A vontade de Deus é que sejais santos⁹. — O Senhor até nos intima um mandamento, ordenando-nos que sejamos santos como ele é santo, e perfeito como nos Pai celeste é perfeito¹⁰. — A todos nós promete e dá o seu auxílio, quando o pedimos, para praticar todas as coisas que nos manda, segundo ensina o sagrado Concílio Tridentino: Deus não ordena coisa impossíveis; pois impondo seus preceitos, nos adverte que fazer o que podemos cumprir com a graça ordinária: e para que não podemos sem uma graça maior nos admoesta que a peçamos. Então no-la dá e nos torna capazes de executar tudo o que nos manda¹¹. Tende pois coragem. — O venerável Padre Torres escreveu um dia a uma religiosa, sua penitente, estas belas palavras: Minha filha, tomemos as asas dos santos desejos, para nos elevarmos acima da terra e voarmos para o Esposo, para o Esposo querido, para o Bem Amado, que nos espera na feliz pátria da eternidade.

4. — Sto. Agostinho diz que a vida do bom cristão é um contínuo desejo da perfeição¹². — Assim

aquele que não conserva no coração o desejo de se santificar, pode ser cristão mas não um bom cristão. Isto se aplica geralmente a todos, mas especialmente aos religiosos, que embora não sejam obrigados a ser perfeitos, devem todavia de modo particular tender à perfeição. É precisamente que ensina S. Tomaz¹³.

Explica, em seguida, de que modo o religioso deve tender à perfeição: É obrigado não a todos os exercícios que servem para adquirir a perfeição mas aos que são prescritos pela regra de que fez profissão¹⁴. Assim, além das obrigações impostas pelos votos, é obrigado à oração comum, às comunhões e mortificações ordenadas pela regra, ao silêncio e a todas as outras observâncias da comunidade.

5. — Alguma religiosa poderá dizer: Mas nossa regra não obriga sob pecado. — A isto respondo: Os doutores ensinam comumente que, embora a regra por si não obrigue sob pecado, todavia, na prática, aquele que a transgride sem causa suficiente para escusá-lo, dificilmente ficará isento de pecado, ao menos venial. A razão é que, aquele que transgride uma regra voluntariamente e sem causa, o faz por paixão ou preguiça; o que não pode ser escusado de culpa, ao menos leve. Também S. Francisco de Sales diz nos seus *Entretenimentos* que, não obstante a regra de Visitação não obrigar em coisa alguma de baixo de pecado, não sabia contudo como escusar de falta venial a sua não observância; porque a religiosa que assim procede, desonra as coisas de Deus, desmente sua profissão, revoluciona a congregação, dissipa os frutos do bom exemplo que deve

produzir para o próximo¹⁵. Vê-se que, segundo ensina o Santo, a transgressão em presença de outras acrescenta a falta o pecado de escândalo. Note-se além disso que a transgressão freqüente da regra poderá até ser pecado mortal, se danificar a observância comum em matéria grave. O mesmo sucederia a quem transgredisse a regra por desprezo: sobre o que S. Tomás observa que a transgressão freqüente dispõe praticamente, para o desprezo da regra¹⁶. — Tal é a resposta que deve dar a essas religiosas túbias, que se desculpam de sua pouca obediência é regra, dizendo que esta não obriga sob pecado. Aliás as religiosas fervorosas não indagam se a regra obriga ou não sob pecado; para observá-la com zelo, basta lhes saber que é conforme à vontade de Deus e que lhe apraz vê-la observada.

6. — Em uma palavra, como ninguém jamais conseguiu possuir perfeitamente uma ciência ou arte, sem ter primeiro desejado ardentemente adquiri-la, assim nenhum homem chegou à santidade, sem um grande desejo de ser santo. No dizer de Sta. Teresa, Deus não prodigaliza ordinariamente seus dons assinalados senão aos que desejam ardentemente o seu amor¹⁷. — E o profeta rei afirma: “Bem-aventurado o homem que resolveu em seu coração, durante sua vida mortal, elevar-se pelos degraus da perfeição, porque receberá de Deus socorros abundantes e avançará sempre de virtude em virtude¹⁸. — É assim que se fizeram os santos, particularmente um Sto. André de Avellino, que fez o voto de ir sempre mais adiante no caminho da perfeição¹⁹.

Sta. Teresa de Jesus dizia: Deus não deixa nunca sem recompensa, ainda nesta vida, o menor bom desejo²⁰. Assim, há alguns santos que, pelos bons desejos, chegaram em pouco tempo a uma perfeição sublime, segundo a expressão do Sábio: Em uma curta vida, percorrem uma longa carreira²¹. Tal foi um S. Luiz Gonzaga que subiu tão alto, em tão poucos anos, pois viveu apenas vinte e três, que Sta. Maria Madalena de Pazzi vendo-o em espírito no céu, dizia que lhe parecia que nenhum outro santo gozasse tanta glória como ele no paraíso. Soube então que ele tinha chegado a essa altura pelo ardente desejo que o abrasou durante a vida, de amar tanto a Deus quanto merecesse o Senhor, e na impossibilidade de o conseguir, por ser Deus digno de um amor infinito, sofrera um contínuo martírio de desejos, causa de sua elevação à tanta glória.

7. — Achamos muitos outros ensinamentos sobre esta matéria, nas obras de Sta. Teresa. Em um lugar, ensina: “Sejam grandes os nossos pensamentos, que dai virá o nosso bem”. Em outro, diz: Não devemos limitar os nossos desejos; ao contrário, devemos esperar que, apoiando-nos em Deus, possamos, com esforços contínuos sustentados pelo auxílio de sua graça, chegar pouco a pouco aonde muitos santos chegaram... Sua divina Majestade ama as almas generosas que desconfiam de si mesmas²². Ela atestava, por experiência, que tinha visto estas almas conseguir mais progresso na perfeição em poucos dias, do que as almas pusilânimes, em muitos anos. Para adquirir a coragem necessária, é muito útil ler as vidas dos Santos, particularmente dos que, depois

de ter vivido no pecado, chegaram a uma alta santidade, como Sta. Maria Madalena, Sto. Agostinho, Sta. Pelagia Penitente, Sta. Maria Egipciaca e sobretudo Sta. Margarida de Cortona, que passou longos anos em estado de condenação, mas que, neste miserável estado, conservava o desejo de se santificar; e, de fato, depois de sua conversão, de tal sorte se pôs a voar para a perfeição que mereceu saber em vida por uma revelação do Senhor, não só que era predestinada, mas também que lhe estava preparado no céu um lugar entre os serafins. — Sta. Teresa nos adverte ainda que o demônio se esforça por nos fazer crer que é orgulho formar grandes desejos e querer imitar os santos, mas é isto um grande erro²³. Certamente não há orgulho naquele que, desconfiando de si mesmo, e confiando só em Deus, se põe a marchar com coragem para a perfeição, e diz com o Apóstolo: Nada posso por minhas próprias forças, mas com o auxílio de Deus posso tudo²⁴; por isso, tomo a resolução de amá-lo, como o fizeram os santos, mediante sua divina graça.

8. — É, pois, muito importante elevarmos nossos desejos aos grandes intentos, como amar a Deus mais que todos os santos, sofrer por seu amor mais que todos os mártires, suportar perdoando todas as injúrias, abraçar todas as fadigas e todas as penas para salvar uma alma, e outras coisas semelhantes; porque, embora estes desejos não sejam realizáveis, são contudo muito meritórios diante de Deus que ama as boas vontades tanto quanto odeia as perversas. Além disso, pelos desejos das coisas grandes e difíceis, adquire-se mais coragem para praticar as

mais fáceis. É por isso que se ganha muito em formar, cada manhã, o bom propósito de fazer por Deus tudo o que for possível, de sofrer com paciência todas as contrariedades, de estar sempre recolhido e ocupado a fazer atos de amor de Deus. Tal era a prática de S. Francisco contada por S. Boaventura: Ele se propunha fazer grandes coisas com a graça de Jesus Cristo²⁵. — “Os bons desejos agradam tanto ao Senhor, como se tivessem sido realizados, diz Sta. Teresa.

Oh! quanto é preferível tratar com Deus a negociar com o mundo! Para adquirir os bens do mundo, as riquezas, as honras, os aplausos dos homens, não basta desejá-los; ao contrário, o desejo aumenta a pena, quando não se conseguem; para obter, porém, de Deus sua graça e seu amor, basta desejá-los. É precisamente o que, um dia, dizia muito a propósito um homem do mundo. Sto. Agostinho refere que, achando-se dois cortesãos do imperador em um mosteiro, um deles pôs-se a ler a vida de Sto. Antão abade. A medida que lia, diz o Santo Doutor, seu coração se desapegava dos afetos do mundo. Voltando-se, então, para seu companheiro, assim falou-lhe: Como somos insensatos! Que procuramos, servindo ao imperador com tantos esforços, tantas inquietações! Podemos esperar outra coisa mais do que ser seus amigos? E se tanto conseguirmos, poremos em maior perigo nossa salvação eterna. Entretanto nos será bem difícil alcançar a amizade de César! Mas, concluiu, se eu quero ser amado de Deus, o consigo no mesmo instante²⁶. Queria com isto dizer que a a-

mizade de Deus se obtém, desde que se tem o desejo firme e verdadeiro de alcançá-la.

9. — Digo *desejo firme e verdadeiro*, porque nada valem os desejos ineficazes de certas almas preguiçosas que desejam sempre e nunca dão um passo adiante no caminho de Deus. Destas almas fala Salomão, quando diz que o preguiçoso quer e não quer e seus desejos o matam²⁷. A religiosa tibia deseja a perfeição, mas nunca se resolve a empregar os meios necessários para adquiri-la: de um lado a quer considerando quanto é agradável; de outro, não a quer vendo o trabalho que custa para obtê-la; assim ela a quer e não quer. Deseja a santidade, mas de uma maneira ineficaz; ou deseja já chegar por meios que não estão ao seu alcance.

Diz: Oh! se eu estivesse num deserto, queria entregar-me sem cessar à oração e à penitência; se estivesse em outro convento, queria encerrar-me numa cela, e não pensar senão em Deus; se tivesse boa saúde, queria praticar muitas mortificações. — Eu queria...! Queria...! — Entretanto, a infeliz não cumpre as obrigações do seu estado presente, quase não faz oração, falta muitas vezes as orações comuns; descuida da comunhão; pouco assiste ao coro, mas frequenta muito a grade e o jardim; sofre com pouca paciência seus incômodos: enfim, comete todos os dias muitas faltas deliberadas, e não procura corrigir-se em coisa alguma. De que servirá à tal religiosa desejar tantas coisas impossíveis na condição em que se acha, descurando assim seus deveres reais? Os desejos do preguiçoso o matam. Tais desejos o conduzirão antes a sua perdição, porque, en-

quanto se conservar nessa vã ilusão, sem cuidar de outra coisa, descuidará de empregar os meios que lhe são atualmente necessários para se santificar e salvar.

S. Francisco de Sales diz muito bem, nesta matéria; Eu não aprovo absolutamente que uma pessoa, empenhada em algum dever ou vocação, se divirta em desejar outro gênero de vida que aquele que é conveniente ao seu dever nem exercícios incompatíveis com a sua condição presente; porque, isto dissipa o coração e o afrouxa nos exercícios ordinários²⁸.

É preciso, pois, que a religiosa se aplique unicamente à perfeição própria do seu estado presente e do seu dever atual, como superiora ou súdita, enferma ou com saúde, jovem ou idosa, com vontade firme de tomar os meios necessários para adquiri-la. Atendamos aos avisos dados por Sta. Teresa às suas religiosas: “O demônio nos põe no espírito, por exemplo, que possuímos a virtude da paciência, porque estamos resolvidas a sofrer muito por amor de Deus. Parece-nos que suportaríamos todas as contrariedades; e isto nos torna muito contentes de nós mesmas, esforçando-se o inimigo por nos persuadir que assim é. Mas eu vos aconselho a não contar com estas virtudes. Pensai que as não conheceis senão de nome, enquanto não virdes a prova, porque é para se temer que toda essa bela virtude se desvaneça, se alguém vos disser qualquer palavra desagradável”²⁹.

II. Meios para chegar a perfeição

10. — Vamos à prática dos meios, sem a qual nada serviria. Os meios para adquirir a perfeição são os seguintes.

I. O primeiro é a oração mental. — Deve-se meditar antes de tudo como Deus merece ser amado e o amor que nos testemunhou particularmente na grande obra da redenção, na qual um Deus foi até sacrificar a sua vida por nós, descendo a um abismo de dores e de humilhações: e não contente disto, se abateu até fazer-se nosso alimento, para conquistar o nosso amor. Estas verdades não chegam a inflamar as almas, se não se consideram freqüentemente. Davi dizia: Na minha meditação, o fogo se ateará³⁰.

Quando me ponho a meditar na bondade de Deus me sinto abrasado de amor para com ele. — E o jovem S. Luiz Gonzaga afirmava que uma alma jamais chegará a um alto grau de perfeição, se não atingir antes a um alto grau de oração³¹.

II. É preciso renovar a todo o momento a resolução de adiantar no amor divino.

Para esse fim, é bom representar-se cada dia como o primeiro em que se começa a marchar no caminho da perfeição. Assim fazia Davi que repetia sempre: “É agora que começo”³² — Tal foi também a última recomendação de Sto. Antão abade aos seus religiosos, dizendo-lhes: Meus filhos, figurai-vos que cada dia é o primeiro, em que começais a servir a Deus.

III. É preciso fazer um exame aturado dos defeitos de sua alma, com severidade, sem lisonjear a própria consciência, como dizia Sto. Agostinho. É necessário que não vos contenteis com o que sois, para chegar ao grau de perfeição que ainda não conseguistes. Aliás, continua o santo, uma vez que ficardes satisfeitos com o grau a que atingistes, ficareis aí; porque, contentes de vós mesmas, perdereis até o desejo de dar um passo mais adiante³³. Enfim o santo conclui por esta notável sentença própria para inspirar grande temor às almas que satisfeitas de si mesmas não pretendem ir mais à frente: “Desde que dizeis: basta-me a perfeição que tenho, estais perdida”. Com efeito, não andar adiante no caminho de Deus é voltar atrás, como acima temos explicado e o diz muito bem S. Bernardo por estas palavras: Não querer ganhar é perder³⁴. — Por sua vez S. João Crisóstomo nos exorta a pensar sempre nas virtudes que nos faltam, e nunca no pouco bem que temos feito; porque a lembrança do bem que se fez, não pode deixar de causar-nos um duplo dano. Só serve para nos tornar mais lentos no progresso espiritual, e nos encher de vã glória³⁵; o que nos põe em perigo de perder tudo o que houvermos adquirido.

Aquele que corre na carreira da perfeição não olha o caminho andado, mas o que lhe resta percorrer para chegar à meta³⁶.

As almas fervorosas, a medida que se aproximam do fim da vida, redobram o fervor, como se cavassem um tesouro, segundo a expressão de Jó³⁷. Quando se quer desenterrar um tesouro, explica S. Gregório, quanto mais se houver cavado, tanto mais

se apressa o trabalho, afim de entrar mais cedo na posse do objeto desejado. Assim os que aplicam à perfeição quanto mais adiantados estão, tanto mais se apressam para adquiri-la.

11. IV. — Para esse fim, é muito útil empregar o meio de que se servia S. Bernardo para se afervorar. Tinha sempre no coração, e muitas vezes também nos lábios, esta pergunta que fazia a si mesma: Bernardo, Bernardo, que viste fazer na religião?³⁸ — I-gualmente toda religiosa deveria se dizer continuamente: Deixei o mundo e todas as vantagens que ele me oferecia para vir ao convento me santificar; e agora que faço? Não me santifico, e a tibieza em que vivo me expõe ao perigo de me perder! — Vem a propósito referir aqui o exemplo de Sta. Jacinta de Mariscotti. Vivia com muita tibieza no convento de S. Bernardino de Viterbo, quando o Padre Bianchetti, religioso franciscano, ai veio na qualidade de confessor extraordinário. Apresentando-se para se confessar o padre lhe disse em tom severo: “És religiosa? Pois bem! Sabe que o paraíso não é para as religiosas vãs e orgulhosas”. Ao que respondeu: “Pois terei eu deixado o mundo para ir ao inferno?” “Sim, replicou o Padre, o inferno é a morada destinada às que te são iguais. É para lá que vão todas as religiosas que no convento vivem como seculares”. Esta sentença fez refletir a pobre irmã, que entrou em si, confessou-se, chorando amargamente a vida passada, e se pôs desde logo a marchar com passo firme no caminho da perfeição. — Oh! como este pensamento de ter deixado o mundo para se santificar é próprio para desfrentar uma religiosa e inspirar-lhe a cora-

gem necessária para ir avante na virtude e superar os obstáculos que se encontram no seu estado! Portanto, minhas irmãs, se alguma vez vos custar a obediência,izei à vos mesmas: Eu não vim ao convento para fazer a minha vontade. Se tivesse querido fazê-la, teria ficado no mundo. Vim para fazer a vontade de Deus, obedecendo aos meus superiores; e é o que eu quero; custe o que custar. — Quando sentirdes os incômodos da pobreza dizei: Não vim aqui buscar o bem estar nem as riquezas, mas a pobreza por amor do meu Jesus, que por meu amor quis ser mais pobre do que eu.

Quando receberdes alguma humilhação ou repreensão, dizei: Não entrei na religião senão para ser humilhada, como tenho merecido por meus pecados, e para assim ser mais querida do divino Esposo, que foi tão desprezado, na terra. — Eis o que se chama viver para Deus e morrer para o mundo. Conclui, pois: De que me servirá ter deixado o mundo, ter-me encerrado entre quatro paredes, e me ter privado da minha liberdade, se, longe de me santificar, me exponho, por uma vida tibia e relaxada, ao perigo de me condenar?

12. V. — É bom que a religiosa considere e renove os vivos desejos e sentimentos de fervor que tinha ao entrar no convento. Um monge perguntava ao abade Agathão de que modo deveria portar-se na religião, e este lhe respondeu: Vede qual éreis no dia em que renunciastes o mundo, e sede o mesmo até o fim³⁹. — Recordai-vos, pois, ó benditas esposas do Senhor, recordai-vos de vossas resoluções, de não buscar senão a Deus, de não querer senão o que

prescreve a obediência, de sofrer todos os desprezos e incômodos por amor de Jesus Cristo. Uma tal lembrança bastou outrora para reconduzir ao primeiro fervor um jovem religioso de que se fala nas Vidas dos Padres. Quando quis abraçar o estado religioso, sua mãe se opôs alegando-lhe muitas razões para que a não abandonasse, mas o jovem respondia sempre: “Eu quero salvar a minha alma”. Firme na sua resolução, acabou por executá-la; mas, algum tempo depois, incorreu na desgraça de se relaxar e cair em grande tibieza. Sua mãe morreu, e ele foi também atacado de grave enfermidade, durante a qual se viu um dia no tribunal de Deus em presença de sua mãe, que lhe fazia esta censura: “Meu filho, onde está aquela bela palavra: Eu quero salvar minha alma? Foi para isto que entraste na religião. E agora que vida levas?” Voltando a si, depois dessa visão, e curado da doença, o religioso não esqueceu mais a sua antiga resolução, que sua mãe lhe tinha recordado; entregou-se a uma vida toda santa e se pôs a fazer tais penitências que os outros o aconselhavam a usar de moderação. A isto respondia: “Eu não pude suportar a repreensão de minha mãe, como poderei sofrer a que me dará Jesus Cristo no dia de juízo, se eu não corresponder a minha vocação?”⁴⁰ — É também muito útil ler freqüentemente as vidas dos santos que com seus exemplos concorrerão poderosamente para nos humilhar manifestando-nos melhor nossas misérias. Os pobres não conhecem bem sua pobreza, senão quando vêem os tesouros dos ricos.

13. VI. — É preciso não se deixar arrastar pelo desânimo, quando se perceber que ainda não se

chegou ao grau de perfeição que se deseja atingir. É isto uma grande tentação do demônio. “Santificar-se não é negócio de um dia”, dizia S. Filipe Neri. Eis um fato contado nas Vidas dos Padres. Um religioso que tinha entrado no mosteiro com grande fervor, relaxou-se durante certo tempo; mas depois, desejando recommençar o seu primeiro modo de proceder e não sabendo como conseguiu-lo, foi muito aflito consultar um dos padres antigos. Este o consolou e, para animá-lo, lhe propôs o exemplo ou parábola de um pai que encarregou o filho de ir arrotear um campo todo coberto de moitas. O moço, a vista de um trabalho tão longo e penoso, perdeu a coragem, pôs-se a dormir e nada fez. Depois escusou-se com o pai, dizendo que o trabalho era acima de suas forças. O pai lhe respondeu: Meu filho, o que espero de ti é que desmoites cada dia a extensão do teu corpo. — Então meteu mãos à obra, e pouco a pouco, no fim de algum tempo, a terra estava desbravada e desembaraçada das ervas daninhas e plantas inúteis⁴¹. — Um exemplo, como este, é próprio para nos inspirar a coragem de avançar no caminho da perfeição.

Basta conservar sempre ardente o desejo de chegar, e esforçar-se por ir adiante. Pouco a pouco, com o auxílio de Deus, chega-se ao fim. — Ainda mais. S. Bernardo assegura que o esforço contínuo de uma alma para chegar a perfeição, já é a perfeição tal qual se pode alcançar nesta vida⁴². É preciso ter cuidado de nunca omitir os exercícios habituais, as preces, as comunhões, as mortificações, sobretudo no tempo da aridez; porque é então que o Senhor prova as almas e julga de sua fidelidade, vendo se,

apesar do peso e enfado que sentem nas suas obscuridades, continuam fielmente a praticar tudo o que faziam antes na abundância das consolações celestes.

14. — VII. Enfim, um grande meio de perfeição para uma religiosa que vive em comunidade, é observar as irmãs que se distinguem pelo fervor, afim de imitá-las nas virtudes especiais de que dão o bom exemplo. Sto. Antão dizia que assim como a abelha vai sugar o seu mel nas diversas flores, assim a religiosa que quer ser santa, deve aproveitar-se dos exemplos de virtude que lhe oferecem suas companheiras: aprenderá de uma a modéstia; de outra a caridade; desta o apego a oração; daquela o amor da santa comunhão; e assim as outras virtudes.

Toda boa religiosa deve empenhar-se para imitar e mesmo ultrapassar a cada uma das irmãs nas virtudes que melhor praticam. As pessoas do mundo procuram exceder uns aos outros em riquezas, honras e prazeres terrestres; as religiosas, ao contrário, devem porfiar na prática da humildade, da paciência, da doçura, da caridade, e no amor do desprezo, da pobreza, da pureza, da obediência; em uma palavra, sua emulação não deve ter por objeto senão amar e contentar a Deus com maior solícitude. Assim cada religiosa terá em vista, em todas as suas ações ordinárias, primeiramente agradar a Deus e depois dar bom exemplo às suas irmãs, afim de que estas progridam e glorifiquem mais ao Senhor: Brilhe vossa luz aos olhos dos homens, afim de que, vendo as vossas boas obras, glorifiquem vosso Pai que está nos céus⁴³.

Daí se segue que as religiosas devem ter grande escrúpulo, quando houverem de dar seu sufrágio a toda jovem noviça que por sua conduta passada não houver edificado a comunidade; porque, se os bons exemplos contribuem muito para excitar o fervor das demais, os maus lhes fazem muito mal, induzindo as fracas a cometerem as mesmas faltas que notam frequentemente nas outras.

ORAÇÃO

Ó divino Coração do meu Jesus, Coração cheio de amor para com os homens, Coração criado expressamente para amá-los, como podem eles vos desprezar? Ah! eu mesma fui uma dessas almas ingratas, pois vivi tantos anos no mundo sem vos amar! Perdoai-me, meu Jesus! Perdoai-me esta grande falta de não vos ter amado a vós que sois tão amável e que me amastes tanto e tudo fizestes para me obrigar a amar-vos! Eu merecia ser condenada a não poder mais amar-vos, por ter tão longo tempo desdenhado o vosso amor. Mas, eu vos suplico, ó meu Esposo, aplicai-me todos os castigos exceto este; concedei-me a graça de vos amar, e depois fazei de mim tudo o que vos aprouver. Mas como posso temer tal castigo, quando continuais a me intimar o doce preceito de vos amar? vós quereis que eu vos ame de todo o meu coração, meu Senhor e meu Deus. Ah! não tenho outro desejo que vos amar de todo o meu coração. Ó ardente Coração do meu Jesus, acendei em meu pobre coração esta feliz chama, que trouxestes do céu para abrasar a terra. Destruí em mim to-

das as afeições impuras que me impedem de ser toda de Deus. Ó meu bem Amado Senhor, não vos dedigneis de aceitar o amor deste coração, embora outrora vos houvesse tanto afligido. Não permitais para o futuro que eu viva um só instante privada de vosso amor, pois me tendes tanto amado.

Ó meu amoroso Jesus, vós sois meu amor: espero amar-vos sempre, e sempre ser amada de vós. Sim, eu espero que este nosso mútuo amor subsista eternamente.

Ó Mãe do Belo Amor, ó Maria, vós que desejas tão ardentemente nos ver amar a Jesus, vosso divino Filho, fazei que o ame tão estreitamente que seja toda dele, como é seu desejo.

1. Quis dabit mihi pennas sicut columbae et volabo et requiescam? *Ps. 54, 7.*

2. Vires subministrat, poenam exhibet levioerem. *De disc. mon. c. 6.*

3. Justorum autem semita, quasi lux splendens, procedit et crescit usque ad perfectam diem; viam impiorum tenebrosa, nesciunt ubi corruant. *Prov. 4, 18.*

4. Nsn progredi jam reverti est. *Ep. 17. E. B.*

5. *Past. p. 3, c. 1.*

6. Sensus enim et cogitatio humani cordis in malum prona sunt ab adolescentia sua. *Gen. 8, 21.*

7. Non vis proficere; vis ergo defieere? — Nequaquam. — Qui ergo? — Inquis: Vivere volo et manere in quo perveni; nec pejor fieri patior, nec melior cupio. — Hoc ergo vis, quod esse non potest. *Ep. 254.*

8. Sic currite ut comprehendatis. *I. Cor. 9. 34.*

9. Haec est enim voluntas Dei, sanctificatio vestra. *J. Thes. 4, 3.*

10. Sancti estote quia ego sanctus sum. *Lev. 11, 14.* — Estote ergo vos perfecti, sicut et Pater vester coelestis perfectus est. *Matth. 5. 48.*

11. Deus impossibilia non jubet; sed jubendo monet, et facere quod possis, et petere quod non possis; et adjuvat ut possis. *Sess. VI, c. 11.*

12. Tota vita christiani boni sanctum desiderium est. *In. I. Joan. tr. 4.*

13. Qui statum religionis assumit non tenetur habere perfectam charitatem, sed tenetur ad hoc tendere. *2. 2, quaest. 86, art. 2.*

14. Non tenetur ad omnia exercitia quibus ad perfectionem pervenitur. sed ad illa quae determinata sunt et taxata secundum regulam quam professus est. *2. 2, q. 186, a. 2.*

15. *Entret. 1.*

16. *2, 2, q. 186, a. 9.*

17. *Cam. de perf. c. 35.*

18. Beatus vir cujus est auxilium abste; ascensiones in corde suo disposuit in valle lacrymarum... ibunt de virtute in virtutem. *Ps. 83. 6.*

19. In via christianae perfectionis semper ulterius progrediendi. *Off. 10. Nov.*

20. *Vida c. 4.*

21. Consummatus in brevi explevit tempora multa. *Sap. 4, 13.*

22. *Vida c. 13.*

23. *Vida c. 13.*

24. Omnia possum in eo qui me conforrat. *Phil. 4, 13.*

25. *Vit. c. 14.*

26. Legebat et exuebatur mundo mens ejus. Quid quaerimus? majorne esse potest spes nostra, quam quod amici imperatoris simus? Et per quot pericula ad majus periculum pervenitur; et quamdiu hoc erit? Amicus autem Dei, si voluero, ecce nunc fio. *Conf. I. 3, c. 6.*

27. Vult et non vult piger; desideria occidunt pigrum. *Prov. 13, 4. — 21, 25.*

28. *Introd. p. 3. c. 37.*

29. *Cam. da perf. c. 39.*

30. In meditatione mea exardescet ignis. *Ps. 38, 4.*

31. *Ccpari I. 2, c. 3.*

32. Et dixi: Nunc coepi. *Ps. 76. 11.*

33. Fratres mei, discutite vos sine palpatione. Semper tibi displiciat quod es, si vis pervenire ad id quod nondum es. — Ubi tibi placuisti, ibi remansisti. Si autem dixeris; Sufficit, periisti. *Serm. 169. E. B.*

34. Profecto, nolle proficere, deficere est. *Ep. 254.*

35. Segniores facit et in arrogantiam extollit.

36. Qui currit, non reputat quantum spatii perfecerit, sed quantum desit. *In Phil. hom. 12.*

37. Quasi effodientes thesaurum. *Job. 3, 21.*

38. Hoc semper in corde, frequenter etiam in ore habebat: Bernarde, ad quid venisti? *Surius. Vit. l. 1. c. 4.*

39. Qualis primo die ingrederis, talis etiam reliquos peragas dies. *Vit. Patr. l. 3, 198.*

40. *Vit. Patr. l. 3, n. 216.*

41. *Vit. Patr. l. 7, n. 40.*

42. Jugis conatus ad perfectionem, perfectio reputatur. *Ep. 244.*

43. Sic luceat lux vestra coram hominibus, ut videant opera vestra bona et glorificent Patrem vestrum, qui in coelis est. *Matth. 5, 16.*

CAPÍTULO V

Do perigo a que se expõe a religiosa imperfeita, que teme pouco as conseqüências de suas imperfeições***I. Podem e devem evitar-se todos os pecados veniais plenamente voluntários***

1. — Para fazer um belo jardim, é preciso primeiramente, preparar o terreno, desbravá-lo, arrancar os espinhos e ervas más, e depois semear nele boas sementes, e ao mesmo tempo cultivar plantas e flores louças. É precisamente o que o Senhor fez entender ao Profeta Jeremias quando o encarregou do cuidado de cultivar a Igreja: Eu te estabeleci hoje sobre as nações e os reinos para arrancar e destruir, edificar e plantar¹. — Assim para se santificar, a religiosa deve buscar primeiramente livrar sua alma dos seus defeitos e depois orná-la de virtudes.

O primeiro passo na devoção consiste, diz Sta. Teresa, em lançar fora os pecados. Não falo aqui de pecados graves, dos quais suponho isenta toda religiosa que ler este livro. Quero crer que ela nunca perdeu a graça de Deus, ou que pelo menos, tendo a recobrado, está bem resolvida a morrer mil vezes antes que perdê-la de novo. Para evitar tal desgraça, eu a convido a ter sempre diante dos olhos esta grande máxima fundada nas Sagradas Escrituras e ensinada

por S. Basílio, S. Jerônimo, Sto. Agostinho e outros santos Padres, a saber, que Deus determinou para cada alma o número de pecados que consente em perdoar-lhe. Como não se conhece este número, cada um deve temer que, por mais um só pecado, que ajunte aos outros passados, Deus o não abandone e deixe irremediavelmente perdido e entregue à própria condenação. Oh! este pensamento é um poderoso freio para o pecador, quando o demônio, para induzi-lo a novas culpas, lhe apresenta o engodo enganador da esperança do perdão e lhe diz: Faze isto e depois te confessarás! — Se todos os cristãos tivessem diante dos olhos este justo motivo de temor, isto é, que um só pecado mais não lhe será talvez perdoado, quantos se absteriam de voltar ao próprio vomito! Quantas almas esta falsa esperança de perdão já perdeu e precipitou na desgraça irremediável!

2. — Eu não falo tão pouco dos pecados veniais não plenamente voluntários e cometidos por mera fragilidade humana. Ninguém neste mundo está isento desta sorte de faltas; todos os homens, mesmos os santos nelas caem. Todos nós tropeçamos em muitas ocasiões, assegura S. Tiago²; e segundo S. João, se pretendemos não ter pecado de que nos repreendamos, nos enganamos e mentimos à nós mesmos³. — Em consequência do pecado original que perverteu nossa natureza, trazemos conosco tal pendor para o mal, que nos é impossível, sem uma graça extraordinária, concedida somente à Mãe de Deus, evitar em todo o decurso da nossa vida, todas as faltas veniais que se cometem sem pleno consentimento. O Senhor permite esta sorte de manchas

mesmo nos seus servos inteiramente consagrados ao seu amor, para mantê-los na humildade e lhes fazer compreender que, se caem nelas, apesar de seus bons propósitos e promessas, cairiam em pecados graves se a mão de Deus os não sustentasse.

Portanto, quando nos acontecer alguma queda semelhante devemos humilhar-nos, reconhecer nossa fraqueza, reanimar nosso fervor e multiplicar nossas preces, afim de que Deus nos proteja e nos não permita cometer faltas mais graves.

3. — Não se trata aqui senão de pecados veniais deliberados e plenamente voluntários. Quanto a estes, com o auxílio de Deus, podemos evitá-los todos. Disto são testemunho estas almas fervorosas, que vivem sempre na firme resolução de sofrer antes a morte que cometer um pecado venial conscientemente. Aos olhos de uma alma que ama a Deus com um amor puro, dizia Sta. Catarina de Gênova, que a menor falta é mais intolerável do que o próprio inferno, e protestava que se lançaria em um mar de fogo antes de cometer um pecado venial. Bastante razão tem os santos para assim falarem: esclarecidos pela luz divina, sabem que a menor ofensa feita a Deus é um mal maior do que a morte e a destruição de todos os homens e de todos os anjos. Quem pois ousaria dizer, pergunta Sto. Anselmo, que tal pecado não é um grande mal, porque é leve? Como se pode chamar leve o mal que desonra a Deus⁴.

Se um súdito dissesse ao seu rei: Eu vos obedecerei em outras coisas; mas nesta não, porque é pouco importante, — que censura e que castigo não mereceria?

Sta. Teresa dizia: Prouvera a Deus que temêsemos não o demônio, mas todo pecado venial, que nos pode trazer maior mal do que todos os demônios do inferno⁵. E acrescentava, falando às suas filhas: O Senhor nos preserve de todo pecado deliberado por menor que seja⁶. Este aviso convém sobretudo às religiosas, às quais S. Gregório de Nazianzo entre outras coisas diz: Sabei que uma só mancha deforma muito mais as vossas almas do que as maiores chagas as dos seculares⁷. — Se uma cozinheira aparece diante do rei coberta de manchas, a suportará talvez sem repreendê-la, porque é uma serva; mas se percebe uma só nódoa no vestido da rainha sua esposa, se irrita e a censura com ardor. Jesus Cristo nota a mesma diferença entre as faltas dos seculares e as de suas esposas. Lastimo a religiosa que não se dá conta das faltas ligeiras! Jamais se santificará e achará paz. Todo o tempo que Sta. Teresa levou uma vida imperfeita, não fez nenhum progresso espiritual e se achou miserável e privada de toda a consolação divina e humana. E eis porque tantas religiosas passam dias amargos e não gozam de paz alguma em seu estado. De um lado, os divertimentos mundanos lhes são recusados; de outro, faltam-lhes as doçuras espirituais; porque assim como são mesquinhas para com Deus, o Senhor é avarento para elas. Demo-nos inteiramente a Deus e ele se dará todo a nós⁸.

4. — Certa religiosa dirá talvez: Os pecados veniais, sem dúvida, me impedirão de ser santa, mas, qualquer que seja o seu número, não me poderão privar da graça de Deus. Eu me salvarei, e isto me basta. — A que assim falar, escute o que lhe respon-

de Sto. Agostinho: Basta-te ser salva? Logo que disseste: *Basta, estás perdida*⁹. — Para compreendê-lo, e ver o perigo que traz consigo o pecado venial, ao menos quando é deliberado e habitual, é preciso saber que o hábito das faltas ligeiras leva a alma facilmente às graves, por exemplo: o hábito de pequenas aversões arrasta aos ódios violentos, o hábito dos furtos leves induz aos roubos consideráveis, o hábito das afeições sensíveis ainda ligeiras dispõe para os afetos criminosos. A alma não para nunca onde caiu, assegura S. Gregório; rola sempre até mais abaixo¹⁰. Muitas doenças mortais não procedem de uma grande desordem, mas são conseqüências de pequenas indisposições. Assim as quedas graves muitas vezes são causadas por pecados veniais. Estas pequenas maledicências contínuas, diz o Padre Álvares da paz, estas pequenas aversões, estas curiosidades culpadas, estas impaciências, estas intemperanças, não matam a alma, mas a tornam cada vez mais fraca; de sorte que, se sobrevier alguma tentação grave, não terá mais força de resistir, e cairá¹¹.

Os pecados veniais não separam a alma de Deus, mas a afastam dele e por isso a põem em grande perigo de perdê-lo. Quando Jesus Cristo foi preso, no jardim das oliveiras, S. Pedro não quis abandoná-lo, mas não o seguiu senão de longe¹². É assim que, sem quererem separar-se de Jesus Cristo pelos pecados mortais, muitos cristãos querem segui-lo ainda que só de longe, não se abstendo das faltas leves; mas quantos dentre eles, têm enfim a mesma desgraça que S. Pedro, que, chegado à casa do Pontífice e intendendo escusar de ser discípulo do Sal-

vador, o negou muitas vezes com juramento! Sim, diz Sto. Isidoro, Deus permite na sua justiça que aqueles que não dão importância aos pecados veniais, caíam em faltas graves, em castigo de sua negligência e do pouco amor que lhe dedicam. É o que declarou o Eclesiástico: quem despreza as faltas pequenas, cairá pouco a pouco⁴.

5. — Não digais, pois, exclama S. Doroteu, que o hábito dos pecados veniais não é um grande mal, porém considerai nas conseqüências: o mau hábito é uma úlcera que rói e infecciona o coração; e assim como o torna fraco contra as pequenas tentações, assim lhe tira gradualmente a força de resistir às grandes. E Sto. Agostinho acrescenta: Não descuidéis das vossas faltas porque são pequenas; temei-as antes, porque são numerosas. Seu número poderá um dia fazer o que não faz agora o seu peso, e causar a vossa ruína¹⁴. E em outra parte diz o Santo: Estais atentos para não vos deixardes esmagar por uma grande pedra; mas tomai sentido para não serdes soterrado por um montão de areia; o que se entende das faltas leves, as quais, quando são numerosas e habituais sem se cuidar de corrigi-las, fazem perder o temor de cometer pecados graves¹⁵. Ora quem não teme muito o pecado, não está longe de nele cair. É por isso que S. João Crisóstomo chega a dizer que, de algum modo, devemos temer mais os pecados veniais do que os próprios pecados mortais¹⁶; porque estes naturalmente inspiram horror, enquanto as faltas veniais, sendo consideradas como pouco importantes, tornam a alma tão negligente, que, habituando-se a fazer pouco caso do que é leve,

chega a fazer o mesmo para o que é mais grave. Dai esta advertência do Espírito Santo: Prendei as pequenas raposas, que destroem as vinhas¹⁷. Não diz que se prendam os leões, os leopardos e outros animais ferozes, que se temem e dos quais não há quem não se acautele, mas as rapozinhas que a ninguém causam temor e entretanto arruinam as vinhas, cujas raízes fazem secar, revolvendo a terra. É assim que as faltas deliberadas e contínuas, embora ligeiras, fazem secar os bons desejos, raízes da vida espiritual, arruinam a alma.

6. — Acabamos de ver como os pecados veniais voluntários e habituais põem a alma em perigo de se perder, porque a predispõem para cair nos pecados mortais e lhe tiram as forças para resistir as tentações. Consideremos agora como a privam dos socorros divinos.

Nós temos sempre necessidade de conservar o nosso espírito esclarecido pela luz divina, afim de impulsionar a nossa vontade para o bem, e ter a nossa vontade amparada pela mão de Deus para se deixar dobrar e mover pela sua graça, como lhe aprouver. Além disso precisamos da contínua proteção de Deus contra os esforços do inferno, sem a qual succumbiríamos todos às tentações do demônio, não tendo por nós mesmos força para resistir. É Deus que nos dá essa força e impede o demônio de nos assaltar com ataques que não possamos superar e é por isso que Jesus Cristo nos ensinou a dizer na oração dominical: Não nos deixeis cair em tentação¹⁸. — Por estas palavras pedimos a Deus nos livre de toda a tentação em que seríamos vencidos. Ora, que fa-

zem os pecados veniais? Privam-nos desta luz, desta assistência, e desta proteção do Senhor; de sorte que nossa alma envolvida em trevas, fraca e árida, perde o gosto das coisas divinas e aderindo aos objetos terrenos se põe em grande perigo de renunciar a graça de Deus, para gozá-los. — Demais, em punição dos pecados veniais, Deus permite que o demônio nos ataque com tentações mais fortes. Quando uma alma é mesquinha para com Deus, merece bem que o Senhor se mostre avarento para com ela. É justo que aquele que semeia pouco, tenha pouco que colher, como diz S. Paulo¹⁹. — Quando o B. Henrique Suso foi favorecido com a visão dos nove rochedos, vendo uma multidão de pessoas sobre o primeiro, perguntou quem eram aqueles, e Jesus Cristo lhe respondeu assim: “São os tíbios, que julgam bastante viver sem pecado mortal e se contentam desse estado”. O bem-aventurado perguntou se seriam salvos, e o Senhor lhe disse: “Se morrerem sem pecado mortal, serão salvos; mas estão em perigo maior, do que supõem; porque se persuadem que podem servir a Deus e aos sentidos, o que é apenas possível, e é muito difícil perseverar assim na graça de Deus²⁰”.

7. O Espírito Santo nos adverte que não deixemos de temer pelo pecado cometido embora já perdoado²¹. Para que esse temor, quando já houvermos sido perdoados! Nós devemos temer sempre, porque embora tenhamos obtido o perdão das faltas, restamos sempre sofrer as penas temporais e uma destas, muitas vezes, é a privação dos socorros divinos. Por isso, os Santos nunca cessaram de chorar os seus pecados, ainda os leves e já perdoados, temendo

sempre Deus não os punisse com a privação das graças de que tinham necessidade para se salvarem. O favorito que desagradou ao príncipe, dificilmente se reconciliará com ele. Não readquirirá seu antigo favor, senão depois de lhe ter dado grandes sinais de arrependimento e da disposição em que está de reparar a sua falta pelos mais importantes serviços. O mesmo se dá com a alma que fez alguma ofensa a Deus: se ela não se arrepende do fundo do coração, e não procura compensar o seu delito com boas obras, o Senhor lhe retira justamente sua proteção e cessa de se comunicar à mesma com a familiaridade anterior. Quanto mais numerosas forem as ofensas, tanto mais o Senhor se afastará dela; e assim a infeliz achando-se de um lado mais fraca e mais inclinada ao mal, como acima se disse, e do outro, menos auxiliada do socorro divino, virá facilmente a cair em faltas graves e perder-se eternamente.

II. Os pecados veniais fazem mal sobretudo às religiosas, as quais são mais especialmente chamadas à santidade

8. Está bem entendido, que toda alma está em perigo de se perder, quando comete o pecado venial habitualmente e de propósito deliberado, sob o pretexto de que lhe basta salvar-se; mas muito maior é o perigo para a religiosa que se entrega ciente a muitas faltas ligeiras, sem pensar em se corrigir e sem se inquietar de coisa alguma, e que se anima,

dizendo: Basta que me salve! — Quando alguém é chamado ao estado religioso, é chamado a se salvar à maneira dos Santos. Ora, S. Gregório assegura que aquele que é chamado a se salvar, fazendo-se santo, e não se santifica, não se salvará. O Senhor dizia um dia a bem-aventurada Angela de Foligno: “Aqueles que eu esclareço para levá-los no caminho da perfeição, e que, se rebaixando, querem seguir o caminho comum, serão por mim abandonados”. É certo que toda a religiosa é chamada e obrigada a marchar no caminho da perfeição; é por isso que Deus a favorece com muitas graças e inspirações especiais. Se depois disso, ela quer ser habitualmente negligente, apodrecer nos seus defeitos sem cuidar de se emendar, ver-se-á, com justiça, privada dos socorros de que teria necessidade para cumprir os deveres do seu estado; e assim, não só não se santificará, mas também não conseguirá a própria salvação. Santo Ambrósio diz que Deus costuma abandonar essas almas negligentes que descuram abertamente as obrigações que conhecem e a que não ligam a menor importância²².

9. — Tal é também o sentido das palavras de Nosso Senhor a S. Pedro: Se te não lavar, não terás parte comigo²³. — Por elas, Jesus Cristo não queria de certo falar da loção material dos pés, mas da purificação da alma quanto aos pecados veniais, e fazia entender que a alma chamada à perfeição corre grande risco de se perder, se não se lava dessas faltas. Santa Gertrudes viu um dia o demônio recolher, como outros tantas faltas contra a pobreza, todos os flocos de lã que ela deixava perder. Um religioso dei-

xava cair, contra a regra, as migalhas de pão que ficavam sobre a mesa; na hora da morte, viu o demônio que lhe mostrava um saco cheio delas, e por esse meio tentava levá-lo ao desespero. Ah! sabe muito bem este inimigo da nossa salvação, que Deus exige dos religiosos uma conta muito mais rigorosa do que dos seculares.

Notemos aqui, de passagem, que, segundo o comum sentir dos teólogos, certas transgressões da regra que para as inferiores são apenas faltas ligeiras, tornam-se graves para as superiores, se as não corrigem e remedeiam como podem. Isto se estende, quando essas transgressões são numerosas, e capazes de relaxar a disciplina comum. Deste gênero são as faltas concernentes ao silêncio, a pobreza, os jejuns. O locutório e outras semelhantes. As superiores são obrigadas não só a corrigir esses abusos, senão também a velar atentamente e examinar se existem para remediá-los.

10. — Mas, voltemos ao nosso assunto, isto é, a obrigação que toda religiosa tem de tender à perfeição, e evitar ainda as faltas leves. Na Companhia de Jesus, no tempo de Sto. Inácio, havia um irmão coadjutor muito negligente no serviço de Deus. Um dia, o Santo chamou-o e disse-lhe: “Dize-me, irmão: que viestes fazer na religião?” Respondeu: “Vim para servir a Deus”. “Ai! irmão, replicou o santo, que dissesstes? Se tivesses respondido que tinhas vindo a servir algum Cardeal, algum Príncipe da terra, terias mais escusas! mas dizes que viestes para ser a Deus, e é assim que o serves?” — É preciso saber que um religioso ou religiosa, para se santificar, tem necessida-

de de graças particulares e abundantes; mas como Deus há de conceder tais graças a uma pessoa que, tendo entrado no convento para servi-lo, o desonra mais do que o honra? Com efeito, pela sua vida negligente e cheia de imperfeições, a religiosa dá a entender que Deus não é digno de ser servido com maior cuidado; que, no serviço do Senhor, não se acha esta felicidade tão ambicionada e capaz de tornar uma alma contente; e enfim, que Sua Divina Majestade não merece tanto amor, que devamos preferir a sua santa vontade a todas as nossas satisfações.

11. — É verdade, diz o Padre Alvares, que mesmo as almas que são consagradas ao amor de Deus, não são isentas de todo defeito, mas trabalham constantemente para diminuir o seu número e emendar a sua vida. A religiosa que, ao contrário, comete habitualmente as mesmas faltas, e continua a cometê-las sem o menor pesar e sem o menor cuidado de emendar-se, como poderá jamais livrar-se delas, e escapar do perigo de cair em faltas mais graves? O venerável padre Luiz da Ponte dizia: Eu cometi muitas faltas, mas nunca vivi em paz com elas”. Ai das religiosas que cometem pecados, com conhecimento, e fazem paz com eles! Diz S. Bernardo: Quando alguém cai em faltas, e ao mesmo tempo as detesta, há esperança de que um dia se corrija e se ponha no bom caminho; mas quando as comete sem detestá-las e as deixa em repouso na consciência, será sempre miserável e irá cada vez de mal a pior. O Sábio diz que as moscas que morrem no perfume, fazem que este perca o seu bom aroma²⁴. As moscas que morrem são justamente, segundo Dionísio cartusia-

no, as faltas que ficam na alma, isto é, certos rancores habituais, afetos desordenados, vaidades, gulodices, imodéstias nas vistas ou nas palavras, e outras semelhantes, que se cometem e não se detestam. Ora que mal causam essas faltas? Tiram ao perfume o seu bom odor, isto é, a devoção nas comunhões, na oração, nas visitas do SS. Sacramento, de modo que a alma ai não acha mais unção nem consolação.

12. — Os pecados veniais habituais, diz Sto. Agostinho, são como uma lepra: despojam a alma de toda a beleza e a fazem tão hedionda, que a privam dos abraços do divino Esposo²⁵. — Não achando mais nos exercícios de piedade a nutrição e sustento de que tem necessidade, virá então facilmente a desprezá-los e abandoná-los; e deixando de usar dos meios para se salvar, facilmente se perderá. Se, porém, continuar suas comunhões, suas orações, suas visitas ao Ssmo. Sacramento, pouco ou nenhum fruto delas tirará, e verificará o que diz o Espírito Santo: Semeastes muito e colhestes pouco, e aquele que alcançou alguns proventos, os pôs em saco roto²⁶. — Tal é a desgraça da religiosa tibia e imperfeita: todos os seus exercícios espirituais são por ela recolhidos em um saco furado, isto é, deles não lhe resta nenhum merecimento; ou antes fazendo-os de uma maneira tão defeituosa, torna-se cada vez mais digna de ser punida e privada dos socorros abundantes que o Senhor lhe reservava, se ela tivesse correspondido às inspirações recebidas: A quem já possui, será dado ainda, de sorte que ficará na abundância, assegura o Salvador; mas a quem nada tem, será tirado ainda o que parece ter²⁷. — Aquele que pela sua corres-

pondência às graças e aos talentos recebidos de Deus, houver conservado os frutos adquiridos, receberá aumento de graça e de glória; pelo contrário, aquele que fez mau uso do seu talento, isto é, que em lugar de fazê-lo frutificar, o deixa ocioso, será dele despojado por Deus e privado além disso das graças que lhe estavam preparadas.

ORAÇÃO

Senhor, eis aqui a vossos pés uma dessas almas infelizes: tenho merecido ser abandonada por vós, no miserável estado de tibieza em que vivo há tantos anos: tenho merecido ser privada da vossa luz e da vossa graça! Mas eu vejo que ainda vos dignais agora esclarecer-me; ouço vossa voz, que de novo me convida para vos amar: são sinais certos de que ainda não me abandonastes. Ah! visto que ainda não me haveis abandonado depois de tantas ingratidões que contra vós tenho cometido, quero deixar de ser ingrata. Quereis perdoar-me tantas ofensas que vos tenho feito, se me arrepender. Sim, meu Jesus! perdoai-me meus pecados. Eu os detesto e aborreço mais do que todos os males: eu quereria antes estar morta do que ter-vos ofendido. Vós quereis meu amor, e todo o meu desejo é amar-vos. Eu vos amo, meu Deus, digno de um amor infinito. Senhor, aumentai ainda em mim esta luz que me dais agora e o desejo que tenho de ser toda vossa. Vós sois onipotente, vós podeis mudar-me, e de rebelde que tenho sido às vossas graças, fazer-me uma grande de vossa bondade. Eis o que eu quero e o que espero ser,

com o vosso socorro. Vós prometestes ouvir a quem vos rogasse: eis a graça que vos peço: Fazei que eu seja toda vossa, e vos ame a vós somente. Ó meu Jesus, meu caridoso Esposo, pelos méritos do vosso sangue, fazei que vos ame uma pobre pecadora, a quem tanto amastes e da qual tendes suportado tantas ingratidões com tanta paciência e por tantos anos! Eu espero, pois, com uma firme confiança apoiada sobre vossa misericórdia, amar-vos de todo o meu coração nesta vida e na outra, onde espero louvar eternamente as grandes mercês que me fizestes²⁸.

Ó Maria, minha Mãe, todas estas graças, esta luz, estes desejos, esta boa vontade que Deus me dá neste momento, eu reconheço dever tudo às preces que tendes feito por mim. Continuai, continuai a interceder por mim, e não cesseis de pedir até que me acheis tal qual me desejais ver, toda de Jesus Cristo. Assim o espero, assim seja.

1. Ecce constitui te hodie super gentes et super regna ut evellas et destruas..., et aedifices et plantes. *Jer. 1, 10.*

2. In multis enim offendimus omnes. *Jac. 3, 2.*

3. *I. Joan. 1, 8.*

4. Peccatum peccator audebit dicere parvum? Deum enim e-honorare quando parvum est? *Medit. 2.*

5. *Vida c. 25.*

6. *Cam. da perf. c. 42.*

7. Non ignores rugam tibi unam turpiorem esse, quam maxima vulnera iis qui in mundo vivunt *Adv. mul. sese orn.*

8. Ego dilecto meo et ad me conversio ejus. *Cant. 7, 10.*

9. Ubi dixisti: Sufficit; et periisti. *Serm. 169. E. B.*

10. Nunquam illic anima, quo ceciderit, jacet. *Mor. I. 31, c. 12.*

11. *De Perf. I. 5. p. 2, c. 16.*

12. Petrus autem sequebatur eum a longe. *Matth. 26, 58.*

13. Qui spernit modica paulatim decidet. *Eccli. 19, 1.*

14. Noli illa contemnere, quia minora sunt; sed time quia plura sunt; timenda est ruina multitudinis, etsi non magnitudinis. *Serm. 9. E. B.*

15. *Serm. 56.*

16. *In Math. hom. 87.*

17. Capite nobis vulpes parvas, que demoliuntur vineas. *Cant. 2.*

15.

18. Et ne nos inducas in tentationem.

19. Qui parce seminat, parce et mettet. *II Cor. 9, 6.*

20. *De nov. rup. c. 23.*

21. De propiciato peccato, noli esse sine metu. *Eccli. 5, 5.*

22. Negligentes Deus deserere consuevit. *In Ps. 118. s, 10.*

23. Si non laveris te, non habebis partem mecum. *Joan. 13, 8.*

24. Muscae morientes perdunt suavitatem unguenti, *Eccl. 10, 1.*

25. Sui velut scabies et nostrum decus ita exterminant ut a Sponsi amplexibus separent. *Serm. 351. E. B.*

26. Seminastis multum et intulistis parum... et qui mercedes congregavit, misit eas in sacculum pertusum. *Agg. 1. 6.*

27. Omni enim habenti dabitur, et abundabit; ei autem qui non habet, et quod videtur habere, auferetur ab eo. *Matth. 25, 29.*

28. Misericordias Domini in aeternum cantabo.

CAPÍTULO VI

Continuação da mesma matéria***I. Uma religiosa tem razão particular de temer condenar-se, quando peca por apego à alguma paixão, ou quando vive na tibieza***

1. — Ai! quantas religiosas, por falta de renunciarem a certos apegos terrenos, longe de se santificarem, põem em grande risco sua salvação eterna! O único fim que a religiosa se deve propor em todos os seus exercícios de piedade, comunhões, orações, leituras espirituais, e outros semelhantes, é vencer suas paixões, romper os laços que a impedem, em uma palavra, tirar todos os obstáculos que embarçam o seu andamento no caminho da perfeição. O fim de todas as suas devoções e de todas as suas preces deve ser alcançar de Deus o desapego de toda a criatura e uma vitória completa sobre suas más inclinações. Primeiramente, deve aplicar-se a mortificar os sentidos especialmente os olhos, a boca e a língua: depois a domar as paixões interiores, isto é, o apego à estima de si mesma, assim como as coisas preciosas e agradáveis; em seguida a contrariar a própria vontade. Enfim, deve procurar fazer tudo isso com facilidade e alegria, no que haverá sempre que corrigir e aperfeiçoar.

Algumas almas são bem atentas em continuar suas comunhões e orações, mas nisto só procuram satisfazer certo gosto que têm pela piedade, certa sensibilidade espiritual: ai está todo o objeto de sua aplicação. Donde resulta que ficam sempre emaranhadas por seus afetos terrenos, e impedidas de aproveitar na virtude, o que as faz ir sempre de mal a pior.

2. — Não é raro que muitas destas almas acabem por perder a graça de Deus.

Notemos o artifício do demônio para com as pessoas piedosas. Não procura no primeiro encontro lançá-las em pecados graves. No começo, como diz S. Francisco de Salles, ele se contenta de cingi-las por um cabelo; porque, se quisesse desde o princípio atá-las com uma cadeia, como escravas, ficariam horrorizadas e fugiriam. Mas quando caem na desgraça de se deixarem ligar por um fio de cabelo, o inimigo chega facilmente a prendê-las com um cordel e depois amarrá-las com uma corda. Enfim as carrega de cadeias e reduz a escravas do inferno. — Ponhamos um exemplo. Tal religiosa, depois de ter uma discussão com uma de suas irmãs, dela guarda algum ressentimento no coração; eis o cabelo. Depois disso não mais lhe fala, nem a saúda; eis o cordel. Põe-se a detrai-la, a injuriá-la, eis a corda. Ocorre ainda um novo motivo de irritação, concebe-lhe um ódio mortal, que é a cadeia pela qual o demônio a faz sua escrava. — Ou antes, uma religiosa se deixa arrastar por algum afeto demasiadamente humano para certa pessoa, e entretém a princípio este sentimento sob pretexto de reconhecimento; depois disso vem os

presentinhos mútuos, e dai as palavras afetuosas. A paixão acaba por explodir e a infeliz se acha presa pela cadeia da morte.

Assim como um jogador, depois de ter perdido muitas somas pequenas, acaba por jogar de uma só vez tudo o que lhe resta e se arruina; assim uma alma tibia e enfraquecida por muitas pequenas perdas, se acha tão débil diante da tentação que se entrega a ela toda inteira e abandona Deus, perdendo-se a si mesma. Oh! que império exerce o demônio sobre nós, quando nos vê escravos de alguma paixão! Segundo o pensamento de Santo Ambrósio, o inimigo procura primeiro o incentivo que mais nos atrai, e depois no-lo apresenta, excitando a nossa concupiscência e lança as redes para nos apanhar¹.

3. — Quando soubemos da queda de uma alma dada às coisas espirituais, adverte Cassiano, não pensemos que ela sucumbiu ao primeiro ataque, à primeira tentação; mas estejamos certos que começou por faltas ligeira se só depois disso precipitou-se em pecados graves. S. João Crisóstomo assegura ter ele mesmo conhecido muitas pessoas, que lhe pareciam ornadas de todas virtudes, mas que mais tarde por não se terem precavidos contra os pecados veniais caíram no abismo dos vícios. A venerável Irmã Ana da Incarnação viu, um dia, uma alma condenada, que todos, e até ela mesma, tinham por santa: tinha no rosto uma multidão de animalejos, representando suas primeiras faltas de que não fazia caso. Alguns deles lhe diziam: É por nós que começaste; outros: É por nós que continuaste; outros enfim: É por nós que te perdeste. — Eis como a Madre Maria

Vitória Strata exprimia esta verdade: Quando o demônio não pode ter muito, contenta-se com pouco; mas com este pouco chega a conseguir muito.

A serpente, a princípio, não convidou nossa mãe Eva a comer do fruto proibido, mas somente a olhá-lo. Depois começou a raciocinar com ela, pondo em dúvida a ameaça de morte feita pelo Senhor; e finalmente a fez succumbir. No dizer de Sta. Teresa, basta ao demônio que lhe abramos um pouco a porta do coração, porque ele se incumbe de fazê-la abrir pessoalmente. — Tal é também o pensamento de S. Jerônimo: O inimigo não nos atira logo nos pecados graves, mas em faltas leves, afim de poder, de algum modo, entrar na nossa alma e começar a dominá-la para arrojá-nos depois as grandes desordens². — Ninguém se torna mau de repente, sendo antes bom, diz Sto. Bernardo³. Aqueles que se arrojam a graves excessos, começaram por pequenas faltas, conclui o santo doutor⁴. A menor faísca que se apaga num instante, basta para incendiar uma floresta enorme⁵. Isto é, uma paixão não refreia da leva a alma à perdição.

4. — É necessário, sobre tudo, notar que, quando a religiosa cai em algum pecado mortal, sua queda a põe em grande perigo de ser abandonada de Deus. Seu pecado não é como os dos seculares, que pecam no meio das trevas do mundo; é um pecado da malícia cometido sob a luz recebida por meio de tantos sermões, tantas comunhões, meditações, exemplos das irmãs fervorosas, advertências dos padres espirituais e das superiores: Destarte não pode alegar ignorância nem fraqueza, depois de ter sido tão bem esclarecida, e ter tido tantos socorros para

se fortalecer, se tivesse querido. — S. Tomás ensina que o pecado de malícia é justamente aquele que se comete com pleno conhecimento de sua gravidade. Tal falta é extremamente funesta; porque, quanto maior luz houver recebido o culpado, tanto mais profunda será sua cegueira⁶. O doutor angélico diz ainda que a gravidade do pecado aumenta em proporção com a ingratidão de quem comete⁷. Ora quantas graças e favores não tem Deus dado a uma religiosa? Tirou-a dos perigos do mundo e colocou-a na sua casa, visto que todo convento é casa do Senhor; separou-a da multidão de suas servas e a escolheu por sua esposa. Como tal, a enriqueceu de uma multidão de luzes, de socorros exteriores e interiores afim de a tornar santa. Nutriu-a muitas vezes com seu próprio corpo na comunhão; falou-lhe freqüentemente com familiaridade nas meditações, nas visitas ao SS. Sacramento, nas leituras espirituais; em uma palavra, levantou-a do fundo do vale ao alto da montanha. Apesar disso, ela quis voltar-lhe as costas e tornar-se sua inimiga. Infeliz! Sua queda não é somente uma decaída, é uma ruína! Aquele que cai, caminhando no plano, raramente se faz grande mal; mas o que cai de uma grande elevação, não se diz que cai, mas que se precipita. Então o mal é muito maior, diz Sto. Ambrósio⁸. E Deus dá a entender a mesma coisa por voz de Ezequiel: Eu te coloquei sobre a montanha santa de Deus... e tu pecaste; e eu de derrubei dali e te entregue à perdição⁹. Assim falará Deus à religiosa infiel: Ingrata! Já que pelo pecado te precipitaste da altura a que te elevei, fica ai perdida para sempre, banida da minha presença em castigo da tua ingрати-

dão! — A grande serva de Deus, Irmã Maria Strozzi, dizia: “O Senhor quer que as religiosas sejam espelhos de virtude para todos. Sendo chamadas a uma perfeição que não é ordinária, fazem a Deus grande injúria, quando levam uma vida imperfeita. — O pecado das religiosas, acrescentava, faz horror ao céu e obriga o Senhor a não olhar mais para elas; porque Deus repudia essas esposas infiéis que faltam aos compromissos com ele contraídos na sua profissão, e as abandona miseravelmente à mercê de suas paixões desregradas”. Oh! Como é difícil a conversão da alma que antes era toda de Deus, e que dele depois se separou!

5. — Voltemos ao nosso assunto. A religiosa deve pois temer muito deixar-se prender pelo demônio nas malhas de qualquer paixão ou de qualquer pecado por leve que seja, porque o menor apego poderia conduzi-la à própria condenação. Sta. Teresa dizia: “Aquele que corre atrás das coisas perdidas, já está perdido”. E tinha muita razão de assim falar; porque embora ela não houvesse cometido culpa grave, Deus lhe mostrou com tudo o lugar que lhe estava preparada no inferno, se não se desapegasse de certo afeto, ainda não impuro, que ela tinha concebido pro um de seus parentes. Quando a avezinha está livre, voa; mas desde que é presa, seja pelo menor fio cai por terra, mesmo na lama, como o mais vil dos répteis. É assim que uma religiosa que está livre de todo apego terrestre, voa sem cessar para Deus; mas se está ligada por qualquer afeição mundana, não se elevará nunca acima da terra, e irá sempre de mal a pior até se perder inteiramente.

Em uma palavra, devemos estar persuadidos que para a religiosa é questão de vida e morte evitar até as faltas leves, principalmente se são numerosas e habituais, porque todos estes pequenos regatos formarão um rio, em que a infeliz se afogará. As faltas contínuas, a que não dá importância, a farão cair pouco a pouco no estado de tibieza, que o Senhor repreendeu outrora ao bispo de Laodicéia, fazendo dizer-lhe por São João: “Eu conheço as tuas obras e sei que não és frio nem quente¹⁰. — Tal é o estado da religiosa tibia. Não ousa voltar as costas inteiramente a Deus; entretanto não se inquieta das ofensas leves que comete e multiplica todos os dias, como impaciências, mentiras, murmurações, gulodices, imprecações, aversões guardadas no coração, apego a diversos objetos, à grade, à curiosidades, à própria estima, à própria vontade. Não cuida de se corrigir de tais imperfeições, nem sequer nelas pensa. — O Senhor acrescenta: “Antes fosses frio ou quente! Mas porque és tívio, e não és frio nem quente, eu já começo a te vomitar e lançar fora da minha boca¹¹.”

Isto é: Seria mais vantajoso para ti, se fosses privado inteiramente da minha graça; porque terias mais esperança de sarar. Permanecendo pelo contrário, na tua tibieza, estás mais exposto à condenação, porque desse estado cairás mais facilmente em pecado mortal, com pouca esperança de te levatares.

6. — Falando de um pecador ainda não convertido, S. Gregório diz que não perdeu a esperança, mas desespera da alma caída na tibieza, e descuidada das conseqüências¹². A razão está na palavra de Nosso Senhor que acabamos de citar: Porque és tí-

bio, estou prestes a te vomitar¹⁴. Toma-se facilmente uma bebida, quando está fria ou quente; mas não, quando está tépida, porque causa náuseas. É por isso que a alma tibia está exposta a ser vomitada da boca de Deus, ou a ser privada da sua graça e abandonada; o que é bem expresso pelo vômito, porque tem-se horror de tomar de novo o que uma vez se vomitou.

Mas, eu pergunto, como é que Deus começa a vomitar uma alma? — Cessa de dar-lhe as luzes vivas da fé, as consolações espirituais, os santos desejos, e deixa de lhe fazer ouvir pelos apelos cheios de amor de que a tinha favorecido até então. Dai, ela se põe a descuidar da oração, das comunhões, visitas e preces, ou então faz tudo isso com grande enfado, desgosto e distração, ou faz tudo como forçada, com o espírito dissipado e agitado, e sem devoção. Eis de que maneira Deus começa a vomitá-la. E assim não achando senão peso e repugnância na oração e nos outros exercícios de piedade, sem nenhum alívio, a infeliz acaba por abandonar todos, e se deixa cair em faltas graves.

A tibiaza é como a héctica, que apenas se conhece e que conduz inevitavelmente à morte. A alma caída em tibiaza não pensa em se corrigir de suas faltas: e estas se multiplicando a tornam de tal sorte insensível aos remorsos, que um dia chega onde se acha perdida, sem que sequer o tenha percebido.

II. Meios para sair do estado de tibiaza

7. — Assim, dirá uma pobre religiosa que se acha neste miserável estado de tibieza, não há mais esperança de salvação para mim, porque, como dizeis, é quase impossível levantar-me dessa miséria? — Escuta o que Jesus Cristo te responde por minha boca: O que é impossível aos homens, Deus poderá fazê-lo¹⁴. Aquele que ora e emprega os meios necessários, obtém tudo. — Vejamos quais são esses meios:

Primeiramente contra as faltas de fragilidade.

Quando as faltas são cometidas sem deliberação e por pura fragilidade, nós temos dito no começo, não causam dano grave, se as detestamos com humildade. Aqui porém devemos observar que em relação às faltas cometidas, há duas sortes de humildade: uma santa e salutar que é um dom de Deus; outra perniciososa, que vem do demônio. A humildade santa é aquela pela qual a alma, conhecendo suas imperfeições, se confunde e aniquila diante de Deus, detestando-as sem perder a paz interior. A vista das próprias misérias longe de desanimá-la e de inquietá-la, ou de lhe tirar a confiança em Deus, não faz mais do que excitá-la a reparar suas faltas por um desdobramento de zelo nas boas obras e na piedade. — A humildade perniciososa, ao contrário, é aquela que perturba a alma, enchendo-a de inquietação e de desânimo, e por isso a torna tão fraca que fica quase incapaz de fazer algum bem. — Eis o que diz Sta. Teresa sobre este ponto: “A verdadeira humildade, embora faça a alma conhecer a sua miséria e malícia,

não faz contudo perturbação nem inquietação ao coração, mas antes dá-lhe consolação. Causa-lhe aflição, é verdade, pelas ofensas feitas a Deus; mas, por outro lado, dilata o sentimento de confiança na sua misericórdia. Se a luz que a alma recebe, a confunde, a leva todavia a bem dizer a Deus por tê-la suportado tanto tempo. — Na outra sorte de humildade, que provém do demônio, a alma não tem luz para fazer bem algum, mas lhe parece que Deus quer levar tudo a ferro e fogo. Este artifício é um dos mais sutis que eu conheço do espírito maligno”¹⁵.

8. — A respeito dessas faltas, que a fraqueza humana é incapaz de evitar totalmente, S. Bernardo diz muito bem que tão culpável é a negligência, como repreensível é o temor demasiado¹⁶.

Devemos pois detestar semelhantes faltas, sem que elas nos façam perder a coragem; porque o Senhor as perdoa facilmente à alma que as aborrece. Aquele que cai por fragilidade levanta-se sem dificuldade. O justo cairá sete vezes e sempre se levantará¹⁷. S. Francisco de Sales assegura que as faltas cotidianas que se cometem sem deliberação, se apagam também sem se perceber. O mesmo se lê em S. Tomas que tem delas o perdão implicitamente, voltando-se para Deus com fervor¹⁸: isto é, pelos atos de virtude como amor a Deus, resignação, oferecimento, e outros, que uma alma devota costuma fazer.

O doutor angélico acrescenta que se obtém o mesmo efeito pelos sacramentais, como rezando o *Padre Nosso* ou o *Confiteor*, batendo no peito, recebendo a bênção do Bispo, tomando água benta, o-

rando em uma igreja consagrada; mas se perdoam sobretudo por meios dos sacramentos, e especialmente pela santa comunhão, que, segundo S. Bernardino de Senna, pode trazer a alma tanta devoção que fique purificada de todos os pecados veniais¹⁹.

9. — *Em segundo lugar, contra os pecados veniais deliberados, porém não habituais.*

Quando alguém tiver a desgraça de cair em algum pecado venial deliberado, porém rara vez, não se deve desanimar nem perturbar. Tenha o cuidado de reparar logo a sua falta pelo arrependimento e resolução de não tornar a cometê-lo. Se apesar disso tornar a cair, trate de renovar o arrependimento e o bom propósito, pondo sua confiança em Deus, que livra das quedas voluntárias os que assim procedem. Como dizia S. Filipe Nery, ninguém se faz santo num dia. Aquele que entra no caminho da perfeição e não o abandona, esteja certo que a conseguirá com o tempo. Deus permite, às vezes, que cometamos tais faltas, para que nos convençamos da nossa fraqueza e vejamos o abismo a que seríamos arrastados, se ele cessasse de nos sustentar. Assim, os pecados veniais, mesmo deliberados, mas que se não cometem senão raramente, não nos causam um grande dano, ou ao menos, não nos levam a perdição eterna.

Em terceiro lugar, contra os pecados veniais deliberados e habituais.

Os pecados veniais podem facilmente causar a nossa ruína, como acima temos observado, quando são deliberados e habituais, sobretudo se os cometemos por apego a alguma paixão, sem os detestar e

sem pensar em corrigi-los; porque tudo isto supõe o estado de tibieza, donde temos visto que é muito difícil se levantar. Todavia, se alguma religiosa se acha nesse infeliz estado, eis os meios de que deve lançar mão para daí sair:

10. — 1. Deve primeiramente ter um verdadeiro desejo de quebrar as cadeias que a prendem, e, se o não tiver, é preciso que ao menos peça a Deus que lho conceda, apoiando-se na promessa que fez de nos ouvir: *Pedi e recebeis*²⁰.

2. Esforce-se por conhecer seus defeitos, e particularmente, seu vício dominante, por exemplo: Se tem estima própria, se tem desejo de aparecer, se fala muitas vezes de sua dignidade ou em louvor próprio, se fica perturbada, quando sofre qualquer humilhação ou falta de atenção. Saiba, neste caso que o orgulho nela domina. — Será o amor próprio, quando se desconsola nas menores enfermidades, suporta mal tudo o que a molesta, procura ser bem nutrida, e não pode sofrer senão os pratos que lhe sabem ao paladar. Será a preguiça, quando pelo mais leve motivo, se dispensa da oração, da comunhão, do coro ou de outros exercícios.

11. — 3. Uma vez conhecido o vício dominante, deve tomar a firme resolução de vencê-lo a todo o custo, combatê-lo até aniquilá-lo ou desembaraçar-se dele²¹. Dizia Sta. Teresa que Nosso Senhor não exige de nós senão uma boa resolução, para fazer depois tudo por si mesmo²². E acrescentava que o demônio teme as almas resolutas. Donde se deve concluir que das que tem certos bons desejos, mas nun-

ca chegam à resolução, o demônio nada tem que temer.

Pelo contrário, assegura a Santa, Deus socorre generosamente a todas as almas mesmo as mais culpadas, que estão bem decididas a se dedicarem inteiramente ao seu amor. Tais são as resoluções que as religiosas devem tomar na oração. “Eu prefiro, dizia a mesma Santa, uma oração de curta duração que produza grandes efeitos, à uma oração de muitos anos em que a alma nunca resolve a se pôr em ação”²³. E, na verdade, para que serve a oração em que nos contentamos de sentir certos afetos piedosos, e de repetir, por hábito, certas preces genéricas, sem nunca nos resolvermos a acabar com os defeitos que, sabemos, nos embaraçam de chegar a perfeição?

12. — 4. Uma das resoluções mais necessárias é a de afastar as ocasiões que nos fazem cair. O demônio se ri de todas as nossas resoluções e de todas as nossas promessas, enquanto não fugimos das ocasiões.

Perguntaram uma vez ao demônio qual de todos os sermões mais lhe desagradava; e ele respondeu: “O que trata das ocasiões”. A religiosa deve pois examinar que ocasião dá lugar às suas faltas, por exemplo: se é uma familiaridade demasiada com tal pessoa do convento ou de fora; se é o lugar em que costumam estar; se é de tal troca de cartas ou de presente e outras coisas semelhantes. — Sta. Teresa diz que aquele que não se separa dos prazeres do mundo, pára depressa no caminho do Senhor. Pelo contrário, afirma ela, desde que se removem as ocasiões, a

alma volta-se logo para Deus. A este aviso a santa ajunta outro muito sábio, e é que as religiosas não devem comunicar suas tentações senão as pessoas que amam a perfeição, porque se as manifestam às imperfeitas, fazem mal a si mesmas e às outras.

13. — 5. A religiosa deve especialmente aplicar-se a fazer atos de virtude opostos às más inclinações que a atormentam mais e que fazem cair mais frequentemente, por exemplo: Quando se sente arrasada ao orgulho, deve particularmente propor-se e ter cuidado de se humilhar diante de todos e sofrer as humilhações que recebe; quando é inclinada à gula deve quanto possível evitar satisfazê-la; e assim em relação aos outros vícios. Sobre este ponto, Cassiano nos dá um conselho muito útil: e é nos representar na oração as ocasiões que podem ocorrer, como receber um ultraje ou sofrer uma injustiça: é preciso então tomar a resolução de se humilhar e resignar com a vontade de Deus²⁴. Este exercício, exceto em matéria de incontidência é muito próprio para dispor nossa alma a suportar as contrariedades que nos podem surpreender. É assim que os santos se acharam preparados para sofrer com paciência e com alegria todas as irrisões, todas as injúrias e todos os maus tratos que lhes foram prodigalizados.

14. — 6. É também muito útil fazer exame particular sobre o vício dominante, e nos impor alguma penitência cada vez que recaímos. Não cessemos de pelejar, até que o vejamos completamente dominado. Contando com o auxílio de Deus, repitamos com Davi: Perseguirei meus inimigos e os atacarei: não cessarei de combatê-los até derrotá-los completamen-

te²⁵. Entretanto, diz S. Bernardo, por maiores que sejam os progressos feitos na virtude, ninguém se engane, pensando que, enquanto viver neste corpo mortal, seus vícios estão mortos: podem ser reprimidos algum tempo, mas renascem sempre²⁶. Por isso Cassiano recomenda que estejamos continuamente atentos para impedir que o vício lance raízes em nosso coração; porque se o não tratarmos com rigor incessante, ele voltará e dominará com mais rigor e império do que dantes.

15. — 7. Sobretudo para chegar a vencer qualquer vício, é necessário desconfiar de nossas forças e cuidados e pôr toda a nossa confiança em Deus, dizendo com o real profeta: Não porei a minha esperança no meu arco, nem a minha espada bastará para me salvar²⁷. — Se contarmos com as nossas resoluções e com as nossas forças, breve estaremos perdidos. Cuidemos, pois sem cessar, de pedir o auxílio de Deus, repetindo continuamente: Senhor, tende piedade de mim! Meu Deus, assisti-me! — Deus prometeu dar aos que pedirem; e sair ao encontro dos que o procurarem²⁸. Eu, porém, repito: É preciso orar sempre e nunca deixar de orar²⁹. Quando cessarmos de orar, seremos vencidos. Pelo contrário, se perseverarmos em pedir os socorros da graça com verdadeiro desejo de obtê-los, ainda que não sejamos vencedores imediatamente, nem por isso deixaremos de alcançar a vitória final.

ORAÇÃO

Meu Jesus, não olheis para as ingratidões com que tenho pago os vossos benefícios; olhai somente para os vossos merecimentos e para os trabalhos que suportastes por mim desde o presépio até a cruz. Eu me arrependo do fundo do meu coração de todos os desgostos que vos tenho dado; e consagrando-vos toda a minha vida, proponho fazer daqui em diante tudo o que puder para vos obedecer e vos amar. Eu vos amo, ó meu Redentor, mas vos amo pouco; por vossa infinita bondade, aumentai em mim o vosso amor. Ouvi-me e dai-me a graça de continuar sempre a repetir a mesma prece. Ó amor da minha alma, quem me dera ter o coração sempre abrasado do vosso amor! Eu vos ofendi muito: para o futuro, vos quero amar muito, e não amar senão a vós, porque só vós sois digno de ser amado sobre todas as coisas. Eu vos quero amar unicamente porque mereceis todo o amor.

Ó Maria, minha Mãe e minha esperança, ajudai-me.

1. Tunc maxime insidiatur adversarius, quando videt nobis passiones aliquas generari; tunc fomites movet, laqueos parat. *Off. l. 1. c. 4.*

2. Diabolus non pugnat cito contra aliquem per grandia vitia, sed per parva ut possit quomodocumque intrare et dominare homini, ut postea in majora vitia eum impellat.

3. Nemo repente fit turpissimus. *Delam. n. 15.*

4. A minimis incipiunt, qui in maxima prorunt. *De Ord. Vit. c. 11.*

5. Ecce quantus ignis quam magnam silvam idcendit! *Jac. 3, 5.*

6. 1, 2, q. 78, a. 1.

7. *Ibid. q. 73, a. 10.*

8. Ruina quae de alto est, graviori casu colliditur. *De Dignit. c. 3.*

9. Posui te in monte sancto Dei... et peccasti; et ejeci te de monte Dei et perdidisti te. *Ezeq. 28, 14.*

10. Scio opera tua, quia neque frigidus es neque calidus. *Apoc. 3, 15.*

11. Utinam frigidus esses aut calidus! sed, quia tepidus es, et nec frigidus nec calidus, incipiam te evomere ex ore meo. *Ibid. 16.*

12. Tepor (qui a fervore deficit) in desperatione est. *Past p. 3, adm. 35.*

13. Quia tepidus es, incipiam te evomere.

14. Quae impossibilia sunt apud homines, possibilia sunt apud Deum. *Luc. 18, 27.*

15. *Vida c. 30.*

16. In huiusmodi quasi inevitabilibus (culpīs), et negligentia culpabilis est, et timor immoderatus. *In Coena Dom. s. 1.*

17. Septies enim cadet justus, et resurget. *Prov. 24, 16.*

18. Cum aliquis ferventer movetur in Deum. *P. 3. q. 87, a. 3.*

19. Contingere potest quod tanta devotione mens, per sumptionem Sacramenti in Domino absorbeatur, quod ab omnibus venialibus expurgetur. *De Chr. Dom. s. 12, a 2, c. 1.*

20. Petite et accipietis. *Joan. 16, 24.*

21. Percuties eas usque ad interneccionem. *Deut. 7. 2.*

22. *Fund. c. 38.*

23. *Vida c. 30.*

24. *Collat. 19, c. 16.*

25. Quantumlibet in hoc corpore manens profeceris, erras, si vitia putes emortua, et non magis suppressa. *In Cant. s. 58.*

26. Persequar inimicos meos et comprehendam illos; et non convertar, donec deficiant. *Ps. 17, 38.*

27. Non enim in arcu meo sperabo, et gladius meus non salvabit me. *Ps. 43, 7.*

28. Petite et dabifur vobis; quaerite et invenietis. *Luc. 11. 9.*

29. Oportet semper orare et non deficere. *Luc. 18, 1.*

CAPÍTULO VII

Da mortificação interior, ou da renúncia do amor próprio e da própria vontade e da obediência***I. Da necessidade de combater o amor próprio — Regras práticas***

1. — Há duas sortes de amor: um bom, e outro mau. O bom é o que nos leva a adquirir a vida eterna, para a qual Deus nos criou. O mau é o que procura os bens terrenos, com detrimento da nossa alma e com desagrado de Deus Nosso Senhor. Esses dois amores, disse Sto. Agostinho, edificaram duas cidades. A celeste é formada pelo amor de Deus elevado até o desprezo de nós mesmos; a cidade terrestre é formada pelo nosso amor próprio elevado até o desprezo de Deus¹. Dai esta palavra de Jesus Cristo: Se alguém quiser vir em meu seguimento, renuncie a si mesmo². A perfeição de uma alma consiste, de alguma sorte, nesta mesma abnegação, segundo o que escreve Sto. Agostinho: A caridade cresce a proporção que enfraquece a concupiscência, e quando esta fica inteiramente subjugada, o homem torna-se perfeito³. Isto é, quanto menos um deseja contentar suas paixões, tanto mais ama a Deus, e se nada deseja fora de Deus, então ama a Deus com perfeição. — Entretanto, no estado presente da natureza cor-

rompida pelo pecado, nos é impossível ficar inteiramente isentos dos ataques do amor próprio. Só Jesus Cristo entre os homens, e Maria Santíssima entre as mulheres foram dele imunes. Tiradas estas duas exceções, todos os santos tiveram que combater as más paixões. Deve ser, portanto, todo o cuidado da religiosa reprimir os movimentos desordenados do amor próprio. Nisto está, pois, segundo S. Agostinho, o objeto da mortificação interior⁴.

2. — É bem infeliz a alma que obedece às próprias inclinações! Nós temos por inimigos o demônio, o mundo e o amor próprio; mas o pior de todos é este último, também chamado inimigo doméstico, segundo escreve S. Bernardo⁵. — A gloriosa Sta. Maria Madalena de Pazzi dizia: “O amor próprio em nossa alma faz com o verme que rói as raízes da planta: pois a priva não só dos frutos mas também da vida”. Em outro lugar acrescentava: “O traidor que mais temos que temer, é o amor próprio, que nos trai com um ósculo, como Judas. Quem dele se desfaz, vence tudo. Quem não puder destruí-lo com um golpe, dê-lhe veneno”. É preciso pois orar sempre ao Senhor, como Salomão: Meu Deus não me abandoneis a mercê de minhas loucas paixões, que procuram destruir em mim o vosso santo temor e até a razão⁶.

3. — Nossa vida deve ser uma guerra sem tréguas⁷. Ora em presença do inimigo, é preciso ter sempre as armas nas mãos, para se defender, porque no dia em que deixar de combater, será vencido. É preciso advertir mais que, por maiores que sejam as vitórias que alcancemos das nossas paixões, nunca deveremos depor as armas, porque elas nunca

morrem, apesar de serem sempre derrotadas. São como as ervas maninhas, diz S. Bernardo, quando mais se cortam, mais germinam, e lançadas fora voltam de novo⁸. Fazendo-lhes guerra conseguiremos ao menos reduzi-las a nos atacar mais raras vezes e com menor violência, de modo que possamos vencê-las mais facilmente. — Um dia, veio um monge lamentar-se ao abade Teodoro de que lutava com suas paixões, havia oito anos e ainda não tinha podido extingui-las. O abade respondeu-lhe: Ó meu irmão, tu te queixas de uma guerra de oito anos! e eu que já tenho passado sessenta anos na solidão, e, em todo esse tempo, ainda não tive um dia, em que não fosse perturbado por alguma paixão⁹.

As paixões continuarão, pois, a molestar-nos; mas, diz S. Gregório, uma coisa é ver estas feras fora de nós e ouvir o seu rugido, outra é tê-las dentro de nós e sofrer que nos devorem¹⁰.

4. — O nosso coração é um jardim em que nascem sempre ervas selvagens e daninhas. É preciso por tanto ter continuamente na mão a enxadinha da santa mortificação para as arrancar fora. De outra sorte, nossa alma será logo um matagal de abrolhos e urtigas. — Vencei-vos a vós mesmos¹¹. Domai o amor próprio, quebrai a própria vontade, era a máxima que Sto. Inácio de Loyola tinha sempre na boca e tomava como assunto ordinário de suas conferências familiares aos seus religiosos. Dizia, ao invés que, entre as pessoas dadas à oração, poucas há que se santificam, porque são poucas as que se aplicam a vencer a si mesmas. Eis as suas palavras: “De cem pessoas de oração, mais de noventa não vencem a

própria cabeça”. Pelo que o santo preferia um ato de mortificação da própria vontade e muitas horas de oração cheias de consolações espirituais. — O abade Gilberto faz esta pergunta: Para que serve ter fechadas as portas da praça, se o inimigo interior, isto é, a fome, a todos aflige?¹²

Isto é: Para que serve mortificar os sentidos exteriores e fazer outros exercícios devotos, quando se conserva no coração alguma paixão, como o apego a própria vontade ou à estima de si mesmo, a ambição, o rancor ou outro inimigo semelhante, que põe tudo em ruína?

5. — No dizer de S. Francisco de Borgia, é a oração que introduz no coração o amor divino; mas é a mortificação que lhe prepara o lugar, tirando a terra que o impedia de aí entrar. É preciso extrair a terra que está no vaso que se quer encher de água; do contrário, vai-se à fonte e em vez de água traz-se lama. — Bem digna de reparo é a sentença do Padre Baltasar Alvares a este propósito: “A oração sem a mortificação é ilusória ou dura pouco”. — Segundo Sto. Inácio, uma alma mortificada se une mais a Deus em um quarto de hora de oração, do que outra em muitas horas. É por isso que, ouvindo louvar uma pessoa por se dar muito à oração, dizia: É sinal de que deve ser de grande mortificação.

6. — Há religiosas que fazem muitas devoções, muitas comunhões e muitas orações, com jejuns e outras penitências corporais; mas descuidam de reprimir certas paixõezinhas, por exemplo, certos ressentimentos, certas aversões, certas curiosidades e afeições perigosas: não sabem vencer-se para supor-

tar algumas contrariedades desapegar-se de certas pessoas, sujeitar-se à obediência e à vontade divina.

Que progressos poderão fazer na perfeição? Pobrezinhas serão sempre as mesmas cheias de defeitos e sempre desviadas do bom caminho, segundo a expressão de Sto. Agostinho: Correm bem, mas fora da estrada¹³. Correrão bem, ou, para dizer melhor, se ufanarão de correr bem, continuando a praticar seus exercícios de piedade, mas se acharão sempre fora da estrada da perfeição, que consiste em vencer-se a si mesmo. Tanto maior será o teu aproveitamento, escreve Tomas Kempis, quanto maior for a violência que fizeres para te vencer¹⁴.

Eu não censuro aqui as orações vocais, nem as penitências, nem outros exercícios espirituais; mas todos eles deverão ser dirigidos para alcançar vitória sobre as paixões, pois são meios conducentes para a prática da virtude. Pelo que, nas comunhões, meditações visitas ao Santíssimo Sacramento, e outras devoções devemos sempre pedir a Deus nos dê forças para sermos humildes, mortificados e conformados com sua santa vontade. Para todo cristão é defeito agir somente para própria satisfação, mas esta falta é muito maior em uma religiosa, que está obrigada de modo especial a buscar a perfeição e a mortificação. Escutemos o que diz Lactancio: Deus chama para vida eterna por meio da mortificação, o demônio ao contrário atrai para a morte eterna por meio das próprias satisfações¹⁵.

7. — Ainda as obras santas é necessário que as empreendemos com espírito desapegado; de modo que sendo frustradas as nossas intenções ou sendo

impedidos de realizá-las pela obediência, não fiquemos contrariados, mas as deixemos sem inquietação. Todo o apego à nós mesmos é obstáculo para a perfeita união com Deus. Tomemos, pois, a peito, com vontade resoluta, contrariar as nossas paixões e não nos deixemos arrastar por elas. Tanto a mortificação exterior como a interior são necessárias para a perfeição; mas com esta diferença, que a exterior deve ser exercida com discricção, e a interior sem limites e com fervor. Para que serve a mortificação do corpo, se não moderamos as paixões interiores? Para que serve, diz S. Jerônimo, extenuar-se com jejuns, e logo ficar cheio de soberba, não podendo tolerar uma palavrinha de desprezo ou a recusa de um pedido? Para que serve abster-se de vinho e ficar ébrio de cólera pela menor contrariedade ou falta de correspondência aos próprios sentimentos?¹⁶

Com razão, pois, se compadecia S. Bernardo do mau estado dos religiosos que se vestem humildemente no exterior, e nutrem no interior suas paixões. Em vez de se despojarem de seus vícios, dizia o santo, se cobrem com os sinais externos da penitência.

8. — Ao contrário, buscando mortificar o nosso amor próprio, em pouco tempo podemos nos santificar, sem perigo de fazer mal a saúde ou de encher-nos de soberba e vaidade, porque dos atos internos só Deus é testemunha. Sufocando ao nascer todos esses desejos vãos, essas afeições, discussões, curiosidades, ditos picantes etc., teremos ocasião de praticar muitos atos de virtude e de adquirir grande abundância de méritos diante de Deus. Quando sofrerdes alguma contradição, cedei de boa vontade, se

outra coisa não exigir a glória de Deus. Desse ponto de honra fazei um sacrifício a Jesus Cristo. Recebeis uma carta? Moderai a vossa ânsia de abri-la, e não o façais, senão depois de algum tempo. Na leitura, desejais saber o fim de uma narração que vos excita a curiosidade? Deixai-a para outra ocasião. Quando vos ocorrer o palpite de dizer uma graça, colher uma flor, olhar um objeto, privai-vos desta satisfação por amor de Jesus Cristo. Destes atos se podem fazer milhares, durante o dia. S. Leonardo de Porto Maurício refere que uma serva de Deus, tomando um ovo, praticou oito atos de mortificação, e logo lhe foi revelado que por eles lhe tinham sido concedidos oito graus de graça e outros tantos de glória. — Conta-se também de S. Dositheu que pelas mortificações interiores, chegou, em pouco tempo, à uma alta perfeição. Este moço, sendo enfermo, não podia jejuar nem praticar os outros exercícios da comunidade; pelo que os outros monges, vendo-o tão adiantado na união com Deus, ficaram admirados, e lhe perguntaram, um dia, qual o exercício de virtudes que ele fazia? Respondeu-lhes que o exercício a que mais se applicava, era a mortificação de todas as vontades próprias.

9. — Dizia S. José Calasans: O dia passado sem mortificação é um dia perdido. Assim para nos ensinar quanto nos é necessária a mortificação, Jesus Cristo quis levar uma vida toda mortificada, privada de todo alívio sensível e cheia de trabalhos e ignomias; pelo que Isaías chamou-lhe *homem das dores*¹⁷. O divino Salvador teria podido resgatar o mundo no meio das honras e delícias, mas preferiu fazê-

lo saturado de dores e desprezos. O gozo lhe foi proposto, mas, para nos dar exemplo, recusou-o e abraçou a cruz¹⁸. — Percorrei toda a vida de Jesus, diz S. Bernardo, e o achareis sempre vergado e oprimido sob o peso da cruz¹⁹. Nosso Senhor mesmo revelou a Sta. Catarina de Bolonha que desde o seio de Maria começou a padecer as dores da paixão. Ao nascer escolheu a estação, a hora e o lugar em que pudesse mais sofrer. Depois, abraçou um estado de vida paupérrimo, obscuro e desprezado. No fim, sujeitou-se à morte mais cruel, mais ignominiosa e mais desolada que pôde encontrar. — Sta. Catarina de Senna dizia que assim como a mãe carinhosa toma um remédio amargo para curar o filhinho enfermo que amamenta, assim Jesus Cristo quis sorver o cálix de todas as dores, durante toda a vida, para nos livrar dos nossos males.

10. Dai, nos faz saber que vai a montanha da mirra, isto é, das amarguras e dores²⁰. De lá nos convida a segui-lo, se quisermos estar em sua companhia. A religiosa, pois, que quiser abraçar o crucifixo deve vir já crucificada ou disposta para isso, segundo S. Pedro Damiano²¹. O Senhor mesmo, falando especialmente das virgens que lhe são consagradas, disse à bem-aventurada Batista Varano: “Um esposo crucificado quer que sua esposa seja crucificada”. Para serem suas verdadeiras esposas, é preciso, pois, que as religiosas viva sempre mortificadas e crucificadas: Trazendo sempre em seus corpos a mortificação de Jesus, como diz S. Paulo²².

Em uma palavra, em todas as suas ações e desejos nunca devem procurar as próprias satisfações,

mas unicamente agradar a Jesus Cristo mortificando-se em tudo por seu amor. Como escreve ainda o Apóstolo, os que pertencem a Jesus Cristo, crucificaram sua carne com seus vícios e concupiscências²³. As esposas do Redentor devem ter todas as suas paixões crucificadas. De outra sorte, nunca serão reconhecidas como suas esposas.

11. — Vamos agora a prática e vejamos que regras devemos seguir para chegar à verdadeira mortificação interior:

I. A primeira regra é conhecer a nossa paixão dominante, isto é, a que nos faz cair mais frequentemente em faltas, e tomar os meios para suplantá-la. Para vencer o demônio, nos ensina S. Gregório que devemos usar dos mesmos artifícios de que ele se serve para nos perder. Esforça-se o inimigo para inflamar sempre mais a paixão a que cada um é mais inclinado: assim também devemos procurar com mais denodo reprimir essa paixão. Quem prevalece da paixão dominante, facilmente subjugará todas as outras. Pelo contrário, deixando-se arrastar por ela, primeiramente, não poderá nunca progredir na perfeição. Para que serve a águia real ter grandes asas, pergunta Sto. Efrém, se tem os pés atados por uma cadeia e não pode voar²⁴.

Oh! quantas religiosas nos mosteiros que poderiam com a rapidez da águia real tomar vôo para Deus, e que retidas por qualquer apego terreno, não voam nem avançam sequer um passo no caminho da perfeição? S. João da Cruz afirma que um fio qualquer é suficiente para impedir uma alma de voar para Deus. Além disso, o que é pior, em vez de progredir na per-

feição, a religiosa que se deixa levar por uma ou outra paixão, se põe em grande risco de se perder. Logo, é necessário que busque antes de tudo domar a paixão a que se sente mais inclinada; aliás pouco lhe valerá mortificar-se em outras coisas. Tal religiosa, por exemplo, não é apegada ao dinheiro, mas é zelosa da estima própria: se não busca vencer-se nas humilhações que recebe, pouco lhe aproveitará o desprezo do dinheiro. Esta outra, pelo contrário, não zela da própria estima, mas é avarenta e desejava de possuir dinheiro; se não cuida em mortificar este desejo, pouco lhe adiantará sofrer o desprezo de si mesma.

12. — Tomai, pois, minhas irmãs, a resolução firme de combater com coragem a má inclinação que em vós mais predomina. Vontade resoluto, com o auxílio divino que nunca falta, vence tudo. S. Francisco de Sales era muito inclinado a ira, mas com a violência que fez, tornou-se o exemplo da mansidão e da doçura, como se lê na sua vida onde se referem tantos casos que lhe aconteceram, nos quais permitiu o Senhor que ele fosse cumulado de injúrias e de infâmias.

Quando houverdes subjogado uma paixão, passai logo a atacar outra, porque se na vossa alma restar uma só, essa será bastante para causar a vossa ruína. — Ainda quando tiverdes vencido todas as outras, dizia S. José Calasans, se houver uma só que reine em vós, essa vos impedirá de viver em paz. — E S. Cirilo de Jerusalém: Por mais sólido e bem acabado que seja um navio, desde que tenha um pequeno furo no flanco, está condenado a ir a pique²⁵. —

Pelo que acrescenta Sto. Agostinho: Quando derribardes uma paixão, calcai-a aos pés, e apressai-vos a combater a outra que resiste²⁶. — Se, pois, tendes desejo de ser santas, eu vos aconselho de pedir a vossa superiora e ao vosso diretor que vos guiem pelo caminho que melhor lhes parecer. Dizei-lhes que vos não poupem em coisa alguma, e contrariem em tudo as vossas vontades, sempre que julgarem útil para vosso adiantamento. — Vontade reta, vontade perfeita, escreve o grande servo de Deus Cardeal Petrucci. — Sta. Teresa conta que um de seus confessores se applicava sobretudo a contradizer os seus desejos; e depois diz que se foi o diretor mais útil à sua alma. Acrescenta que o demônio muitas vezes a tentou para abandoná-lo, mas sempre que se deixava levar pela sugestão, Deus a repreendia fortemente: Toda a vez que me resolvia a deixá-lo, escreve a santa, sentia dentro de mim uma repreensão que mais me molestava do que a que me dava o confessor²⁷.

13. — II. A segunda regra é ter cuidado de resistir às paixões e reprimi-las antes que tenham tomado forças porque uma vez fortificadas pelo mau hábito, será muito difícil vencê-las: assim nos ensina Sto. Agostinho²⁸. — Uma religiosa, por exemplo, sendo contrariada por sua companheira, sente-se tentada de lhe responder com azedume; ou então encontrando outra que lhe agrada, tem o desejo de olhá-la; evite ceder a esta primeira tentação, do contrário, diz Sto. Efrém, esta pequena chaga, se não é medicada depressa, torna-se uma úlcera incurável²⁹. É o que um monge antigo; como refere S. Dorotheu, fez com-

preender a um de seus discípulos de uma maneira engenhosa: Mandou-lhe arrancar um pequeno cipreste e o discípulo o fez sem custo. Disse-lhe depois que arrancasse outro muito maior, para o que lhe foi preciso empregar todas as forças. Finalmente, ordenou-lhe que arrancasse um de raízes profundas, e desta vez o jovem não pôde consegui-lo, por mais que se esforçasse. Depois disso, tornou o monge: Assim acontece com as nossas paixões, tanto é fácil desarraigá-las no princípio, quanto é difícil depois que estiverem fortalecidas pelo mau hábito³⁰. — E, de fato, é o que nos ensina a experiência. Por exemplo, uma religiosa, recebendo uma afronta sente logo em si um movimento de cólera. Se imediatamente apaga essa faísca, guardando silêncio e oferecendo algum dano, ganhará merecimentos com isto. Se, porém, adere a esse movimento, demora-se a refletir nele, e começa a externar seu ressentimento, eis a faísca, que não apagada a tempo causa um incêndio de ódio. — Uma outra sente nascer em seu coração certa afeiçãozinha para alguém; se dela se afasta logo no começo, esse sentimento desaparece; mas se o deixa dominar, torna-se depressa, um apego pecaminoso e mortal. É preciso pois evitar, com maior cuidado, alimentar feras que nos devorem.

14. III. A terceira regra é, como diz Cassiano, procurar que as nossas paixões mudem de objeto e assim de nocivas e viciosas se tornem proveitosas e santas³¹. Tal religiosa, por exemplo, é inclinada a amar as pessoas que a favorecem; mude de objeto, dirigindo seu amor para Deus que é infinitamente amável e a favoreceu mais do que todas as criaturas

do universo. — Outra é levada a se irritar contra os que a contrariam; volte a sua cólera contra os seus pecados que lhe causaram maiores males, do que os que lhe podem fazer todos os demônios do inferno. — Outra é ambiciosa das honras e bens temporais; tome por objeto de suas aspirações os bens e as honras celestes.

Mas para isso é preciso meditar freqüentemente sobre as verdades da fé, ler amiúde livros de piedade, entreter-se muitas vezes com as máximas eternas, e principalmente gravar no espírito certas sentenças fundamentais, por exemplo: *Nada é digno de amor, exceto Deus. — O pecado é o único mal que se deve odiar. — Tudo o que Deus quer, é bom. — Todas as coisas do mundo tem seu fim. — Mais vale colher uma palha por vontade de Deus, do que converter o mundo todo sem a sua vontade. — É preciso fazer aquilo que na hora da morte havemos de querer ter feito. — Devemos viver nesta terra, como se não houvesse senão Deus e nós.*

Quem tem a mente repleta destas máximas espirituais, é pouco molestado pelos objetos terrenos e sempre se acha mais forte para resistir às solicitações malignas. Assim fizeram os Santos, e, nas ocasiões difíceis, se achavam como insensíveis aos bens e males desta vida. Sobretudo, para se vencer a si mesmo e não se deixar dominar pelas próprias paixões, é preciso orar sempre e pedir a Deus o auxílio da sua graça. Quem ora, tudo obtém³². Peçamos especialmente a Deus nos dê o seu santo amor; pois a quem ama ao Senhor nada é difícil.

As considerações e as razões nos ajudam muito a praticar as virtudes, mas uma fagulha de amor de Deus nos vale mais do que mil considerações e mil raciocínios para fazer o que lhe agrada. Quem é movido pela força do raciocínio, faz as coisas com dificuldade e com violência; mas quem ama, diz Sto. Agostinho, não cansa em fazer o que agrada a pessoa amada³³.

ORAÇÃO

Meu Deus, depois de ter recebido tantos socorros da vossa graça, depois de tantas comunhões, tantos sermões, tantos bons exemplos de minhas irmãs, tantas luzes interiores, tantos convites da vossa parte, eu deveria estar agora toda abrasada de amor para convosco; todavia, eu me acho sempre imperfeita, e miserável como antes. Nada me tem faltado da vossa parte, mas tudo me tem sido inútil por minha culpa, pelos obstáculos que tenho posto a vossa graça, querendo seguir as minhas paixões. Ó Meu Jesus, eu vejo que por minha vida, longe de vos honrar, vos tenho ofendido, parecendo aos olhos dos outros uma esposa vossa tão apegada ao mundo e a si mesma. Vós me fizestes sair do mundo, e eu o tenho amado mais do que os seculares. Senhor, tende piedade de mim, não me abandoneis, porque eu quero emendar-me. Pesa-me do fundo do meu coração de todas as vezes que, para me satisfazer, vos causei desgosto a vós meu sumo bem. Quero começar a amar-vos de veras, e quero fazê-lo desde hoje. Há bastante tempo, tenho cansado a vossa paciência;

agora vos amo com toda a minha alma. Vós sois e sereis doravante o único objeto dos meus afetos. Quero deixar tudo e fazer tudo para vos agradar. Dizei-me o que exigis de mim e dai-me o vosso auxílio, que estou pronta para vos obedecer.

Não permitais que algum dia eu seja ingrata a tantas finezas de amor com que me tendes ligado e obrigado a amar-vos. Eu me ofereço para ser privada de todas as consolações terrenas e a sofrer todas as cruces que vos aprouver mandar-me. Disponde de mim segundo a vossa vontade. Quero e espero ser toda vossa e sempre vossa. Meu Jesus, eu vos quero só a vós e a mais nada.

Ó Maria, minha mãe, rogai a vosso Filho que me ouça, visto que vosso Filho nada vos nega.

II. Do desapego da própria vontade

1. — Às Religiosas que consagraram a Jesus Cristo sua vontade, nada é mais nocivo do que regular-se pela própria vontade e segundo as próprias inclinações. É por isso que todos os institutos religiosos se precataram contra a vontade própria, contra esta inimiga da vida espiritual, pelo voto de obediência.

Nem todos os homens da terra, nem todos os demônios do inferno nos poderiam separar de Deus, sem a nossa própria vontade. Fazei que os homens não tenham mais vontade própria, diz S. Bernardo, e não haverá mais inferno para eles³⁴. — É ela que destrói todas as virtudes, ensina S. Pedro Damiano³⁵.

— E Sto. Anselmo afirma que assim como a vontade de Deus é a fonte de todos os bens, assim a vontade do homem é a origem de todos os pecados³⁶. Que bom resultado poderá esperar aquele que se faz discípulo de um mestre privado de razão, como a própria vontade? É pensamento de S. Bernardo: Quem se toma a si mesmo por mestre, seguindo o que lhe dita seu amor próprio, se põe sob a direção de um louco³⁷.

Sto. Antão abade dizia que nosso amor próprio é como o vinho, que nos embriaga e não nos deixa mais conhecer o preço da virtude nem a hediondez dos vícios.

2. — O demônio, diz Sto. Agostinho, fez-se demônio pela própria vontade³⁹. E desta vontade própria se servem os demônios especialmente contra os religiosos para pervertê-los. — Refere Cassiano que o santo abade Achilles, sendo interrogado por seus discípulos com que armas os demônios combatem contra os religiosos, respondeu-lhes: Estes inimigos servem-se da soberba contra os grandes do mundo, da avareza contra os comerciantes, da intemperança contra os moços; mas contra os religiosos lançam mão das suas próprias vontades, como arma principal. Com esta lhes dão assalto e as mais das vezes os deitam por terra. — Dizia além disso o Abade Pastor, como narra Rufino: Quando fazemos as nossas vontades próprias, os demônios cessam de nos combater, porque elas se tornam demônios e piores do que todos os espíritos malignos⁴⁰. — O mesmo diz S. João Clímaco citado por Gerson⁴¹, falando dos religiosos: O religioso, que, em vez de obedecer, despre-

za a direção do superior, e quer seguir o próprio capricho, não tem necessidade de demônio que o tente, porque serve de demônio para si mesmo⁴².

3. — É por isso que o Espírito Santo nos admoesta: Não vos deixeis ir após os vossos desejos, nem sigais a própria vontade⁴³. Isto se dirige particularmente aos religiosos, que a Deus sacrificaram a própria vontade, prometendo obediência às regras e aos superiores. Como Deus deve ser o único objeto do seu amor, assim a obediência deve ser para eles o único meio de amar a Deus. O maior merecimento que pode ter a ação religiosa, é ser perfeita por obediência. A venerável Catarina de Cardona tinha deixado a corte do rei de Espanha e tinha se recolhido ao deserto em que viveu muitos anos mergulhada em penitências tais que só a sua narração causa horror.

Ora lê-se na sua vida que um dia viu um irmão carmelita descalço a levar um pesado feixe de lenha obrigado pela obediência. Conhecendo por luz divina que o religioso, já avançado em idade, se lamentava interiormente desse trabalho, disse-lhe para animá-lo: Leva, meu irmão, leva essa lenha com alegria, e sabe que esse ato de obediência te é mais meritório do que a mim todas as penitências que tenho feito. — Pelo contrário, o maior defeito que pode haver nas ações da religiosa, é fazê-las por vontade própria. Por isso, escreve Tritemio que o demônio nada odeia tanto como o exercício da obediência⁴⁴. — Dizia Sta. Teresa, falando da obediência: O demônio sabe que nisto está o remédio da nossa alma; e é por isso que faz todos os esforços para impedi-lo. — Em quanto S. Francisco de Sales formava o plano das regras da

Ordem da Visitação, alguém lhe advertiu que era bom fazê-las andar descalças. A isto replicou o Santo: Pretendeis começar pelos pés, e eu quero principiar pela cabeça. É também semelhante o que S. Filipe Nery não cessava de repetir aos seus penitentes: Toda a santidade consiste em quatro dedos de testa, isto é mortificar a própria vontade. — E S. Jerônimo escreveu: Dareis à virtude tudo o que houverdes tirado à própria vontade⁴⁵. Foi isto o que moveu tantos sacerdotes, mesmo párocos e bispos, embora fossem de vida exemplar no mundo, a se fazerem religiosos, para viverem sujeitos à obediência; estavam persuadidos que não podiam oferecer a Deus maior sacrifício que o da própria vontade, submetendo-a à obediência.

4. — Feliz a religiosa que puder dizer, na hora da morte, como o abade João: *Nunca fiz a minha vontade*.⁴⁶ — Sta. Maria Madalena de Pazzi dizia que o único meio de ter uma morte feliz é deixar-se guiar com simplicidade pelos superiores. — Dizia Cassiano que o fim principal que deve ter constantemente em mira a religiosa, é mortificar a própria vontade⁴⁷. — De sorte que aquela que não se propõe este fim, não o merece o nome de religiosa, mas é uma sacrílega.

E que maior sacrilégio pode haver do que dar a Deus a própria vontade e depois tornar a tomá-la? Assim fala S. Bernardo⁴⁸. — O Espírito Santo declarou por boca do profeta Samuel que é uma espécie de idolatria seguir a própria vontade, recusando submetê-la à obediência⁴⁹. — S. Gregório aplica estas palavras especialmente aos religiosos desobedientes, dizendo: Os religiosos que, confiados em si

mesmo, seguem os caprichos do seu amor próprio, rejeitando os conselhos dos superiores, cometem como que um pecado de idolatria, por que então adoram, por assim dizer, a própria vontade como seu Deus⁵⁰. — Por isso, S. Basílio ordenou que os monges apegados à própria vontade fossem separados da comunidade, como leprosos, porque, pelo seu mau exemplo, inficionavam os outros⁵¹.

5. — Dizia Sta. Coletta que vale mais renunciar a própria vontade, do que abandonar todas as riquezas do mundo. É preciso notar-se que isto se entende não só nas coisas defeituosas e indiferentes, mas até nos exercícios que tem aparência de virtude, como as penitências, a oração, as esmolas e coisas semelhantes, quando se praticam contra a obediência. Cassiano chega a dizer que desobedecer aos superiores para fazer coisas santas, por vontade própria, é, de ordinário, mais prejudicial, porque as ações viciosas feitas sob a aparência de virtude se corrigem mais difficilmente⁵². — As religiosas que pretendem santificar-se segundo a própria cabeça são precisamente aquelas almas de que fala Isaías, que, no dia do juízo, dirão a Jesus Cristo: Senhor, nós temos feito jejuns e penitências, e vós os não tomais em consideração?⁵³ E lhes será respondido que tais obras não merecem recompensa porque não foram feitas para cumprir a vontade de Deus, mas para satisfação do próprio capricho: Oh! como é perniciosa a própria vontade, diz S. Bernardo, pois faz que as obras mais belas, praticadas contra a obediência, tornem-se más e defeituosas⁵⁴. Ao contrário, a melhor prova que a ação da religiosa é agradável a Deus, é ter sido feita

por obediência. Bem extraordinária e bem penitente era a vida que levava S. Simeão Estelita, noite e dia, em cima de uma coluna ao ar livre. Ora, como refere Niceforo, quiseram os superiores examinar se essa vida era agradável a Deus; e que prova lançaram mão? Mandaram intimar o Santo a descer da coluna e vir logo habitar no meio dos outros monges. Apenas ouviu o preceito, imediatamente estende o pé para descer; mas então lhe disseram: Fica, padre; nós já vemos que é vontade de Deus que perseveres neste gênero de penitência. — Ainda as coisas santas devemos querê-las sem apego da vontade própria. Dizia S. Francisco de Sales: Eu quero poucas coisas, e a estas quero muito pouco⁵⁵. Queria dizer que as queria somente para agradar a Deus, e não por amor próprio, estando pronto para deixá-las logo que soubesse que não fossem conformes a sua divina vontade.

6. — Oh! que doce paz não goza a religiosa que não quer outras coisas que as prescritas pela obediência! S. Dositheu, tendo consagrado à obediência toda a sua vontade, gozava de paz contínua; mas temendo houvesse nisso algum engano do demônio, perguntou um dia a seu mestre S. Doroteu: dizei-me, Padre, porque pensais que encontro tanta satisfação na vida que levo, a ponto de não desejar outra coisa nesta terra? — Filho, replicou o mestre, a paz de que gozas, é fruto da obediência⁵⁶. — E que maior contentamento pode ter a religiosa que ama a Deus, que saber com certeza que faz a vontade de Deus em todas as suas ações? Com razão pode chamar-se bem-aventurada e dizer com o profeta: Somos feli-

zes, ó Israel, porque a obediência nos manifesta as coisas que agradam a Deus⁵⁷. — Santa Maria Madalena de Pazzi dizia: Oh! que doçura encerram estas palavras: *Vontade de Deus!* E S. Lourenço Justiniano escreveu: Quem se despojou da própria vontade desembaraçou-se de um fardo insuportável⁵⁸. — E S. Pedro Damiano: Que maior tirano pode haver para uma religiosa, que a vontade própria que a domina?⁵⁹ Pois, no convento, não poderá ter muitas coisas que deseje; e, por isso, a infeliz viverá quase sempre inquieta e mal satisfeita, e padecerá muitas vezes, no seu interior, uma espécie de inferno. — Diz Sto. Eucherio: De que serve à religiosa estar em um mosteiro solitário, tranqüilo e silencioso, se as paixões se agitam e tremejam no seu coração? Que lhe aproveita estar calma no exterior, quando no interior há tempestade?⁶⁰.

7. — E donde nascem nossas inquietações, pergunta por seu turno S. Bernardo, senão de estarmos aplicados a satisfazer a própria vontade?⁶¹ — Refere Cassiano que os padres antigos diziam comumente que não pode perseverar no mosteiro o religioso que não sabe vencer a própria vontade⁶². — Ao menos penso eu, nele não pode perseverar com aproveitamento a paz. O apego a própria vontade é a causa única de muitas religiosas levarem uma vida infeliz. Esta religiosa vive inquieta porque não pode ter um confessor e uma superiora a seu jeito. — Aquela porque não lhe dão o ofício que lhe agrada, tanto faz e grita que afinal a superiora, para não mais ouvi-la, a contenta; mas nem por isso encontra a paz. E como quer achar paz, se em vez de obedecer, faz que a

superiora lhe obedeça? — Aquela outra se inquieta, ao contrário, porque lhe dão um ofício que não queria. — Outra, porque lhe proíbem certas relações e correspondência. — Outra, porque recebeu alguma ordem que lhe repugna, e por isso se rebela e procura sublevar os seus parentes e até a comunidade, contra os superiores, causando tumultos e escândalo imenso.

Esta última falta mereceria o castigo que tiveram dois religiosos de que fala Surio, os quais não quiseram receber como abade um santo monge chamado Felisberto. Por isso um foi ferido de raio e o outro teve as entranhas arrancadas⁶³. — Diz S. Bernardo: Vivei em paz com os vossos superiores. Não murmureis deles, nem presteis atenção às maledicências das outras, porque Deus de um modo especial castiga este vício nos súditos, ainda nesta vida⁶⁴. S. Gregório acrescenta: Ainda quando seus atos vos pareçam dignos de censura, não murmureis dos superiores⁶⁵. — Não quero que murmureis dos deuses, disse o Senhor, isto é dos superiores que ocupam o meu lugar na terra⁶⁶.

8. Mas ouçamos o que Sta. Maria Madalena de Pazzi, arrebatada em êxtase, fala das assolações feitas pelo amor próprio em muitas religiosas: Eu vejo, diz a Santa, uma multidão de almas, das quais distingo uma que, no momento de unir-se a vós, meu doce Jesus, se recolhe em si mesma; mas não passa talvez uma hora sem ficar toda irritada, apenas encontra qualquer oposição à própria vontade. Percebe uma outra que, ao assistir a Santa Missa, abraça-se do amor divino; mas se lhe descobrem algum defeito

a que está sujeita, o não querer admitir; e ei-la toda cheia de orgulho e de amor próprio. Encontro uma terceira que na austeridade da vida parece querer rivalizar com Sto. Antão; mas se a obediência lhe veda esta austeridade, torna-se pertinaz e não quer submeter-se. Uma quarta se mortifica no refeitório, mas se deleita nesta penitência, e se compraz de ser tida por mais santa do que as outras: quando com ela se usa de discricção, parece-lhe que se cai em excesso; e quando lhe falta alguma coisa, supõe que não se usa de discricção. — Uma quinta, no locutório, faz alarde de tantos conhecimentos, que parece querer mesmo ultrapassar a sabedoria de Sto. Agostinho. De mais, usa certa prudência no falar para desse modo dar a conhecer a sua perfeição etc. — Uma sexta, quando se trata de exercer a caridade, está pronta a deixar todos os seus cômodos para servir ao próximo; mas, terminado o trabalho, quereria que todos lhe agradecessem e a elogiassem”. O Senhor falando dessas religiosas disse em outra ocasião à mesma Santa: Querem o meu espírito, mas do modo que lhes apraz e quando bem lhes parece; e, por isso, tornam-se inábeis para recebê-lo⁶⁷.

9. — Mas voltemos a nós mesmos. Quanto a vós, minhas boas irmãs, se quereis ser santas e gozar continua paz, procurai contrariar vossas vontades, todas as vezes que puderdes, e observai a regra seguida pelas religiosas que amam a perfeição; nada façais para vossa própria satisfação; mas em todas as vossas ações, tende em mira agradar a Deus, e para isso renunciad todos os vãos desejos e todas as vossas inclinações. Os mundanos tudo fazem pa-

ra satisfazer o próprio apetite, mas os santos enviam todos os esforços para mortificar a própria vontade e buscam ocasiões para isso.

Sto. André Avelino fez voto formal de resistir continuamente à própria vontade, como se lê no ofício da sua festa⁶⁸. — Vós ao menos fixai um certo número de abnegações da própria vontade para cada dia. Repeti muitas vezes as palavras que S. Bernardo se dizia a si mesmo para se afervorar no espírito: Bernardo, que vieste aqui fazer?⁶⁹ Dizei: Que vim eu fazer neste convento? Satisfazer a minha vontade? Absolutamente não. Se eu pretendesse viver a meu modo, teria ficado no século. Entrando no estado religioso, dei a minha vontade a Deus, com o voto de obediência. Porque, pois agora pretendo eu fazer o que quero, e me inquieto porque não me concedem o que desejo? — Consolai, pois interiormente, quando os superiores rejeitarem os vossos pedidos e ordenarem coisas que repugnam ao vosso amor próprio; e sabeis que, conformando-vos com a obediência, lucrareis então muito mais do que fazendo muitas penitências e devoções, a vossa escolha. Dizia um servo de Deus: Mais vale um ato de abnegação da própria vontade, do que fundar mil hospitais. — Conservai diante dos olhos o aviso que o venerável Padre Antônio Torres, piedoso operário, enviou por escrito a uma religiosa sua penitente: Uma alma que se deu inteiramente a Deus, vive sem amar, sem querer, sem buscar e sem desejar coisa alguma deste mundo.

10. — Quero terminar este capítulo pelas palavras que o mencionado Padre Torres escreveu a ou-

tra religiosa, com intuito de desapegá-la de si mesma e de toda a criatura, para amar somente a Deus: Visto que o senhor vos dá essas belas ocasiões de sofrimento e de abandono, esforçai-vos para aumentar o vosso amor para com ele, de modo que seja forte como a morte; seja forte a ponto de vos desapegar de toda criatura, de todo o respeito humano, de tudo o que é estimado no mundo, de vossas inclinações, de vós mesmo; a fim de que nada haja que vos impeça de viver inteiramente unida ao bem amado, por vossos pensamentos, desejos e afetos. Para o bem amado sejam os suspiros do coração, os afetos da vontade e todos os vossos pensamentos. Se a mão trabalhar, o pé der um passo, tudo seja para ele e por ele... Para obter este amor ao bem amado, quero que todos os dias renunciéis diante do crucifixo tudo o que puder atrair os vossos afetos, as honras, riquezas, comodidades, consolações e parentes. Protestai-lhe não querer outra honra que as suas ignomínias, outra riqueza que a sua caridade, outra comodidade que a sua cruz, outro objeto que ele só, esposo predileto e caro. Quero que, ao passear no jardim, ou contemplar o céu, griteis freqüentemente com o coração, convidando todas as criaturas a amarem ao bem amado. Desejo que envieis aquelas conversas que vos não inspiram doce afeto ao bem amado; não exerciteis aquele emprego que lhe não pode ser agradável; não façais aquela ação que não pode redundar em glória do esposo etc.

ORAÇÃO

Ó meu Deus, meu Senhor e esposo de minha alma, vós me amastes tanto e me destes a vontade para amar-vos: e eu, entretanto, me tenho servido desta vontade para vos ofender e desgostar tantas vezes! Se não soubesse que sois um Deus de misericórdia infinita, eu perderia a esperança de recobrar a vossa graça que tenho perdido miseravelmente. Por minhas ingratidões, mereci ser de vós abandonado há muito tempo; mas vejo que vossa luz me esclarece ainda, ouço que me convidais sempre para o vosso amor. Eis-me aqui Senhor. Quero deixar de ser ingrata, não quero resistir mais, a vós me entrego. Recebei esta alma infiel, que, durante tantos anos, não fez outra coisa que desprezar o vosso amor; mas que agora não deseja mais do que amar-vos e ser toda vossa. Ajudai-me, meu Jesus; dai-me tal dor de meus pecados, que eu seja incapaz de outro sentimento que do arrependimento e horror de ter ultrajado a um Deus tão amável e tão bom como vós sois. Pobre de mim, se com as luzes que me dais agora, eu começasse de novo a vos trair! Como poderíeis vós me suportar ainda? Este temor me aflige: eu posso ainda vos ofender! Ah! não o permitais, Senhor, não me deixeis cair nesta desgraça! Enviai-me todos os castigos, mas não este. Se conheceis que eu de novo vos voltarei as costas, fazei-me morrer nesta hora em que espero estar na vossa graça. Que me aproveitará viver mais tempo, se for para continuar a vos ofender? Não, meu Deus, eu vos amo e espero amar-vos sempre.

Maria, minha esperança, alcançai-me ou a perseverança ou a morte.

III. Do mérito da obediência

1. — A virtude mais amada da religiosa deve ser a obediência, porque, segundo S. Boaventura, toda a perfeição do estado religioso consiste na abnegação da vontade própria⁷⁰. De todos os sacrifícios que uma alma pode oferecer a Deus, nenhum é mais excelente que a obediência às regras e às ordens dos superiores; porque assim como a coisa que mais estimamos é a liberdade da nossa vontade, no dizer do doutor angélico⁷¹; assim também a consagração da própria vontade é o dom mais agradável que podemos fazer a Deus. — A obediência vale mais do que as vítimas, diz o Espírito Santo⁷²; e Deus prefere a obediência a todos os sacrifícios que lhe podemos oferecer. — Aquele que sacrifica a Deus seus bens, distribuindo-os em esmolas; sua honra, abraçando os desprezos; seu corpo, mortificando-se com jejuns e penitências, dá-lhe uma parte de si mesmo; mas aquele que lhe sacrifica a própria vontade, submetendo-a à obediência, dá-lhe tudo quanto possui; e então pode dizer-lhe: Senhor, depois que vos dei minha vontade, nada mais tenho para vos oferecer. — De mais, S. Gregório observa que, pelas outras virtudes, damos a Deus as coisas que nos pertencem, ao passo que, pela obediência, chegamos a dar-lhe todo o nosso ser sem reserva⁷³. E acrescenta o mesmo santo doutor que a obediência traz consigo e guarda na alma todas as outras virtudes⁷⁴. Sta. Teresa diz: Deus não exige senão uma coisa da alma resolvida a

amá-lo, e é que obedeça... O demônio sabe que nisto consiste o bem da nossa alma e é por isso que faz tantos esforços para por-lhe obstáculos⁷⁵.

2. — Dizia o Padre Sertório Caputo que a obediência encerra em si também o mérito do martírio, porque assim como pelo martírio sacrifica-se a cabeça, assim pela obediência, sacrifica-se a Deus a própria vontade, que é a cabeça da alma. — Por isso, diz o Sábio que o homem obediente triunfará de todos os ataques de seus inimigos⁷⁶. — Sim, diz S. Gregório, é justo que aqueles que obedecem, vençam todas as tentações do inferno; porque, sujeitando a outros sua vontade pela obediência, tornam-se superiores aos demônios que decaíram e se condenaram por sua desobediência⁷⁷. — Cassiano acrescenta que aquele que mortifica a sua vontade, chegará a destruir em si mesmo todos os vícios, porque estes nascem da própria vontade⁷⁸. — A quem renuncia a própria vontade, Deus promete levantá-lo da terra e torná-lo semelhante aos espíritos celestes⁷⁹. — E acrescenta S. Lourenço Justiniano que aquele que sacrifica a Deus sua vontade, entrará na sua amizade e dele alcançará quanto pedir⁸⁰.

3. — Escreve Sto. Agostinho que, sendo a desobediência a causa da perda de Adão e de todo o gênero humano, o fim principal que se propôs o Filho de Deus, fazendo-se homem, foi ensinar-nos a obediência com seu exemplo. É por isso que Jesus Cristo começou por obedecer a SS. Virgem e a S. José desde sua infância, continuou a fazê-lo durante toda a sua vida, e obedeceu em fim até morrer ignominiosamente sobre a cruz⁸¹. — Há muitos, nota S. Ber-

nardo, que fazem esforços e se cansam para sacudir o jugo da obediência; mas nosso Redentor não fez assim: preferiu dar a sua vida, para não perder a obediência⁸². Pelo que a Mãe de Deus revelou a uma de suas servas que Jesus Cristo morreu com uma estima especial para as almas obedientes.

4. O venerável João de Leonardis, fundador dos Clérigos Regulares da Madre de Deus, instado por seus discípulos para que lhes desse regras por escrito, tomou uma folha de papel e escreveu só esta palavra: *Obediência*, querendo com isto significar o mesmo que dizia o padre Sertório Caputo, isto é, que, na religião, obediência e santidade são uma e a mesma coisa, e que ser obediente é o mesmo que ser santo. — Ensina S. Tomas que o voto de obediência é o que propriamente constitui o religioso⁸³. Seguindo esta doutrina, Sta. Teresa dizia que a religiosa desobediente não merece o nome de religiosa⁸⁴. Para que serve uma freira que não sabe obedecer? Há muitas que conhecem as belas letras, a poesia, as línguas, a história, mas pouco sabem obedecer. A religiosa que não sabe obedecer, nada sabe.

5. Sta. Teresa, em outro lugar, dizia que a obediência é o caminho mais curto para chegar a perfeição⁸⁵. — Lê-se nas *Vidas dos Padres*, que um deles viu um dia duas ordens de bem-aventurados no céu: uma composta daqueles que, deixando o mundo, tinham vivido no deserto na prática de orações e penitências contínuas; outra daqueles que, por amor de Jesus Cristo, se tinham submetido à obediência, sujeitando-se à autoridade dos superiores.

Viu depois que estes gozavam de maior glória do que aqueles, porque os eremitas, embora houvessem agradado a Deus com os seus exercícios de piedade, todavia tinham feito sempre a própria vontade; ao passo que os cenobitas, sujeitando-se à obediência, tinham dado a Deus também a sua vontade, oferecendo-lhe com isto o mais agradável sacrifício⁸⁶. — S. Dorotheu refere igualmente de seu discípulo S. Dositheu, que, sendo de saúde demasiadamente delicada para seguir com os outros monges os exercícios da comunidade, se dedicou inteiramente à obediência, esbulhando-se completamente da vontade própria. Morreu dentro do espaço de cinco anos. Depois de sua morte, revelou-lhe Deus que o santo jovem tinha obtido no céu uma recompensa igual à de S. Paulo Eremita e de Sto. Antão abade. Estando os monges maravilhados de como teria podido Dositheu merecer tamanha glória, sem nem sequer fazer o que os outros praticavam, o Senhor lhes fez saber que recebera esse galardão pela sua obediência. — Escreve S. Jerônimo: Há maior mérito diante de Deus em comer por obediência, do que em jejuar por vontade própria⁸⁷. — Maria Santíssima revelou a mesma coisa à Sta. Brígida. Como a santa temia decair do seu fervor, porque seu confessor lhe tinha proibido suas penitências costumadas, a Mãe de Deus a animou a obedecer sem temor, e lhe disse que aqueles que fazem penitência, têm uma só recompensa; mas quem deixa de se mortificar por obediência, recebe duas; uma pela penitência que desejava fazer e outra pelo seu ato de obediência⁸⁸.

Dizia S. José Calasans que uma religiosa obediente é a pedra preciosa do mosteiro. Oh! se todas as religiosas fossem tais, todos os conventos seriam outros tantos paraísos de Jesus Cristo! De mais, a religiosa pronta na obediência ganha merecimentos imensos, em todas as ações porque em tudo cumpre a vontade de Deus no que consiste certamente todo o nosso merecimento. A grande vantagem que nos traz o estado religioso é habilitar-nos para adquirir tesouros inestimáveis e eternos em tudo o que fazemos por obediência. Ainda as coisas do nosso gosto, quando as fazemos por obediência, nos fazem alcançar grandes merecimentos. — S. Luiz Gonzaga comparava a vida religiosa a um navio de vela em que se viaja e vai adiante mesmo sem fazer nenhum movimento. Com efeito, a religiosa merece não só quando jejua, reza o ofício ou está em oração, mas ainda quando repousa ou deixa de trabalhar, quando come ou espairose; porque, fazendo tudo por obediência, executa sempre a vontade de Deus; Oh! quanto vale qualquer ação feita para obedecer a vontade dos superiores!

7. Se quereis, pois, caríssimas irmãs, ser santas e em pouco tempo, dedicai-vos, de hoje em diante, inteiramente à obediência, despojando-vos da vontade própria e procurando fazer tudo para obedecer as vossas regras e as vossas superiores nos exercícios exteriores e ao vosso diretor espiritual nos interiores. — A diferença entre as religiosas perfeitas e as imperfeitas é que estas nada praticam com alegria a não ser o que é da própria vontade e satisfação. Querem exercer os ofícios do convento, porque pen-

sam que lhes seria pouco honroso ficar sem ofício; mas não querem senão aqueles em que encontram o próprio cômodo e satisfação. E assim procedem nas outras coisas. Em uma palavra, querem ser santas a seu modo, seguindo os caprichos do seu amor próprio. Mas como afirmava S. José Calasans: Quem procura o seu próprio cômodo no serviço de Deus, não serve a Deus, porém a si mesmo. — Pelo contrário as religiosas amantes da perfeição não procedem assim: elas não recusam coisa alguma do que lhes impõe a obediência, e nada querem senão o que esta lhes prescreve. — Fazei assim também vós e depressa conseguireis ser santas. Tudo o que tiverdes de fazer, procurai fazê-lo por obediência e andareis sempre em caminho seguro. Os negociantes fazem assegurar suas mercadorias, para que seus lucros sejam certos. Assim vós, para ter certeza de ganhar os bens eternos, procurai assegurar todas as vossas obras submetendo-as à obediência e a discricção dos vossos superiores. De outra parte, vossas ações correrão sempre o risco de serem nocivas ou ao menos inúteis para vosso aproveitamento. — Sto. Anselmo, monge beneditino, sendo eleito arcebispo de Cantuária e não tendo ninguém acima dele conseguiu do Papa lhe designasse o seu capelão como superior a quem prestasse obediência; e desta arte regulou a sua vida sem perder os méritos desta excelente virtude, nada fazendo sem seu consentimento. — Isto com maioria de razão deve convir às religiosas que consagrara sua vontade à obediência.

ORAÇÃO

Ó meu Jesus, para me salvar, vos fizestes obediente até a morte e morte de cruz; e eu ingrata, para me não privar de algumas miseráveis e vis satisfações, tantas vezes vos tenho desrespeitado e desobedecido. Senhor, atendei-me e não me abandoneis ainda. Eu me arrependo de todo o meu coração dos desgostos que vos tenho dado. Reconheço que tenho apoquentado demais a vossa paciência e não mereço misericórdia; mas vejo que me tendes suportado até agora, afim de que me convertesse um dia e me entregasse toda a vós. Espero que este dia feliz chegou enfim para mim. Ouço a vossa voz que me convida a vos amar, e não quero resistir mais. Eis-me aqui a vossos pés; não me rejeiteis. Dizei-me o que devo fazer para vos agradar, que tudo quero executar. Eu vos prometo de hoje em diante não recalcitrar mais à obediência a meus superiores. Eu vos amo ó meu Jesus; e por isso quero fazer todos os esforços, para vos agradar. Dai-me o vosso auxílio para cumprir esta resolução. Arrastai-me e estreitai-me cada vez mais ao vosso amor. — Padre eterno, eu vos ofereço a paixão de vosso Filho, e por ela vos peço me concedais todas as graças de que tenho necessidade para me tornar santa, como quereis que eu seja.

Ó Maria, minha mãe e minha esperança, rogai por mim a vosso divino Filho, para que eu não me pertença mais a mim, mas seja dele, toda dele e sempre dele.

IV. Da obediência aos superiores

1. O meio principal e mais eficaz para obedecer aos superiores com muito mérito, e como se deve, é cada qual se persuadir bem que lhes obedecendo, obedece a Deus mesmo, e que desprezando sua autoridade despreza o mesmo divino Mestre, que disse, dirigindo-se aos superiores: quem vos ouve, a mim ouve; e quem vos despreza, a mim despreza⁸⁹. — É por isso que o Apóstolo S. Paulo recomendava a seus discípulos obedecessem, não procurando agradar aos homens, mas como verdadeiros servos de Jesus Cristo, que fazem de boamente a vontade de Deus⁹⁰. — Assim quando uma religiosa recebe alguma ordem do prelado, ou da superiora, ou do confessor, não a deve executar somente para agradar aos homens, mas principalmente para satisfazer a Deus, que por esse meio lhe manifesta sua vontade. E até, neste caso, deve estar mais segura de fazer a vontade de Deus, do que se um anjo tivesse vindo do céu para instruí-la. Assim, S. Paulo escrevia aos Gálatas, que, embora viesse um anjo do céu a dizer-lhes coisas contrárias as que lhe tinha ensinado, não aceitassem⁹¹.

2. — Diz S. Bernardo que Deus, para nosso proveito e segurança, se digna tornar os superiores iguais a si mesmo, e considera como dirigidos a ele o respeito e o desprezo testemunhados àqueles⁹². — Assim, pois, irmãs caríssimas, tende sempre diante dos olhos esta grande verdade, que, obedecendo aos superiores, obedeceis a Deus mesmo. Dizei-me: se

Jesus Cristo viesse em pessoa e vos impusesse algum ofício ou trabalho particular, teríeis coragem de vos escusar e resistir às suas ordens, ou mesmo tardaríeis a executá-las? Pois bem! acrescenta S. Bernardo: Quer vos mande Deus por si mesmo, quer o faça por quem está em seu lugar, deveis de certo executar seus preceitos com igual diligência⁹³. A este propósito, refere S. João Clímaco que, em certo mosteiro, estando à mesa, o superior chamou um monge velho de oitenta anos, e, para exemplo dos outros, fê-lo ficar em pé, durante duas horas inteiras. Interrogado como pudera suportar aquela penitência o velho respondeu: Eu me afigurei estar diante de Jesus Cristo e que ele me impunha semelhante humilhação, e assim não tive o menor pensamento de desobedecer⁹⁴.

3. — Para aumentar os nossos merecimentos, o Senhor quer que na vida presente sejamos, em todas as nossas ações, guiados pela fé. E por isso que em vez de nos falar diretamente por si mesmo nos manifesta sua vontade por intermédio dos superiores. Quando Jesus Cristo apareceu a S. Paulo no caminho de Damasco e o converteu, podia dizer-lhe o que dele exigia; mas somente lhe fez ouvir estas palavras: Entra na cidade e lá encontrarás Ananias que te dirá o que tens de fazer⁹⁵. — Por isso, dizia S. Frei Gil que obedecendo aos homens por amor de Deus, merecemos mais do que obedecendo ao próprio Deus, se nos falasse diretamente.

Além disso, obedecendo aos superiores, estamos mais certos de fazer a vontade de Deus, do que se Jesus Cristo nos aparecesse e nos falasse por si

mesmo; porque então não estaremos certos se é o mesmo Jesus Cristo que nos fala, ou algum espírito maligno revestido de seus exteriores para nos enganar; ao passo que falando-nos os superiores, temos certeza de que, obedecendo-lhes, obedecemos a Jesus Cristo, que diz: Quem vos ouve a mim ouve⁹⁶. Ainda quando é duvidoso se é boa ou má a obra prescrita pela obediência, dizem comumente os teólogos e mestres da vida espiritual que a religiosa deve obedecer, tendo certeza de não pecar e de com isso agradar a Deus. Lá diz S. Bernardo, apoiando-se na regra de S. Bento: Aquilo que é mandado pelo homem que ocupa o lugar de Deus, deve ser tido como ordenado por nosso Senhor mesmo⁹⁷.

4. — Pelo que, no dia do juízo, os religiosos só serão condenados pelas suas desobediências; pois, como dizia S. Filipe Neri, estarão tranquilos e seguros de não terem que prestar contas das ações feitas por obediência: por estas só serão responsáveis os superiores que as houverem ordenado⁹⁸. — É justamente o que o Senhor, falando especialmente das religiosas, disse a Sta. Catarina de Senna: A religiosa não é obrigada a prestar-me contas daquilo que fez por obediência; estas eu exigirei somente dos superiores. Por quanto disse o Apóstolo: Obedeci aos vossos superiores, e sêde-lhes submissos; porque velam sobre vós, como sendo obrigados a dar contas de vossas almas⁹⁹. De sorte que, ó esposas do Senhor, não vos deveis inquietar, quando, na hora da morte, fordes interrogadas por Jesus Cristo: Porque deixastes de fazer maiores penitências? Porque não vos aplicastes mais a oração? Porque praticastes aquela

ação? Se nestas coisas houverdes agido por obediência, podeis responder livremente: Assim praticamos, porque assim nos haveis ordenado, quando dissestes que obedecendo aos superiores, à vós obedeceremos. Não nos pergunteis, pois, porque assim procedemos; interrogai aos superiores que nos deram tais prescrições.

5. — Mas é preciso notar aqui as palavras que S. Paulo acrescenta às acima citadas: Obedecei de maneira que os superiores cumpram o seu dever com alegria e não gemendo¹⁰⁰. — Isto quer dizer que a religiosa deve obedecer prontamente, sem replicar, sem molestar nem fazer gemer os superiores. Oh! como gemem os superiores, quando seus subordinados se escusam de obedecer por qualquer pretexto, e se expandem em lamentos ou talvez até em murmurações? Que não sofrem às vezes as pobres abadesas por ocasião da distribuição dos ofícios! De uma parte se vêem atormentadas de escrúpulos, por temerem que o respeito humano ou temor de desgostar alguma religiosa não as mova a dar algum ofício a quem o deseja sem ter as aptidões precisas; e de outra parte gemem ao verem que, feita a distribuição, uma freira se escusa, outra se lamenta, uma terceira murmura, uma quarta repele, grosseiramente, o que lhe tocou na partilha. Dai resulta que a superiora é levada a repartir os ofícios não segundo a justiça e o bem da comunidade, mas segundo a prudência humana. Talvez seja escusada diante Deus, porque assim procede para evitar um mal maior; mas nem por isso serão desculpadas as súditas que exercerão os cargos que desejam, segundo o seu capricho e não

por obediência. É por isso que diz o Apóstolo: Obedecei com submissão ao que vos ordenarem os superiores, afim de que estes não tenham que gemer quando determinarem o que se deve fazer. E conclui por estas palavras: Porque isto não vos seria proveitoso¹⁰¹. O que importa ao bem dos inferiores cômodos superiores, é que tudo ande em ordem, e se adiante na virtude.

6. — Que desordem ver certas religiosas proceder desse modo, na distribuição dos ofícios, não obedecendo às superiores, mas estas lhes fazendo as vontades e caprichos? Considerando a pergunta feita por nosso divino Salvador ao cego de Jericó: Que queres que eu te faça?¹⁰² S. Bernardo faz esta reflexão: Este homem era verdadeiramente cego, porque deveria ter respondido: Não seja assim, Senhor. Vós não deveis fazer o que eu quero; mas dizei-me o que devo eu fazer para vos agradar¹⁰³. — Apliquemos ao nosso assunto o pensamento de S. Bernardo. Há religiosas a quem a superiora vê-se obrigada a perguntar que ofício elas estão dispostas a exercer; ou ao menos indagar indiretamente quais são suas disposições a esse respeito. Mas assim não acontece com as boas religiosas. Quando a superiora lhe pergunta que ofício preferem exercer, logo respondem: Não, nossa Madre, não me cabe a mim dizer-vos o que eu quero fazer, mas a vós compete ordenar-me o que quizerdes que eu faça.

7. — Se, pois, irmãs caríssimas, quizerdes, ser verdadeiramente obedientes e verdadeiras religiosas, eis como deveis proceder:

I. Considerai sempre vossos superiores como vigários e representantes de Jesus Cristo, e procurai testemunhar-lhes toda a veneração e amor, não por algum fim interesseiro, como conquistar-lhes a estima e preferência, ou evitar repreensões e correções, mas somente para agradar a Deus. E é preciso proceder assim não só para com o prelado e a superiora mas também com todas as religiosas que exercem algum cargo no mosteiro, às quais se deve obediência pela regra, como à enfermeira, à refeitoreira ou provisora, à sacristã; porque, na obediência à superiora, alguma pode facilmente deixar-se guiar pelo respeito humano, ao passo que na submissão às simples oficiais, se conhece melhor o verdadeiro espírito de obediência. — S. Francisco de Assis agradecia muito a Deus ter-lhe concedido a graça de estar pronto a obedecer ao último dos noviços em todas as coisas em que lhe fosse posto como superior. Dizia o santo que quanto menor fosse a autoridade do superior e quanto menos se distinguisse este por seus méritos e qualidades, mais meritória seria a nossa obediência, porque então seria inspirada somente pelo desejo de agradar a Deus¹⁰⁴.

8. II. Evitai a companhia das irmãs menos perfeitas e pouco amantes da obediência.

III. Recebei humildemente as correções da superiora, e dai-lhe liberdade para vos repreender em qualquer ocasião. Não sejais dessas religiosas que se irritam a menor advertência, de sorte que, quando for necessário dizer-lhes uma palavra, a superiora se veja obrigada a usar com elas de toda a circunspeção, e mesmo esperar meses e meses, até achar o-

casião de falar sem lhes dar ensejo para lhe faltarem ao respeito e amotinarem todo o convento. Infelizes as religiosas que obrigam a superiora a andar com tantas precauções para adverti-las! Dão mostras de um espírito muito imperfeito.

IV. Quando vos derem alguma correção, recebei-a com humildade, sem apresentar escusas. E ainda que o fato não se tenha dado como pensa a superiora, guardai silêncio até que ela queira inteirar-se do ocorrido. Desta maneira falaremos depois com mais ampliação.

9. V. — Expulsai do vosso espírito todos os pensamentos e suspeitas contra a superiora, do mesmo modo que se lançam fora os pensamentos contra a castidade, sem discutir com eles. Quando vos falarem dos defeitos aparentes da prelada, procurai, quando for possível, desculpá-los. Como é indecoroso ver certas religiosas, em vez de venerarem sua superiora, andarem a espiar todos os seus passos e ações para desacreditá-la e metê-la à ridículo! Se, porém, algum defeito for tão evidente que se não possa escusar, por exemplo, se a superiora for impaciente com todas, persuadi-vos que Deus permite esse defeito para vosso proveito e não para vosso dano. — Sta. Gertrudes rogava um dia a Nosso Senhor para que livrasse a sua abadessa do defeito que tinha de se impacientar muitas vezes. Deus lhe respondeu que permitia esse defeito primeiramente para bem da própria abadessa que assim se conservava humilde, e depois para o bem das religiosas, afim de que merecessem mais¹⁰⁵. — Diz S. Bernardo: Quanto mais pesado for o fardo, tanto maior será o ganho¹⁰⁶.

— E S. Gregório acrescenta que ainda quando os superiores não vivam de um modo digno de louvor, todavia devem ser respeitadas as suas ordens¹⁰⁷. — E Jesus Cristo nos tinha já ensinado a mesma coisa, falando dos superiores que dão mau exemplo: Observai e fazei tudo o que vos dizem; mas não façais o que eles fazem¹⁰⁸.

10. — No que diz respeito especialmente aos ofícios do mosteiro, observai esta bela regra de S. Francisco de Sales: Nada pedir, e nada recusar. — De resto, preferi sempre o que for menos honroso e mais incômodo. Se há poucas religiosas que merecem muito no desempenho dos ofícios é porque são poucas as que os recebem e exercem com a pura intenção de obedecer e agradar a Deus. As religiosas imperfeitas consideram nos ofícios somente o que eles tem de penoso ou de agradável; mas as perfeitas só tem em vista o agrado de Deus; e por isso em vez de buscar sua comodidades, elas abraçam com alegria as penas e fadigas. Procurai ser do número destas últimas. Nem penseis que Deus admita vossas escusas, quando recusardes um ofício por temor de não cair nele em alguma falta; persuadi-vos, porém, que fazendo-vos religiosa, vós vos comprometestes a servir ao convento. Se o temor de cometer faltas no desempenho do ofício fosse escusa valiosa para vós, também o seria para as outras. Neste caso, quem deveria servir ao convento e manter a comunidade? Tende boa intenção de agradar a Deus e o Senhor vos ajudará.

11. — Quando entrardes a desempenhar o ofício que vos for assinado, fazei-o em espírito de obediên-

cia, não buscando a vossa comodidade e estima, nem procurando satisfazer o vosso desejo de dominar, mas somente cumprir a obrigação que tendes de obedecer. — Fazei-o também com santa confiança, sem dar ouvidos ao demônio, que talvez vos sugerirá que não podereis suportar tal ofício. Se confiardes na obediência, Nosso Senhor vos dará as forças necessárias, que vos faltam. — Nem imagineis que o ofício, expondo-vos a muitas distrações vos fará perder o recolhimento e o fervor. Quando o exercitardes só para satisfazer a obediência, sabei que Deus vos outorgará então mais graças, em um quarto de hora de oração, do que em dez dias de retiro, em qualquer outra circunstância. Procurai, porém, no exercício do vosso cargo, reservar sempre algum tempo, por pouco que seja, para o recolhimento e oração. Nem alegueis que o ofício não vos deixa um momento para isso. As religiosas ativas e amantes da oração sabem perfeitamente achar tempo para uma e outra coisa. Acautelai-vos, pois, de sem necessidade proceder como fazem algumas que se sobrecarregam de tantas ocupações, que lhes não sobra um instante sequer para se recolherem diante de Deus. Guardai-vos também, no desempenho do vosso ofício, de favorecer vossas amigas e muito mais ainda a vós mesmas abusando da vossa posição para buscar satisfações e comodidades que as outras não tem.

12. — Advirta-se, por último, que a obediência, e mesmo a perfeição da obediência, não impede que a religiosa, ao lhe ser dado algum ofício ou outra incumbência, represente a prelada suas dificuldades particulares, por esta por ventura ignoradas, como

uma enfermidade, uma indisposição improvisa, sua incapacidade para o cargo ou outro impedimento; porque não sendo a superiora um anjo, tem necessidade de ser informada daquilo que não sabe. Todavia, deve-se atender nisto a dois pontos importantes: Primeiro, não se exponham coisas que a superiora já conhece, porque neste caso deve supor-se que ela tudo ponderou, e não há mais necessidade de recordá-lo. Em segundo lugar, depois de ter exposto humildemente suas razões, deve a religiosa conformar-se com resolução da superiora. É necessário porém manifestar exteriormente essa resignação, para não inquietar a prelada e dar bom exemplo às companheiras. Para esse fim, convém que a religiosa se previna, afigurando-se, de ante mão, que a superiora não admitirá suas escusas, e vá inteiramente resolvida a aceitar sua decisão, qualquer que seja, sem replicar.

13. — Deve-se notar, além disso, que não é um defeito, mas um ato de virtude, ter um cuidado discreto de conservar a saúde para melhor servir a Deus. É, porém, defeito ter um cuidado exagerado a este respeito, porque, então, o amor próprio fará tomar por necessidade o que não é. — Dizia S. Bernardo que certos religiosos merecem antes o nome de discípulos de Hipócrates e de Galeno, do que de Jesus Cristo. Procurai antes ser monges do que médicos, escreve o Santo. E em seguida acrescenta: Para vossa tranqüilidade, vale muito mais seguir a comunidade e evitar toda a singularidade desnecessária. Poupai o aumento de trabalho às que vos devem servir, como a refeitoreira, a cozinheira, obrigando-as a preparar

alguma coisa especial para vós. Poupai ao convento despesas supérfluas¹⁰⁹.

S. Basílio exortava geralmente os religiosos a se acomodarem quando possível com as coisas comuns¹¹⁰. — Oh! quanto é melhor fazer assim, do que jejuar, tomar disciplina, trazer cilícios, e depois ser singular na nutrição! As singularidades foram as causas e origens da relaxação de muitas ordens religiosas. Nenhuma tenha escrúpulos neste ponto, temendo faltar com o cuidado devido à saúde, quando se serve dos alimentos ordinários e comuns; porque é doutrina corrente entre os doutores que, embora não seja permitido abreviar a vida com intenção direta de morrer mais cedo, é lícito entretanto deixar de parte alguns cuidados e especialmente singularidades, ainda que estas possam de algum modo prolongar a vida; e isto é até um ato de virtude, quando se pratica para seu proveito espiritual e para edificação dos outros.

Quando S. Francisco reuniu em Assis, o célebre capítulo, chamado *das esteiras*, viu os demônios celebrarem outro capítulo, em que discutiam os meios mais próprios para introduzir o relaxamento de espírito na ordem seráfica então muito fervorosa; e assentarem que o melhor de todos era dar traças para que nela se admittissem muitos moços nobres e delicados; porque estes começariam logo a tratar-se sem tanto rigor, e assim a pouco e pouco lhe iria faltando o espírito até relaxar-se de todo¹¹¹. Eis como lá discorriam os demônios e nisto não faltaram à verdade. Acautelai-vos, pois, para que, pelos cuidados excessivos para conservar a saúde do corpo, não deixeis

perigar a salvação da vossa alma, ou, ao menos, não chegueis a perder a coroa da santidade. Ponderai bem que os santos, se tivessem empregado tantos esforços para conservar a saúde como fazeis, não teriam conseguido ser o que são.

ORAÇÃO

Senhor meu amabilíssimo, vós sois a mesma beleza, a mesma bondade, o mesmo amor! Como poderia eu amar outra coisa além de vós? Insensata vos tenho causado tantos desgostos no passado! Fiz mal, e me arrependo sumamente. Queria morrer de dor. Meu Jesus, misericórdia! Tal será sempre o grito da minha alma: Misericórdia, meu Jesus! Meu Jesus, misericórdia! — Mas, se na vida passada desprezei o vosso amor, sabeis que agora o prefiro a todos os bens do mundo. Vós sois e sereis sempre o único objeto de todos os meus afetos. Sim, ó Jesus, meu amor, eu renuncio tudo e não quero senão a vós. Eu digo agora com intenção de repetir toda a vida, a todo o instante: Meu Deus, eu só vos quero, e nada mais. Ajudai-me a vos ser fiel. Não olheis para os meus pecados, vede o amor com que me tendes amado, morrendo por mim na cruz. É nos méritos da vossa paixão, que eu ponho todas as minhas esperanças. Eu vos amo, Bondade infinita; eu vos amo, meu sumo Bem; e não vos peço outra coisa que a graça de vos amar, mas amar-vos muito, e para o

futuro não amar outro objeto fora de vós, meu tesouro, meu tudo. — Meu Jesus, eu vos dou a minha vontade; purificai-a. Eu vos dou o meu coração; guardai-o. Eu vos dou o meu corpo todo; defendei-o dos perigos. Eu vos dou a minha alma; tornai-a toda vossa. Com vosso fogo consumidor, queimai em mim todos os afetos que se opõem ao vosso puro amor.

Ó Maria, minha poderosa advogada, ponho toda a minha confiança, primeiro nos merecimentos do vosso Filho, e depois na vossa intercessão.

V. Da obediência devida às Regras

1. — É muito notável esta máxima de S. Francisco de Sales: *A predestinação das religiosas está ligada à observância das próprias regras.* De seu lado, Sta. Maria Madalena de Pazzi dizia que a observância da regra é o caminho mais direito da salvação eterna e da santidade. Em uma palavra, o único caminho que têm as religiosas para se santificarem e se salvarem, é a observância das regras; e qualquer outra estrada não as conduzirá a esse fim. De sorte que a religiosa que transgride habitualmente alguma regra, por pequena que seja, nunca adiantará um passo na perfeição, ainda que aliás faça muitas penitências, orações e outras obras espirituais. Trabalhará, mas sem fruto, verificando-se nela então o que diz o Espírito Santo: *Aqueles que desprezam a disciplina, isto é, as regras, são infelizes, e em vão confiam nos seus trabalhos, que nunca produzirão fruto*¹¹². Que loucura! Nós não observamos, diz Sta. Teresa, certos

pontos fáceis da regra, como o silêncio, que nos não faz mal algum, e queremos inventar penitências de nossa cabeça, para depois, não fazermos nem uma nem outra coisa¹¹³. — Mas, para tal religiosa será o menor mal não adiantar-se na perfeição; o pior, diz S. Bernardo, é que, transgredindo as regras leves, formará para si mesma um grande óbice para guardar os pontos mais importantes que se relacionam com a observância dos votos.

2. — Que miséria ver certas religiosas, santamente educadas e devidamente instruídas na observância regular durante o noviciado, não fazerem mais caso das regras depois de professoras, como se, pelo fato de se terem consagrado a Deus, a nada mais fossem obrigadas! — Um sábio autor diz: É melhor ser um simples dedo e estar unido ao corpo da comunidade, do que ser olhos e estar dele separado; porque os olhos separados do corpo não são mais do que um pouco de podridão¹¹⁴. Assim, uma obra aparentemente virtuosa, mas em desacordo com a regra, não agradará a Deus, e retardará a religiosa no seu adiantamento, em vez de fazê-la prosseguir na perfeição; visto que todas as devoções e ações opostas à regra, como diz Sto. Agostinho, são passos dados fora da estrada e óbices para o espírito.

3. — Mas, Irmãs caríssimas, deixastes o mundo para vos santificardes, e depois não vedes que, por não saberdes vencer-vos nas coisas pequenas, não só não alcançais a santidade, mas até vos pondeis em perigo de perder a alma? — Lá escreve S. Cesário: Tivemos coragem de renunciar os afetos dos parentes, os bens e prazeres deste mundo; e agora es-

taremos tão fracos que não possamos vencer as negligências contra a regra?¹¹⁵ — Refere Cassiano que S. Basílio, vendo certo monge que tinha abdicado a dignidade de senador para se fazer religioso, não observar as próprias regras, disse-lhe, movido de compaixão: Ai de ti! Que fizeste? Deixaste de ser senador para te fazeres monge, e agora não és uma coisa nem outra! És um infeliz¹¹⁶. — Eis como Tertuliano exprime o mesmo pensamento: Se consideras verdadeira a liberdade do século, recaíste na servidão do homem e perdestes a liberdade de Jesus Cristo¹¹⁷. Isto é: Tu que és religiosa, saíste da servidão do mundo e adquiriste a liberdade de Jesus Cristo, livrando-se dos afetos terrenos, cadeias miseráveis que prendem tantas pobres almas sujeitas à servidão do século: e agora que fazes! Se crês que a liberdade do mundo é uma verdadeira liberdade, por isso mesmo voltaste a ser escrava, e perdeste a liberdade dos filhos de Deus que Jesus Cristo nos adquiriu.

Primeira escusa.

4. — Algumas religiosas se escusam, dizendo que são de pouca importância as regras que transgridem.

Eu respondo, primeiramente, que no estado religioso nenhuma regra pode ser considerada como bagatela, da qual não se deva fazer caso. Todas as regras devem ser tidas como coisas de grande importância, seja porque todas foram ordenadas por Deus e aprovadas pela Igreja, como meio de chegar à perfeição religiosa a qual devem continuamente aspirar

todas as pessoas consagradas a Deus, seja porque a inobservância das regras, ainda as pequenas, perturba toda a disciplina regular e toda a comunidade. É certo que no convento, onde se cuida das coisas pequenas, reina o fervor; mas naqueles em que não se faz caso delas, se o espírito religioso ainda não está perdido, se arrefecerá a pouco e pouco até se extinguir de todo. — O padre Oviedo, encarregado da direção do colégio da Companhia de Jesus de Nápoles, velava para que fossem pontualmente observadas as regras por menores que parecessem. A isto se opôs o padre Bobadilla, dizendo que não convinha apertar os súditos com tantas miudezas. E com isto fez que esmorecesse o rigor que antes se observava. O sucesso, porém, deu a conhecer o seu erro. Com o uso de tanta liberdade começou a relaxar-se o espírito por tal forma que alguns não fazendo caso mais das regras, nem pequenas nem grandes, acabaram por sair da religião. Pelo que Sto. Ignácio, sendo disto informado, ordenou que todas as regras se observassem com rigor, e assim se restabeleceu a disciplina¹¹⁸.

5. — As religiosas túbias e negligentes não dão importância às coisas leves, mas delas toma contra o demônio, que registra com cuidado todas as suas faltas, para acusá-las um dia no tribunal de Jesus Cristo. — Sto. Achardo, abade de Jumiéges, mandando cortar os cabelos fora do tempo prescrito, viu o demônio recolher e contar um por um, todos os fios espalhados pelo chão¹¹⁹. — Do mesmo modo, Sta. Gertrudes, certo dia, devisou o inimigo atarefado em recolher todos os flocos de lã que ela deixava cair,

por descuido, contra a pobreza, e todas as sílabas que pronunciava mal, recitando o ofício divino com pressa demasiada¹²⁰. — Dionísio cartusiano refere também que o demônio apareceu a uma religiosa, trazendo na mão uma agulha e um fio de seda, que ela tinha tirado sem permissão. — É assim que o demônio toma nota de todas as palavras ditas nos lugares e nas horas em que se prescreve o silêncio, de todas as vistas de curiosidade, e todas as outras faltas contra as regras, cometidas pelas religiosas negligentes.

E daí vem que estas infelizes se acham áridas e enfadadas na oração, nas comunhões e nos exercícios de piedade. — Sta. Gertrudes foi castigada com onze dias de aridez, por uma única vista curiosa lançada sobre uma irmã, contra a inspiração que tinha tido de não olhá-la. É justo que colha pouco quem pouco semeou¹²¹. Como poderia o Senhor ser pródigo de suas graças e de suas celestes consolações para com uma religiosa, que se mostra tão avarenta e tão negligente no seu serviço?

Talvez lhe tivesse preparado um favor especial para recompensar sua fidelidade em observar certa regra; mas, em vista da sua negligência, com justiça, deixou-a privada desse dom. — S. Frei Gil dizia: Uma pequena negligência pode fazer-nos perder uma graça imensa.

6. — Coisa espantosa! diz S. Boaventura: Há muitos que desejam dar a vida por amor de Jesus Cristo, e que recusam sofrer o mais leve incômodo para observar qualquer regra pouco difícil!¹²² — Se vos impusessem, diz o Santo, uma tarefa muito pe-

nosa, mereceríeis talvez ser mais desculpadas; mas, recusando fazer coisa tão fácil, que escusa podeis alegar? Quanto mais leve e fácil é a observância, mais imperfeita se mostra a religiosa que a transgride, porque dá provas de maior apego à própria vontade. Ah! queira Deus, como acima deixamos dito¹²³, que ligando tão pouca importância às regras pequenas, não venha um dia também a desprezar os seus votos e depois se perder miseravelmente! Quem rompe a cerca, a serpente o morde, diz o Sábio¹²⁴. Sim; aquele que derruba a cerca das regras, está em grande perigo de receber algum bote venenoso da serpente infernal. — Quando virdes cair no precipício do pecado uma religiosa, que era antes modelo das outras, não acrediteis que o demônio a lançou por terra ao primeira ataque. Não; o inimigo começou por induzi-la primeiramente a descuidar das regras, depois a desprezar as faltas ligeiras e, no fim, a fez cair em pecados graves.

Segunda escusa.

7. Outras se escusam dizendo que a regra não obriga sob pecado. Eis aí uma ilusão de que já falamos no capítulo IV¹²⁵. Ainda que a regra não obrigue debaixo de pecado, a sentença comum dos doutores é que a transgressão de uma qualquer regra, por pequena que seja, quando não há causa suficiente que a escuse, *é ao menos pecado venial*. Isto mesmo ensinava S. Tomás de Aquino, falando da regra da sua Ordem, que igualmente não obriga sob pecado¹²⁶. — Disse: *É ao menos pecado venial*, porque, se a trans-

gressão causasse a comunidade dano ou escândalo grave, como seria o hábito de perturbar o silêncio comum, entrar nas celas das outras, quebrar publicamente os jejuns da ordem, e coisas semelhantes, poderia mesmo chegar a pecado mortal. Mas que seja isto ao menos pecado venial, não se pode duvidar, e isto por muitas razões: 1.º Porque uma religiosa, transgredindo as regras, despreza os meios de sua santificação, a qual é obrigada a tender; 2.º Porque é infiel à promessa que na profissão fez a Deus de observar as regras; 3.º Porque, pelo seu mau exemplo, perturba a boa ordem da comunidade; 4.º e último: Porque, transgredindo qualquer das regras, opera segundo o amor próprio e se afasta da vontade de Deus. Esta razão final é a certa de todas, porque essa transgressão não pode certamente ser uma ação virtuosa. Nem tão pouco se pode dizer indiferente. Quem jamais julgará indiferente uma ação feita por inclinação própria, que dá mau exemplo e põe em desordem a disciplina regular? Logo, não sendo boa nem indiferente, é certamente má. — E se alguma religiosa ousasse dizer: Basta que não seja pecado mortal; — a essa eu faria saber, que está num estado muito perigoso. Se não está morta, está agonizando. Infeliz está infeccionada de febre lenta, que, com o tempo, a levará à morte. Leia-se de novo o que ficou dito no capítulo V.

Terceira escusa.

8. — Outras se escusam dizendo que são de idade avançada e não podem mais sujeitar-se ao rigor com que devem viver as moças.

A estas se responde que toda religiosa, moça ou velha, que transgredir as regras, faz mal a si e às outras. — Diz S. Pedro Crisólogo que a árvore que não dá fruto, com a sombra que produz, prejudica não só a si mesma, mas também as árvores frutíferas que a cercam¹²⁷. O mesmo sucede a toda religiosa que dá mau exemplo, não observando as regras. Mas, além disso, deve-se notar que as religiosas antigas são mais obrigadas à perfeita observância, do que as novas, primeiramente porque já passaram mais tempo na religião. Aquele que estudou mais, deve ser mais instruído. Assim a religiosa que esteve mais tempo na escola de Jesus crucificado, no convento, deve ser mais adiantada na ciência dos santos, isto é, na perfeição espiritual. — Elas são mais obrigadas, em segundo lugar, porque o exemplo das antigas tem mais força para atrair as novas à observância das regras ou induzi-las ao relaxamento. As religiosas antigas são archotes que esclarecem a comunidade; são colunas que sustentam a observância e arrastam após se as moças para manterem-na; porque se estas vêem as antigas fazer pouco caso das regras, ainda farão menos. Em geral, o relaxamento dos conventos nasceu da negligência, não tanto das novas, mas sobretudo das antigas, que por seu mau exemplo deram ensejo às outras para relaxarem o rigor da regra. De que servirá que as antigas clamem e exortem as outras por suas palavras a observarem as regras, se, pelo fato de seus maus exemplos, lhes

persuadem o contrário? Porque, diz Sto. Ambrósio: Os exemplos postos sob os olhos são muito mais persuasivos que as advertências que impressionam os ouvidos¹²⁸.

9. — E como poderiam as novas ser bem instruídas na manutenção da observância quando as suas mestras a destroem com seu mau exemplo? Eis uma coisa impossível, diz Tertuliano; as belas palavras de um escandaloso não podem edificar a pessoa alguma¹²⁹.

Quando o tirano Antiochus quis forçar Eleazaro a transgredir a lei divina que proibia aos judeus comer carne de porco, os amigos do santo ancião, compadecendo-se dos noventa anos, pediram-lhe que fingisse ao menos comê-la para escapar à morte. O santo velho, porém, respondeu-lhes sabiamente que preferiria ser lançado no inferno à dar à juventude um exemplo indigno da sua idade fingindo violar a lei de Deus¹³⁰.

Sto. Ambrósio diz que a vista de um homem justo serve de advertência para os outros¹³¹.

Oh! a vista de uma religiosa adiantada em anos, que observa pontualmente todas as regras, grandes e pequenas, produz melhor impressão sobre as moças, do que todos os avisos dados por palavras! As boas religiosas, que amam a perfeição, devem tomar como dever de honra zelar a manutenção da observância regular com todo o rigor possível. — Quando Cristo Senhor nosso testemunhou a Sta. Teresa que a recebia por sua esposa, apresentando-lhe sua mão direita, lhe disse: De agora em diante, como verdadeira esposa, hás de zelar a minha honra¹³². — Toda

esposa de Jesus Cristo deve pois ser zelosa da honra do seu Esposo. Ora, o primeiro objeto do zelo das religiosas deve ser a observância das regras, que são o sustentáculo da perfeição da sua comunidade; e isto se aplica não só às superiores, mas também às simples religiosas, especialmente se elas tem alguma autoridade, ao menos por serem mais antigas. — Quando Sto. André Avelino via faltar à observância das regras, advertia com veemência não só os seus companheiros, mas até os superiores. O mesmo praticou, com grande zelo, a irmã Maria Teresa Spinelli, religiosa de grande fervor do mosteiro da SS. Trindade de Nápoles, penitente do padre Torres, como se lê na vida deste virtuoso sacerdote. Vendo que certos abusos começavam a introduzir-se na sua comunidade, a isto se opôs tenazmente, muitas vezes, sem atender a grandeza dos personagens, tendo diante dos olhos somente a honra de Deus; e por esse procedimento, teve de sofrer muitas amarguras e desgostos. — Quando se trata de abusos evidentes e de relaxamento na observância, não é soberba nem temeridade, mas virtude e zelo da honra de Deus, reclamar contra as desordens e impedi-las, ainda que se tenha de combater os mesmos superiores.

Quarta escusa.

10. Outras, enfim, se escusam de pedir as licenças nos casos em que a regra o exige, por temerem, dizem, importunar demais as superiores.

Isto, porém, não passa de um vão pretexto; porque as preladas, longe de se enfadarem, se edificam

do procedimento das religiosas que lhes vem pedir pontualmente todas as licenças de que precisam. Como poderia isto desagradar-lhes, pois sabem perfeitamente que às religiosas é vedado agir de outro modo? Pedi, pois, a licença todas as vezes que a regra vô-lo obriga. E quando a superiora vos negar alguma licença, para manter a observância das regras, não vos inquieteis, mas agradecei-lhe e consolai-vos. Todos os que viajam por mar vêm, com prazer e reconhecimento, que o piloto vela para que todos os marujos, sem exceção, cumpram o seu dever; porque, de outro modo, o navio, pela falta de ordem poderia achar-se em risco de se perder.

As regras pesam; mas, como temos dito em outro lugar, elas só têm o peso das asas que nos fazem voar para Deus. Sto. Agostinho diz: O fardo de Jesus Cristo tem asas, que nos ajudam a pairar acima da terra¹³³. — As regras são vínculos, mas vínculos de amor que nos unem ao sumo bem. É por isso que devemos dizer com Davi, quando nos vimos assim ligados: Que gloriosa sorte nos tocou?¹³⁴ — Não, minhas cadeias, nada tem de vergonhoso, mas são nobres e amáveis, porque me livrarão das cadeias do inferno. E se alguma vez experimentarmos algum trabalho e enfado, quando vimos que as regras nos proíbem alguma coisa desejada pelo nosso amor próprio, digamos alegremente com o Apóstolo: Eu trago comigo as cadeias do Senhor¹³⁵. Eu sou prisioneiro; mas estas cadeias fazem a minha alegria e a minha felicidade, porque me unem estreitamente a meu Deus, e me preparam a coroa eterna! — É o pensamento de Sto. Agostinho: O Senhor não te da-

ria o colar de ouro da glória eterna, se antes te não houvesse ligado e apertado com os grilhões das regras¹³⁶.

11. — Isto posto, quando uma irmã vos pedir alguma coisa que não possais fazer sem permissão, não deveis ter repugnância em responder-lhe que não podeis aceder ao seu desejo. Vós não deveis envergonhar-vos de parecer *escrupulosas*, quando se tratar de evitar defeitos, especialmente a cerca da observância das regras; e até nisto é necessário mostrar-vos singulares, quando as outras forem pouco escrupulosas neste ponto. Nem vos detenha o temor da vanglória. É certamente agradável a Deus que vos torneis singulares na observância das regras, por menores que sejam, quando for necessário que o vosso exemplo resplandeça e sirva de incentivo para que também as outras sejam observantes como devem e assim dêem glória a Nosso Senhor. Pois disse Jesus Cristo: Vossa luz resplandeça aos olhos dos homens, de modo que vejam as nossas boas obras, e glorifiquem ao vosso Pai que está nos céus¹³⁷. — Quando não for possível fazer grandes coisas para Deus, praticar muitas penitências, nem ter grande oração, observai, ao menos, com exatidão, todas as regras, e sabeis que isto bastará para, em pouco tempo, realizardes grandes progressos na perfeição. — Dizia uma grande serva de Deus que a observância minuciosa das regras é o caminho mais curto para atingir a perfeição. E nisto repetia a sentença de S. Boaventura: O melhor gênero de perfeição é praticar pontualmente as obrigações comuns a todos¹³⁸. — Quanto mais fiel a Deus for neste ponto a

religiosa, tanto mais liberal será o Senhor para com ela; pois dizia Sta. Teresa: Uma religiosa fiel nos menores pontos da regra não caminha, voa para perfeição sem asas e sem penas.

12. — É com razão que Sto. Agostinho chama à regra *espelho* da religião; porque, como explica Hugo de S. Victor, é pela observância regular que se conhece o que são os religiosos. Vendo-se como a religiosa observa, ou não, as regras pode-se bem avaliar se ama ou não a perfeição, se faz progressos ou regresso, se agrada ou desagrada a Deus¹³⁹.

Persuadi-vos, pois, caríssimas religiosas que, para serdes santas, não vos é necessário fazer muitas coisas, mas observar exatamente as regras. Por exemplo: no tempo que a regra manda assistir no labor, ou mesmo no recreio, não procede bem a religiosa que vai ao coro a orar ou tomar disciplina. Essas devoções fora de tempo, dizia o padre Alvares, são sacrifícios de coisas roubadas, que o Senhor não aceita. — Certo religioso capuchinho, para se entregar às suas devoções particulares, deixava de tomar parte nos trabalhos comuns. Estando em artigo de morte, apareceu-lhe Jesus Cristo para julgá-lo, e ordenou que todas as suas orações vocais e outras devoções, feitas no tempo dos exercícios comuns, fossem distribuídas com os frades que se tinham cansado pela comunidade, e nada lhe sobrou. Ouviu depois que por misericórdia divina lhe foi prolongada a vida. Dai em diante, tendo recobrado à saúde, ficou ensinado e applicou-se sempre pontualmente a todos os exercícios da comunidade. — Sta. Maria Madalena de Pazzi dizia que o melhor meio para adquirir grandes me-

recimentos é assistir o mais possível a todos os atos da comunidade. — É verdade que em certas circunstâncias, como doença ou ocupações importantes do próprio ofício, podeis não cometer falta na omissão de um ou outro ponto da regra. Entretanto é necessário não esquecer que a causa de tais omissões, às vezes não é a enfermidade ou trabalhos urgentes, mas a indolência, a preguiça e pouco estima das regras; porque outras religiosas igualmente doentes ou talvez mais enfermas do que vós, e não menos ocupadas em serviços inadiáveis da comunidade, porém mais zelosas da observância, cumprem com exatidão esses mesmos pontos de vós omitis tão frequentemente. Quem ama a observância, sempre acha tempo e meios para fazer uma e outra coisa. — Dizia Sta. Teresa: Às vezes, a doença é pouca, e já nos parece que não estamos obrigadas a nada¹⁴⁰.

13. — Para vos habituardes é exata observância das regras, convém muito que as leias frequentemente ou ao menos algumas vezes ao ano, e as pondeis demoradamente, de vez em quando, para ver em que pontos tendes faltado e deveis emendar-vos. É uma das melhores leituras espirituais que podeis fazer. É também muito útil fazer exame particular, todos os dias, sobre os artigos, em que costumais faltar mais vezes.

E tendo caído em alguma falta não vos envergoñeis de acusá-la à superiora e pedir-lhe a penitência que entender. O demônio disse um dia a S. Domingos, que no capítulo, em que os religiosos confessam suas culpas, e recebem repreensões e penitências, perdia tudo o que lucrava no refeitório, no locutório e

nos outros lugares do mosteiro. — Antes, porém, de fazer as vossas acusações, preparai-vos para aceitar qualquer repreensão e penitência que vos der a prelada. Digo isto, afim de que não procedais como aquelas, que querem acusar-se de seus defeitos, somente para parecerem humildes e escrupulosas na observância das regras, mas depois não toleram as correções.

Sobretudo, para bem observar as regras, é preciso seguir o conselho de Sto. Inácio de Loyola, isto é, fazê-lo por amor e não por temor¹⁴¹. Quer dizer observar as regras antes para agradar a Jesus Cristo, do que somente para evitar as repreensões da superiora e o reparo das companheiras. E por isso, o santo declarou ter estabelecido que suas regras não obrigassem sob pecado, afim de que o temor de ofender a Deus fosse substituído pelo amor ao Senhor e pelo desejo de agradar-lhe¹⁴². — Sto. Eucherio de Lyão dizia, por sua vez: Pensai não ter vivido senão o dia em que houverdes renunciado às próprias vontades, e não tiverdes transgredido regra alguma¹⁴³. Queria dizer o santo: Só esse dia tende-o por proveitoso para vós. — Eis três belas máximas de Sta. Maria Madalena de Pazzi sobre a observância das regras: — 1. Estimai as vossas regras, como prezais a Deus mesmo; — 2. Pensai que sois a única encarregada de observá-las. — 3. Se as companheiras faltarem à observância, procurai suprir os seus defeitos.

14. — Em suma, repito, é necessário persuadir-se a religiosa que a perfeição não consiste em fazer grandes coisas ou muitas obras, mas em fazê-las bem. Grande e bem merecido foi o louvor que as tur-

bas deram a Jesus Cristo, quando disseram: Fez bem todas as coisas¹⁴⁴. — As obras difíceis e extraordinárias não estão ao alcance de todos e não se fazem em todo o tempo; mas as ações ordinárias, tais como a oração comum, o exame de consciência, a comunhão, a assistência a Missa, a recitação do ofício divino, os ofícios do convento e outros deveres impostos pela obediência, são coisas que fazem todas as religiosas, e se repetem, todos os dias. Basta que as façais bem, ainda que sejam os mais vis ofícios do mundo, e com certeza vos santificareis. Não é suficiente fazer o que Deus quer, mas é preciso fazê-lo como Deus o quer. — Lê-se nas crônicas da Ordem de Cister que, uma noite, em matinas, S. Bernardo viu muitos anjos que notavam o que os monges faziam no coro. Escreviam para alguns com ouro, para outros com prata, para outros com tinta, e para outros com água. Deste modo distinguiam a perfeição ou imperfeição, com que cada um deles se applicava à oração. — Considerai, pois, com que facilidade podeis ser perfeitas, se quiserdes; porque, para isso, não vos é preciso fazer outra coisa além das vossas ações ordinárias. O Senhor não exige que vos eleveis às altas contemplações, nem que pratiqueis penitências espantosas; quer somente que façais bem os vossos atos.

15. — Muitas religiosas, nos dias de devoção, como novenas do Natal, do Espírito Santo, da festa da SS. Virgem, se entregam a diversos exercícios pios, jejuns, disciplinas, orações vocais e coisas semelhantes. Tudo isto é muito bom; mas para algumas, a melhor devoção seria fazer, nesse tempo,

com maior perfeição, todas as obras ordinárias. — Esta perfeição consiste em duas coisas: A primeira é fazer tudo só com o fim de agradar a Deus; porque a perfeição não está no ato externo, mas no interno, na intenção: a beleza da filha do rei é toda interior, canta o salmistas¹⁴⁵. — A segunda é que a obra se faça bem, isto é, com prontidão, atenção e exatidão. E, para isso, devem empregar-se os meios seguintes:

1. O primeiro é fazer seus atos com fé viva na presença de Deus, de modo que sejam dignos de seus olhos divinos.

2. O segundo meio é fazer cada obra, como se nada mais houvesse por fazer. Assim, durante a oração, pensai unicamente em orar bem; na hora do ofício divino, tratai só de recitá-lo bem; na execução de algum ofício imposto pela obediência, cuidai somente de exercê-lo bem. Entretanto, não vos inquiete outra coisa passada ou futura. Quando, por exemplo, estiverdes na oração, é tentação do demônio pensar como haveis de dirigir tal obra ou coisas semelhantes. — O beato João d'Avila escreveu um dia a alguém: Quando vos vier ao espírito algum pensamento fora de tempo, dizei: nada disto me ordena Deus neste momento. Nisso pois não devo pensar agora. Quando me for ordenado, então disto me ocuparei.

3. O terceiro meio é fazer cada ação como se fosse a última da nossa vida. É o que Sto. Antão abade recomendava muitas vezes aos seus discípulos para fazerem bem todas as suas ações. — O mesmo escreve S. Bernardo: Em tudo o que fizer, diga cada um a si mesmo: Se tivesses de morrer agora, farias isto, ou o farias desta maneira?¹⁴⁶ — Assim, pois, to-

mai o habito de vos exortar: Se para mim esta missa fosse a última, com que devoção não a ouviria? Se tivesse de recitar agora o ofício divino pela última vez, com que atenção não o diria? Se esta comunhão, e se esta oração, fosse a derradeira da minha vida, com que fervor não a faria? — De um modo semelhante, se exprimia S. Basílio: Quando fizerdes os atos da manhã, imaginai que não vivereis até a noite, e quando chegardes a noite, pensai que não vereis o dia seguinte¹⁴⁷. — Narra-se de um religioso dominicano que tinha o hábito de confessar-se todas as manhãs antes de dizer missa, que, estando gravemente enfermo, lhe ordenou o superior que se confessasse como para morrer. Então, levantando as mãos para o céu, replicou-lhe: Bendito seja Deus! Há trinta anos me confesso todos os dias como se tivesse de morrer naquele instante. — Bem-aventurado o servo que o Senhor encontrar fazendo assim, no dia das contas, nos ensina o divino Mestre¹⁴⁸. — Bem-aventurada, acrescentarei eu, bem-aventurada a religiosa, que a morte vindo de improviso encontrar fazendo a ação do momento como se fosse para morrer.

17. — 4. Um outro meio pode ajudar muito as almas fracas a fazerem bem as ações a que se aplicam atualmente, e é não contar senão com o dia presente. — Uma das causas que, de ordinário, fazem muitas pessoas perder a coragem no caminho de Deus é a apreensão de quanto custa conservar uma conduta constantemente regular até a morte e a guerra sem tréguas, que é preciso sustentar contra o amor próprio. O melhor meio para vencer esta tenta-

ção, é afigurar-se como não tendo de viver senão o dia presente. Quem é que não se aplicaria a fazer bem e com perfeição todos os seus atos, se soubesse que não lhe resta senão um só dia de vida? Este meio, como deixei dito, pode ser muito útil às almas fracas; porque as fortes e fervorosas no amor divino não tem necessidade de dissimular o trabalho, mas se alegram com isso e anhelam padecer para darem prazer a Deus.

5. Um outro meio ainda pode ajudar as religiosas, que começam a trilhar o caminho da perfeição, e é pensar, coisa aliás certa, a persuadir-se que o bom hábito, dentro de pouco tempo, tornará fácil e agradável aquilo que a princípio era difícil e penoso. — Eis como o Espírito Santo confirma esta verdade: Eu te conduzirei primeiramente pelas veredas estreitas da virtude; mas logo entrarás no caminho largo e fácil, em que correrás sem embaraço¹⁴⁹.

A mesma coisa escreve S. Bernardo ao papa Eugênio III, nestes termos: No começo, uma coisa vos parecerá insuportável; logo, pelo uso, apenas vos será penosa; pouco depois, não a sentireis mais; afinal, nela até achareis prazer¹⁵⁰. — É o que está escrito no Eclesiástico: Fatiguei-me um pouco, mas logo experimentei grande repouso e grande paz¹⁵¹.

ORAÇÃO

*Meu Deus, eu sou aquela árvore que merecia já se muito tempo ouvir as palavras do Evangelho: Cortai esta planta que não dá fruto, e lançai-a no fogo; para que deixar-lhe ainda ocupar a terra?*¹⁵². Miserá-

vel de mim! Tantos anos já me acho no convento, onde me tendes favorecido com socorros sem número para me santificar; e até agora, Senhor, que fruto tendes encontrado em mim? Mas não quereis que eu me desespere e desconfie da vossa misericórdia, pois dissestes: Pedi e receberéis¹⁵³. Visto que permitis que vos peça graças, a primeira que suplico é o perdão de todos os desgostos que vos tenho dado. Eu me arrependo de todo o coração de ter correspondido ao vosso amor e aos vossos benefícios com tantas ofensas e tantas ingratidões! — A segunda graça que vos peço, é o dom do vosso amor, afirm de que vos ame doravante, não mais com tanta frieza como no passado, mas com todo o fervor e de modo que vos não cause o menor desgosto e faça tudo o que puder para vos agradar. Como terceira graça vos peço a santa perseverança no vosso amor. Agora prefiro o vosso amor a todos os reinos do mundo. Vós me quereis toda para vós, e eu quero ser toda vossa. Vós me fostes dado todo na cruz e no SS. Sacramento do altar, e eu me entrego toda a vós sem reservas. Eu vos agradeço me terdes dado o pensamento de me oferecer toda a vós. Essa inspiração é sinal certo que já aceitastes esta oferta. — Meu Jesus, eu sou vossa e espero que também vós sejais sempre meu, por toda a eternidade. Não quero mais que viva em mim a minha vontade, mas somente a vossa; e por isso, d'ora em diante, vos prometo observar todas as regras do convento, ainda as mais pequenas, sabendo que todas são do vosso agrado. — Ó amor! Ó amor! vos direi com Sta. Catarina de Gênova, nunca mais pecar! Eu vos suplico: Fazei que

eu vos ame, ou mandai-me a morte: ou amar ou morrer!

Maria Santíssima, minha Mãe, falai por mim a vosso divino Filho, e obtende-me a graça de amá-lo, ou de morrer.

VI. Dos quatro graus da obediência perfeita

1. — Para que a religiosa seja perfeitamente obediente, é preciso que obedeça com prontidão, com exatidão, com alegria e com simplicidade. Tais são os quatro graus pelos quais se chega à obediência perfeita.

Primeiro grau

O primeiro grau é pois obedecer com prontidão, executando logo, sem demora e sem replica aquilo que for imposto pela obediência. Há religiosas que se não decidem a obedecer da parte da superiora. A que é deveras obediente não procede assim. Esta, diz S. Bernardo, não abe tardar em obedecer mas presta ouvidos à ordem que lhe é dada, e põe logo mãos à obra e move os pés para executá-la¹⁵⁴. Desde manhã cedo ao ouvir o sino de despertar, a religiosa que ama a obediência, não se detém em virar e revirar-se na cama, mas, como diz Sta. Teresa, salta logo do leito para atender a voz de Deus que a chama. Do mesmo modo quando a superiora lhe impõe alguma tarefa, não pensa em replicar e escusar-se não mostra repugnância com o silêncio que muitas

vezes aflige as superiores, mas responde imediatamente com ar alegre: Eis-me aqui. Estou pronta. — E vai logo a obedecer. Não tem necessidade afim de ser reduzida à obediência, de ser rogada ou de ouvir muitas vezes a mesma ordem ou receber muitas explicações dos motivos dela, mas se põe logo em ação sem replicar. As que costumam obedecer se chamam *cavalos duros de boca*, que para obedecerem a mão de quem os guia, precisam de muitos golpes de rédeas. Perdem desse modo a maior parte do merecimento do que fazem.

2. — Oh! Como sabe o Senhor recompensar esta prontidão em obedecer! Muitas vezes, até com prodígios sobrenaturais, mostrou quanto lhe é agradável essa prontidão. — S. Marcos, monge, estando certo dia a escrever, foi chamado pelo abade Silvano seu superior. Obedecendo prontamente, deixou de acabar também a palavra começada. Ao voltar depois, achou a mesma concluída com letras de ouro¹⁵⁵. — Refere-se, além disso, Blosio que o Menino Jesus apareceu à uma religiosa, mas, sendo esta chamada à certa observância regular, partiu logo. Ao voltar achou o Senhor crescido, representando ter a idade de vinte e quatro anos, o qual lhe disse: Minha filha, a tua obediência pronta me fez crescer assim no teu coração. — De modo semelhante, apareceu Jesus Menino a certo religioso, que, tocando vésperas, o deixou para ir ao coro por obediência. Tornou depois a cela, e ai ainda encontrou o menino que lhe disse: Porque me deixaste, me encontraste de novo. Se não tivesses partido para obedecer, eu me teria ido embora daqui¹⁵⁶. Conta-se também que S. Colombano,

querendo um dia experimentar a obediência de alguns dos seus monges que estavam enfermos, disse-lhes: Ora sus! Levantai-vos todos e ide à área bater o trigo. Os verdadeiros obedientes foram logo e se puseram a trabalhar. Os outros doentes, que também eram enfermos do espírito, ficaram deitados. Mas, que sucedeu? Os obedientes imediatamente se acharam curados, e os outros continuaram enfermos como estavam¹⁵⁷.

Ao invés, o Senhor em outras ocasiões não deixou de mostrar quanto lhe desagradam as obediências tardias. O B. Junipero estava certo dia a plantar um zimbro no jardim, quando foi chamado por S. Francisco. Em lugar de obedecer logo, quis acabar de plantar o arbusto que tinha em mão, e só partiu depois. O santo, porém, querendo mostrar-lhe a falta cometida em não obedecer incontinentemente, amaldiçoou o zimbro e da parte de Deus ordenou-lhe que não crescesse mais além do tamanho em que se achava; e o arbusto obedecendo não se elevou mais nem uma polegada. O autor que refere este fato, acontecido no convento de Carinola, acrescenta que, no seu tempo, ainda lá existia esse zimbro, sempre verde e sempre pequeno, como no dia em que plantado¹⁵⁸.

Quanto é triste ver certas religiosas tardarem em fazer certas coisas, unicamente porque lhes são impostas pela obediência. Se lhes fossem deixadas à vontade própria, talvez as fizessem com solicitude! Algumas, antes de se decidirem a fazer as coisas ordenadas, respondem muitas vezes: *Não posso, não posso*. — Diriam com mais verdade: *Não quero, não quero*. — Não, dizia S. José Calasans, quem diz: *Não*

posso, em lugar de *Não quero*, não engana os superiores, mas a si mesmo.

Segundo grau

3. — O segundo grau consiste em *obedecer com exatidão*, isto é pontualmente e sem interpretação.

Pontualmente, quer dizer sem roubar a Deus parte do sacrifício, sem mutilar a vítima; mas obedecer com todas as circunstâncias e atenções, e empregando todo o tempo necessário para a ação prescrita. Certas religiosas são pontuais na presença da superiora; mas quando esta está ausente, fazem tudo de uma maneira tão imperfeita que não se sabe se adquirem méritos ou cometem pecado. — Sta. Maria Madalena de Pazzi dizia: A religiosa não deus sua vontade aos homens, mas a Deus e não aos pedaços e bocados, mas inteira.

Sem interpretações. — Achando-se S. Tomas de Aquino em Bolonha, ai chegou um irmão leigo de outro convento. Devendo este sair imediatamente a tratar de um negócio importante, obteve licença do prior para se fazer acompanhar pelo primeiro religioso que achasse. Encontrando S. Tomas a quem não conhecia lhe disse que fosse acompanhá-lo por ordem do superior. O santo obedeceu logo; mas, como era corpulento e andava devagar, o irmão acelerado lhe rogou que caminhasse mais depressa, porque o negócio era urgente. Quando ao voltar, o irmão soube quem era aquele que o tinha acompanhado, pediu-lhe mil perdões, mas o santo não lhe testemunhou nenhum enfado¹⁵⁹. Com toda a razão, teria podido

interpretar que a ordem do prior não era para ele, mas preferiu obedecer simplesmente e sem interpretações. E, depois, a quem lhe observava que teria podido escusar-se respondeu que o religioso não deve cuidar em outra coisa, que em obedecer exatamente.

4. — Eis um outro fato referido por Cassiano. O abade João, certo dia, encarregou dois jovens religiosos de levarem um cesto de figos de presente a um velho solitário que habitava longe. Aconteceu que erraram o caminho, e andaram muitos dias, vagando no deserto sem ter com que se alimentarem. Podiam bem interpretar que, naquele caso de necessidade, lhes era lícito comer os figos que levavam; mas não o fizeram e foram encontrados mortos ao lado do cesto intacto¹⁶⁰. Com isto não queremos dizer que se deve praticar sempre a obediência, com todo o rigor, ao pé da letra, e nunca seja lícito interpretar a vontade do superior, mesmo quando a interpretação pareça justa e necessária; mas afirmamos que certas interpretações, sutis e requintadas, não diferem muito da desobediência formal. Pelo que o súdito deve executar a ordem recebida, sempre que não é certo ser outra a vontade do superior. — Algumas religiosas, ainda que saibam da vontade da superiora em alguma matéria, contudo seguem o próprio capricho, dizendo não haver preceito formal em contrário. Tal não é, segundo Alberto Magno, a conduta da religiosa verdadeiramente obediente. Esta não espera a ordem expressa da superiora; apenas conhece a sua vontade, passa a executá-la, como se fosse mandamento¹⁶¹. Nisto consiste a obediência perfeita; porque,

segundo ensina o Doutor Angélico, a vontade do superior, conhecida de qualquer modo, deve ser considerada como uma ordem tácita, que se deve seguir para ser perfeitamente obediente¹⁶².

Terceiro grau

5. — O terceiro grau consiste em obedecer *com alegria*. Obedecer de mau humor, murmurando contra os superiores, é antes uma falta, que um ato de virtude. Escutai o que ensina S. Bernardo: Se, ao receberdes uma ordem, começais a murmurar interiormente contra o prelado, embora depois a executeis, vossa obra não é um ato de virtude, mas um véu com que ocultais a vossa malícia¹⁶³. Quem assim procede para passar por obediente, peca na realidade, porque despreza em seu coração a obediência, que simula executar exteriormente. — Que miséria ver certas religiosas não fazerem de boa vontade senão as coisas que elas pedem, ou somente depois de muito rogadas e instadas! e não aceitarem de boamente senão as incumbências, que lhes satisfazem o amor próprio!

6. — Como se poderá chamar religiosa obediente aquela que se esforça para que a superiora lhe imponha por ocupação somente aquilo que é de seu gosto e índole, e que não está disposta a aceitar outra qualquer incumbência! — É uma ilusão, dizia Sto. Inácio de Loyola, pensar um súdito que observa a obediência quando induz o superior a ordenar-lhe o que deseja; e referia a tal propósito as palavras que escreve S. Bernardo: Aqueles que, direta ou indire-

tamente, fazem diligências para que o superior lhes ordene os ofícios que preferem, seduzem-se a si mesmos e em vão se lisonjeiam de praticar a obediência; porque, neste caso, não são os súditos que obedecem aos prelados, mas o prelado aos súditos¹⁶⁴.

— As religiosas que obedecem de má vontade, Trithemo chega até a chamá-las *monstros diabólicos*¹⁶⁵; porque o demônio também obedece, mas à força. E até, de certo modo, podem ser consideradas piores do que os demônios, porque o espírito maligno não prometeu obediência a Deus como elas o fizeram pelo voto. Eu quereria perguntar as religiosas deste jaez, em que consiste a sua obediência? em fazer com alegria somente as coisas que são do seu gosto? e fazer as que não são do seu agrado, com má vontade e com manifesta insolência? Que qualificação se poderá dar à tal obediência? Que importância se dá, onde só se vê obedecer com tristeza e enfado? pergunta S. Bernardo¹⁶⁶.

7. Diz o Apóstolo S. Paulo que Deus ama a quem lhe dá com alegria o que faz por seu amor¹⁶⁷. — As religiosas verdadeiramente obedientes executam com alegria principalmente as ordens que mais contrariam a própria inclinação, porque então estão mais seguras de fazer a vontade de Deus e não a sua. E que maior satisfação haverá para uma alma do que poder dizer: Fazendo isto, estou certa de agradar a Deus Nosso Senhor? Caríssimas irmãs, se desejais agradar muito a Jesus Cristo, pedi a vossa superiora que vos mande o que entender e sem atenções; porque, assim, ela terá mais liberdade para ordenar-vos o que for preciso, e tereis maior merecimento em

cumprir seus preceitos. Então tereis também certeza de lucrar e aproveitar tanto nas coisas conformes com a vossa índole, como nas que repugnam ao vosso amor próprio. Tende sempre fixa no vosso espírito a bela regra de S. Francisco de Sales, em matéria de obediência: *Nada pedir e nada recusar*.

8. — Dizia S. João Clímaco que a obediência era o *túmulo* da vontade própria¹⁶⁸. — Outros lhe chamam *morte* da vontade; mas creio melhor dizer com o santo que é o *túmulo*, porque o defunto em quanto não está encerrado no *túmulo*, embora seja morto, ainda se deixa ver; mas quando já está sepultado, não aparece mais sobre a terra. Algumas religiosas tem morta a sua vontade em obséquio à obediência, mas a deixam transluzir fora. As mais perfeitas não só tem a sua vontade morta, mas também sepultada, de sorte que não aparece mais. Neste particular, foi sobremodo admirável Sta. Maria Madalena de Pazzi, que nunca deu a conhecer às suas superiores as coisas para as quais tivesse inclinação ou aversão. Assim fizei também vós. Mostrai-vos sempre completamente diferentes em todos os ofícios, exercícios e empregos, que vos possam tocar por obediência. E sempre executai, com muita alegria, os que vos forem dados. E se quiserdes que esta alegria seja verdadeira, procurai desempenhá-los com o único fim de agradar a Deus; aliás, se os exercerdes por outros fins, ou por interesse próprio, como para conquistar as boas graças da superiora, ou obrigá-la a conceder-vos o que pedirdes, ou não ser repreendidas e censuradas de pouco obedientes, com tal obediência contentareis de certo a superiora, mas não a Deus.

No entanto, sofrereis o cansaço e os incômodos da obediência, e ficareis ainda assim inquietas. — Demais, vos digo eu, que, quando em vossas ações não tiverdes outro fim que agradar a Deus, fareis alegremente tudo o que a superiora vos ordenar com bons modos e doçura, ou mesmo com aspereza e altivez. Nisso estará o vosso merecimento. — Narra o padre Rodrigues que Sta. Gertrudes rogava um dia ao Senhor livrasse a abadessa do seu convento do hábito que tinha de ser rude e se impacientar, à toda a hora, com as religiosas; mas Deus lhe respondeu que permitia esse defeito na superiora; primeiramente a fim de que ela melhor se mantivesse na humildade, e, em segundo lugar, para que as religiosas merecessem mais, suportando com submissão o seu mau gênio.

Quarto grau

9. — O quarto e último grau que torna a obediência, é obedecer *com simplicidade*, segundo o preceito do Apóstolo: Obedecei na simplicidade do vosso coração¹⁶⁹. A simplicidade do coração consistem em sujeitar o juízo próprio ao juízo do superior, reputando justo tudo o que for ordenado por ele. Eis como o Espírito Santo ensina a sua esposa o que deve fazer para obedecer com perfeição: Ó mais bela de todas as mulheres, se tu não sabes te conhecer, isto é, se ignoras quanto te podes tornar cara a meu coração pelas tuas obras, eu te direi: Sai de ti mesma, e segue os passos das ovelhas¹⁷⁰. Observa que as ovelhas, quando são conduzidas a pastar, não pergun-

tam porque as levam a tal lugar e a tal hora; porque se ainda tão depressa ou tão devagar? Obedecem ao pegureiro sem replicar, sem dar um balido. Assim deve fazer a boa religiosa; obedecer sem saber porque.

O grande servo de Deus, padre Pavone, da Companhia de Jesus, dizia que a obediência perfeita devia andar com ambas as pernas, que são a vontade e a inteligência. Quando se obedece só a vontade e não coma inteligência, isto é, julgando de modo diverso do superior, dizia ele, tal obediência não é perfeita, é coxa. — Sta. Maria Madalena de Pazzi dizia igualmente: “A obediência perfeita exige uma alma sem vontade, e uma vontade que não julga. E por isso a santa dizia que se dispunha para obedecer com perfeição, procurando primeiramente sujeitar o seu juízo, e depois punha mãos a obra. De outra sorte quem não submete também o juízo à obediência, dificilmente obedecerá de boamente. Sua obediência será a de uma escrava que serve à força, e não a de uma filha que o faz por amor. Isto quer significar o Apóstolo pelas palavras: Obedecei com boa vontade, tendo em vista servir a Deus, e não os homens¹⁷¹. Assim que jamais obedeceremos de boamente, se não quando intendermos servir a Deus, que não pode errar em suas ordens, e só ordena o que é para nosso bem.

10. — O doutor angélico S. Tomás ensina que o religioso deve por-se a executar o preceito do superior, ainda que lhe pareça impossível o que foi ordenado, porque não lhe compete decidir se é ou não possível. E S. Bernardo diz que a obediência perfeita não exige discricção no súdito. E acrescenta que o noviço

que pretende regular sua obediência pela própria prudência, não pode perseverar na comunidade. E o santo dá como razão, que é um orgulho insuportável querer tomar sobre si o ofício que pertence ao superior, pois a este incumbe decidir o que convém fazer, e ao súdito nada mais que obedecer¹⁷².— Sto. Inácio de Loyola dizia um dia que, se o Papa lhe mandasse embarcar em um navio sem mastro, sem remos e sem velas, ele logo obedeceria cegamente. Alguém lhe ponderou que seria imprudência por-se voluntariamente em perigo de morte; e o Santo sabiamente respondeu que a prudência se exige no superior, ao passo que a prudência do súdito consiste em obedecer sem prudência.

11. — Tudo isto é bem conforme ao que diz o Espírito Santo: Eles estão na sua mão como o barro na mão do oleiro¹⁷³. O súdito se há de pôr nas mãos do superior como um pouco de argila para que faça dela o que quiser. — Lá diz Isaías: Porventura o barro dirá ao oleiro: Que hás de fazer de mim?¹⁷⁴ — Se isto acontecesse, o oleiro lhe responderia: Cala-te. Não te compete examinar o que eu faço; só tens que obedecer, deixando-me te amassar e fazer de ti o que entendo. Esta é também a resposta que merecem ouvir as religiosas, que procuram indagar porque motivo lhe dão tal cargo ou tal ofício, e não outro. É justamente o que escrevia S. Jerônimo a Rustico: Como simples monge, o teu ofício é obedecer. Guarda-te, portanto, de pretender julgar do que fazem os superiores¹⁷⁵.

Eis um fato que se lê nas vidas dos monges da Trapa. Tendo o abade mandado fazer alguns melho-

ramentos na igreja, um bom religioso chamado Arsenio pensou consigo que as despesas feitas eram supérfluas. Refletindo depois que tinha feito um juízo contrário ao do seu superior, foi logo se acusar, debulhado em lágrimas como se tivesse cometido um grande delito; e por mais que o abade se esforçasse para lhe fazer compreender que sua falta não era tão grave como se lhe afigurava, não conseguiu acalmá-lo, e viu-se obrigado a deixá-lo, sem poder conter-lhe a torrente de lágrimas¹⁷⁶.

12. — A *obediência cega* tão louvada dos santos consiste em julgar bem feito tudo o que praticam os superiores; e isto por quatro razões: 1. Porque ninguém se deve fiar no próprio juízo nas coisas que lhe dizem respeito; pois diz o provérbio: Ninguém é juiz em causa própria¹⁷⁷. Isto se entende por causa do amor próprio, que não nos deixa bem distinguir o verdadeiro do falso naquilo que nos toca. — 2. Porque o súdito conhece somente as coisas suas, ao passo que o superior terá diante dos olhos muitas outras, e por isso o seu juízo será melhor. — 3. Porque o súdito muitas vezes não olha senão o seu interesse particular, e o superior deve considerar o bem público ou comum. — 4. Porque os superiores, como dizia Sta. Maria Madalena de Pazzi, recebem de Deus uma assistência particular para o governo da comunidade e por isso tem luzes especiais que faltam aos súditos.

13. — Nos Atos dos Apóstolos está escrito que S. Paulo, quando se converteu, tinha os olhos abertos e não via coisa alguma; de sorte que foi necessário que outros o guiassem pela mão até Damasco¹⁷⁸. Certas religiosas, querem obedecer, mas examinan-

do se aquilo que se ordena, é bom ou mau para elas; e se julgam que alguma coisa lhes não convém, recusam obedecer, ou obedecem de mau humor, chegando às vezes até a acusar a superiora de imprudência, indiscrição ou parcialidade. Tudo isso provém de, em vez de obedecer cegamente, querer saber o inferior a razão pela qual os superiores ordenam isto ou aquilo; o que aliás é sinal de uma vontade muito imperfeita, segundo S. Bernardo¹⁷⁹. — É desse modo que o demônio tentou Eva e conseguiu fazê-la prevaricar. Começou por perguntar-lhe porque razão tinha Deus ordenado de não comer de todos os frutos do paraíso terrestre¹⁸⁰. Eva não teria caído em pecado, se tivesse respondido logo ao princípio: Não nos pertence examinar a razão do preceito; só temos que obedecer. — Mas a mísera se pôs a examinar a razão e respondeu-lhe: Podemos comer de todos os frutos, exceto de um que nos foi proibido, para que talvez não incorramos na morte¹⁸¹.

Vendo, pois, a dúvida em que Eva começava a pôr o castigo que Deus tinha ameaçado, a serpente lhe disse com ousadia: Não há que temer, porque não morrereis¹⁸². E por esse meio a induziu a transgredir a ordem de Deus.

14. — As religiosas verdadeiramente obedientes não indagam a razão do preceito que lhes é dado. Tem os olhos abertos, como S. Paulo, isto é, tem o espírito para poder julgar; mas nada vêem, submetendo, pela obediência, o seu juízo ao da superiora ou presidente. — Por isso, S. João Clímaco recomenda aos religiosos que repilam os pensamentos contra a obediência às ordens dos superiores do

mesmo modo que os contrários à castidade, isto é, imediatamente e sem argumentar ou raciocinar; e em vez de submetê-los à crítica e discussão, busquem razões para defenderem sempre a sua justiça¹⁸³.

Nosso Senhor muitas vezes testemunhou, com prodígios, quanto lhe agrada a obediência cega das pessoas religiosas. Eis entre outras um exemplo contado por Sulpício Severo. Um jovem se apresenta um dia para ser recebido em certo mosteiro. Para provar sua obediência, o abade lhe impõe que entre em uma fornalha que ali ardia. O jovem atirou-se logo ao fogo, mas não sofreu dano algum nem nos vestidos¹⁸⁴. — É também célebre o fato de S. Bento, referido por S. Gregório. Tendo caído no rio seu discípulo S. Plácido ainda menino, o santo abade ordenou a S. Mauro que o fosse salvar; e este, caminhando sobre as águas, o tomou pelos cabelos e trouxe para terra¹⁸⁵. — Estes exemplos não são de certo para se imitarem, pois são inspirações extraordinárias do Senhor que, desse modo, faz conhecer aos superiores e súditos, com segurança, a sua divina vontade; mas servem para nos mostrar quanto agrada a Deus a obediência cega sem raciocínio.

Muitas vezes, para experimentar esta sorte de obediência, os superiores ordenam coisas que parecem inépcias e que são contrárias à razão natural. S. Francisco mandava seus religiosos plantar couves de cabeça para baixo e com as raízes para cima. Fazia frei Maceu girar sobre si mesmo até cair por terra. Sta. Teresa também fazia experiências semelhantes com suas filhas. — Mas dirá alguém: Para que serve tudo isso? — E eu responderei: Para que serve exer-

citar um cavalo novo, fazendo-o ora correr, ora parar de repente, ora recuar, sem nenhuma necessidade? Serve para torná-lo obediente às rédeas. Do mesmo modo, exercitam-se os súditos em coisas que parece desarrazoadas e ineptas para habituá-los a quebrar a própria vontade e submeter o seu juízo à obediência.

15. — S. José Calazans dizia: Não é obediente quem no obedecer segue o juízo próprio. — Assim pois, caríssimas irmãs, em todas as ações de vossa vida, guardai-vos de crer em vós mesmas de encontro ao que dizem vossos superiores. — Advertia S. Filipe Nery, que não há coisa mais perigosa do que uma pessoa querer guiar-se pelas próprias luzes. — Já antes dele, Pedro de Blois tinha dito: O mais funesto defeito para uma alma é não querer acreditar senão em si mesma¹⁸⁶. Por quanto, segundo Cassiano, é impossível que aquele que confia no próprio juízo, não seja vítima da astúcia do demônio¹⁸⁷. Donde esta máxima de S. João Crisóstomo: Não há coisa mais própria para arruinar a Igreja de Deus do que terem os discípulos sentimentos contrários ao juízo dos mestres¹⁸⁸. — E eu digo que nada é mais próprio para destruir as comunidades, do que a oposição dos religiosos aos sentimentos dos superiores.

ORAÇÃO

Meu Jesus, vós jamais abandonastes uma alma que vos buscou¹⁸⁹. Eu deixei o mundo para vos buscar neste lugar santo, mas depois procurei a mim mesma e os meus prazeres com tanto desgosto vosso. Senhor, olvidai o passado e perdoai-me todas as

ofensas que vos fiz, pois eu as aborreço de todo o coração. Sinto um grande desejo de me santificar e de vos agradar em tudo, e vejo neste desejo um dom da vossa mão. Ai! Meu amável Esposo, como vos dignais visitar com tanto amor uma alma tão ingrata e fazer-lhe tantos favores, depois de tantos desgostos que vos dei? Eu vos agradeço tudo, com o coração enternecido e confuso. Sejais mil vezes bendito! Vós me chamais ao vosso amor, e eu quero obedecer-vos. Reconheço a graça que me fazeis, e não quero pagar-vos com ingratidão, como fiz no tempo passado. Eu vos amo, meu sumo Bem. Eu vos amo, meu Deus. Vós sois o meu único amor. Dai-me a força de corresponder com amor ao amor que me testemunhais. Fazei que eu vos ame sempre, e vos ame muito. Não vos peço outra coisa mais.

Ó Maria, minha Mãe, agradecei por mim a vosso Filho, e alcançai-me a graça de ser-lhe agradecida até o fim da minha vida. Ó Mãe de Deus, em vós confio.

1. *Fecerunt civitates duas amores duo; terrenam, amor sui usque ad contemptum Dei; coelestem, amor Dei usque ad contemptum sui. De Civ. D. I. 14, c. 28.*

2. *Si quis vult post me venire, abneget semetipsum. Matth. 16, 24.*

3. *Nutrimetum charitatis est imminutio cupiditatis; perfectio nulla cupiditas. De div. quaest. 9. 36.*

4. *Regere motus animi. Serm. 196. E. B.*

5. *Magis nocet domesticus hostis. Medit. c. 13.*

6. *Animae irreverenti et infrunitae ne tradas me. Eccli. 23, 6.*

7. *Militia est vita hominis super terram. Job. 7. 1.*

8. *Credite mihi, et putata pululant, et effugata redeunt. In Cant. s. 58.*

9. *Vit. Patr. I. 5, libell. 7. n. 6.*

10. Aliud est has bestias in campo operis saevientes aspicere, aliud intra cordis caveam frementes tenere. *Mor. l. 6. c. 22.*

11. Vince te ipsum.

12. Quid proficit clausos esse aditus si intus hostis fomes cuncta contristat? *In Cant. serm. 26.*

13. Bene currunt, sed extra viam.

14. Tantum proficies, quantum tibi ipsi vim intuleris. *De Imit. l. 1, c. 25. v. 11.*

15. Deus vocat ad vitam per laborem, daemon ad mortem per delicias. *Lib. 6, De Prov. c. 18.*

16. Quid prodest tenuari a abstinentia, si animus intumescit superbia? Quid vinum non bibere et odio inebriari? *Ep. ad Celant.*

17. Virum dolorum. *Is. 53, 3.*

18. Proposito sibi gaudio, surtinuit crucem. *Heb. 12, 2.*

19. Volve et revolve vitam Jesu; semper eum invenies in cruce.

20. Vadam ad montem myrrae. *Cant. 4, 6.*

21. Venis ad crucifixum; crucifixus venias, aut crucifigendus. *De Exult. S. Cruc. s. 1.*

22. Semper mortificationem Jesu in corpore nostro circumferentes. *II. Cor. 4, 10.*

23. Qui sunt Christi, carnem suam crucifixerunt cum vitiis et concupiscentiis. *Gal. 5, 24.*

24. Quid aquilae prosunt alae, capto pede?

25. Navis, quantumvis integra, nihil prodest, si parvum fundo forameu relinquat. *Inter op. S. Aug. ep. 19. app. E. B.*

26. Calca jacentem, conflige cum resistente. *Serm. 156. E. B.*

27. *Vida, cap. 26.*

28. Cum parvula est cupiditas, nequaquam pravae consuetudinis robur accipiat; elide illam. *In Ps. 136.*

29. Nisi citius passiones sustuleris, ulcus efficiunt. *De Perf. mon.*

30. *Doctr. 11.*

31. *Collat. 12, c. 5.*

32. Omnis enim qui petit, accipit. *Luc. 11, 10.*

33. Qui amat, non laborat. *In Joan. tr. 48.*

34. Cesset propria voluntas, et infernus non erit. *In Temp. Pasch. s. 3.*

35. Destructrix magna virtutum. *Hom. de Sto. Bened.*

36. Voluntas Dei fons est totius boni; voluntas hominis totius est exordium mali. *De Similit. c. 8.*

38. Qui se sibi magistrum constituit, stulto se discipulum subdit. *Epist. 87.*

39. Diabolus, perversa voluntate, ex bono angelo diabolus factus est. *Conf. l. 7. c. 3.*

40. Non pugnant nobiscum daemones, quando voluntates nostras facimus; quia voluntates nostrae daemones factae sunt. *Vit. Patr. l. 5., lib. 10, n. 62.*

41. *De lib. leg. a mon. cons. 6.*

42. Qui sibi dux esse vult, spreto duce proprio, non jam indiget daemone tentante, quia ipse factus est daemon sibi.

43. Post concupiscentias tuas non eas, et a voluntate tua avertere, *úccli. 18. 30.*

44. Nihil est quod diabolus plus oderit, quam obedientiam.

45. Tantum adjicies virtuti, quantum subtraxeris propriae. *Collat. 19. c. 8.*

46. *Cassian. De Coenob. inst. l. 4, c. 28.*

47. Finis coenobitae est omnes suas crucifigere voluntates. *Collat. 19. c. 8.*

48. Nullum sacrilegii crimen deterius est, quam in voluntate Deo semel oblata reaccipere potestatem.

49. Quasi peccatum ariolandi est, repugnare; et quasi scelus idololatriae, nolle acquiescere. *l. Reg. 15, 23.*

50. Quasi ergo peccatum ariolandi est, repugnare; quia cordis sui superbis adinventionibus credunt, et praelatorum consiliis refragantur.

51. *Reg. fuc. disp. inst. 28.*

52. A remediis longinquiora sunt vitia quae, sub specie virtutum, videntur emergere. *Collat. 4, c. 20.*

53. Quare jejunavimus et non aspexisti? Ecce in die jejunii vestri, invenitur voluntas vestra. *Is. 58, 3.*

54. Grande malum propria voluntas, qua fit ut bona tua tibi bona non sint! *In Cant. s. 71.*

55. *Entret. 21.*

56. *S. Dorothei Doctr. 5.*

57. Beati sumus, Israel, quia quae Deo placent manifesta sunt nobis. *Bar. 4, 4.*

58. Gravissimum a se onus rejicit, qui suam repulit voluntatem. *D Disc. mon. c. 7.*

59. Quis tyrannus crudelior quam hominis voluntas? *Hom. de S. Ben.*

60. Quid prodest, si in loco quies et silentium sit, et in habitatoribus colluctatio passionum; si exteriora nostra serenitas teneat, et interiora tempestas? *Ad Mon, hom. 9.*

61. Unde turbatio, nisi quod propriam sequimur voluntatem. *De Div. s. 26.*

62. *De Coen. inst. l. 4, c. 8.*

63. *Vit. S. Phil. 20 Aug.*

64. Habeto pacem cum praelatis tuis: non detrahas eis, non libenter audias alios detrahentes eis; quia specialiter Deus hoc vitium punit in subditis, etiam in praesenti. *Op. Ad quid ven. c. 3.*

65. Facta praepositorum oris gladio non sunt ferienda, etiam cum recte reprehendenda videntur. *Epist. l. 12. ep. 31.*

66. Diis non detrahes. *Exod. 22, 25.*

67. *Puccini, p. 4, c. 29. — p. 3. n. 1.*

68. Emissio voto suae ipsius voluntati jugiter obsistendi.

69. Bernarde, ad quid venisti?

70. Tota religionis perfectio in voluntatis propriae abdicatione consistit. *Spec. disc. ad novit. p. 1. c. 4.*

71. Nihil est homini amabilius libertate propriae voluntatis. *De Perf. vitae spir. c. 10.*

72. Melior est enim obedientia, quam victimae. *l. Reg. 15. 22. — Eccl. 4. 17.*

73. Per alias virtutes, nostra Deo impendimus; per obedientiam nos metipsos exhibemus. *Int. Reg. 15.*

74. Obedientia virtus est quae caeteras virtutes menti inserit, insertasque custodit. *Mor. l. 35. c. 12.*

75. *Fund. c. 5.*

76. Vir obediens loquetur victoriam. *Prov. 21. 28.*

77. Victores sunt qui obediunt; quia, dum voluntatem suam aliis perfecte subjiunt, ipsi lapsis per inobedientiam angelis dominantur. *In l. Reg. l. 4. c. 5.*

78. Mortificatione voluntatum narcescunt universa vitia. *De Coenob. inst. l. 4, c. 43.*

79. Si averteris... facere voluntatem tuam... sustollam te super altitudines terrae. *Is. 58, 13.*

80. Sicut seipsum Deo tradidit, voluntatem propriam immolando, sic a Deo omne quod poposcerit, consequetur. *Lign. vit. de Obed. c. 3.*

81. Factus obediens usque ad mortem, mortem antem crucis. *Phil. 2. 8.*

82. Redimunt se, ne obediant: non ita Christus: ille siquidem dedit vitam, ne perderet obedientiam. *De Mor. Episc. c. 19.*

83. *2. 2. q. 186. a 8.*

84. *Cam. da perf. c. 19.*

85. *Fundat. c. 5.*
86. *L. 5. libell. 14, n. 19.*
87. Majoris est meriti injuncta refectio, jejunio propria deliberatione suscepto. *In l. Reg. l. 2.c. 4.*
88. *Revel., l. 4, c. 26.*
89. Qui vos audit, me audit; et qui vos spernit, me spernit. *Luc. 10, 16.*
90. Non... quasi hominibus placentes, sed ut servi Christi, facientes voluntatem Dei ex animo. *Eph. 6, 6.*
91. Licet nos aut angelus de coelo evangelizet vobis praeterquam quod evangelizavimus vobis, anathema sit, *Gal. 1, 8.*
92. Quos (praelatos) sibi Deus aequare quodam modo dignatus, sibimet imputat illorum et reverentiam et contemptum. *De Praec. et Disp. c. 9.*
93. Sive Deus, sive homo, vicarius Dei, mandatum quocumque tradiderit, pari profecto obsequendum est cura.
94. *Scala parad. gr. 4.*
95. Ingredere civitatem, et ibi dicitur tibi, quid te oporteat facere, *Act. 9. 7.*
96. Qui vos audit, me audit.
97. Quidquid, vice Dei, praecipit homo, quod non sit tamen certum displicere Deo, haud secus omnino accipiendum est quam si praecipiat Deus. *De Praec. et Disp. c. 9.*
98. *Bacc. l. 1, c. 20.*
99. Obedite praepositis vestris et subjacete eis; ipsi enim pervigilant, quasi rationem pro animabus vestris reddituri. *Heb. 13, 17.*
100. Ut cum gaudio hoc faciant, et non gementes.
101. Hoc vem non expedit nobis.
102. Quid tibi vis faciam. *Luc. 18, 41.*
103. Vere caecus, quia non exclamavit: Absit, Domine; tu magis dic quid me facere velis. *In Conv. S. Pauli, s. 1.*
104. *S. Bonav. Vit. c. 6.*
105. *Insin. l. 3. c. 84.*
106. In quantum gravaris, in tantum lucraris. *Epist. 73.*
107. Majorum imperia tunc etiam veneranda sunt, cum ipsi laudabilem non habent vitam. *In l. Reg. l. 2. c. 4.*
108. Omnia ergo quaecumque dixerint vobis, servate et facite; secundum opera vero eorum nolite facere. *Matth. 23,3.*
109. Puta te, quaeso, monachum esse, non medicum. Parce quieti tuae. Parce labori ministrantium. Parce gravamini domus.
110. *S. de abdicat. rerum.*

111. *Wading. Ann. Minor. anno 1219. n. 10.*
112. Disciplinam qui abjicit, infelix est; et vacua est spes illorum, et labores sine fructu. *Sap. 3, 11.*
113. *Cam. de la perf. c. 11.*
114. Melius est digitum esse, et esse in corpore, quam esse oculum et evelli de corpore.
115. Ad relinquendos dulces, affectus, fortissimi fuimus; et nunc, ad declinandas negligentias, infirmi sumus? *Ad monach. hom. 8.*
116. Senatorem perdidisti et monachum non fecisti. *De Coenob. inst. l. 7, c. 19.*
117. Si veram putes saeculi libertatem, rediisti in servitatem hominis, et amisisti libertatem Christi. *De Cor. mitit.*
118. *De la Conn. et de l'Am. l. 3, c. 17, sect, 1.*
119. *Suzius, 15. Sepi.*
120. *Insin. l. 3, c. 33.*
121. Qui parce seminat, parce et metet. *II. Cor. 9, 6.*
122. Multi optant pro Christi mori, qui pro Christo nolunt levia pati. *De Prof. rel. l, 2, c. 5.*
123. Pag. 72.
124. Qui dissipat sepem, mordebit eum colubei. *Eccli. 10, 8.*
125. Pag. 110.
126. Transgressio obligat ad peccatum veniale, 2. 2. q. 186, a. 9.
127. Infecunda arbor, dum fundit umbram, inimica, non sibi soli, sed etiam palmitibus fit fecundis. *Serm. 106.*
128. Citius persuadent oculi, quam aures. *Serm. 76.*
129. Nemo inde strui potest, unde destruitur. *De Praescrip.*
130. Praemitti se velle infernum. Non enim aetati nostrae dignum est, fingere. *II. Machab. 6, 23.*
131. Justi aspectus admonitio est. *In Ps. 118, s. 10.*
132. Deinceps, ut vera sponsa meum zelabis honorem. *Off. 15 Oct.*
133. Christi sarcina pennas habet. *In Ps. 59.*
134. Funes ceciderunt mihi in praeclaris. *Ps. 15. 6.*
135. Ego autem vinctus in Domino. *Eph. 4, 1.*
136. Non tibi imponeret torquem aureum, nisi primum in compe-dibus ferreis te alligasset. *In Ps. 149.*
137. Sic luceat lux vestra coram hominibus, ut videant opera vestra bona, et glorificent Patrem vestrum qui in coelis est. *Matth. 5, 16.*

138. Optima religioni perfectio communia quaeque servare. *Spec. disco. p. 2, c. 2.*

139. Sive justi, sive injusti; utrum quisquam proficiat; utrum Deo placeat; an displiceat. *Expos. in Reg. S. Aug. c. 12.*

140. *Cam. da perf. c, 11.*

141. In spiritu amoris, et non cum perturbatione timoris. *Const. p. 5, c. 1.*

142. Loco timoris offensae succedat amor. *Ibid. c. 5.*

143. Illum tantum diem vixisse te computa, in quo voluntates proprias abnegasti, et quem sine ulla regulae transgressione duxisti. *Ad Monach. hom. 9.*

144. Bene omnia fecit. *Marc. 7, 37.*

145. Omnis gloria ejus filiae regis ab intus. *Ps. 44, 14.*

146. In omni opere suo, dicat sibi: Si modo moriturus esses, faceres istud? *Spec. Monach. n. 1.*

147. *Admon. ad fil. spir.*

148. Beatus ille servus quem, cum venerit dominus ejus, invenerit sic facientem. *Matth. 24, 46.*

149. Ducam te per semitas aequitatis; quas cum ingressus fueris, non arctabuntur gressus tui, et currens non habebis offendiculum. *Prov. 4, 11.*

150. Primum, tibi importabile videbitur aliquid; processu temporis, si assuescas, judicabis non adeo grave; paulo post, nec senties; paulo post, nec senties; paulo post, etiam delectabit. *De Const. l. 1, c. 2.*

151. Modicum laboravi, et inveni mihi multam requiem. *Eccli. 51, 35.*

152. Succide illam; ut quid etiam terram occupat? *Luc. 6.*

153. Petite et accipietis.

154. Fidelis obediens nescit moras; parat aures auditui, manus operi, itineri pedes. *De divers. s. 41.*

155. *Vit. patrum, de obed. par. 1.*

156. *Chron. S. Franc. c. 30.*

157. *Platus De Bono stat. rel. t. 2, c. 5.*

158. *Wading. Annal. Min. ann 1222, n. 11.*

159. *Surius 7 Mart.*

160. *De Coenob. inst. l. 5. c. 40.*

161. Verus obediens nunquam praeceptum exspectat; sed, solum voluntatem praelati sciens vel credens, exequitur pro praecepto. *De virtut. c. 3.*

162. 2. 2. q. 104, a. 2.

163. Si coeperis dijudicare praelatum, si murmuras in corde, etiam si exterius impleas, non est virtus, sed velamentum malitiae. *In Circumc. D. s. 3.*

164. Quisquis vel aperte vel occulte, satagit ut, quod habet in voluntate, hoc ei spiritualis pater injungat, ipse se seducit, si sibi quasi de obedientia blandiatur; neque enim in ea re ipse praelato, sed magis ei praelatus obedit. *De Divers. s. 35.*

165. Mostra diaboli, Chama-se monstro o ser que não tem alguma coisa essencial à sua espécie, como um cavalo sem pés. Ao religioso desobediente falta o mais essencial ao seu estado, e nisto se parece com o demônio, cujo crime é justamente recusar a obediência devida a Deus.

166. Quis locus obedientiae ubi tristitiae cernitur aegritudo? *Ibid. s. 41.*

167. Hilarem enim datorem diligit Deus. *II. Cor. 9, 7.*

168. Obedientia est sepulcrum propriae voluntatis. *Sc. par. gr. 4.*

169. Obedite... in simplicitate cordis vestri. *Eph. 6, 5.*

170. Si ignoras te, o pulcherrima inter mulieres! egredere, et abi post vestigia gregum. *Cant. 1, 7.*

171. Cum bona voluntate servientes, sicut Domino, et non hominibus. *Eph. 6, 7.*

172. Perfecta obedientia et indiscreta. Novitium prudentem in congregatione durare, impossibile est. Discernere superioris est, aliorum est obedire. *De Vit. sol. c. 5.*

173. Quasi lutum figuli in manu ipsius. *Eccli. 33, 13.*

174. Numquid dicet lutum figulo suo: Quid facis...? *Is 45, 9.*

175. Nec de majorum sententia iudices, cujus officium est obedire.

176. *Prodiges de la grace vol. II, pag. 24.*

177. Nemo rectus iudex sui ipsius.

178. Apertisque oculis, nihil videbat; ad manus autem illum trahentes, introduxerunt Damascum. *Act. 9, 8.*

179. Imperfecti cordis indicium est exigere de quibusque rationem. *De Praec. et Disp. c. 10.*

180. Cur praecepit vobis Deus ut non comederetis de omni ligno paradisi? *Gen. 3, 1.*

181. Ne forte moriamur.

182. Nequaquam morte moriemini.

183. *Scal. parad. gr. 4.*

184. *De Virt. mon. or. dial. 1, c. 12.*

185. *Dial. I. 2, c. 7.*

186. Sibi solum credere pessimum est.

187. Impossibile est, qui proprio fedit iudicio, diaboli illusionem non decipi. *Collat. 16, c. 11.*

188. Nihil est quod Ecclesiam Dei ita destruere potest, ut quando discipuli magistris non cohaerent. *In illud ad Rom. c. 16 Salutate etc.*

189. Non dereliquisti quaerentes te, Domine.

CAPÍTULO VIII

Da mortificação exterior dos sentidos***I. Da sua necessidade e suas vantagens***

1. — Não há remédio. Nós pobres filhos de Adão devemos sustentar uma guerra sem tréguas até a morte¹. A carne deseja o que não quer o espírito, e o espírito exige o que desagrade a carne². Mas, se é próprio dos brutos procurar satisfazer os próprio sentidos, e dos anjos aplicar-se a cumprir a vontade de Deus; com razão, conclui um douto autor, se nos esforçarmos para fazer a vontade do Senhor, nos faremos anjos, se, porém, buscarmos as satisfações dos sentidos nos converteremos em brutos.

Não há meio termo: ou a alma dominará o corpo, ou então o corpo calcará a alma debaixo dos pés. Devemos, portanto, tratar o nosso corpo, como um cavaleiro a um cavalo fioso ao qual tem sempre as rédeas curtas, para que não o lance no precipício; ou antes como o médico procede com o enfermo, a quem receita remédios desagradáveis e recusa os alimentos e bebidas nocivas que apetece. Certamente seria crueldade da parte do médico deixar de prescrever aos doentes os medicamentos necessários só porque são amargos, e permitir-lhes coisas nocivas somente porque lhes agradam. Pois bem, tal é a extrema crueldade dos homens sensuais para

consigo; por quanto, para não fazerem seu corpo sofrer um pouco na vida presente, põem corpo e alma em grande risco de irem padecer eternamente tormentos incomparavelmente maiores. Eis ai, observa S. Bernardo, uma falsa caridade que destrói a verdadeira, que devemos ter para nós mesmos. Tal compaixão para com o corpo é cheia de crueldade, porque o serve de um modo que mata a alma³. Depois, censurando os homens carniais que zombam dos servos de Deus que mortificam sua carne, o santo doutor diz: Nós nos contentamos de ser cruéis com o nosso corpo, afligindo-o com penitenciais; mas vós sois ainda mais cruéis com o vosso, concedendo-lhe o que apetece nesta vida, porque assim o condenareis, juntamente com a alma a sofrer muito mais no inferno eterno⁴. Um fervoroso solitário, de que fala o padre Rodrigues, praticava rudes macerações; e sendo interpelado porque tanto mortificava o próprio corpo, sabiamente respondeu: Eu atormento o inimigo que me persegue e quer condenar-me à morte⁵. — O abade Moisés deu resposta semelhante a quem lhe aconselhava moderasse suas austeridades: Quando as paixões deixarem de me incomodar, eu também cessarei as minhas mortificações⁶.

2. — Se pois queremos agradar a Deus e nos salvar, é preciso mudar de gosto. É preciso que nos agradem as coisas rejeitadas pela carne, e nos desagradem as que ela exige. Tal foi precisamente um aviso que deu o Senhor um dia a S. Francisco de Assis: Se me desejas, toma as coisas amargas por doces e as doces por amargas. — Nem se objete, como fazem alguns, que a perfeição não consiste em ma-

cerações do corpo, mas em mortificar a vontade. — Eis o que lhes responde o padre Pinamonte: O fruto de uma vida não consiste tão somente na cerca de espinhos; todavia, é a cerca que guarda o fruto. Sem os espinhos não haverá frutos, segundo a palavra do Espírito Santo: Onde não há cerca, o campo é assolado⁷. S. Luiz Gonzaga, sendo de saúde fraca, amava tão extraordinariamente as macerações do seu corpo, que só lhe procurava mortificações e penitências: e como alguém lhe observasse um dia que a santidade não consistia nesses rigores, mas na abnegação da própria vontade, respondeu sabiamente com estas palavras do Evangelho: É preciso fazer uma coisa e não omitir outra⁸. — Com isto queria dar a entender o santo que, se é necessário mortificar a vontade própria, não o é menos mortificar o corpo, para refreá-lo e torná-lo submisso à razão. É por isso que o Apóstolo dizia: Eu castigo o meu corpo e o reduzo a servidão⁹. Quando o corpo não é mortificado, só com dificuldade se submete a lei. — Dai, a propósito daqueles que não estimam as penitências, e, fazendo-se mestres da vida espiritual dos outros, desprezam e desaconselham as mortificações exteriores, eis em que termos se exprimia S. João da Cruz: Se alguém ensinar uma doutrina que leve à relaxação da mortificação da carne, não a acrediteis, ainda que a confirme com milagres.

3. — O mundo e o demônio são dois grandes inimigos da nossa salvação, mas pior do que eles é o nosso corpo, porque é inimigo que está dentro de casa. Diz S. Bernardo que o inimigo doméstico nos faz maior mal¹⁰. Numa praça sitiada, não há inimigos pio-

res do que os que estão dentro, porque destes é mais difícil defender-se do que dos outros que estão fora. — Pelo que dizia S. José Calazans: Não se deve fazer mais caso do corpo do que de um pano de cozinha. E de fato, é assim que os santos consigo praticaram. Assim como os homens do mundo não procuram outra coisa que satisfazer seu próprio corpo com prazeres sensuais, assim, ao contrário, as almas amantes de Deus só procuram mortificar a própria carne sempre que se lhes oferece ocasião. S. Pedro de Alcântara dizia: Fica tranqüilo, corpo meu; nesta vida, não quero dar-te nenhum descanso, não terás de mim senão tormentos. Depois, quanto estivermos no paraíso, tu gozarás de um repouso sem fim. — O mesmo praticou Sta. Maria Madalena de Pazzi. No último dia da sua vida, assegurou que não se lembrava de ter buscado nenhum prazer que não fosse somente em Deus. Abramos as vidas dos padres do deserto leiamos as penitências que praticavam, e nos envergonhemos da nossa delicadeza e excessiva reserva em afligir a nossa carne. Lê-se na vida dos padres antigos que havia um mosteiro numeroso de religiosas que não usam nem frutas nem vinho. Algumas só tomavam alimento ao cair da tarde; outras não comiam senão depois de dois ou três dias de abstinência rigorosa; todas traziam cilício, mesmo quando dormiam¹¹. Eu não exijo isto das religiosas de hoje. Mas seria maravilha, se uma religiosa tomasse ao menos a disciplina mais de uma vez por semana? se trouxesse até a hora do jantar alguma cadeiazinha de ferro sobre a carne? se em certo dia da semana e durante as novenas de sua devoção se

abstivesse de frutas e doces? e não se aproximasse do fogo no inverno? e se, enfim, no sábado jejuasse a pão e água, em honra da Mãe de Deus, ou ao menos se contentasse de um só prato?

4. — Mas, dirá alguma, eu tenho saúde fraca, e o diretor me proíbe todas as penitências. — Bem. Obedecei; mas ao menos, abraçai com paz todas as moléstias das nossas enfermidades e os incômodos próprios das estações, o frio, o calor. Se não podeis mortificar vosso corpo com penitências positivas, abstende-vos ao menos de algum prazer lícito. — Quando S. Francisco de Borgia ia a caça, baixava os olhos no momento em que o falcão investia a preza, e se privava desse prazer da vista. — S. Luiz Gonzaga privava-se igualmente de olhar os espetáculos mais curiosos das festas em que se achava. Porque não podereis também vós fazer mortificações semelhantes? Quando se recusam ao corpo os prazeres permitidos, ele não tem a petulância de apetecer e buscar o que é proibido; mas logo que uma pessoa quer lhe dar todas as satisfações lícitas, cairá logo nas ilícitas. — Além disso, o grande servo de Deus, padre Vicente Caraffa, da Companhia de Jesus, dizia que o Senhor nos deu as delícias desta terra não só para que delas gozásemos, mas também afim de que tivéssemos com que lhe pudéssemos ser agradecidos, oferecendo-lhes os seus dons de que nos privássemos para mostrar-lhe nosso amor. — É verdade que certos prazeres inocentes parecem ajudar a fraqueza humana, e nos dispor melhor para os exercícios de piedade; entretanto é preciso que cada qual se persuada bem que, por si, os prazeres dos

sentido são venenos da alma, porque a afeiçoam às criaturas. Pelo que, devemos usar deles, como se usa dos venenos. Esses são às vezes úteis à saúde do corpo, quando são bem preparados e tomados em pequenas doses; mas são sempre remédios compostos de veneno. Assim, pois, quando permitirmos alguma satisfação aos nossos sentidos, façamo-lo com muita precaução e moderação, sem apego e só por necessidade, para podermos melhor servir a Deus.

5. — De mais, sob pretexto de nos livrarmos das enfermidades do corpo, estejamos atentos para não conservar enferma a nossa alma a qual não será curada enquanto não se mortificar a carne. — S. Bernardo dizia: Eu me compadeço das enfermidades do corpo, mas tenho mais compaixão da alma enferma, porque as enfermidades da alma são muito mais perigosas e mais para temidas¹². Oh! quantas vezes nos servimos das enfermidades corporais como de pretexto para gozarmos de certas regalias e liberdades pouco necessárias. — Para advertir disto as suas religiosas, Sta. Teresa escreve: UM dia não vamos ao coro, porque nos dói a cabeça; no seguinte porque nos doeu, e no terceiro dia que nos não doa. — E a santa acrescentava! Não viestes ao mosteiro para ser acariciadas, mas para morrer por Jesus Cristo. Se nós não nos resolvemos a desprezar a falta de saúde, nunca faremos coisa alguma. Que nos importa morrer? Quantas vezes não nos tem ludibriado este corpo? e nós não zombaremos dele uma vez sequer?¹³ — S. José Calazans também dizia: Ai do religioso que ama a saúde mais do que a santidade! S. Bernardo pensava que não convém aos religiosos

enfermos tomar medicamentos caros, pois devem contentar-se com cozimentos de ervas ou tisanas¹⁴. — Eu não pretendo isto das freiras, mas digo que dificilmente poderá ser muito espiritual a que está sempre a reclamar médicos e remédios, e não se contenta com as prescrições do médico ordinário, e por isso põe todo o convento em revolução. Segundo reflete Salviano, as pessoas dedicadas ao amor de Jesus Cristo são na maior parte enfermas e fracas, e assim querem ser, porque com a saúde robusta é difícil chegar à santidade¹⁵. Isto se verifica especialmente nas santas religiosas, como Sta. Teresa de Jesus, Sta. Rosa, Sta. Maria Madalena de Pazzi e outras. A venerável Beatriz da Encarnação, primeira filha espiritual de Sta. Teresa, era acabrunhada de dores e enfermidades, e, entretanto, afirmava que não trocaria seu estado com a princesa mais feliz do mundo. Por mais agudas que fossem suas dores, nunca se lamentava. Pelo que uma de suas companheiras lhe disse um dia, por graça: Irmã minha, vós sois como os pobres que sofrem necessidades e preferem morrer de fome a passar pela vergonha de manifestar a sua pobreza¹⁶.

Concluamos dai que, se as nossas enfermidades nos impedirem de praticar muitas mortificações corporais, devemos ao menos receber de boamente as moléstias que o Senhor nos enviar. Se as suportarmos com paciência talvez nos conduzam a perfeição espiritual, com mais vantagem do que as penitências voluntárias.

Santa Syncretica dizia: Assim como os remédios curam as doenças do corpo, assim as doenças do corpo curam os vícios da alma¹⁷.

6. — Oh! quantos bens trazem ao espírito as mortificações corporais!

Primeiramente nos desapegam dos prazeres dos sentidos, que ferem e muitas vezes até matam a alma. Já dizia Origenes: As feridas feitas pelo amor divino tornam insensíveis as feridas da carne¹⁸. Demais, pelas mortificações, satisfazemos, nesta vida, as penas merecidas pelos pecados. A quem ofendeu a Deus, embora se perdoa a culpa, resta todavia a obrigação de satisfazer a pena temporal: e quem a não satisfaz nesta vida, há de pagá-la na outra, no purgatório, onde os sofrimentos são imensamente maiores. Aqueles que não fizerem penitência por seus pecados, sofrerão imensos tormentos no outro mundo, escreve S. João¹⁹. — Narra Sto. Antonino que um anjo propôs a um enfermo se queria passar três dias no purgatório, ou antes ficar no leito por dois anos com a enfermidade que estava a sofrer. O enfermo escolheu os três dias de purgatório, mas, apenas decorrido o espaço de uma hora, se lamentava com o anjo que em vez de três dias de purgatório, o tivesse feito passar muitos anos lá. Respondeu-lhe o anjo: Que dizes? O teu corpo ainda está quente no leito em que morreste, e tu falas de anos²⁰. — Portanto, se quereis sofrer com paz, afigurai-vos que haveis de viver ainda quinze ou vinte anos, e dizei: Este é o meu purgatório. Não é o corpo, mas o espírito, que o deve vencer.

7. — Além disso, as mortificações elevam a alma a Deus. — Dizia S. Francisco de Sales que a alma jamais poderá elevar-se a Deus, se a carne não for mortificada e sofreada. E Sta. Teresa nos dá neste ponto belas sentenças: “É um despropósito pensar que Deus admita a sua familiaridade pessoas comodistas. — Regalo e oração não são compatíveis. — As almas que amam verdadeiramente a Deus não podem buscar repouso”.

8. — Enfim, as mortificações nos alcançam grande glória no céu. Dizia S. Francisco de Sales que a alma jamais poderá elevar-se a Deus, se a carne não for mortificada e sofreada. E Sta. Tereza nos dá neste ponto belas sentenças: “É um despropósito pensar que Deus admita a sua familiaridade pessoas comodistas. — Regalo e oração não são compatíveis. — As almas que amam verdadeiramente a Deus não podem buscar repouso”.

8. — Enfim, as mortificações nos alcançaram grande glória no céu. Dizia o Apóstolo: Se os lutadores se abstém de tudo o que pode diminuir-lhes as forças, e assim impedir-lhes alcançar uma miserável coroa temporal, com quanta mais forte razão devemos nos mortificar para adquirir a imensa coroa da imortalidade²¹. — S. João viu todos os bem-aventurados com palmas nas mãos²². Com isso devemos entender que, para nos salvarmos, devemos ser todos mártires, seja pelo ferro dos tiranos, seja por nossas macerações. Entretanto, devemos ficar persuadidos que tudo quando sofrermos nesta terra, é nada em comparação com a glória eterna, que nos espera no paraíso, como nos assegura o Apóstolo S.

Paulo²³. Estas mortificações insignificantes de breve duração nos proporcionarão uma felicidade plena e eterna²⁴.

9. — Reanimemos, pois, a nossa fé. Temos de passar pouco tempo nesta terra. Nossa morada é na eternidade, onde terá de gozar maior felicidade, quem for mais mortificado nesta vida. — S. Pedro diz que os eleitos são *pedras vivas* de que se compõe a Jerusalém celeste²⁵. Estas pedras, porém, deverão antes ser talhadas na terra com repetidos golpes do cinzel salutar das mortificações voluntárias, lavradas e polidas com o escopro de fino aço das tribulações e malhadas com as constantes marteladas do artista divino, como canta a santa a Igreja²⁶. Imaginemos, portanto, que todo ato de mortificação é um golpe de escalpelo, ou trabalho para o céu. Este pensamento nos tornará doces todas as penas e fadigas. Se alguém soubesse que ganharia todo o terreno que conseguisse percorrer num dia, quão leve e agradável não lhe pareceria a fadiga dessa jornada! — Lê-se nas *vidas dos padres* que um monge queria abandonar a sua cela para tomar outra mais perto da fonte; mas, indo um dia a buscar água, ouviu que, de trás, alguém lhe contava os passos. Voltou-se e viu um jovem que lhe disse: “Eu sou um anjo encarregado de contar os teus passos, afim de que nenhum fique sem recompensa”. Instruído por estas palavras, o monge não pensou mais em mudar de cela; e é natural que desejasse fosse ela mais afastada, a fim de poder merecer mais²⁷.

19. — Mas antes de chegar à outra vida, mesmo na presente as religiosas mortificadas já são recom-

pensadas com paz e felicidade inestimáveis. Com efeito, para uma alma que ama a Deus que maior satisfação pode haver que saber que com suas mortificações agrada ao Senhor? A mesma privação dos prazeres dos sentidos, os mesmos sofrimentos são delícias para uma alma amante, delícias não dos sentidos, mas do espírito. O amor não pode ficar ocioso. Quem ama a Deus não pode viver sem dar-lhe contínuas demonstrações de seus afetos. Ora não pode haver melhor prova de amor de Deus, que uma alma por ele privar-se dos prazeres temporais e oferecer-lhe suas penas. Mas, que digo eu? Uma alma que ama a Jesus Cristo, não sofre com as mortificações! Quem ama, não se cansa, diz Sto. Agostinho²⁸.

E quem, pergunta Sta. Teresa, quem poderá considerar Jesus Cristo coberto de chagas, aflito e perseguido, sem aceitar ou mesmo desejar os sofrimentos?²⁹ — Por isso, S. Paulo dizia que não queria outra glória, nem outro prazer, que abraçar a cruz de Jesus Cristo³⁰. E eis, segundo o mesmo Apóstolo o sinal para distinguir os que amam e os que não amam a Jesus Cristo: Os homens do mundo procuram satisfazer sua carne, mas as almas dedicadas a Jesus Cristo se aplicam a macerá-la e crucificá-la³¹.

Concluamos, caríssimas irmãs, por uma reflexão prática. Pensai que a vossa morte se aproxima, e que até agora tendes trabalhado pouco para lucrar o paraíso. Procurai, pois, ao menos daqui em diante, mortificar-vos quando for possível, privando-vos de algumas satisfações que vos procura o amor próprio. E não deixeis passar nenhuma oportunidade que tiverdes de praticar mortificações, considerando-a como

um presente do céu, conforme o aviso do Espírito Santo³². Pensai que essa ocasião é um dom que Deus vos faz para que possais adquirir maiores merecimentos para a outra vida. O que podeis fazer hoje, não podereis fazer amanhã, porque o tempo que passou, não volta mais.

11. — Terminando, quero por-vos diante dos olhos, para vos animar a penitência, o quadro que faz S. João Clímaco do que viu em um mosteiro chamado *Prisão dos Penitentes*. Eis as suas próprias palavras: vi alguns dos monges passarem toda a noite, de pé, ao ar livre, lutando contra o sono. — Vi outros com os olhos fixos no céu derramando lágrimas e pedindo a Deus perdão de seus pecados; outros com as mãos presas atrás das costas, e a cabeça inclinada para a terra, como indignos de levantarem os olhos para o céu; outros sentados na cinza, com a cabeça entre os joelhos, batendo na terra com a testa; outros a inundar o pavimento com lágrimas; outros expostos aos ardentes raios do sol; outros ardendo de sede, contentando-se de um só gole de água para não morrerem; outros a tomar o bocado de pão e depois lançá-lo fora, dizendo que não merece alimento humano quem andou a praticar obras de animal; outros com as faces sulcadas por suas lágrimas contínuas; outros com os olhos descarnados e fundos na cabeça; outro a bater no peito, a pontos de vomitarem sangue. Vi depois outros com as faces tão pálidas e macilentas, que pareciam cadáveres³³. — O Santo termina dizendo que julgava mais felizes esses monges, que, depois de terem caído, exerciam tais penitências, do que os que não caíram e não fazem

penitência. Que se deverá dizer, pois, daqueles que se acham caídos e não fazem penitência?

ORAÇÃO

Divino Esposo da minha alma, ajudai-me e dai-me força. De hoje em diante quero servir-vos melhor do que até o presente. No passado procurei satisfazer meus sentidos e meu amor próprio, sem temer desagradar-vos; mas, para o futuro, eu quero aplicar-me unicamente a vos contentar, pois merecereis todo o meu amor. Por amor de mim, escolhestes uma vida toda cheia de amarguras e de dores, nada poupastes para me obrigar a amar-vos; e eu, como poderei continuar a viver na ingratidão em que tenho vivido, há tantos anos? Não, meu Jesus, não há de ser assim. Já vos ofendi demais. Perdoai-me e perdoai-me tudo. Eu me arrependo, de todo o coração, dos desgostos que vos dei com minha vida desregrada. Agora vos amo de todo o coração, e quero fazer tudo o que puder para vos agradar absolutamente e sem reserva. Manifestai-me a vossa vontade por meio do meu diretor, para que eu a execute em tudo, como proponho e espero fazer com os auxílios da vossa graça. Meu Redentor amabilíssimo, penetrai o meu espírito de santos pensamentos, afim de que me recorde sempre das dores que sofrestes por meu amor; cumulai a minha vontade de santos afetos, para que não se aplique a outra coisa, que a dar-vos prazer, e não queira outra coisas que fazer a vossa vontade nem tenha outra liberdade senão a de ser toda vossa. Fazei, Senhor, que vos ame e que vos ame muito; por-

que, se vos amar, todas as penas me serão doces e caras. Santíssima Virgem Maria, minha Mãe, ajudai-me a agradar a Deus, no resto da minha vida. Confio inteiramente em vós.

II. Da Mortificação dos olhos e da Modéstia em geral

1. Da mortificação dos olhos

1. — Quase todos os combates que as paixões dão ao nosso espírito, tem origem nos olhos não bem guardados, porque é pela vista que se despertam mais em nós as paixões e as afeições desordenadas. Por isso, falando das paixões impuras, disse o santo Jó: Fiz um pacto com os meus olhos de não pensar em mulheres³⁴. — Porque disse: De não pensai? Parece que antes deveria ter dito: Fiz um pacto de não olhar. Mas não, está muito bem dito: porque o pensamento está tão unido à vista, que se não pode separar uma coisa de outra. É por isso que o santo varão, querendo evitar todo o mau pensamento, resolveu não se expor à uma vista perigosa.

Sto. Agostinho diz: Da vista nasce o pensamento, e do pensamento o desejo e a este sucede o consentimento³⁵. Pois, como nota S. Francisco de Sales, não se deseja o que se não vê. Eva não teria caído, se não se pusesse a ver o fruto proibido, mas porque se demorou a mirá-lo, parecendo-lhe bom, belo a vista e delicioso. É por isso que o tomou e prevaricou³⁶. Dai vem que o demônio nos induz primeiro a olhar,

depois a desejar, e por fim a consentir nos desejos provocados pela vista.

2. — Observa S. Jerônimo que o demônio só tem necessidade dos nossos princípios³⁷. Basta que comecemos a abrir-lhe a porta, que ele se encarrega de escancará-la. Uma vista advertida e demorada em uma pessoa de sexo diferente será para a alma uma centelha infernal que lhe causará a ruína. É pelos olhos, diz S. Bernardo, que penetram os primeiros dardos que ferem as almas castas e, não raro, as levam a morte³⁸. — Os olhos foram a causa da queda de Davi, tão querido de Deus, e da de Salomão, que tinha sido antes a pena do Espírito Santo! E a quantos outros não ocasionaram eles a perda! Feche pois os olhos quem não quiser lamentar-se um dia com o profeta Jeremias: Meus olhos perderam a minha alma pelas afeições culpadas, que nela introduziram³⁹. Pelo que adverte S. Gregório: Os olhos devem refrear-se; do contrário tornar-se-ão como croques ou ganchos do inferno, que à força arrastarão a alma e a violentarão a pecar quase sem vontade⁴⁰. E acrescenta: Quem vê um objeto perigoso, começa a querer o que antes não apetecia⁴¹. É precisamente a expressão da Sagrada Escritura, quando diz de Holofernes, que a vista da beleza de Judith escravizou a sua alma⁴².

3. — Seneca dizia que a cegueira serve muito para guardar a inocência⁴³. — Por isso, certo filósofo pagão, como refere Tertuliano, para se preservar da impureza, voluntariamente se arrancou os olhos e ficou cego⁴⁴. A nós fiéis isto não é lícito; mas, se quisermos conservar a castidade, é necessário que se-

jamos cegos por virtude, abstendo-nos de fitar os objetos que nos podem despertar pensamentos impuros. Tal é o aviso que nos dá o Espírito Santo: Não olheis para a beleza de outrem; porque dai nascem más imaginações que ateiam o fogo da concupiscência⁴⁵. — É por isso que S. Francisco de Sales dizia: Aquele que não quer que os inimigos entrem na praça, deve ter as portas fechadas.

4. — Para tal fim, os santos foram tão acautelados nos olhos, que, pelo temor de que não se desmandassem a ver algum objeto perigoso, esforçaram-se para tê-los quase sempre fixos na terra, abstendo-se de ver ainda os objetos inocentes. — Depois de um ano de noviciado, S. Bernardo não sabia como era feito o teto ou forro da sua cela, se de traves ou de abóbada. Na igreja do mosteiro, em que o santo fez o noviciado, havia três janelas e ele não sabia o seu número, porque, durante todo esse tempo, nunca tinha levantado os olhos da terra. Tendo caminhado quase o dia inteiro à beira de um lago, perguntou depois aos companheiros que dele falavam, onde o tinham visto, porque ele, de fato, o não tinha observado. — S. Pedro de Alcântara tinha os olhos tão baixos que não conhecia as feições dos religiosos com que vivia. Só os reconhecia pela voz.

Mas os santos foram ainda muito mais acautelados no trato com as pessoas do outro sexo. S. Hugo, bispo, nunca olhou para o rosto das mulheres com que era obrigado a entreter-se. — Sta. Clara, igualmente, nunca fitou a vista na face de qualquer homem. Uma vez, erguendo os olhos para ver a sagrada hóstia na elevação da Missa, avistou o rosto do

sacerdote, e por isso sentiu grandes aflições. — S. Luiz Gonzaga não ousava sequer levantar os olhos para ver a face da própria mãe. — Conta-se de Sto. Arsenio, que, estando no deserto, foi visitá-lo uma nobre matrona, afim de que a recomendasse a Deus em suas orações. Apenas o santo se percebeu diante de uma mulher, voltou-lhe as costas. Esta então lhe disse: Arsenio, já que me não queres ver nem ouvir, ao menos lembra-te de mim em tuas orações. Não, respondeu o santo; pedirei a Deus me faça esquecer de ti, afim de que nunca mais pense em ti.

5. Dai veja-se a grande imprudência e temeridade de algumas religiosas, que, sem terem as virtudes de Sta. Clara, estando no belveder, no locutório e na igreja, querem ver, à vontade, tudo o que se passa fora, mesmo as pessoas do outro sexo; e depois pretendem ficar isentas das tentações e do perigo de pecado.

O abade Pastor, por ter visto com curiosidade uma mulher a colher espigas no campo, foi durante quarenta anos atormentado de tentações impuras.

Refere S. Gregório que proveio de uma vista descautelada sobre uma mulher a tentação violenta, que o patriarca S. Bento só pôde vencer, revolvendo-se em um espinheiro⁴⁶. — S. Jerônimo vivia retirado na gruta de Belém, entregue à contínuas orações e às mais rudes macerações; e, no entanto, era cruelmente molestado pela lembrança das damas, que outrora tinha visto em Roma⁴⁷. — Considerai, pois, como poderão estar ao abrigo de semelhantes tentações as religiosas que olham para tudo e para todos sem nenhuma cautela nem reserva.

O mais nocivo não é tanto ver, como fixar os olhos, diz S. Francisco de Sales. — Por isso, advertiu Sto. Agostinho: Se vos acontecer deitar os olhos em alguma pessoa, guardai-vos de fitá-la³. — Sto. Inácio de Loyola repreendeu um dia o padre Manareu por lhe ter fixado os olhos no rosto, quando veio despedir-se dele, tendo de partir para um país longinquo⁴⁹.

Disto aprendamos que não é conveniente às religiosas fixar os olhos em qualquer pessoa ainda do mesmo sexo, especialmente se for de pouca idade. Eu digo somente que é inconveniente, falando de ordinário; mas fitar pessoas moças e do outro sexo, não sei como se pode escusar de pecado venial, e mesmo de mortal, quando há perigo próximo de consentimento em desejos impuros. Não é lícito olhar o que não é lícito desejar, diz S. Gregório⁵⁰. Pois os maus pensamentos ordinariamente nascem da vista e perturbam o espírito; e embora se lancem fora, ainda deixam alguma nódoa na alma. Frei Rogério, franciscano, era dotado de um singular espírito de pureza. Interrogado uma vez porque era tão reservado em tratar com as mulheres, respondeu: Quando o homem foge das ocasiões, Deus o guarda; mas quando, por si mesmo, se põe no perigo, o Senhor, com justiça, o abandona; e ele facilmente cai em culpa grave⁵¹.

6. — Quando a liberdade dos olhos não produz outro mal, ao menos priva a alma do recolhimento no tempo da oração; porque então se apresentam diante do espírito todas as imagens das coisas vistas e impressas na fantasia, e lhe causam mil distrações. E se acaso houver na oração algum recolhimento, per-

der-se-á logo, deixando-se os olhos vagos. É certo que a religiosa dissipada e distraída não pode aplicar-se ao exercício das virtudes, tais como a humildade, a paciência, a mortificação e outras. É preciso pois que se abstenha de ver por curiosidade os objetos exteriores que a distraem dos santos pensamentos, e olhe só os que a elevam a Deus. — S. Bernardo dizia que os olhos baixos e fixos na terra ajudam a ter o coração no céu. E S. Gregório Nazianzeno escreveu: Onde Jesus Cristo habita com o seu amor, aí está também a modéstia⁵².

Não pretendo com isto dizer que nunca havemos de levantar os olhos, nunca havemos de ver coisa alguma. Olhai para os objetos que elevam o espírito a Deus, como são as sagradas imagens e também as campinas, as flores e coisas semelhantes; porque essas belas criaturas nos elevam a contemplar o criador. Em suma, as religiosas devotas devem ter os olhos baixos sobretudo nos lugares onde podem encontrar objetos perigosos. E quando falarem a algum homem, não devem levantar os olhos para vê-lo, e menos ainda para fitá-lo, segundo o aviso de S. Francisco de Sales, acima citado.

7. — É preciso notar além disso que a modéstia dos olhos é necessária não só para o proveito próprio, mas também para a edificação do próximo. Só Deus vê o nosso coração, mas os homens não vêem senão as ações exteriores e delas se edificam ou se escandalizam. O homem pelo seu exterior mostra o que é no interior, diz o Sábio⁵³. — Pelo que, o religioso deve ser o que Nosso Senhor disse de S. João Batista: Uma lâmpada ardente e luminosa⁵⁴. Deve

arder de amor divino no seu coração, e brilhar pela modéstia aos olhos dos que o observam. É sobretudo aos religiosos que se aplicam as advertências feitas pelo Apóstolo aos seus discípulos: Nós fomos colocados, como espetáculo diante do mundo, dos anjos e dos homens⁵⁵. A vossa modéstia seja conhecida de todos os homens: o Senhor está perto⁵⁶. — As pessoas consagradas a Deus são atentamente observadas pelos anjos e pelos homens. É por isso que sua modéstia deve ser conhecida de todos. Aliás, se forem imodestas, terão que dar grandes contas a Deus no dia do juízo. Oh! que grande motivo de edificação oferece, ao contrário, e como atrai a devoção um religioso ou uma religiosa modesta, que tem sempre os olhos baixos! Eis aqui, a propósito, um fato célebre de S. Francisco de Assis. Chama, certo dia, um dos frades e lhe diz: vamos pregar. Sai com ele do convento, dá um passeio pelos arredores, sempre com os olhos baixos, e voltou de novo para casa. Perguntou-lhe então o companheiro: Quando fareis o sermão? — O sermão, respondeu o santo, nós já o pregamos, dando a este povo o bom exemplo da modéstia dos olhos. — Refere-se também de S. Luiz Gonzaga que, estando em Roma, os estudantes o observavam ao entrar e sair do colégio, para verem e admirarem a sua modéstia extraordinária.

8. — Diz Sto. Ambrosio que a modéstia das pessoas virtuosas é para os mundanos uma advertência e exortação a se corrigirem. Que bela coisa, acrescenta o santo, bastar mostrar-se para fazer bem ao próximo⁵⁷. — É o que se verificou em S. Bernardino de Senna, que, sendo ainda secular, já com sua pre-

sença refreava a licença de seus jovens companheiros. Logo que o viam aproximar-se, diziam uns aos outros: Silêncio! Ai vem Bernardino. Calavam-se logo, e mudavam de conversa. — S. Gregório Niceno refere igualmente de Sto. Efrem, que apenas aparecia em público, excitava a devoção, de sorte que ninguém podia vê-lo sem se comover e tornar-se melhor. — Narra-se também na vida de S. Bernardo, que, indo a visitá-lo em Claraval o Papa Inocência II, acompanhado de muitos cardeais, ficaram tão edificados de ver a modéstia do santo e de seus monges com os olhos baixos e fixos na terra, que não puderam conter as lágrimas de devoção. — Mais admirável ainda é o que Surio conta da modéstia de S. Luciano, sacerdote e mártir, a qual era tanta que movia os pagãos a abraçarem a nossa fé. O imperador Maximino, sabendo disso, mandou chamá-lo a sua presença e, por temer que sua vista o fascinasse e obrigasse a ser cristão, fez suspender diante do santo um espesso véu, para não fitá-lo, na ocasião de lhe falar⁵⁸.

Mas no que concerne a modéstia dos olhos, o primeiro de todos os mestres foi nosso divino Salvador. Com efeito, nota um sábio autor, dizendo os Evangelistas que Jesus Cristo, em certas ocasiões, levantou os olhos para ver⁵⁹, nos dão a entender que ordinariamente os tinha baixos e fixos na terra. Depois o Apóstolo, louvando a modéstia de Nosso Senhor, escreveu aos discípulos: eu vos peço pela doçura e modéstia de Jesus Cristo⁶⁰.

Termino pelas palavras que S. Basílio dirigia aos seus monges: Meus filhos, se quisermos conservar

nossa alma elevada para o céu, tenhamos os olhos baixos e fixos na terra⁶¹. — E para obter esta graça, façamos a Deus todas as manhãs, ao despertar, esta oração de Davi: Afastai os meus olhos, para que não vejam as vaidades mundanas⁶².

2. Da modéstia em geral

9. — Não é bastante praticar a modéstia nos olhos; é preciso observá-la também em todos os outros atos exteriores, e especialmente no modo de vestir, de andar, de falar etc.

I. No modo de *vestir*. Não quero dizer que uma religiosa deva andar desasseada e maltrapilha; mas como poderá edificar pela modéstia aquela que se apresenta vestida com toda a elegância, ajustada, com espartilho, toucada com véu finíssimo e peitilho todo encrespado, cheio de pregas e lusidio, com punhos de cambraia bordados e fechados com botões de prata? E que pensar da que usa de cabelos frisados e anéis de brilhantes nos dedos? S. Cipriano, falando das mulheres do mundo, diz: As que andam ornadas com colares de ouro e de pérolas, perdem todos os atavios da alma⁶³. Que não diria o Santo das religiosas? — Segundo S. Gregório Nazianzeno, o ornamento das mulheres virtuosas deve consistir em levar uma vida irrepreensível, entreter-se muitas vezes com Deus na oração, ser assídua e aplicada ao trabalho para fugir da ociosidade, resguardar os olhos e refrear a língua com a modéstia e o silêncio⁶⁴.

10. — II. No modo de *andar*. Segundo S. Basílio, o andar, para ser modesto, dever ser grave, não apressado nem lento demais⁶⁵.

III. No modo de *assentar*. Deve ter cuidado de não deixar o corpo repousar demasiadamente à vontade sobre o assento; evitar cruzar os pés e ainda mais trançar uma perna sobre a outra.

IV. No modo de *comer*. Deve tomar a comida na mesa sem avidez, e sem voltar os olhos para todos os lados afim de observar o que as outras comem e o seu modo de fazê-lo.

11. — V. No modo de *falar*. É sobretudo neste ponto que deve esmerar-se por guardar a modéstia, e evitar por isso toda a palavra descomedida e pouco conveniente ao estado religioso, como são os ditos picantes e gracejos mundanos. Observa S. Basílio que se uma pessoa do mundo deixa escapar uma palavra grosseira, ninguém lhe dá atenção, porque isto é comum entre pessoas dessa classe: mas, se uma pessoa, que professa a perfeição, como os religiosos, se afasta uma só linha do seu dever, todos o notam imediatamente⁶⁶.

Na recreação em comum, especialmente, há muitas coisas que observar, para não faltar a modéstia no falar:

1.º - Evitar toda espécie de murmuração ou maledicência, mesmo quando se trata de coisas manifestas e sabidas;

2.º - Não interromper as que falam, como aconselha o Espírito Santo⁶⁷. Que imodéstia, com efeito, para uma religiosa, querer ser a única a falar? E, quando as outras dizem alguma coisa, cortar-lhe logo

o fio da conversa, mostrando assim a orgulhosa pretensão de saber tudo e constituir-se mestra das outras irmãs! Isto causa grande incômodo às companheiras. Convém, entretanto, na recreação, dizer de vez em quando alguma palavra, sobretudo quando todas se calam; porque se ninguém falasse, ficariam privadas do descanso comum, prescrito pela regra. Enfim, a modéstia exige que as moças, principalmente, só falem o necessário para entreter a recreação, e sempre estejam dispostas mais para ouvirem do que para falarem. A boa regra é pois calar-se quando as outras falam e falar quando se calam.

3.º - Abster-se de certas palavras chistosas e zombeteiras, que podem causar incômodo às outras, tocando em alguns defeitos verdadeiros e conhecidos, ainda que se profiram por graça; pois tais galanterias sempre molestem as pessoas, a que se aplicam.

4.º - Nada dizer em louvor próprio; e elevar sua alma a Deus e mudar de assunto, quando for louvada por outra. Ao contrário, quando ouvir alguma pilheria ou contradita, evitar molestar-se. De S. João Francisco Regis se conta que, quando na recreação era objeto de algum gracejo de seus companheiros, animava e sustentava a conversa com jovialidade, para que a própria irrisão servisse de divertimento e folgança de todos.

5.º - Falar com voz baixa e moderada, para não ofender os ouvidos das outras, como aconselha Sto. Ambrósio⁶⁸.

6.º - Ser moderada também no *riso*. S. Gregório refere que, um dia, a Mãe de Deus apareceu a uma

virgem, sua devota, chamada Musa, e advertiu-lhe que deixasse de rir, se desejava ser-lhe agradável. Isto se entende do riso descomedido, como escreve S. Basílio: Quem se aplica a piedade, deve guardar-se de rir descompassadamente⁶⁹. — De resto, diz o santo que não é contra a devoção e o decoro religioso um riso moderado, que indica a serenidade do espírito. A religiosa deve parecer modesta e piedosa, mas não tribulada e triste, porque isto desonra a devoção, e faz acreditar aos outros que a santidade produz a melancolia e tristeza, em vez de trazer a paz e uma doce alegria. Ao contrário o mostrar-se alegre e contente dá coragem aos demais para abraçarem a piedade. É o que sucedeu a dois cortesãos de certo monarca, que, por verem a alegria com que vivia na solidão um velho monge, deixaram o mundo e ficaram no ermo⁷⁰.

7.º - Enfim, não falar das coisas do mundo, como casamentos, festins, comédias e aparatos; não falar de comidas, como seria louvar certas iguarias, criticar ou queixar-se do que se serve no refeitório. S. Francisco de Sales dizia que as pessoas bem educadas não pensam em comer senão quando se sentam a mesa. A religiosa santa, quando ouve falar de coisas nocivas e inúteis, procura logo levar a conversação para Deus, fazendo alguma pergunta sobre Nosso Senhor, ou aproveitando-se da discussão para falar das coisas do céu. Assim praticava S. Luiz Gonzaga, que todos os dias, durante meia hora, lia de propósito uma vida de santo ou um livro de piedade, para ter algum assunto espiritual, com que se entreter com os companheiros na recreação. Quando estava com

mais jovens que ele, era o primeiro a entrar em conversa sobre coisas santas. Se lhe sucedia, porém, achar-se com sacerdotes ou pessoas de mais idade, propunha-lhes alguma dúvida sobre qualquer matéria espiritual, como interessado em aprender; e assim fazia cair a palestra sobre coisas divinas. Todos, aliás, já sabiam que não lhe agradava discorrer sobre outra matéria, e, quando o viam aproximar-se, mudavam de assunto, se necessário, para dar-lhe prazer, e se punham a praticar sobre coisas espirituais. Costuma-se dizer que a língua bate onde o dente dói. Quem ama muito um objeto, não se cansa de falar dele. Por isso, Sto. Inácio de Loyola parecia não saber falar senão de Deus, de sorte que lhe chamavam o *Pare que fala sempre de Deus*.

ORAÇÃO

Meu Deus, por vossa piedade, perdoa-me as innumeráveis faltas que tenho cometido por minhas imodéstias, das quais me arrependo de todo o coração. Tudo isto proveio do pouco amor que vos tive. Confesso que não mereço compaixão; mas as vossas chagas e a vossa morte me animam e me obrigam a confiar em vós. Meu Deus, quantas vezes me perdoastes com ternura os desgostos que vos tenho dado! Quantas vos tenho prometido fidelidade e de novo tenho vos ofendido! Que é pois o que espero? Que me abandoneis à minha própria tibieza, que, com certeza, me arrastará a condenação? — Não, Senhor! Eu quero me corrigir; e para consegui-lo, ponho toda a confiança em vós, fazendo o propósito de

vos pedir sempre a graça necessária para vos ser fiel. No passado, eu confiei nas minhas resoluções e descuidei de me recomendar a vós, e esta foi a causa de tantos pecados. — Eterno Padre, pelos méritos de Jesus Cristo, tende misericórdia de mim, socorrei-me e dai-me a graça de sempre me recomendar a vós em todas as minhas necessidades. Eu vos amo, ó sumo bem, e desejo vos amar com todas as forças, mas sem vós nada posso. Dai-me vosso amor, dai-me a santa perseverança. Eu tudo espero da vossa infinita bondade.

Ó Maria, Mãe de Deus, vós sabeis quanto confio em vós. Ajudai-me e tende compaixão de mim.

III. Da mortificação da boca

1. — Sto. André Avellino dizia que quem quiser aplicar-se à perfeição, deve começar por mortificar a boca com muito cuidado. Já antes dele, tinha ensinado S. Gregório: Não pode entrar na arena dos combates espirituais, quem não houver primeiro domado a paixão da gula⁷¹.

Escreve além disso o Padre Rogacci que a maior parte das penitências exteriores consiste em mortificar o gosto. — Mas o comer naturalmente agrada ao paladar; então por isso não se há de comer mais? — Não. O homem há de comer, porque Deus quer que assim conservemos a vida do corpo para servi-lo, enquanto lhe aprouver deixar-nos nesta terra. Devemos entretanto cuidar de sustentar o corpo no dizer do padre Vicente Carafa, do mesmo modo que faria

um rei possuidor de meio mundo, que fosse obrigado a tratar com suas próprias mãos um cavalo, muitas vezes por dia. Como desempenharia este dever? Com certa náusea e desdém, e o mais depressa possível.

Dizia S. Francisco de Sales que é preciso comer para viver, e não viver para comer. Parece que alguns não vivem para outra coisa, como os brutos que só vivem para comer. O homem torna-se bruto, diz S. Bernardo; cessa de ser espiritual e racional, quando ama a nutrição como os irracionais⁷².

Assim praticou o infeliz Adão, que se tornou semelhante aos brutos por ter comido do fruto proibido. Se os animais tivessem tido o uso da razão, acrescenta o santo, que não teriam pensado, ao verem o primeiro homem esquecido de Deus e da salvação eterna, por causa do gosto miserável de comer um pomo? Com certeza, dele zombando, teriam dito: Eis como Adão se tornou bruto como um de nós!⁷³ Dai esta máxima de Sta. Catarina de Senna: Quem não é mortificado no comer, não pode conservar a inocência, porque é pela gula que Adão a perdeu. Que miséria ver alguns que fazem do ventre o seu Deus, como observa S. Paulo⁷⁴.

2. — Quantos infelizes perderam a sua alma pelo vício da gula! Conta S. Gregório, nos seus diálogos, que em um mosteiro de Licaonia havia um monge de vida muito exemplar. Achando-se este às portas da morte, lhe rodearam o leito os seus religiosos, para receberem dele, no último momento da vida, uma palavra de edificação. Qual, porém, não foi a sua decepção? Meus irmãos, disse o moribundo, sabeis que,

enquanto os outros praticavam o jejum, eu comia às escondidas, e por isso fui entregue ao demônio que já me tira a vida e leva a minha alma para o inferno. E dizendo isto, expirou⁷⁵. — O mesmo santo refere este outro fato. Uma religiosa, notando na hora uma bela alface, a tomou e comeu, contra a regra. Foi logo possuída e cruelmente atormentada do demônio. Suas companheiras mandaram chamar o santo abade Equicio. A sua chegada, o demônio pôs-se a gritar: Que mal fiz eu? Estava sentado na alface e ela me engoliu. Mas não pôde resistir ao poder do servo de Deus, que o obrigou a deixá-la⁷⁶. — Narra-se ainda, nas crônicas da Ordem de Cister, que S. Bernardo, visitando um dia os noviços, tomou de parte um deles, chamado Acardo, e, apontando para outro disse-lhe que aquele, nesse mesmo dia, fugiria miseravelmente do mosteiro. Pelo que lhe recomendou que, vendo-o partir, o acompanhasse e detivesse. De fato, na noite seguinte, Acardo viu primeiro um demônio chegar ao noviço e o tentar de gula, esfregando-lhe aos narizes um frango assado. No entanto, o infeliz despertou e, cedendo à tentação, vestiu-se e preparou-se para sair do mosteiro. Então, Acardo o seguiu, mas em vão, porque, dominado pela gula, ficou obstinado em querer voltar para o mundo, onde acabou miseravelmente a vida.

3. — Estejamos pois atentos para não sermos vencidos por este feio vício. — Sto. Agostinho diz que devemos usar dos alimentos para sustentar a vida, mas com a mesma cautela com que tomamos os remédios, isto é, só enquanto são necessários, e nada mais⁷⁷.

A intemperança no comer é muito nociva à alma e ao corpo. Quanto a este, é certo que a maior parte das enfermidades são ocasionadas pela gula: as apoplexias, as doenças dos intestinos, os embaraços gástricos, as dores de cabeça, do estômago, do lado, e outros males inumeráveis, são, às mais das vezes, provenientes do excesso na comida. Entretanto, as moléstias do corpo são o menor mal. O pior são as enfermidades que afetam a alma.

Primeiramente, como ensina o doutor angélico, este vício obscurece o espírito e o torna inepto para os exercícios espirituais, especialmente para a oração. Assim como o jejum dispõe o espírito para a contemplação de Deus e dos bens eternos, assim a intemperança o distrai. — S. João Crisóstomo compara o homem de estômago cheio a um navio demasiadamente carregado, que apenas pode mover-se, e por isso está em grande risco de perder-se em qualquer tempestade de tentações que lhe sobrevenha.

4. — Dai este aviso de S. Bernardo: Procurai ser comedidos até no comer o pão, para que o estômago não fique pesado e torne fastidiosa a oração⁷⁸. — Em outro lugar, acrescenta: Se, para entoar os louvores de Deus, obrigardes a levantar-se uma pessoa de estômago indigesto, em vez de canto, obtereis enfados e lamentos⁷⁹. É por isso necessário que os religiosos estejam atentos em comer pouco, especialmente à tarde, na ceia; porque nessa hora a fome que se sente, é falsa, causada pela acidez produzida pelos alimentos tomados ao jantar. Donde quem então quer satisfazer o apetite, facilmente se excede, e achando-se depois indigestado, ao amanhecer, sentir-se-á

embaraçado do estômago e com a cabeça atordoada e cheia de fumo, incapaz de rezar uma *Ave Maria*. Depois disto, pensai se é possível dar Deus consolações na oração aos que procuram regalar-se com os alimentos, como fazem os brutos. O Senhor não dá suas consolações aos que procuram os prazeres terrenos, diz S. Bernardo⁸⁰.

5. — Além disso, quem dá liberdade a boca, a dará facilmente aos outros sentidos; porque, tendo perdido o recolhimento, como ficou dito, cairá facilmente em outras faltas por palavras e ações inconvenientes. E o pior é que, com a intemperança no comer, corre grande risco a castidade; pois, como diz S. Jerônimo, a sociedade produz a incontinência⁸¹. — Pelo que diz Cassiano ser impossível não experimentar tentações impuras quem tem o estômago farto⁸². Por isso, os santos, para se conservarem castos, sempre estiveram atentos a mortificação da boca. Quando o demônio é vencido na tentação da gula, deixa de solicitar a santa pureza, diz o doutor angélico⁸³.

6. — Ao contrário, aqueles que procuram mortificar o gosto, fazem progressos contínuos no espírito; porque mortificando a gula, facilmente mortificarão também os outros sentidos e se exercitarão nas outras virtudes, como canta a Santa Igreja: Deus, pelo jejum corporal, reprime os vícios, eleva os corações, dá com liberalidade as virtudes e os prêmios⁸⁴. — Por meio do jejum, o Senhor dá à alma forças para vencer os vícios, elevar-se acima dos afetos terrenos, praticar as virtudes e adquirir os merecimentos eternos. Os que se apegam aos prazeres da terra, dizem:

Deus criou estas comidas, para que delas gozásemos e vivêssemos alegres e contentes. Mas não falam assim os santos. O padre Vicente Carafa da Companhia de Jesus dizia: O Senhor nos deu as delícias desta terra, não só para nos alegrar, mas também para nos proporcionar meios de nos mostrarmos gratos aos seus benefícios, tributando-lhe nosso amor com oferecimento desses mesmos dons, pela abstenção do uso deles.

É assim de fato que praticam as almas santas. os monges antigos, como refere S. Jerônimo, reputavam grande defeito alimentar-se de comidas cozidas: todo o seu sustento consistia em um pão de uma libra⁸⁵. — S. Luiz Gonzaga, não obstante ser uma saúde muito delicada, fazia três jejuns a pão e água por semana. S. Francisco Xavier, nas suas missões, não se nutria senão de um pouco de arroz tostado. — S. João Francisco Regis também, no curso de seus trabalhos apostólicos, não tomava outro alimento que um punhado de farinha umedecida em água. — S. Pedro de Alcântara se contentava de uma escudela de caldo para todo seu alimento. — E, para citar um exemplo dos nossos dias, é bem conhecido de todos o que se lê na vida do venerável padre João José da Cruz, religioso alcantarino, que desde a sua profissão, durante vinte e quatro anos, não se nutriu senão de pão e algumas ervas ou frutas, fazendo jejuns mui freqüentes a pão e água. Obrigado depois por suas enfermidades e por obediência a tomar alguma comida quente, o servo de Deus molhava o pão em uma taça de caldo: e, tendo os médicos prescrito que usasse de um pouco de vinho, o misturava no seu cal-

do, para tornar mais desagradável ao paladar esse escasso alimento⁸⁶. Com isto, não pretendo obrigar nenhuma freira a imitar esses exemplos para se fazer santa; mas afirmo que aquela que estiver apegada à gula e não se esforçar por mortificar o apetite, nunca fará grandes progressos no caminho da perfeição. A ação de comer é usual duas vezes ao dia; e daí resulta que aqueles que se não aplicam a mortificar o paladar, cometem todos os dias mil defeitos.

7. — Vamos agora à prática; e vejamos em que devemos mortificar a boca. — S. Boaventura no-lo indica em três palavras: Na qualidade, na quantidade e na maneira⁸⁷.

I. Na *qualidade*. Não devemos buscar as coisas delicadas, diz o Santo Doutor, porém as mais simples⁸⁸. — Em outro lugar acrescenta que dá mostras de pouca perfeição a religiosa que, descontente dos alimentos apresentados, procura outros mais agradáveis ao paladar, ou os exige preparados de outro modo. A religiosa mortificada não procede assim; aceita o que lhe oferecem; e quando lhe dão muitos guisados, escolhe o menos saboroso, contanto que não seja nocivo. — Assim fazia S. Luiz Gonzaga, que sempre escolhia o que era mais contrário ao seu gosto. De modo particular, no tocante ao uso da carne e do vinho, observa Clemente Alexandrino que fortificam o corpo mas enfraquecem a alma⁸⁹. — Quanto a carne, lemos nos sagrados cânones que outrora não era lícito aos religiosos nem sequer prová-la⁹⁰. — E S. Bernardo, falando de si mesmo, dizia: Eu me abstenho de carne, para que ela não me nutra os vícios sensuais⁹¹.

Quanto ao vinho, a Sagrada Escritura diz que se não deve dar aos reis⁹². Entendem-se por estes reis não os que governam os reinos, mas as pessoas que dominam as suas más inclinações, e as submetem à razão. — A Escritura diz ainda: A quem se dirá *aí!* senão aos que se entregam ao vinho e se comprazem de esvaziar os copos?⁹³ — Sim, ai dos escravos deste vício, desgraçados eternamente! Pois, segundo explica S. Gregório, nas Sagradas Escrituras, a palavra *vai* significa condenação eterna. — Mas qual é a razão desta desgraça? Salomão responde: O vinho fomenta a incontinência⁹⁴. Dai este aviso de S. Jerônimo à virgem Santa Eustochia: Se queres te conservar casta, como deve ser uma esposa de Jesus Cristo, foge do vinho como de veneno. O vinho e a mocidade são um duplo incentivo, que faz apetercer os prazeres ilícitos⁹⁵. De tudo isto deve concluir-se que, quando alguém não tem bastante virtude, nem bastante saúde para se abster completamente de carne e de vinho, deve ao menos usar de muita moderação, para não ser atormentado atrozmente pelas tentações impuras.

8. — É também conveniente que a religiosa mortificada renuncie aos condimentos supérfluos, que só servem para deleitar o paladar, e satisfazer a gula. Os santos não procuravam outros condimentos além da cinza, dos aloés e do absinto. Eu não exijo de vós estes rigores, nem muitos jejuns extraordinários. Direi mais: Não vivendo só no deserto, mas em comunidade, convém que, seguindo o conselho de Cassiano, eviteis, ordinariamente falando, tudo o que não é conforme ao uso comum do mosteiro, como coisa muito

sujeita à vanglória⁹⁶. — Lá dizia S. Filipe Neri: “Quando se está na mesa com outros, deve-se comer de tudo”. Daí esta exortação que dirigia aos sócios do seu instituto: “Fugi toda a singularidade, como fonte ordinária de orgulho espiritual”⁹⁷. — Afinal de contas, quem tem bom espírito, encontra sempre meios de se mortificar sem se fazer notar dos outros. — S. João Clímaco servia-se de tudo, mas de modo que só provava de cada prato em vez de comer, e assim se mortificava sem perigo de vaidade. — S. Bernardo dizia que, às vezes, aquele que vive em comunidade, sentirá mais complacência em si mesmo por um jejum feito à vista dos outros que não jejuam, do que por sete jejuns praticados, quando todos jejuam⁹⁸.

Entretanto eu vos não proíbo de fazer algum jejum rigoroso, isto é, a pão e água, nos dias de devoção, como às sextas-feiras e aos sábados, nas vigílias das festas da SS. Virgem, e outros dias. Estes jejuns são ordinariamente usados pelas religiosas fervorosas.

9. — Ao menos, se não tiverdes esse fervor ou se a saúde não vos favorece para que o façais, não vos queixeis da comida da comunidade, e não recuseis o que vos é dado. — S. Tomas de Aquino nunca pediu alimento nenhum particular, mas sempre se contentou com o que lhe ofereciam; e sempre se nutriu com muita moderação. — Conta-se também de Sto. Inácio de Loyola que nunca recusou coisa alguma, nem jamais se queixou de comida mal cozida ou mal guisada. — É obrigação das superiores velar para que a comunidade não sofra necessidade neste ponto, mas nenhuma religiosa deve lamentar-se,

quando uma iguaria vier mal preparada, pouco abundante, enfumaçada, insípida ou salgada demais. O pobre recebe o que lhe dão e se contenta do suficiente para sustentar a vida; não impõe condições, nem murmura. O mesmo deve fazer a religiosa, aceitando o que lhe apresentam como esmola que Deus lhe dá.

10. — II. No tocante a *quantidade*. S. Boaventura recomenda que ninguém com coma mais abundância e mais vezes do que é preciso, afim de que a alimentação sirva para reparar as forças do corpo e não para sobrecarregá-lo⁹⁹. — É de regra para toda pessoa espiritual não comer até a saciedade, como escrevia S. Jerônimo a Sta. Eustochia¹⁰⁰. Certas religiosas jejuam um dia, e comem sem moderação no dia seguinte. Vale mais, acrescenta S. Jerônimo, tomar habitualmente o alimento conveniente, do que fazer uma refeição excessiva depois do jejum. O mesmo Santo Doutor observa além disso que é preciso evitar comer até fartar não só dos alimentos delicados, mas também dos vis e grosseiros¹⁰¹. — Que importa, que uma religiosa não se nutra de perdizes, mas de legumes, se estes produzem os mesmos maus efeitos que as perdizes? quanto à quantidade do alimento, convém adotar a regra dada pelo Santo, isto é, que se tome o alimento de modo que, logo após as refeições, se possa entregar à oração ou à leitura¹⁰². Com muita razão, dizia um padre antigo: Aquele que come muito e se levanta da mesa ainda com fome, será mais recompensado do que o outro que come pouco e se farta. Cassiano fala de um bom religioso, que, sendo um dia obrigado a sentar-se à mesa muitas vezes para fazer companhia a certos hóspedes, tinha

de cada vez comido por conveniência sem todavia se fartar¹⁰³. Tal modo de se mortificar é o melhor, e é também o mais difícil; porque é mais fácil abster-se inteiramente de um prato delicado, do que contentar-se com pouco depois de tê-lo provado.

11. — Quando se quer reduzir a nutrição à medita conveniente, é bom diminuí-la pouco a pouco, até que a experiência mostre que basta tal quantidade para o sustento, sem se ficar muito incomodado. É assim que S. Doroteu reduziu seu discípulo S. Dositheu a uma justa mortificação. — Para uma pessoa se livrar de dúvidas e inquietações quanto ao jejum e abstinência, a regra mais segura é submeter-se ao juízo do seu diretor. — S. Bento e depois dele S. Bernardo afirmam que as mortificações feitas sem permissão do padre espiritual, são atos de presunção dignos de castigo, e não obras dignas de recompensa¹⁰⁴. — Ainda quando isto não fosse uma regra geral para todas, se-lo-ia especial para as religiosas, como acima já ficou dito, ter cuidado de comer sobriamente na ceia, ainda mesmo que haja bastante apetite; porque, a noite, a fome é muitas vezes falsa, e qualquer excesso que se cometa, a pobre se achará no dia seguinte adoentada, com a cabeça pesada, e estômago embrulhado, e por conseguinte enferma e quase impossibilitada de qualquer trabalho espiritual.

12. — No tocante a bebida, pode-se sem fazer mal à saúde, praticar a mortificação, abstendo-se de tomar qualquer coisa fora das refeições, a não ser que, por exigência especial da natureza, haja inconvenientes em suportar a sede ardente que se experimenta, como sóe acontecer no tempo do verão. S.

Lourenço Justiniano não bebia fora da mesa, mesmo nos calores do estio, e, quando lhe perguntavam como podia suportar a sede, respondia: “Como poderei sofrer os ardores do purgatório, se agora não posso suportar esta privação?” Os antigos cristãos, nos dias de jejum, não bebiam antes do jantar, que só tomavam ao cair da tarde; e esta é ainda hoje a prática dos muçulmanos durante o Ramadan, que é a sua quaresma. Siga-se ao menos a boa regra que dão geralmente os médicos, de não beber senão quatro ou cinco horas depois do jantar.

13. — III. Quanto *a maneira*, S. Boaventura recomenda não comer *fora de horas*, nem sem regra, mas religiosamente¹⁰⁵.

1.º - *Fora de horas*: isto é, não se deve comer antes da mesa comum. Tal era o defeito de um penitente de S. Filipe Neri, que não podia deixar de tomar alguma coisa no correr do dia: meu filho, disse-lhe o Santo, se não te corriges deste defeito, não chegarás nunca a perfeição¹⁰⁶. Lê-se no Eclesiastes: Feliz a terra cujos príncipes só comem no tempo conveniente¹⁰⁷. E eu acrescento: Feliz o convento em que as religiosas não tomam alimento algum fora de horas, e se contentam do jantar e da ceia! — Algumas religiosas de um convento da reforma de Sta. Teresa tendo pedido ao Provincial a permissão de ter alguma coisa de comer na cela, a Santa repreendeu-as severamente, dizendo: Vede bem o que andais a pedir: assim chegareis a destruir tudo¹⁰⁸.

14. — 2.º - *Sem regra*: isto é, não se deve comer com avidez, como os que o fazem os dois lados da boca, ou com tanta pressa que um bocado não espe-

re o outro. Não sejais ávidos nas refeições, é advertência do Espírito Santo¹⁰⁹. Deve-se além disso tomar as refeições com a boa intenção de conservar as forças do corpo, para poder servir a Deus Nosso Senhor. Comer somente pelo prazer que se experimenta, é ao menos uma falta venial, pois Inocêncio XI condenou a proposição daqueles que diziam não ser pecado comer e beber só para satisfazer a gula¹¹⁰. — Entretanto, isto não quer dizer que haja pecado em sentir prazer na comida; porque, ordinariamente falando, não é possível tomar as refeições sem prazer natural próprio deste ato. A culpa está em comer só pelo prazer sensual a modo dos brutos sem nenhum outro fim honesto. Com a boa intenção, ficamos isentos de toda a falta, mesmo ao tomar alimentos saborosos: e, ao contrário, nos tornaremos culpados, quando, só por prazer, usarmos das comidas comuns. — Lê-se nas vidas dos Padres, que estando os monges à mesa e sendo as mesmas iguarias para todos, um santo velho viu que alguns se alimentavam de mel, outros de pão e outros de esterco. Ao mesmo tempo lhe foi dado a conhecer que serviam-se de mel os que tomavam a refeição com santo temor de faltar à temperança e entrementes tinham o espírito elevado para Deus com piedosas aspirações. Alimentavam-se de pão os que, sentindo prazer na comida, davam graças ao Senhor, por esta mercê. Finalmente sustentavam-se de esterco os que comiam só pelo prazer que sentiam¹¹¹.

15. — No tocante ao modo de comer, dizemos ainda que as religiosas não devem fazer jejuns indiscretos ao ponto de se tornarem ineptas para os ofí-

cios da comunidade e para a observância das regras. Este é um defeito em que muitas vezes caem as pessoas principiantes. Alentadas pelo fervor sensível que o Senhor lhes costuma comunicar, para animá-las a seguir o caminho da perfeição, elas se impõem privações e penitências excessivas, donde acontece que caem em alguma enfermidade, e se tornam incapazes de cumprir os deveres comuns, ou ao menos obrigadas a abandonar toda a espécie de penitências. Em tudo a discrição é necessária. O senhor que confia o cuidado de um cavalo ao criado, se mostrará descontente quando este lhe dá alimento demais, e também quando não lhe dá o suficiente, de modo que não possa servir-se dele nas ocasiões necessárias. — S. Francisco de Sales dizia às religiosas da Visitação: “Uma sobriedade contínua e moderada é melhor que as abstinências violentas, feitas em diversas vezes, entremeadas de grandes relaxamentos”¹¹². — Além disso, as pessoas que assim procedem estão sujeitas a se julgarem mais perfeitas que as que não praticam tais jejuns. Sem dúvida é necessário evitar a indiscrição; mas é preciso também notar o que dizia um grande mestre da vida espiritual, a saber, que o espírito raras vezes nos engana levando-nos a mortificações excessivas, ao passo que o corpo nos ilude muitas vezes, induzindo-nos a poupá-lo e isentá-lo do que lhe desagrada.

16. — Eis algumas boas mortificações que se podem praticar:

Abster-se de alimentos que agradam ao paladar, e são mais ou menos nocivos à saúde;

Abster-se dos primeiros frutos que aparecem;

Privar-se, durante todo o ano, de alguma espécie de frutas designada por sorte;

Deixar inteiramente as frutas, uma ou duas vezes por semana, e uma parte nos outros dias;

Privar-se de certo prato delicado, dizendo, depois de prová-lo, que lhe não agrada. Assim fazia Sta. Maria Madalena de Pazzi;

Deixar uma parte do prato que mais agrada, como aconselha S. Bento¹¹³.

Resistir por algum tempo ao desejo de beber, ou de comer o bocado que tem no prato;

Abster-se de vinho, de licores ou aromas, principalmente as pessoas moças.

Estas mortificações bem se podem fazer, sem perigo de soberba ou vaidade e sem prejudicar a saúde. Não é necessário praticá-las todas: façam somente as que permitir a superiora ou o diretor. De resto, é coisa certa que mais vale praticar pequenas abstinências, com freqüência, do que fazer grandes e extraordinárias, uma ou outra vez, ficando depois disso sem se mortificar.

ORAÇÃO

Meu querido Redentor, eu me envergonho de comparecer diante de vós, tão defeituosa e tão tibia como sou! Depois de todas as graças que me fizestes, eu deveria agora arder de amor para convosco como os serafins; mas, ai! eu me acho até mais imperfeita do que antes. Eu vos tenho prometido tantas vezes, santificar-me e ser toda vossa; mas essas promessas tem sido outras tantas infidelidades. O

que me consola, é que me acho diante de vós que sois a bondade infinita, meu Deus. Senhor, não me abandoneis, continuai a dar-me forças, pois quero me santificar para vos agradecer. Eu vos prometo mortificar os sentidos, especialmente abster-me de tal coisa (especifique qual). Oh! meu Jesus, eu conheço o muito que me obsequiastes, para me verdes toda vossa: quão errada eu andaria, se vos negasse alguma coisa e pouco vos amasse. Quero deixar de ser ingrata. Vós fostes tão bom para comigo, e eu não quero ser mesquinha para convosco, como fui na vida passada. Eu vos amo, meu divino Esposo; e me arrependo de todos os desgostos que vos tenho dado. Perdoai-me e ajudai-me a vos ser fiel. Ó Maria, vós fostes sempre fiel a Deus, alcançai-me igual fidelidade para o resto de minha vida.

IV. Da Mortificação do ouvido, do olfato e do tato

1. — I. Quanto aos *ouvidos*, é preciso mortificá-los, fechando-os às conversas imodestas e às maledicências. É necessário também não ouvir falar das coisas do mundo, as quais, quando outro mal não façam, enchem a cabeça de uma multidão de pensamentos e fantasias, que ao depois nos distraem e perturbam na oração e nos outros exercícios de piedade. Quando vos achardes no meio de tais conversações, esforçai-vos por afastá-las polidamente, propondo, por exemplo, uma questão útil; e, quando não puderdes consegui-lo, procurai um pretexto para vos

retirar ou ao menos guardai silêncio e abaixai os olhos, para mostrar o enfado que sentis, ouvindo essas palestras.

II. Quanto ao *olfato*, longe de vós os vãos perfumes, como os de ambar, pastilhas, bálsamo, águas de cheiro e outras coisas semelhantes. Tais delicadezas não convém mesmo as pessoas do mundo. Procurai antes suportar os maus cheiros que muitas vezes infectam as celas das enfermas. Imitai nisto os santos, que animados do espírito de caridade e de mortificação, não respiram com menos prazer a atmosfera fétida dos hospitais, que o ar embalsamado dos jardins de flores.

III. Quanto ao *tato*, procurai evitar com todo o cuidado até as menores faltas; porque qualquer descuido, nesta matéria expõe a alma a perder a vida eterna. Acerca deste sentido não entrarei em maiores explicações; digo somente que as religiosas devem usar toda a modéstia e cautela, não só com outras pessoas, mas até consigo mesmas, a fim de conservar intacta a santa pureza, que é uma jóia de valor inestimável. Há algumas pessoas, que permitem algumas brincadeiras neste ponto, para se divertirem; mas eu lhes digo que não se brinca com o fogo! S. Pedro de Alcântara, estando enfermo prestes a expirar e percebendo que o tocava o religioso que o servia, disse-lhe: “Retira-te irmão, não me toques, porque estou ainda vivo e posso ofender a Deus”.

Ao contrário, é preciso refrear este sentido, quando for possível, por meio de mortificações exteriores, das quais convém que aqui falemos minuciosamente.

2. — Elas se reduzem a quatro, a saber: os jejuns, os cilícios, as disciplinas e as vigílias.

1. Quanto aos *jejuns*, já temos falado bastante no parágrafo precedente.

2. Os *cilícios* são de várias espécies. Há uns que se fazem de crina ou de sedas de porco, mas podem ser nocivos às pessoas de compleição delicada porque, como com razão diz o padre Scaramelli, inflamam a carne, e, afastando o calor natural do estômago, o enfraquecem¹¹⁴. Outros cilícios são feitos de fios de ferro ou de latão, em forma de cadeias, e são menos nocivos à saúde. Trazem-se nos braços, nas coxas e nas espáduas, porque, no peito e na cintura, poderia fazer mal. Estes são os cilícios usados ordinariamente, e podem servir para qualquer pessoa, sem receito de dano algum. Os santos usaram de cilícios muito mais rigorosos. Santa Carrilho, penitente do B. João de Ávila, trazia um cilício de crina, que ia desde o pescoço até os joelhos. S. Rosa também usava um longo cilício entretecido de agulhas, com uma grande cadeia de ferros sobre os rins. S. Pedro de Alcântara trazia nas costas uma enorme placa de ferro crivada em forma de ralo que lhe dilacerava as carnes. Não seria pois maravilha, que cada uma de vós trouxesse ao menos uma cadeiazinha de ferro desde manhã até o jantar.

3. — 3. A *disciplina* é uma mortificação muito apreciada por S. Francisco de Salles, e praticada geralmente em todas as comunidades religiosas de ambos os sexos. Não há santo, ao menos entre os modernos, que não tenha feito grande uso das disciplinas. Conta-se particularmente de S. Luiz Gonzaga

que se flagelava com freqüência, até derramar sangue, três vezes por dia; e já no fim da vida, não tendo mais força para se açoitar, por suas próprias mãos, pediu ao padre provincial, que o fizesse disciplinar por outrem, das pontas dos pés até a cabeça. Não seria, pois, ainda coisa maravilhosa que cada uma de vós tomasse disciplina uma vez ao dia, ou ao menos três ou quatro vezes por semana; mas sempre, está entendido, com permissão do vosso diretor.

4. — 4. Enfim, as *vigílias* consistem na privação de uma parte do sono. Lê-se na vida de Sta. Rosa de Lima, que a santa para passar as noites em oração, ligava os cabelos em um prego fixado na parede, a fim de que, quando inclinasse a cabeça oprimida do sono, fosse obrigada a despertar, pela dor que sentia. Lê-se também de S. Pedro de Alcântara, que, pelo espaço de quarenta anos, só dormiu uma hora, ou quando muito hora e meia, por noite; e para que o sono o não traísse, dormia com a cabeça apoiada em um pedaço de madeira fixo no muro da cela. Estas vigílias não devem ser praticadas sem uma graça especial; e eu digo que a mortificação do sono deve ser muito discreta e moderada; porque, quando não dorme bastante, ordinariamente a pessoa torna-se incapaz ou menos apta para os exercícios de espírito, como o ofício divino, a oração e a leitura espiritual. Assim acontecia a S. Carlos Borromeu, que, depois de longas vigílias, era às vezes vencido do sono durante o dia, a ponto de adormecer até no correr das cerimônias públicas: pelo que resolveu tomar um pouco mais de repouso durante a noite. Deve-se, entretanto, observar que não é necessário nem conve-

niente às pessoas espirituais dar ao seu corpo todo o descanso que deseja, como fazem os animais, que não cessam de dormir senão quando não tem mais sono. É preciso, pois, tomar o repouso necessário, e nada mais. Geralmente as mulheres podem contentar-se com menos sono do que os homens; de ordinário bastam-lhes cinco, ou quanto muito seis horas de repouso. Eu vos peço, ao menos, boas irmãs, sêde exatas em levantar-vos de manhã, logo que ouvirdes o sinal de despertar, sem demorar como fazem algumas, em voltar e tornar a voltar de um lado para o outro, na cama, por algum tempo. Dizia Sta. Teresa que a religiosa logo ao primeiro toque da campainha deve saltar do leito.

5. — Os santos, não satisfeitos com se privarem do sono, usaram de muitas mortificações mesmo quando dormiam. — S. Luiz Gonzaga punha no leito, entre os lençóis, pedaços de madeira e pedras. — Sta. Rosa de Lima deitava-se sobre troncos de árvores unidos uns aos outros, enchendo os intervalos com cacos de telha. — A venerável Sórora Maria Crucifixa de Sicília, para dormir, se servia de um travesseiro de espinhos.

A respeito destas penitências, repito o que disse mais acima; são extraordinárias e não convém a todas as pessoas; mas é necessário que nenhuma religiosa procura delicadezas no leito. Se a alguma basta uma esteira ou um enxergão para dormir, para que ir procurar um colchão? ou ao menos, se lhe basta um colchão, para que buscar dois?

6. — Faz parte da mortificação do tato o sofrer com paciência os rigores das estações, o calor e o

frio. S. Pedro de Alcântara andava sempre de pés descalços e cabeça descoberta, em qualquer estação, e, mesmo no inverno, vestia-se apenas com uma túnica andrajosa. — Vós não podeis fazer outro tanto; mas não seria demais abster-vos, no inverno, de chegar-vos ao fogo, como praticava S. Luiz Gonzaga, embora residisse na Lombardia que é uma região muito fria. Ao menos podereis fazer tal mortificação algum dia da semana. Em todo o caso, suportai com calma e paciência o calor e o frio, como vindos das mãos de Deus. S. Francisco de Borgia chegou uma vez, tarde demais, à porta de um Colégio da Companhia, e achando-a fechada, foi obrigado a ficar toda a noite exposto ao frio e a neve que caía. No dia seguinte, afligindo-se os religiosos pelo que tinha sofrido, o Santo lhes respondeu: “Seu meu corpo padecceu, minha alma foi bem consolada; porque eu pensava que Deus se comprazia de assim me ver sofrer o frio e que ele mesmo, do alto dos céus, me atirava com suas próprias mãos todos aqueles flocos de neve”.

ORAÇÃO

Meu amado Redentor, tenho vergonha de aparecer diante de vós, apegada como estou aos prazeres terrenos. Durante vossa vida, só pensastes em sofrer por mim; e eu só tenho pensado até agora em me satisfazer, sem cuidar dos vossos sofrimentos nem do amor que me tivestes. Ai! até o presente, só tenho apenas trazido o hábito e o nome de religiosa e esposa vossa! Mereceria ser expulsa desta santa casa

em que me fizestes tantas graças, e me destes tantas luzes, às quais correspondi sempre com ingratições! É verdade que tenho feito inúmeros propósitos, e vos tenho prometido, muitas vezes, executá-los, mas tenho sido infiel em pô-los em prática. Ó meu Jesus, fortificai-me. Eu quero fazer alguma coisa por vós antes de morrer. Se a morte me sobreviesse agora, eu ficaria triste de morrer com o estou! Prolongai os meus dias, afim de que me santifique, pois quero fazer tudo para isso. Eu vos amo, meu Deus e meu Esposo, e vos quero amar como verdadeira esposa e não quero pensar noutra coisa, que em vos agradar. Perdoai-me todas as ofensas passadas, eu as detesto todas de coração. Ó Deus de minha alma, para me contentar a mim mesma, eu vos causei tantos desgostos, sendo vós o meu tesouro e a minha vida, e me tendo amado tanto! Dai-me o auxílio necessário para ser toda vossa de hoje em diante.

Ó Maria, Virgem Santa, minha esperança, socorrei-me também vós. Obtende-me a força de fazer alguma coisa por Deus, antes de ser surpreendida pela morte.

1. Militia est vita hominis super terram.
2. Caro enim concupiscit adversus spiritum, spiritus autem adversus carnem. *Gad. 5, 17.*
3. Ista charitas destruit charitatem, talis misericordia crudelitate plena est qua ita corpori servitur, ut anima juguletur. *Apol. ad Guill. c. 8.*
4. Simus nos crndeles interim non parcendo, at vos parcendo crudeliores. *In Ps. 90, s. 10.*
5. *Exerc. de perf. p. 2, tr. 1, e. 4.*
6. Quiescant passiones, quiescam ego.
7. Ubi non est sepes, diripietur possessio. *Eccli. 36, 27.*
8. Haec oportet facere, et illa non omittere. *Matth. 23. 23.*

9. Castigo corpus meum et in servitum redigo. *I. Cor. 9, 27.*
10. Magis nocet domesticus hostis. *Medit. c. 13.*
11. *Lib. 1. Vit. Euphros.*
12. Compatior infirmitati corporum; sed timenda multo magis ampliusque cavenda infirmitas animarum. *Epist. 315.*
13. *Com. da perf. c. 10-11.*
14. *Epist. 315.*
15. Homines Christo dediti, et infirmi sunt, et volunt esse; si fortes fuerint, sancti esse vix possunt. *De Gubern. D. I. 1.*
16. *Fund. c. 12.*
17. *Vit. Patr. I. 5, libell. 7.*
18. Vulnera charitatis non faciunt sentire vulnera carnis.
19. In tribulatione maxima erunt nisi poenitentiam ab operibus suis egerint. *Apoc. 2, 22.*
20. *P. 4, tit. 14. c. 10. § 4.*
21. Illi quidem ut corruptibilem coronam accipiant; nos autem incorruptam. *I. Cor. 9, 25.*
22. Et palmae in manibus eorum. *Apoc. 7, 9.*
23. Non sunt condignae passiones huius temporis ad futuram gloriam, quae revelabitur in nobis. *Rom. 8, 18.*
24. Momentaneum et leve tribulationis nostrae... aeternum gloriae pondus operatur in nobis. *II. Cor. 4, 17.*
25. *I. Petr. 2, 5.*
26. Scalpri salubris ictibus
Et tunsione plurima
Fabri polita malleo,
Hanc saxa molem construunt. *Off. in Ded. Eccl.*
27. *Vit. Patr. I. 5, libell. 7, n. 31.*
28. Qui amat, non laborat, *In Joan. tr. 48.*
29. *Vid. c. 26.*
30. Mihi autem absit gloriari nisi in cruce Domini nostri Jesu Christi. *Gal. 6, 14.*
31. Qui autem sunt Christi, carnem suam crucifixerunt cum vitiis et concupiscentiis. *Gal. 5, 24.*
32. Particula boni doni non te praetereat. *Eccli. 14, 14.*
33. *Scal. par. gr. 5.*
34. Pepigi foedus cum oculis meis, ut ne cogitarem quidem de virgine. *Job. 31 1.*
35. Visum sequitur cogitatio, cogitationem delectatio, delectationem consensus.

36. Vidit... quod bonum esset... et pulchrum oculis, aspectuque delectabile, et tulit. *Gen. 3, 6.*

37. Nostris tantum initiis opus habet.

38. Per oculos intrat ad mentem sagitta amoris. *De modo bene viv. s 23.*

39. Oculus meus deprae datus est animam meam. *Thren. 3, 5.*

40. Deprimendi sunt occuli, quasi quidam raptores ad culpam. *Moral. I. 21 c. 3.*

41. Incipit velle, quod noluit.

42. Pulchritudo ejus captivam fecit animam ejus. *Judith. 16, 11.*

43. Pars innocentiae, caecitas. *De Remed. fort.*

44. *Apolog. c. 46.*

45. Ne c rcum spicias speciem alienam...; ex hoc concupiscentia, quasi ignis, exardescit. *Eccli. 9, 8.*

46. *Dial. I. 2, c. 2.*

47. *Epist. ad Eustoch.*

48. Oculi vestri, etsi jaciuntur in aliquam, fingantur in nulla. *Reg. ad serv. D. n, 6.*

49. *Lancicius. De ext. corpo. comp. n. 304.*

50. Intueri non licet. Quod non licet concupiscere.

51. *Lib. 1. Confort. S. Franc. p. 2.*

52. Ubi Christus est, modestia est. *Ep. ad Diocl.*

53. Ex visu cognoscitur vir. *Eccli. 19, 26.*

54. Lucerna ardens et luccns. *Joan. 5. 35.*

55. Spetaculum facti sumus mundo, et angelis et hominibus. *I. Cor. 4, 9.*

56. Modestia vestra nota sit omnibus hominibus; Dominus prope est. *Phil. 4, 5.*

57. Plerisque justi aspectus admonitio est. Quam pulchrum ergo, si videaris et prosis. *In Ps. 118, s. 10.*

58. *Surias die 7 Jan.*

59. *Luc. 6, 20. — Joan 5, 5.*

60. Obsecro vos per mansuetudinem et modestiam Christi. *II. Cor. 10, 1.*

61. *Serm. de Ascensi.*

62. Averte oculos meos, ne videant vanitatem. *Ps. 118, 31.*

63. Auro, margaritis et monilibus adornatae, ornamenta cordis perdiderunt. *De Disc. et Hab. Virg.*

64. Mulierum ornamentum est probitate florere, colloquium cum divinis oraculis habere, fuso et lanae operam dare, oculis est labiis vinculum injicere. *Adv. mul. se orn.*

65. Incessus sit nec segnus nec vehemens. *Ep. 1 ad Greg.*
66. De vulgo aliquis scurriles voces emitt, haud facile quisquam attenderit; at qui vitae genus perfectum profitetur, hunc, si latum unguem ab officio suo recedere visus sit, omnes confestim observant. *Reg. fns. disp. int. 22.*
67. In medio sermonum, ne adjicias loqui. *Eccli. 11, 3.*
68. Ne cuiusquam offendat aurem vox fortior. *De offic. l. 1, c. 18.*
69. Cavendum est ab iis qui pietati student ne in risum effusi sint. *Reg. fus. dssp. int. t7.*
70. *Rosign. veritá eterne.*
71. Non ad conflictum spiritualis agonis assurgitur, si non prius gulae appetitus edomatur. *Mor. l. 30. o. 26.*
72. Beluinus est homo, amando talia, qualia beluae.
73. Puto jumenta dicerent, si loqui fas esset: Ecce Adam factus est quasi unus ex nobis. *In Cant. s. 35.*
74. Quorum Deus venter est. *Phil. 8, 19.*
75. *Dial. l. 4. c. 38.*
76. *Ibid. l. 1, c. 4.*
77. *Conf. 10, c. 31.*
78. Panem ipsum cum mensura studebo sumere, ne onerato ventre, sta e ad orandum taedeat. *In Cant. s. 66.*
79. Si ad vigilas surgere indigestum cogis, non cantum, se planctum potius extorquebis. *Apol. ad Guil. c. 9.*
80. Divina consolatio non tribuitur admittentibus alienam. *De Vit. et Mor. cler. c. 21.*
81. Ventris saturitas seminarium libidinis est. *Adv. Jovin. l. 2.*
82. Impossibile est saturum ventrem pugnans non experiri. *De Coenob. inst. l. 5, c. 13.*
83. Diabolus victus in gula, non tentat de libidine.
84. Deus, qui corporali jejunio vitia comprimis, mentem elevas, virtutem largiris et praemia. *Praef. quadrag.*
85. *Ad Eustoch.*
86. Falecido em 5 de março de 1734 e canonizado em 26 de maio de 1739, por Gregório XVI.
87. In qualitate, in quantitate et modo. *De prof. rel. l. 2. c. 47.*
88. Ut non celicata requirat, sed simplicia.
89. Vinum et carniū sagimen robor quidem adducunt corpori, sed animam reddunt languidam. *Strom. l. 7.*
90. Carnem monacho nec sumendi nec gustandi est concessa licentia. *De Consecr. d. 5, c. 32.*
91. Abstineo a carnibus, ne carnis nutriant vitia. *In Cant. s. 66.*

92. Noli regibus dare vinum. *Prov.* 31, 4.
93. Cui vae?... nonne his qui commorantur in vino, et student calicibus epotandis? *Prov.* 23, 29.
94. Luxuriosa res, vinum. *Ibid.* 20. 1.
95. Hoc primum moneo ut sponsa Christi vinum fugiat pro veneno: vinum et adolescentia, duplex incendium voluptatis est.
96. *De Coenob. inst.* l. 5, c. 23.
97. *Bacci.* l. 2. c. 14—17.
98. *De Grad. humil.* r. 5.
99. Ut non nimis et saepius quam decet, ut sit refectio corpori, non onus.
100. Sit tibi moderatus cibus et nunquam venter expletus.
101. Se et ex vilissimis cibus vetanda satietas est. *Adv. Jav.* l. 2.
102. Quando comedis, cogita quod statim tibi orandum et legendum sit. *Ep. ad Furiam.*
103. *De Coenob. inst.* l. 5, c. 25.
104. Quod sine permissione patris spiritualis fit, praesumptioni deputabitur, non mercedi. *Reg. c.* 49. — *In Cant.* s. 19.
105. Ut non importune requiratur (cibus), nec inordinate sumatur, sed religiose.
106. *Bacci* l. 2. c. 14.
107. Beata terra... cujus principes vescuntur in tempore suo. *Eccli.* 10, 17.
108. *Cart. ao P. Graciano,* 27 Fev. 1581.
109. Noli avidus esse in omni epulatione. *Eccli.* 37, 32.
110. *Propos.* 8.
111. *Vit. Patr.* l. 6. libell. 1, n. 17.
- 112 *Introd. p.* 3, c. 23.
113. Unusquisque super mensam aliquid offerat Deo. *Reg. c.*
- 49.
114. *Direct. asc. tr.* 2, a. 1, c. 4.

CAPÍTULO IX

Da Pobreza Religiosa***I. Do voto de pobreza, da perfeição da pobreza, e da vida comum***

1. — As máximas do mundo são inteiramente opostas às de Deus. Segundo o mundo, a grandeza consiste em possuir muitos cabedais; mas diante de Deus, a verdadeira grandeza, própria dos santos, funda-se na pobreza. Os ricos não serão condenados só pelo fato de ter acumulado riquezas, nem é mesmo certo que se não salvem; mas é fora de dúvida que só com muita dificuldade entrarão no reino dos céus, dizendo o Evangelho ser mais fácil passar um camelo pelo fundo de uma agulha¹. É por isso que os santos fundadores de ordens procuraram estabelecer nas suas religiões uma perfeita pobreza, como fundamento do bem comum. — Sto. Inácio de Loyola chamava a pobreza dos religiosos baluarte do seu estado, e fortaleza que defende a praça da perfeição regular². E, de fato, vê-se que as comunidades em que se tem mantido a pobreza, conservaram o espírito de fervor, ao passo que aquelas que a não observaram, caíram logo no relaxamento. Dai vem que o inferno faz tantos esforços para induzir as comunidades observantes a diminuírem o rigor da pobreza. Isto mesmo advertiu Sta. Teresa as suas religiosas:

Procurai amar muito a pobreza; porque enquanto a conservardes convosco, guardareis a regularidade³. Os santos Padres tinham razão quando chamavam a pobreza guarda das virtudes, porque é verdadeiramente ela que conserva nos religiosos a mortificação, a humildade, o desapego dos bens terrenos e sobretudo o recolhimento interior.

2. — Falando da pobreza religiosa, é preciso distinguir o que pertence ao voto de pobreza, do que diz respeito a perfeição desta virtude.

O *voto de pobreza* obriga a religiosa a não possuir dinheiro nem bem algum, e não usar de coisa alguma sem permissão da superiora. — Mas, ó céus! eis um escolho, em que muitas religiosas acham a perdição. Sta. Maria Madalena de Pazzi viu um grande número de religiosas, que se tinham condenado por falta de observância do voto de pobreza⁴. Lê-se nas crônicas da Ordem dos Capuchinhos que o demônio apareceu um dia aos religiosos reunidos e arrebatou do meio deles um frade, que deixou cair da manga do hábito um breviário, de que, por desgraça, se tinha apossado contra a pobreza. — Mais terrível ainda é o exemplo seguinte, referido por S. Cirilo de Jerusalém em carta a Sto. Agostinho⁵. Havia na Tebaida um mosteiro de duzentas monjas, que não viviam segundo a pobreza da sua regra. S. Jerônimo apareceu um dia a uma delas mais fiel do que as outras, e ordenou-lhe que advertisse a abadessa e suas irmãs que se corrigissem, porque do contrário lhes estava eminente um grande castigo. A boa religiosa deu o aviso recebido, mas as outras zombaram dela. O santo apareceu-lhe de novo durante a oração, e

mandou reiterar a advertência, dizendo-lhe que, se ainda não fizessem caso dela, saísse imediatamente do mosteiro. Ao fazer de novo a advertência, em vez de obter o resultado desejado, foi a monja ameaçada de ser expulsa pela abadessa, se tornasse a falar em semelhante parvoíces. Ah! replicou ela, antes que me expulsem, eu quero sair desta casa para não ser vítima do mesmo castigo. E apenas tinha saído do mosteiro, este desmoronou-se completamente, e sepultou todas as monjas em suas ruínas.

3. — Ai de quem introduz o relaxamento na observância da santa pobreza! Por isso, examinai, caríssimas irmãs, se tendes dinheiro ou outra coisa sem permissão. E notai bem que a permissão é nula, se o seu objeto não é justo, porque a superiora só pode dar essa licença, quando se trata de coisas justas. Tudo quanto possuis em dinheiro, móveis, hábitos, roupas, e outras coisas que receberdes dos vossos parentes, rendas, o preço do vosso trabalho, tudo pertence ao convento, e não é vosso. Vós tendes apenas o uso das coisas que vos dá a superiora; de sorte que se dispuserdes de qualquer delas, sem licença, cometeis um roubo e roubo sacrílego contra o voto de pobreza. E ficai sabendo, além disso, que a respeito da pobreza o Senhor exige contas rigorosas dos religiosos. E por isso os superiores observantes estiveram sempre vigilantes e atentos em castigar qualquer falta neste ponto. — Escreve Cassiano que, em um mosteiro dos antigos padres do deserto, o despenseiro tinha deixado cair no chão três lentilhas, por descuido. Em punição desta falta, o abade o privou das orações comuns, e o não admitiu a participar

delas senão depois de ter feito uma penitência pública⁶. — Conta-se também de Reginaldo, prior dos Dominicanos de Bolonha, que impôs uma penitência exemplar a um irmão leigo, que tinha tomado sem licença um pedaço de estofa para remendar sua túnica, e fez queimar o retalho em presença da comunidade reunida em capítulo.

Eis quanto digo sobre o pecado contra o voto de pobreza.

4. — Quanto *a perfeição da santa pobreza*, esta exige das religiosas o desapego total do afeto às coisas terrenas, e a abstenção de tudo o que não for necessário para a conservação da vida. É o que Nosso Senhor Jesus Cristo deu a entender ao moço que desejava saber o que deveria fazer para adquirir a perfeição, dizendo-lhe que abandonasse tudo, sem excepção: Se queres ser perfeito, vai, vende o que tens e dá tudo aos pobres⁷. — Com efeito, segundo a expressão de S. Boaventura, quando o espírito está sobrecarregado do peso das coisas temporais, não pode elevar-se para se unir a Deus⁸. — Diz Sto. Agostinho que o amor dos bens terrenos é como um visgo que impede a alma de voar até Deus⁹. Pelo contrário, diz S. Bernardo, a pobreza é uma grande asa que nos leva rapidamente ao reino dos céus¹⁰.

Pelo que, escrevia S. Lourenço Justiniano: “Ó feliz pobreza, que, nada possuindo, nada tem que temer, e está sempre na alegria e na abundância, porque faz converter em própria vantagem tudo o que lhe causa incômodo¹¹.”

5. — Para nosso bem e nosso exemplo, nosso divino Salvador quis ser pobre nesta terra a tal ponto

que Santa Maria Madalena de Pazzi chamava a pobreza esposa de Jesus Cristo. — Diz S. Bernardo: A pobreza não se achava no céu; abundava na terra, mas o homem ignorava o seu valor; e por isso o Filho de Deus que amava esta pobreza desconhecida, quis descer à terra, para escolhê-la para si mesmo, e não-la fazer preciosa¹². Este pensamento concorda com o que o Apóstolo escrevia aos seus discípulos: Jesus se fez indigente por vossa causa, quando era rico, afim de que sejais ricos pela sua pobreza¹³. Cristo Nosso Redentor, que era o dono absoluto de todas as riquezas do céu e da terra, quis ser tão pobre neste mundo, a fim de que fôssemos ricos. Como assim? Por seu exemplo, nos fez amar a pobreza, e a pobre ou desapego dos bens deste mundo nos faz adquirir as riquezas eternas.

O Filho de Deus quis, neste terra, ser pobre ao nascer, não tendo por palácio senão um frio estábulo, por berço uma manjedoura, por leito umas palhinhas. Foi pobre durante sua vida, e pobre em tudo; pobre na sua habitação que consistia em uma só câmara que lhe servia ao mesmo tempo para o trabalho e para o repouso; pobre nos seus hábitos, pobre na sua nutrição. Segundo S. João Crisóstomo, o divino Salvador e seus discípulos só se alimentavam de pão de cevada como se deduz do Evangelho¹⁴. Foi pobre até na morte, não deixando senão suas simples vestes; e estas mesmas os soldados as dividiram entre si ainda antes do seu último suspiro; de sorte que para sepultá-lo foi necessário que lhe dessem um lençol e um túmulo, por esmola.

6. — Jesus dizia um dia à bem-aventurada Ângela de Foligno: Se a pobreza não fosse um grande bem, eu a não teria escolhido para mim, nem a teria deixado em partilha aos meus eleitos. — E de fato, é à vista de Jesus tão pobre que os Santos amaram tanto a pobreza. Um dia, discorriam juntos o Padre Frei Luiz de Granada e o Padre Mestre Ávila, e perguntavam um ao outro, porque razão S. Francisco de Assis tinha amado tanto a pobreza. Disse o Padre Granada que a razão era porque o santo queria ficar desembaraçado de tudo o que o impedisse de unir-se perfeitamente a Deus; mas o Beato Ávila respondeu melhor que S. Francisco havia amado muito a pobreza, porque tanto a tinha amado Jesus Cristo. E na verdade, uma alma que ama muito a Jesus Cristo, não pode deixar de dizer com o Apóstolo: Eu estimo todos os bens da terra como esterco, e por isso os desprezo todos, para lucrar Jesus Cristo¹⁵. — A este propósito, dizia com graça S. Francisco de Sales: Quando uma casa se incendeiava, lançam-se fora todos os móveis pelas janelas. Nisto não fazia mais que repetir o dito do Espírito Santo: Ainda quando um homem desse todos os haveres de sua casa para comprar o amor, deve considerar este preço como nada¹⁶. — Os que amam a Deus, desprezam de boa vontade todas as coisas por amor dele.

7. — Asseveram as Sagradas Escrituras que a recompensa dos pobres é *muito segura e muito grande*. — Primeiramente, é *muito segura*, porque Jesus Cristo lhes dá o reino dos céus¹⁷. Nas outras bem-aventuranças mencionadas no Evangelho, o prêmio é prometido no futuro. Por exemplo, aos mansos Jesus

diz que possuirão a terra; aos puros de coração, que verão a Deus Nosso Senhor¹⁸; mas para os pobres de espírito emprega o verbo no presente, e declara que deles é o reino dos céus; e isto por causa dos grandes socorros que recebem de Deus já nesta vida. Pelo que afirma Cornélio a Lápide que o paraíso é desde esta vida destinado aos pobres por decreto divino; de sorte que, estando ainda na terra, já tem pleno direito ao céu¹⁹.

Além disso, a recompensa dos pobres é *muito grande*. Dizia Sta. Teresa: Quanto menos possuímos aqui na terra, mais gozaremos na eternidade, onde nossas moradas corresponderão ao amor com que tivermos imitado a vida de Jesus Cristo²⁰. — S. Pedro Damiano escrevia: Ó feliz negócio! Trocaremos a lama pelo ouro, isto é, os bens terrenos pelas graças de Deus e pelas recompensas eternas²¹.

6. — Demais, os verdadeiros pobres de espírito terão a honra de sentar-se junto de Jesus Cristo, para julgar o mundo. Nosso Senhor o disse formalmente no Evangelho. Com efeito, a S. Pedro que, uma vez, o interrogava: “Eis que deixamos tudo para vos seguir: Qual será a nossa recompensa?” respondeu-lhe: “Em verdade, vos digo que vós que me seguistes, no dia da ressurreição geral, quando o Filho do homem sentar-se no trono da sua glória, sentareis também em doze tronos e julgareis as doze tribos de Israel”²².

As promessas do Salvador em favor dos que renunciarem os bens terrenos por seu amor, não respeitam somente a vida futura; já desde esta vida receberão cem por um: Todo aquele que abandonar

sua casa ou seus campos por meu nome, receberá o cêntuplo e terá a vida eterna²³. — Isto se confirma pelo que diz o Apóstolo em nome de todos os pobres voluntários: Nós nada temos, e possuímos todas as coisas²⁴. Nosso Divino Mestre, com razão, compara as riquezas aos espínhos²⁵; porque, quanto maiores são as riquezas, tanto mais pungem e atormentam o espírito pelos cuidados e temores em conservá-las e o desejo de as aumentar. — Por isso, pondera bem S. Bernardo: Em quanto os avarentos morrem de fome como mendigos, visto que nunca chegarão a satisfazer os seus desejos de possuir mais riquezas; os pobres as desprezam como se fossem donos de tudo, porque nada cobiçam²⁶. — Oh! como é rica a religiosa, que possui e nada deseja neste mundo! Goza da verdadeira paz, tesouro preferível a todos os bens da terra; porque estes não podem saciar o coração humano, que não acha pleno contentamento senão em Deus.

9. — Donde se vê que os pobres de espírito são largamente recompensados nesta vida como na outra; mas o essencial é encontrar uma religiosa verdadeiramente pobre de espírito. Examinemos pois em que consiste a *verdadeira pobreza de espírito*. Primeiramente consiste em nada ter nem desejar possuir, fora de Deus. — Eu encontro um pobre, diz Sto. Agostinho, e procuro um pobre²⁷. Isto quer dizer que há muitos pobres de fato, mas poucos que o são de espírito e de desejo. Donde, essas religiosas que se mostram pobres, sem o serem de espírito, como refilete Sta. Teresa, enganam o mundo e se iludem a si mesmas. Com efeito, de que lhes servirá a sua po-

breza real? — Aquele que, nada possuindo, deseja as riquezas, sofre somente a pena da pobreza, sem a virtude. — Quem deseja as riquezas dizia S. Filipe Neri, nunca chegará a ser santo. — Ó minhas irmãs, deixastes o mundo, e deixastes tudo. Como, pois, agora, por amor das coisas miseráveis desta terra, quereis ficar expostas a condenação eterna, ou mesmo renunciar a santidade? Eia, pois! Contentai-vos com o que é pobre, seja o alimento, seja o hábito, segundo o conselho de S. Paulo: Desde que tenhamos que comer e com que nos cobrir, estejamos satisfeitos²⁸. Aplicai-vos, pois à perfeição e à santidade, e, por vis ninharias, não vos deixeis arrastar ao perigo de perder a felicidade eterna. Ouvi o que acrescenta o Apóstolo: Aqueles que cobiçam os bens terrenos, caem no laço do demônio, e em muitos desejos que os levam a morte e a condenação eterna²⁹.

10. — Em segundo lugar, a *pobreza de espírito* consiste em ter o coração desapegado não só dos objetos consideráveis, senão também das coisas pequenas e de pouco valor. A menor quantidade de terra que adere é uma pena, a impede de elevar-se no ar, e a menor coisa temporal possuída por uma religiosa contra a perfeição da pobreza, a impedirá em todo o tempo de se unir a Deus perfeitamente, e de achar a verdadeira paz. Como acima dissemos, as riquezas são espinhos, e estes, por menores que sejam, ainda pungem e embaraçam a viandante de caminhar expeditamente. A uma religiosa para ser perfeita, não é necessário que deixe grandes coisas, basta que se desapegue do pouco que a prende ainda, com tanto que o faça de todo o coração. S. Pe-

dro abandonou pouca coisa, mas, porque se despojou também do afeto ao pouco que possuía, quando disse a Jesus que tinha deixado tudo para segui-lo, mereceu que o divino Mestre o escolhesse para seu assessor no juízo universal. — Há certas religiosas que não conservam o afeto às pedras preciosas e aos vasos de ouro, mas somente a certas ninharias, como um pequeno pecúlio, um móvel, um livro ou coisas semelhantes. Em vez de se desembaraçarem do afeto aos bens terrenos, elas o transferiram das coisas grandes para as pequenas; e por isso, suas inquietações e imperfeição são as mesmas, como se estivessem apegadas a objetos importantes

11. — Ao menos os seculares, quando se condenam, perdem-se por coisas de valor aos olhos dos mundanos; mas que calamidade, diz Cassiano, ver uma religiosa, que deixou o mundo, renunciou à própria herança e a liberdade, ser negligente na sua santificação pelo afeto às coisas vis e miseráveis mesmo aos olhos dos profanos!³⁰

Sto. Eucherio escreve que o demônio se regozija, quando nos vê abandonar grandes coisas para depois nos deixarmos vencer vergonhosamente nas pequenas³¹. — Cassiano deplora a mesma cegueira nos seguintes termos: Vemos religiosos que desprezaram domínios magníficos; e, depois disso, perdem a paz por uma agulha, uma pena! É por tais misérias que correm risco de condenação eterna³². — A isto Sto. Eucherio acrescenta este pensamento digno de nota: Se a sêde de possuir não estiver inteiramente extinta no religioso, será tanto mais ardente quanto mais insignificante for o objeto³³. — Sim, quanto mais

ardente for essa sêde de possuir, será tanto mais culpada; porque uma religiosa que se apega as coisas vis, mostra-se mais ávida dos bens terrenos, do que se fosse afeiçoada as coisas de valor. Por isso, o Senhor declarou que não pode ser seu discípulo quem não renunciar a tudo o que possui³⁴.

12. — Em terceiro lugar, finalmente, a pobreza de espírito não consiste somente em ser pobre, mas em amar a pobreza. Nota S. Bernardo que não se considera virtuoso aquele que é pobre, mas o pobre que ama a pobreza³⁵. — Ora o amor da pobreza consiste em amar os efeitos da pobreza; tais como a fome, o frio e sobretudo o desprezo que ela traz consigo; porque, diz S. Tomás, se os pobres de espírito devem ter a honra de julgar o mundo, como acima se disse, é por causa das humilhações que acompanham a pobreza³⁶. — Muitos religiosos, dizia S. Vicente Ferrer, se gloriam do nome de pobres, e fogem dos companheiros da pobreza, que são os sofrimentos e as humilhações³⁷. Mas, S. José Calazans observava que não é pobre quem não sente os incômodos da pobreza. — E a bem-aventurada Salomé, da ordem de Sta. Clara, igualmente dizia: Torna-se ridícula aos olhos dos anjos e dos homens aquela que pretende ser pobre, e quer gozar de todas as comodidades, a ponto de se lamentar, quando lhe falta alguma coisa. — De fato, que espírito de pobreza existe na religiosa que se queixa, desde que a comida não é farta ou não é bem temperada? E que dizer das que convulsionam todo o convento, murmurando contra a superiora e contra as oficiais, se lhe não dão um hábito novo antes que o velho se rasgue? Como

observa a pobreza a outra que procura um pano mais belo, um linho mais fino, e se inquieta, quando a sua túnica não fica bem justa e feita com graça, afim de parecer bem? A estas tais aplicam-se bem as palavras de S. Bernardo: Querem ser pobres, mas com a condição de que nada lhes falte de tudo quanto desejam³⁸.

13. — Vós me direis talvez que, não se observando a vida comum no vosso mosteiro, deveis pensar em tudo, no alimento, na roupa, nos remédios, e ir à grade para vender os vossos trabalhos e receber o preço, afim de obter o necessário para a vossa subsistência. — E eu vos respondo: Ainda que isto seja permitido no vosso instituto, ou pelo uso atual do vosso convento, não deveis contudo aviltar-vos ao ponto de proceder como as senhoras seculares, que, para venderem suas mercearias, descem até a tratar diretamente com as pessoas de fora, sem guardar a modéstia e doçura convenientes ao estado religioso. Esta espécie de mercado é muitas vezes efeito não da necessidade, mas da cobiça, que arrasta certas religiosas a trabalhar demais durante a noite, e descuidar do seu ofício, do coro, da oração, dos sacramentos, e às vezes até usar sem permissão do que pertence a comunidade. Ah! quando o verdadeiro amor de Deus entra no coração da religiosa, esta acha sempre meios de praticar a pobreza perfeita, ainda mesmo nos conventos em que não se observa a vida comum. — Desde que Santa Jacinta de Mariscotti saiu da tibieza para se dar de todo a Deus, começou logo por despojar sua cela de tudo o que nela havia, depôs tudo nas mãos da superiora, e deixou até a

sua túnica, para tomar outra rota e remendada, que tinha servido para envolver o corpo de uma defunta.

14. — Tendo-se feito aqui menção de VIDA COMUM, seja-me permitido fazer algumas reflexões sobre este ponto de suma importância. É certo que todos os cuidados e todas as inquietações das religiosas, todos os desgostos que as vezes experimentam, e todos os tropeços que as atrasam no caminho da perfeição, derivam ordinariamente de possuírem alguma coisa em particular e de quererem conservar e aumentar o que possuem. A necessidade de buscar para si o alimento, roupas, móveis, remédios, que fonte de cuidados e angústias para as pobres religiosas! e que causa de distrações na oração e na comunhão! O voto de pobreza, é verdade, nem sempre proíbe ter e gastar alguma coisa com as licenças devidas; mas isto se estende quando a religiosa possui um objeto com tanta indiferença que esteja sempre pronta a se privar dele ao primeiro sinal da superiora, sem se lamentar nem murmurar. Infelizmente esta inteira indiferença não se encontra em todas as religiosas.

Algumas consentem que se guardem no depósito suas rendas ou economias mas fariam escárnio, se a abadessa quisesse empregá-las nas necessidades do convento. Este modo de depositar o seu dinheiro é pois uma ficção, uma aparência vã; é, para melhor dizer, querer enganar os superiores e a Deus mesmo; porque tais religiosas, de fato, são verdadeiras proprietárias. Todas as que vivem em particular, estão expostas a este perigo. Ora a vida comum livra e preserva as religiosas de todos estes inconvenientes;

ai se observa a verdadeira pobreza religiosa, que, no dizer de S. João Clímaco, nos livra de todos os cuidados do século, nos conduz a união com Deus, por um caminho sem obstáculos, e ao mesmo tempo afasta para bem longe toda a riqueza e toda a inquietação do espírito³⁹.

15. — Todos os Santos fundadores de ordens tiveram em vista estabelecer a vida comum, é indiscutível; e enquanto nas comunidades se manteve a vida comum, nelas reinou o primitivo fervor religioso. Dai esta consequência importante, aliás apoiada pelo consenso unânime dos teólogos, tendo a frente Suarez, Navarro, Lessius etc.; a saber, que o voto de pobreza obriga os religiosos a se conservarem sempre dispostos interiormente a entrar na vida comum, suposto que os superiores, ponderadas as circunstâncias, julgam oportuno po-la em vigor. Assentado isto, pouco importa que uma religiosa diga que na sua entrada no convento não encontrou nele a vida comum. Se, os superiores a quizerem restabelecer, e ela recusasse abraçá-la, sua consciência ficaria em mau estado. Em vão procuraria escusar com o temor de que lhe falte o necessário. Ouça a palavra de Nosso Senhor a Sta. Catarina de Senna: Quando as Ordens observavam a pobreza, nada sofriam; mas agora vive-se em particular, e sofre-se bastante. Oh! Como seríeis felizes se pudésseis contribuir para introduzir no vosso mosteiro um tão grande bem como a vida comum!

16. — Afinal, se a vida comum não reina na vossa casa, nem pode ser restabelecida nas condições atuais, eu não intendo obrigar-vos a observá-la. Nes-

te caso podeis ter um cuidado moderado sobre o vosso alimento, sobre os remédios e outras precisões. Podeis, pois, com as devidas licenças, vender os vossos trabalhos, procurar o necessário para vosso sustento, guardar o dinheiro preciso para as despesas diárias, deixando o resto no depósito comum, à disposição da superiores, se entender lançar mão dele. Podeis também pedir licença para receber e gastar até certa quantia. E fazendo assim, assim podereis merecer o prêmio prometido aos pobres de espírito.

ORAÇÃO

Meu Jesus, se no passado tive o coração apegado aos bens da terra, de hoje em diante sereis o meu único tesouro. Ó Deus de minha alma, vós sois um bem infinitamente maior que todos os outros bens e mereceis um amor infinito. Eu vos amo e estimo acima de todas as coisas, mais do que a mim mesma. Vós sois o único objeto de todo o meu amor. Eu nada desejo deste mundo; mas se tivesse alguma coisa a desejar, eu queria possuir todos os tesouros e todos os reinos da terra, para renunciá-los a privar-me deles inteiramente por amor de vós. Vinde, ó meu amor, vinde consumir em mim todos os afetos que não são para vós. Sede daqui em diante o único objetivo de minhas ações, dos meus pensamentos e das minhas aspirações. Que esse amor que vos levou a morrer por mim na cruz, me faça morrer para todas as minhas inclinações, para só amar a vossa bondade infinita e não desejar outra coisa que não a

vossa graça e o vosso amor. Meu dulcíssimo Redentor, quando serei toda vossa, como sois todo meu, se eu o quiser? Eu nem sei me dar toda a vós, como deveria. Ah! prendei-me e fazei que eu só viva para vos agradar! Tudo espero dos merecimentos do vosso sangue, ó Jesus meu; e da vossa intercessão ó Maria, minha Mãe.

II. Dos graus e da prática da pobreza perfeita

Primeiro grau

1. O *primeiro grau* da perfeita pobreza religiosa consiste em nada possuir de próprio. Assim tudo o que possui uma religiosa, deve considerá-lo como emprestado; e estar sempre disposta a entregá-lo ao primeiro sinal da superiora como uma estátua que não se envaidece, quando a enfeitam, nem se aflige, quando a despojam. Assim deve ser a religiosa. Se alguma se inquieta por se ver privada de alguma coisa por obediência, é uma prova de que não a tinha com verdadeiro espírito de pobreza, ou ao menos que lhe tinha apego. Pelo que diz respeito às rendas, de modo particular, à religiosa deve considerá-las não como sua propriedade, mas do convento, e por conseguinte tê-las como em depósito, sem gastá-las em coisas vãs ou presentes supérfluos; nem tão pouco, lastimar-se, quando a obediência ordenar que se empreguem as necessidades da comunidade ou de uma religiosa em particular. Que se deverá, pois, pensar da religiosa que se põe a clamar e subleva o

convento, quando outra se serve de alguma coisa sua, com licença da abadessa?

Examinai, portanto, caríssimas irmãs, se estais desapegadas de tudo o que possui. Pensai qual seria o vosso sentimento, se a superiora um dia vos negasse licença para fazer aquela despesa, guardar aquele dinheiro, possuir aquele móvel? E se vos achais apegada à alguma coisa, imitai a grande serva de Deus Sor Maria da Cruz, carmelita descalça, que se privava logo de todo objeto pelo qual sentido algum apego, ou o levava à superiora para dar-lhe o destino que entendesse. Em suma, deveis ter o coração inteiramente desprendido até das coisas permitidas pela obediência.

Segundo grau

2. — O segundo grau é nada ter de supérfluo, porque toda a coisa supérflua é um obstáculo a perfeita união com Deus. Sta. Maria Madalena de Pazzi despojou até o seu altarzinho de todo o ornato e não lhe deixou senão o crucifixo. Sta. Teresa falando de si mesma, conta que, sabendo quanto Deus é zeloso da pobreza religiosa, lhe era impossível recolher-se na oração antes de se desfazer de qualquer objeto que lhe parecia supérfluo. — Se, no vosso convento, não há perfeita comunidade, esforçai-vos ao menos por imitar as vossas irmãs mais exemplares e mais fiéis na observância da pobreza, tanto no hábito, como nos alimentos e na mobília.

Vós me direis: *Tudo o que tenho, o conservo com licença.* — Eu vos respondo: As licenças de ter coi-

sas supérfluas farão, de certo, que não sejais proprietárias, mas não nos livrarão de perder o mérito da pobreza perfeita. — Direis ainda: *Eu não tenho nenhum afeto ao que possuo*. — E eu vos replico: Tudo o que possuídes sem necessidade. é bastante para vos impedir a perfeição da pobreza. — Por último, me direis: Aquele dinheiro ou aquele objeto me serve para socorrer os pobres e outras minhas companheiras. — E eu concludo: A religiosa edificante não é a que tem para dar, mas a que nada tem que dar. — É coisa boa dar seus bens aos pobres, diz S. Tomás; mas é melhor ser pobre com Jesus Cristo e nada ter que dar⁴⁰. — A Venerável Maria Amadea, irmã da Visitação, acrescentava que a boa religiosa não deve desejar distribuir outros bens, além dos que recebe de Deus, como os bons exemplos, orações, bons conselhos e auxílios para a vida espiritual.

3. — Assim, pois, minhas irmãs, quereis agradar ao divino Esposo? Tende cuidado de dispor de tudo o que sabeis servos supérfluo; e se não sabeis julgar por vós mesmas, pedi a superiora que visite a vossa cela e vos tire tudo o que achar inútil. Se amais deveras a pobreza, eu não vos digo que vos torneis singulares, mas não tolereis que no convento haja outras religiosas mais pobres do que vós. Esforçai-vos, pois, para ser pobre em tudo, nos hábitos, nos móveis, nos alimentos, pobres de dinheiro.

1. — Praticai a pobreza nos *hábitos* tanto quanto permitir o uso do vosso convento. Servi-vos deles por necessidade e não por vaidade. Para que trazerem as religiosas vestes finas, senão para satisfazerem a vaidade e se fazerem valer diante dos que as vêem?

Ninguém cuida de trazer hábitos preciosos, diz S. Gregório, quando não pode ser visto de outrem⁴¹. — Ora, o Espírito Santo nos adverte que a beleza de uma pessoa não consiste no que ela apresenta no exterior, mas no que conserva no interior: Toda a glória da filha do rei está no inteior⁴². — Pelo contrário, o exterior faz conhecer o que está oculto no fundo da alma como se lê nas revelações de Sta. Brígida⁴³. — De sorte que todo o aparato vão indica uma alma vã. Uma religiosa que procura ornar seu corpo, mostra bem, segundo S. João Crisóstomo, a deformidade do seu espírito⁴⁴. — S. Bernardo assegura igualmente que quanto mais ornado é o corpo, tanto mais feia e manchada é a alma⁴⁵. — E Sta. Maria Madalena de Pazzi viu no inferno muitas religiosas condenadas por faltas cometidas contra a pobreza, e especialmente por vaidade nos hábitos⁴⁶.

4. — Eu não pretendo que leveis hábitos rotos e imundos. O hábito roto não é conveniente, mas o remendado assenta muito bem na religiosa, que fez o voto de pobreza. Não é conveniente trazer o véu todo manchado, mas não o é menos afetar sempre esta limpeza minuciosa, que pretendem algumas. E que idéia pode dar de sua virtude a religiosa que tem punhos de batista ornados de botões de prata, com anel precioso no dedo, e rosário de valor ao lado? ou que só traz véus finíssimos, que deixa logo que neles percebe o menor rasgão? Saiba tal religiosa que desagrade muito a Deus o desprezo que se tem da pobreza. — A Venerável Constança da Conceição, religiosa carmelita, lançando fora uma vez um véu rasgado, viu a Jesus Cristo que lhe disse: Assim desprezas a

insígnia que te dei de minha esposa? — Não procedem assim as religiosas que amam a Jesus Cristo. — Sór Margarida da Cruz, filha do Imperador Maximiliano II, clarissa descalça, comparecendo ao Arquiduque Alberto, seu irmão, com um hábito serzido o Príncipe lhe manifestou a sua admiração: mas ela lhe respondeu nestes termos: “Meu irmão, eu estou mais contente com este trapo, do que todos os monarcas da terra com suas púrpuras”. O que o mundo despreza, é muito estimado de Deus, que o remunera com largueza. Violante Palombara, senhora de alta nobreza, não usava senão um vestido de estofado vermelho, uma colcha de lã para dormir e um rosário de contas de madeira ordinária. Estando à morte, disse: “Oh! que vejo? meu vestido está resplandecente, minha colcha parece de ouro, e meu rosário de diamantes!”

4. — II. Sede pobres também na *mobília* da vossa cela.

Lê-se nas crônicas de S. Jerônimo, que os superiores desta Ordem lançavam logo no fogo todos os objetos curiosos, que encontravam nas celas e chamavam *ídolos dos monges*. — A grande Serva de Deus Maria Madalena Carafa, que foi duquesa de Andria e depois religiosa da Sapiencia de Nápoles, não quis ter na cela nem quadros, nem regalos, nem muitos livros, dizendo: Um só livro basta para ler, e é mais que suficiente para se pôr em prática. — Boa lição para certas religiosas que tem a cela cheia de livros espirituais, e não praticam nenhum. Santa Teresa examinava todos os dias a sua cela e punha logo fora tudo o que lhe parecia supérfluo. E vós, minhas irmãs, talvez encontreis muitas coisas bem des-

necessárias na cela; e porque as conservais? Para que servem essas pinturas profanas, esses quadros dourados, esses armarinhos magníficos, essas pratarias e esses cristais, que mais convém a uma senhora do mundo do que a uma religiosa? Pensai que na hora da morte tudo isso que agora vos agrada a vista, vos servirá de tormento ao coração, e na outra vida (pelo menos no purgatório) encontrareis os castigos correspondentes. — Monsenhor Palafox refere que o superior de um convento apareceu, depois da morte a um religioso e lhe disse que, no tocante ao voto de pobreza, Deus exige na outra vida contas rigorosas de certas coisas, que parecem de pouca importância neste mundo; e acrescentou que ele sofria muito no purgatório por ter tido na cela uma secretária de noqueira.

III. Quanto a *nutrição*, há religiosas que não sabem privar-se de ter suas celas constantemente sortidas de frutas, rebuçados, licores, doces e outras gulodices. A venerável Madre Joana da Anunciação, a quem os médicos tinham receitado conserva de rosas, não quis tê-la na cela, e mandava vir todas as tardes a quantidade necessária.

6. — IV. Sobretudo, procurai ser pobres de *dinheiro*. S. Paulo chama de *idolatria* o amor desordenado do dinheiro⁴⁷. E com razão, porque o avarento faz do dinheiro o seu Deus, isto é o seu último fim. Desprezemos pois o dinheiro, conclui S. João Crisóstomo, se não quisermos ser desprezados por Jesus Cristo⁴⁸.

Assim faziam os primeiros cristãos que vendiam os seus bens e depositavam o preço aos pés dos

Apóstolos⁴⁹; pelo que davam a entender, como nota S. Jerônimo, que o dinheiro não deve estar no coração do homem, mas debaixo dos pés⁵⁰. Algumas religiosas se servem do pretexto da necessidade para não cessar de acumular dinheiro. Isto fazia dizer a Sta. Catarina de Sena: Queremos abundar em bens temporais, e, quando não estamos abastados, acreditamos sempre que passamos privações⁵¹.

Não procedem, porém, assim as religiosas que amam a perfeição; contentam-se com o necessário, e não se reservam das suas rendas senão o estritamente suficiente. E para que mais lhe poderão servir maiores cabedais, senão para torná-las mais soberbas, mais exigentes, mais vaidosas e menos mortificadas, satisfazendo todos os caprichos que lhe vêm a fantasia? Quando tiverdes rendas superiores às vossas necessidades, é conveniente que entregueis o excesso à superiora para dispor dele a sua vontade, ou pelos menos o empregueis em socorrer as religiosas mais pobres, porém só por caridade e não para torná-las dependentes de vós. Que confusão, escreve Sta. Catarina de Sena em uma de suas cartas, ver as religiosas que devem ser o espelho da pobreza, viverem mais farta e comodamente, do que se estivessem no século! E que maior vergonha é ver uma religiosa pretender ter no mosteiro mais abundância do que teria tido, se houvesse ficado no mundo.

7. — Para não ofender a pobreza, é preciso ainda usar de muita cautela nos gastos. Certas religiosas querem passar por espíritos grandes e generosos, sobretudo nos nossos dias, em que o excesso

das despesas é sem medida. Dizem elas: *Quando há com que, é preciso gastar*. Bela máxima na boca de uma pessoa do mundo, mas não na de uma religiosa. Nem se diga que tais despesas se fazem para honra de Deus e para realçar as solenidades do convento. Clemente V proibiu expressamente aos religiosos toda a despesa supérflua, mesmo no tocante ao culto divino⁵². É por isso que S. Carlos Borromeu ordenou que, nas casas religiosas, as festas religiosas se celebrassem com aparato próprio para inspirar devoção, mas sem suntuosidade. — Pergunta S. Bernardo: Pensais vós que aquela religiosa, naquela festa pomposa, busca a honra de Deus e tem por fim mover os outros à devoção? ou, pelo contrário, procura satisfazer a própria vaidade, fazendo que os outros admirem o seu bom gosto e o seu esplendor?⁵³ — O mesmo S. Bernardo faz, em seguida, esta objeção: Mas os bispos não tem repugnância de gastar muito com as festas. E logo responde: Uma é a condição dos bispos e outra a das religiosas que professam a pobreza. Nós que renunciámos os bens do mundo, devemos, mesmo nas festas, mostrar-nos pobres e excitar a devoção nos outros pelos sinais da nossa pobreza⁵⁴. Meu Deus! quantas faltas cometem hoje as religiosas por ocasião das festas! Não contentes de despender muito com luzes, decorações e músicas, querem ostentar sua vaidade até nos regalos que oferecem aos convidados. E que inconveniência fazer passar os sacerdotes, do altar para o locutório, imediatamente depois da Missa solene, para tomar refrescos, chocolate, doces!

8. — Mas, me direis vós, que havemos de fazer? As outras o fazem, é preciso que nós também façamos do mesmo modo. — Ao menos, vos digo eu, não procureis ultrapassar as outras e levar o excesso além do que já existe; porque, se fordes mais longe, aquela que vos suceder para fazer a festa, não quererá ficar inferior a vós e na conta de miserável. Ao menos, repito, não se introduzam mais abusos. Bastam os que existem. De outra sorte dareis grandes contas a Deus, pois assim se introduziram os abusos de despesas e depois tanto cresceram. — Uma freira aumentou um pouco as despesas e as solenidades; outra foi um pouco mais adiante; e assim se chegou a tais exorbitâncias que não se sabe como mais aumentá-las. Por isso, pode-se dizer que tantas comunidades perderam de todo o espírito e a observância da pobreza. Por estas despesas, quantas religiosas se vêem distraídas, inquietas por toda a vida, sem recolhimento, sem devoção e cheias de defeitos e vaidades! E com quanto os sumos Pontífices e as sagradas congregações romanas tenham, tantas vezes, procurado remediar, esses desmandos e desordens, com tudo muito pouco, ou, para melhor dizer, nada conseguiram. Que mais direi? Resta-me somente exclamar: Desgraçada a religiosa que introduz abusos e vaidades ao convento!

É preciso acrescentar aqui algumas notas importantes.

1. A religiosa que tem a gestão dos bens da comunidade, deve abster-se de fazer despesas excessivas para comodidade própria; porque, nisto, poderia violar gravemente o voto de pobreza.

2. As permissões relativas às despesas devem ser obtidas não do confessor mas da superiora; porque, nas coisas temporais, é a superiora que toda religiosa é obrigada a obedecer.

3. A licença para gastar com um fim, não pode servir para outro, sem violação da pobreza.

4. Ofende-se igualmente a pobreza, fazendo-se presentes sem motivo justo, ou somente por fantasia e por vaidade, a pessoas que não tem necessidade. É um sacrilégio contra a pobreza, diz S. Jerônimo, dar os bens dos pobres, isto é, dos religiosos que nada tem de próprio, aos que não são pobres⁵⁵.

5. Além disso, os decretos apostólicos proíbem aos confessores receber presentes das religiosas, especialmente se são de grande valor, e mais ainda se são recíprocos. S. Jerônimo diz ainda. O amor santo não admite dons freqüentes, por pequenos que sejam, como lenços, pratos delicados ou doces, e muito menos ainda cartas afetuosas⁵⁶. Deste assunto falaremos mais a propósito no capítulo seguinte⁵⁷.

Terceiro grau

9. O terceiro grau da virtude da pobreza consiste em não se lastimar, ainda quando faltasse o necessário. — A Mãe de Deus dizia um dia a uma religiosa franciscana, muito devota: Minha filha, se tivesses tudo o que te falta, não serias verdadeiramente pobre. A verdadeira pobreza consiste em ter menos do que o necessário. Lamentar-se da pobreza, dizia Santa Joana de Chantal, desagrada a Deus e aos homens. Eu nunca me julgo tão feliz, como quando

tenho alguma insígnia da pobreza. — Outra grande serva de Deus, Baptista Vernazza, cônica regular, assegurava igualmente que era para ela grande prazer pensar que se sobreviesse alguma precisão, não teria com que se prover. — Sta. Maria Madalena de Pazzi se affligia, quando a Priora lhe fornecia as coisas que lhe faltavam. Aconteceu-lhe um dia não ter pão na mesa. Ficou tão contente que se acusou depois da alegria demasiada, que então experimentou. As vezes exclamava: Oh! como seria feliz, se indo ao refectório para o jantar, nada achasse que comer! Se, indo à cela para repousar, não achasse leito! Se, no momento de me vestir, não encontrasse hábitos! Se fosse tão pobre, que me faltasse tudo! — Dizei-me, minhas irmãs, falais e praticais desta maneira? Renunciastes ao mundo, as coisas supérfluas e vãs; mas eu temo que estejais ainda apegadas ao que julgais necessário, e cuides demais em procurar as vestes, o alimento, o leito e o mais, em tudo conformes ao vosso gosto. Eis o motivo porque vos inquietais, quando não tendes tudo à vontade.

10. — Como pois quereis ter o merecimento da pobreza e não sofrer falta alguma? Qual é o pobre, ou antes qual é o rico que, mesmo neste século, tem tudo o que quer? Se houvésseis ficado lá no mundo, muitas coisas vos teriam faltado; e no convento onde viestes para sofrer e professar a pobreza, quereis que nada vos falte? “Querer ser pobre e não sofrer os incômodos da pobreza, no dizer do S. Francisco de Salles, é querer ter a honra da pobreza e o cômodo das riquezas⁵⁸ .

Vós me direis, talvez: Se eu gozasse boa saúde, sofreria tudo; mas estou doente e por isso não posso suportar o esquecimento das superiores que não cuidam de mim, ou me tratam como se eu passasse muito bem. — Deixai-me vos responder: Vós vos lamentais de que as outras vos esquecem, mas esqueceis que viestes ao convento para sofrer. A boa religiosa deve abraçar o sofrimento não só quando está boa de saúde, mas também quando está enferma. Nas constituições dos Carmelitas descalços se encontra este aviso: “Nossos irmãos enfermos, quando lhes falta alguma coisa, lembram-se que abraçaram a pobreza de Jesus Cristo, e, por isso, não querem ser tratados como ricos no tempo da saúde, nem quando se acham doentes”. — A este propósito, eis a advertência de Sta. Maria Madalena de Pazzi às religiosas: “Por mais doentes que estejais, não aceiteis nem procureis coisa alguma que não seja pobre”. — Por isso, queria S. Bernardo que os seus monges enfermos não usassem outros remédios, que não fossem simples cozimentos de ervas e plantas, ou tisanas, dizendo que aos enfermos pobres não convinhão remédios caros e de grande valor⁵⁹. — Se tivésseis ficado no século, não sei se teríeis podido conseguir todos os remédios e médicos que agora o convento põe a vossa disposição. E quereis ainda mais? Ai! contentai-vos de viver e de morrer como pobres! Alegrai-vos também, se, quando a morte vier buscar-vos no convento para vos tirar deste mundo, vos encontrar tratadas como pobres. Portanto, todas as vezes que vos acontecer sofrer alguma privação, colocai diante dos olhos os belos sentimentos de Sta. Joana

de Chantal: Costumava dizer que, sendo raras as ocasiões de exercer a pobreza, devemos aceitá-las, com alegria, todas as vezes que se apresentassem.

Quarto grau

11. — O quarto e último grau da pobreza perfeita consiste, não só em se contentar de ser pobre, mas ainda em escolher para si o que for mais pobre, leito o mais pobre, hábitos os mais pobres, alimentos os mais pobres. Sta. Maria Madalena de Pazzi se comprazia de comer os restos das outras religiosas; trazia um hábito tão usado, que a priora se julgou obrigada a fazer-lhe trocá-lo por obediência. — Sta. Joana de Chantal dizia que a perfeição da pobreza quer que onde bastar o estanho, não se use prata, e onde bastar o chumbo não se empregue estanho. Tal deve ser, em todos os casos análogos ocorrentes, a regra que deve seguir a religiosa que pretende santificar-se.

12. — Vem a propósito transcrever aqui uma bela instrução dada pelo padre Antônio Torres a uma religiosa sua penitente, sobre a pobreza.

“Amái a pobreza como um tesouro, pois o Esposo divino tanto a estimou. Praticai-a em todas as coisas, e usai-a como o mais belo ornamento. Não fiqueis tranqüila quando virdes no mosteiro uma religiosa ou irmã conversa ainda mais pobre do que sois. Não useis nenhum enfeite ou outra coisa que não seja estritamente necessária. Observai a pobreza até no vosso véu, escolhendo o mais comum e o mais gasto ou usado, e também no rosário que pende do

cinto. Contentai-vos com um hábito pobre e remendado, e não o deixeis enquanto puder servir. Evitai, quanto for possível, ter mais de um hábito e mais roupa que a última das irmãs conversas. Não tendes nem busqueis coisa alguma, que vos pareça necessária, sem ter antes lançado um olhar sobre o vosso divino Esposo nu e pregado na cruz, como que perguntando se isso lhe agrada. Não deis nem recebaís coisa alguma sem ter obtido permissão da Superiora. Na cela, não tendes outra coisa além do leito com os lençóis e cobertas pobres, duas cestas de palha, um crucifixo, quatro estampas de papel, os livros que vos houver designado o diretor espiritual e outros objetos necessários, e nada mais. Examinai muitas vezes, aos pés do crucifixo, como observais a pobreza e se achardes alguma coisa de supérfluo ao vosso uso, entregai-a à Superiora. Não peçaís coisa alguma aos vossos parentes para vós. Podeis recomendar-lhes as necessidades da comunidade, mas sem fazer reserva alguma para vós”.

13. — Por obséquio, minhas irmãs, tendo renunciado o mundo e tudo o que nele há, não queirais agora preferir a Deus um pouco de lama.

Quando Dioclesiano oferecia a S. Clemente, bispo de Ancyra, dinheiro, ouro e pedras preciosas, para induzi-lo a renegar a Jesus Cristo, o Santo soltou um profundo suspiro, não podendo ver sem dor seu Deus posto na balança com um pouco de lama. Conta-se também de S. Basílio Mártir que deu a resposta seguinte ao tribuno que, por parte do imperador Licínio, lhe oferecia a dignidade de primeiro pontífice e chefe de todos os sacerdotes com a condição de renunciar

a Jesus Cristo: Dizei ao imperador que, ainda quando me desse todo o seu império, não me restituiria tanto quanto me houvera tirado, privando-me de Deus para me sujeitar ao demônio⁶⁰. E eu também vos digo: Tendo deixado tudo por Deus, não tolereis agora que uma miséria terrestre vos ponha em perigo de perder a Deus. Figurai-vos que Deus, diante de vós, se coloca juntamente com as criaturas, e diz o que, em caso semelhante, propunha a Venerável Sor Maria Crucifixa: “Escolhei entre mim e as criaturas o que pode fazer a vossa felicidade”.

Certamente, Deus deve ser o único tesouro da religiosa. Termino com as palavras de Sta. Maria Madalena de Pazzi: Oh! Bem-aventurados os religiosos, que, desapegados de tudo por meio da santa pobreza, podem dizer com o Salmista: O Senhor é a minha partilha⁶¹. É tudo o que desejo nesta vida e na outra. Também soia exclamar: Nada, nada, senão Deus; e não quero Deus senão Deus.

ORAÇÃO

Meu Jesus, em vós eu acho tudo. Fora de vós, nada quero, nada desejo. Ai! atraí-me inteiramente a vós, afim de que me abra-se no vosso amor, pelo qual quereria me ver toda consumida. Meu caro Redentor, eu vejo que há tantos anos instaes comigo sem cessar, porque me quereis toda para vós. Já que tanto cuidais do meu bem, fazei que de hoje em diante eu não me preocupe de outra coisa senão amar-vos e agradar-vos.

Ah! livrai-me de todos os afetos que me afastam de vós. Fazei que o único objeto dos meus pensamentos seja preservar-me de tudo o que pode desagradar-vos, e buscar o meio de vos ser agradável quanto me for possível. Ó Verbo Encarnado, viestes à terra para inflamar os corações de vosso amor. Eu vos suplico, tomai o meu, abrasai-vos inteiramente, esclarecei-o e tornai-o dócil a todas as vossas vontades. Em uma palavra, uni-o todo a vós, e possui-o absolutamente. Uni-vos a mim, e abrasai-me num perfeito amor que dure eternamente. Fazei que eu não pertença mais a mim, mas sempre a vós e só a vós, que sois meu tesouro, meu amor e meu único bem.

Maria, minha Mãe, na vossa intercessão deposito todas as minhas esperanças.

1. *Matth. 19, 21.*
2. *Conct, p. 10, § 5.*
3. *Caminho da perf. c. 2.*
4. *Cepari, Vit. c. 59.*
5. *Inter op. S. Aug. E. B. opp. ep. 19. c. 8.*
6. *De Coenob. inst. l. 4, c. 20.*
7. *Si vis perfectus esse, vade, vende quae habes et da pauperibus. Matth. 19, 21.*
8. *Cum sarcina temporalium, spiritus ad Deum non potest ascendere.*
9. *Amor rerum terrenarum viscum est spiritualium pennarum. Scr. 112, E. B.*
10. *Magna penna paupertatis, qua cito volatur in regnum coelorum. De Adv. D. s. 4.*
11. *O beata paupertas voluntaria, nihil formidans; semper hilaris, semper abundans; et cum nihil habeat, omne incommodum suo facit profectui deservire! De Disc. mon. c. 2.*
12. *Paupertas non inveniebatur iu coelis; in terris abundabat et nasciebat homo pretium ejus; hanc itaque Dei Filius concupiscens*

descendit, ut eam eligat sibi, et nobis faciat pretiosam. *In Vig. Nat. D. s. 1.*

13. Propter vos egenus factus est, cum esset dives, ut illius inopia vos divites essetis. *II. Cor. 8, 9.*

14. *Joan. 6, 9.*

15. Omnia... arbitror ut stercora, ut Christum lucrifaciam. *Phil. 3, 8.*

16. Si dederit homo omnem substantiam domus suae pro dilectione, quasi nihil despiciet eam. *Cant. 8, 7.*

17. Beati pauperes spiritu, quoniam ipsorum est regnum coelorum. *Matth. 5. 4.*

18. Beati mites, quoniam ipsi possidebunt terram; beati mundo corde, quoniam ipsi Deum videbunt. *Matth. 5, 4 et 8.*

19. Ex Dei decreto, ad pauperes pertinet regnum coelorum: ipsi in illud plenum jus habet. *In Matth. loc. cit.*

20. *Fund. c. 14.*

21. Felix tale commercium, ubi datur lutum, tollitur aurum. *Epist. I. 7. ep. 7.*

22. Ecce nos reliquimus omnia, et secuti sumus te; quid ergo erit nobis? Amen dico vobis, quod vos qui secuti estis me, in regeneratione, cum sederit Filius hominis in sede majestatis suae, sedebitis et vos super sedes duodecim, judicantes duodecim tribus Israel. *Matth. 19, 27.*

23. Et omnis qui reliquerit domum... aut agros propter nomen meum, centuplum accipiet et vitam aeternam possidebit. *Ibid. 29.*

24. Nihil habentes, et omnia possidentes. *II. Cor. 5. 10.*

25. *Matth. 13, 22.*

26. Avarus terrena exurit ut mendicus, fidelis contemnit ut dominus. *In Cant. s. 21.*

27. Occurrit mihi pauper, et quaero pauperem. *Serm. 14. E. B.*

28. Habentes autem alimenta, et quibus tegamur, his contenti simus. *I. Tim. 6, 8.*

29. Qui volunt divites fieri, incidunt in tentationem et in laqueum diaboli, et desideria multa inutilia et nociva, quae mergunt homines in interitum et perditionem.

30. *Collat. 5, c. 21.*

31. Exultat adversarius, quando nos videt ad hoc maxima contempsisse, ut in minimis vinceremur. *Ad Monach, hom. 5.*

32. Praediorum magnificentiam contemnentes vidimus, pro acu, pro calamo, commoveri; et inde occasiones mortis incurrunt. *Collat. I. c. 6.*

33. Habendi amor, nisi ad integrum resecetur, ardentier est in parvis. *Ad Monach. hom. 4.*

34. Qui non renuntiat omnibus quae possidet, non potest meus esse discipulus. *Luc. 14, 33.*

35. Non enim paupertas virtus reputatur, sed paupertatis amor. *Epist. 100.*

36. *In Matth. 19, 27-28.*

37. De paupertatis nomine gloriantur, et paupertatis sodales fugiunt, famem, sitim, contemptum, despectionem. *De Vita spir. c. 1.*

38. Pauperes esse volunt, eo tamen pacto, ut nihil eis desit. *In Adv. D. s. 4.*

39. Paupertas est abdicatio sollicitudinum saeculi, iter ad Deum sine impedimento, expulsio omnis tristitiae. *Scala par. gr. 17.*

40. Bonum est facultates pauperibus erogare; sed melius est egere cum Christo. *2.2, q. 32, a. 8.*

41. Nemo vult ibi vestibus indui pretiosis, ubi ab aliis non possit videri. *In Evang. hom. 40.*

42. Omnis gloria ejus filiae regis ab intus. *Ps. 44. 14.*

43. Exteriora signa produnt quid in animo latet intus. *Rev. l. 4, c. 114.*

44. Studium in ornando corpora internam indicat deformitatem. *In Gen. hom. 37.*

45. Quanto amplius corpus foris ornatur, tanto interius anima foedatur. *De Modo bene viv. c. 9.*

46. *Puccini. Vit. l. 4, c. 31. — Cepari c. 56.*

47. Avarus, quod idolorum servitus. *Eph. 5, 5.*

48. Contemnamus pecunias, ne contemnamur a Christo. *In Rom. hom., 7.*

49. *Act. 4. 34.*

50. *Ep. ad Demetr.*

51. *Carta a abadessa de S. Pedro de Florença.*

52. *Clementina Exivi, § Rursus, de verb. signif.*

53. Quid putas? in his quaeritur poenitentium compunctio, an in tumentium admiratio? *Apol. ad Guill. c. 12.*

54. Alia causa est episcoporum, alia monachorum; nos qui mundi pretiosa reliquimus, in his devotionem exitare intendimus.

55. Pars sacrilegii est, rem pauperum dare nou pauperibus. *Ad Pammach.*

56. Crebra munuscula, et sudariola, et fasciolas, ac degustatos cibos, blandasque litterulas, sanctus amor non habet. *Ad Nepot.*

57. *Cap. 10, § 2.*

58. *Introd. p. 3, c. 16.*
59. *Epist. 345.*
60. *Boll. 26. Apr. Act. n. 11.*
61. Dominus pars hereditatis meae.

CAPÍTULO X

Do desapego dos parentes e das outras pessoas***I. Do desapego dos parentes***

1. Se o apego aos parentes não fosse tão nocivo, Jesus Cristo não nos teria recomendado tanto que deles nos separássemos. Em um lugar diz que todo aquele que não odeia os seus parentes, não pode ser seu discípulo¹. — Em outro lugar, diz que veio separar o filho de seu pai e a filha de sua mãe². — Para que tanto ódio para com os pais, e tanto empenho em nos separar deles?

O mesmo divino Salvador nos dá a razão: Os inimigos do homem são os de casa³. — Porque, no negócio da salvação, os homens e especialmente os religiosos não tem inimigos piores do que os parentes; pois, como nota S. Tomás, são eles os que mais se opõem ao seu bem espiritual⁴. — Neste ponto, acrescenta o santo doutor, os amigos e próximos segundo a carne antes são nossos inimigos do que amigos⁵. — E isto bem se vê com a experiência. O próprio S. Carlos Borromeo, que era tão reservado na sua conduta e tão desprendido dos parentes, confessava que nunca voltava da casa dos seus, sem se sentir resfriado e como que indiferente para as coisas divinas. — Eis porque todos os mestres da vida espi-

ritual se empenham em exortar aos que querem caminhar na senda da perfeição fujam dos parentes, não se intrometam nos seus negócios, e até não procurem saber notícias suas, quando estiverem longe.

2. — Que espírito poderá ter a religiosa que quer ter sempre a seu lado os parentes, e se os não vê, expede-lhes cartas sobre cartas, envia mensagens sobre mensagens para chamá-los; e quando não vem, inquieta-se e não cessa de mandar-lhes comunicar suas queixas? Com tais disposições que vida poderá ter interior e unida com Deus? — É preciso fugir de todos os parentes, quem quiser unir-se deveras ao pai comum, que é Deus, diz S. Gregório⁶. — S. Bernardo nota que, quando a Sma. Virgem perdeu o Menino Jesus, o procurou durante três dias, porém inutilmente, entre os parentes; donde concluía que nunca encontraremos Jesus Cristo entre os parentes⁷. — Pedro de Blois vai mais longe e acrescenta que o amor do sangue nos priva logo do amor de Deus⁸. — Moisés, estando para morrer, nos deixou esta bela e magnífica sentença que convém especialmente às pessoas consagradas a Deus: Aquele que disse a seu pai e a sua mãe: Eu vos não conheço; e a seus irmãos: Eu não sei quem sois; eis o que guarda a vossa lei e se conserva fiel à vossa aliança⁹.

Sim. A religiosa que renega santamente seus parentes, eis a que guarda a sua vocação, e observa o pacto feito com Deus na profissão, quando o Senhor lhe fez ouvir como a toda alma que se consagra a seu amor, estas consoladoras palavras: Escuta, ó minha filha, aprende quanto serás feliz, se me obe-

deceres; e aplica teu ouvido ao que te vou dizer; esquece a tua pátria e a casa de teu pai; então eu que sou teu rei e teu esposo, amarei a tua beleza¹⁰. — A isto exclama S. Jerônimo: Bem grande será a vossa recompensa, pois sereis queridas do Senhor, que vos tornará felizes nesta vida e na outra¹¹. É justamente o que o nosso Salvador quis dar a entender por estas palavras: Aquele que deixar os seus parentes, não só de fato, mas ainda com o afeto, possuirá a felicidade eterna na vida futura e receberá cem por um na presente¹². Deixará poucas irmãs e achará muitas no mosteiro. Deixará um pai e uma mãe, encontrará, em deus e em Maria Santíssima, outro pai e outra mãe que a amarão e a tratarão sempre como filha.

3. — Os santos conhecendo o prazer que davam a Deus, desapegando-se dos parentes, tiveram o cuidado de fugir deles o mais longe possível. — S. Francisco Xavier, quando partiu para as Índias, teve de passar perto do seu país natal, não quis porém chegar para ver sua mãe e seus parentes, embora para isso fosse instado com suas importunas súplicas e soubesse que os não tornaria mais a ver. — Tendo a irmã de S. Pacomio vindo visitá-lo, o santo voltou-lhe as costas, e mandou dizer-lhe: Já sabeis que ainda vivo, ide em paz. — Quantos nem quiseram ler as cartas dos parentes? Assim fez, por exemplo, o grande Sto. Antão, como refere S. João Clímaco. Tinha passado já muitos anos no deserto, quando recebeu cartas dos parentes. Disse consigo: que posso esperar da leitura destas cartas, senão inquietações e perda da paz de que gozo? A este pensamento, as lançou no fogo, dizendo: “Afastai-vos de mim, lem-

branças da minha pátria, para que não torne eu ao que deixei. Cartas, sede queimadas, para que eu não seja por vós queimado”.

4. Quanto a mim, dizia Sta. Teresa de Jesus, não compreendo que consolação pode ter uma religiosa junto de seus parentes. Prescindindo do apego que desagrada a Deus, ela não pode gozar dos seus divertimentos e não pode deixar de tomar parte nos seus padecimentos¹³. — Ó minhas irmãs, como vos quadram bem estas reflexões! Quando vossos parentes vem ao locutório, não vos podem tornar participantes de seus prazeres mundanos, porque estais encerradas na clausura e não podeis ir com eles. Que vem fazer pois ao locutório? Só vem para vos referir seus embaraços, seus sofrimentos e sues precisões. E para que serve isso? Só serve para vos encher a cabeça e o espírito de inquietações, de distrações e de defeitos. De sorte que, de cada visita dos parentes, só lucrareis ficar distraídas e inquietas muitos dias na oração e nas comunhões, pensando em todas as que vos disseram.

Como, pois, tendo deixado o mundo para ser santas, desejais tanto, que vossos parentes venham visitar-vos com freqüência? Para que? Para que vos façam perder a vossa paz e vosso aproveitamento? E que loucura é essa pensar que não podeis viver alegres sem ver amiúde os vossos parentes? Oh! Se os abandonásseis de todo, muito melhor do que eles, Jesus Cristo vos consolaria e faria a vossa felicidade! — Dizia Sta. Maria Madalena de Pazzi que o fruto principal que as religiosas devem tirar das suas comunhões é o horror da grade. Com efeito, não há lu-

gar onde o demônio ganhe tanto com elas como no locutório, segundo afirmou o espírito maligno a Venerável Sor Maria Villani. Por isso Sta. Maria Madalena de Pazzi evitava até passar pelo locutório, e o odiava de tal sorte que nem podia ouvir nomeá-lo; e se alguma vez era obrigada a lá ir, derramava lágrimas e dizia às suas noviças: Minhas filhas, rogai a Deus por mim que estou chamada para ir a grade. E deixava-lhes recomendado que fossem chamá-la logo sob qualquer pretexto.

3. — Mas, me direis vós. Que devo pois fazer? Não hei de ver mais os meus parentes? Quando vierem visitar-me, deverei repeli-los e nunca mais ir à grade? — Escutai-me. Eu não pretendo isso. Mas, se o fizerdes, fareis mal? Fareis acaso coisa inconveniente e nunca praticada por outra religiosa? Mais de uma tem tomado essa resolução e a tem executado. Nós lemos entre outros, no fim da vida do Padre Torres, o exemplo de Jerônima Sanfelice, religiosa do mosteiro de Alvino. Nos primeiros tempos, depois da sua profissão, era tão apegada aos parentes que sempre pensava neles, queria que viessem visitá-la amiúde e mandava todos os dias pedir notícias de seu pai. Ora, no mesmo convento, vivia uma sua irmã, chamada Maria Antônia, que era tão fervorosa que pediu a Deus a fizesse sofrer bastante. O Senhor ouviu suas preces e enviou-lhe uma úlcera que lhe roía as carnes e lhe causava convulsões mortais. No meio desses espasmos, exclamava: *Mais, ainda mais, meu Esposo*. Ora, estando esta irmã a morrer, disse à Jerônima que, se fosse para o paraíso, como esperava, lhe obteria a graça de se fazer santa. Com

efeito, depois da sua morte, Jerônima mudou de vida, e, entre outras resoluções, tomou a de não mais ver os parentes: tanto assim, que durante quarenta anos, não quis mais apresentar-se no locutório. Dois de seus sobrinhos vieram um dia para vê-la, mas ela mandou despedi-los, e foi para a grade da igreja visitar o Ssmo. Sacramento. Seus sobrinhos encontraram na igreja, para vê-la ao menos de longe, mas ela se retirou atrás da cortina. Entretanto, para isso, se fez tanta violência que desmaiou. Sem violência, ninguém chegará à santidade. Desde então, Jerônima fez tantos progressos no amor divino que viveu e morreu como uma santa. Depois de sua morte, tiraram o seu retrato; e, abrindo-se o seu corpo, achou-se sobre o coração uma cruz formada de carne em sinal do seu ardente amor a Jesus crucificado. Não poderíeis vós seguir este exemplo e renunciar para sempre à grade?

6. — Objetareis talvez que, se quizerdes tomar semelhante resolução, a superiora e o confessor não concordarão convosco. Mas, porque não hão de concordar, vendo que o fazeis por inspiração divina, e que isso servirá de edificação também para as outras irmãs, ao menos para que não sejam tão apegadas aos parentes e às grades? Se porém a superiora não vo-lo permitir e vos obrigar a receber a visita dos parentes, eu vos aconselho que lhe obedeçais. Entretanto, vos peço que neste caso imiteis S. Teodoro discípulo de S. Pacomio. Como este santo abade quisesse que ele se apresentasse a sua mãe que tinha vindo visitá-lo, disse-lhe: “Padre, vós me ordenais que vá falar com minha mãe, mas me garantis que

por esta visita minha alma nada perderá?” Estas palavras comoveram o abade que o livrou logo da obediência¹⁴. — As superiores e os confessores aqui advertam que deverão dar contas a Deus quando, sem justa causa, e só por capricho, ou respeito humano, por interesse próprio ou para não se darem ao trabalho de bem ponderar todas as circunstâncias, impedem o maior aproveitamento de uma religiosa que procura se dar toda a Nosso Senhor.

De resto, quanto a vós, caríssimas irmãs, quando vos obrigarem a receber a visita dos parentes, obedeci; e, repito, eu não vos obrigo a não vê-los mais; porém, sempre que fordes ao locutório, procurai tomar as seguintes precauções:

1. Antes de descer à grade, recomendai-vos ao Ssmo. Sacramento ou a Jesus crucificado, afim de que vos assista durante esse tempo e vos preserve de todo o defeito.

2. Guardai-vos de imitar as que vão ao locutório divertir-se e saber de tudo o que passa no mundo, para depois comunicá-lo a todo o mosteiro.

3. Guardai-vos de revelar às pessoas de fora, os fatos íntimos da comunidade, sobretudo, como às vezes acontece, com descrédito da superiora e das vossas irmãs.

4. Interrompei logo a conversação, quando os de fora se puserem a falar de coisas inúteis, e ainda mais, das coisas mundanas, como casamentos, bailes, namoros etc. Quando a Venerável Sor Maria Crucifixa ouvia falar de casamentos, desmaiava. Com destreza, trazê-la a baila alguma máxima cristã ou contai algum fato acontecido, do qual possais tirar

alguma reflexão espiritual. Não tendes que aprender a linguagem dos mundanos, mas procurai ensinar-lhes a vossa, que deverá tratar sempre de Deus só. Todo o tempo passado no locutório e não empregado no bem das almas, é tempo perdido, ou antes é tempo de que se dará contas a Nosso Senhor.

5. Nunca peçais aos vossos parentes que venham visitar-vos; e quando vierem, tratai de abreviar a palestra e retirar-vos sob qualquer pretexto. Dizei-lhes, por exemplo, que deveis agora atender ao vosso ofício, executar uma obediência, assistir a uma doente, ou coisas semelhantes. Quando se quer, acham-se facilmente boas escusas. Dessa maneira, compreenderão que sua presença vos alegra pouco, e voltarão menos vezes, a inquietar-vos. Ficai persuadidas, que quanto mais breve for a visita, tanto menos defeitos cometereis; e quanto mais raras forem essas visitas, tanto mais sereis recolhidas e consoladas de Jesus Cristo. — A Venerável Sor Catarina, cisterciense, abandonada pelos parentes porque se tinha feito religiosa contra a vontade deles, dizia: Eu não invejo às minhas irmãs as visitas que recebem de seus parentes, muitas vezes por ano; porque, quando quero, vou ter com Jesus, meu verdadeiro Pai, e com Maria Santíssima, minha querida Mãe, e me encham de consolações.

7. — 6. Enfim, guardai-vos sobretudo de vos intrometer nos negócios temporais dos vossos parentes, como casamentos, contratos, despesas e outras coisas semelhantes que vos fariam perder inteiramente a paz e o recolhimento, e talvez até a alma. Lamenta S. Jerônimo o grande número de religiosos

que se condenaram, por terem tido compaixão demasiada dos parentes¹⁵. — Em outro lugar, acrescenta que quanto mais piedade tem uma religiosa para com os seus, tanto menor é a sua piedade para com Deus¹⁶. — Com efeito qual não é a impiedade de uma religiosa que, para servir os seus parentes, descuida do serviço de Deus, abandona a oração, os sacramentos, e se lança em mil distrações, como acontece inevitavelmente aos que trata dos negócios seculares? — S. Basílio chama *diabólicos* esses cuidados, e assim exorta aos seus religiosos que os fujam¹⁷. — Sto. Inácio de Loyola não quis ocupar-se do casamento de sua sobrinha, ainda que fosse a herdeira de sua casa. Igual foi o procedimento de S. Francisco de Borgia, que recusou pedir ao Papa uma dispensa que teria facilmente conseguido para o casamento de seu filho com uma parente, embora se tratasse de uma importante herança.

8. — Tremamos; porque o Senhor declara que todo aquele que se pôs ao seu serviço e olha ainda para as coisas do mundo, não é mais apto para o paraíso¹⁸. Quando vossos parentes quiserem vos enredar nos negócios seculares, escusai-vos polidamente. Observai a advertência que Jesus Cristo deu ao moço que, sendo chamado para segui-lo, dizia que ia primeiro enterrar seu pai: Deixai os mortos sepultar os seus mortos¹⁹. — O mesmo vos digo eu, caríssimas irmãs: deixai que os mundanos, a quem o Senhor chama mortos, tratem os seus negócios lá do mundo; o vosso único negócio seja amar a Deus e cuidar da vossa santificação. Escusai-vos, pois, dizendo a vossos parentes que tais negócios não são

próprios do vosso estado. — Quando a Santíssima Virgem encontrou o Menino Jesus no templo, disse-lhe: Porque nos trataste assim, Filho? Eu e teu Pai te procurávamos cheios de dor²⁰. — Jesus lhe respondeu: Não sabíeis que eu não me devo ocupar senão das coisas que interessam a glória de meu Pai?²¹ — Do mesmo modo, quando vossos parentes se lamentarem de vos recusardes ser-lhes úteis e vos acusarem de ingratas para com eles, de inimigas das vossas famílias, respondei-lhes com firmeza que morrestes para o mundo e deveis aplicar-vos unicamente ao serviço de Deus e do vosso convento. Termino com as palavras de S. José Calasans: Ainda não saiu do mundo a religiosa que se conserva apegada aos parentes.

ORAÇÃO

Sim, meu Deus e meu Esposo, só a vós quero amar e servir de hoje em diante. Eu só servirei as criaturas, quando souber que essa é a vossa vontade. Senhor, fazei-me conhecer tudo o que vos agrada, que eu quero tudo executar. Ai! Inflamai-me toda de vosso santo amor, para que no futuro só procure fazer a vossa vontade. Fazei que só me agrade o que for de vosso agrado. Fazei que eu sempre diga com verdadeiro afeto: Meu Deus, meu Deus, eu só vos quero a vós e nada mais. — Ó Jesus, meu Rei e meu Esposo, reinai sozinho na minha alma, possui-a toda inteira. Vosso amor ordene-lhe, e indique o que ela deve querer e o que deve fugir, e ela a ninguém obe-

deça senão a vós. Meu querido Redentor, ouvi-me pelos méritos da vossa Paixão.

Ó Rainha do céu, em vós confio. Ajudai-me por vossa intercessão.

II. Do desapego dos seculares, e até das irmãs

1. — Aquele que não quer evitar as companhias perigosas, diz Sto. Agostinho, cairá depressa em algum precipício²². — Para nos fazer tremer a todos, deve bastar o exemplo de Salomão. Depois de ter sido tão querido de Deus que se tinha tornado como que a pena do Espírito Santo, na velhice se deixou arrastar pelo apego às mulheres gentias, e chegou até a adorar os seus ídolos²³. — Mas, pergunta S. Cipriano, para que havemos de ficar admirados disso, se é impossível estar no meio das chamas sem se queimar?²⁴

Consideremos o que nos importa, e comecemos pelas relações com os seculares.

Esposas do Senhor, persuadi-vos primeiramente que o ar do locutório é nocivo às religiosas. Se, no coro, respiram o ar vivificador do paraíso, no locutório, as mais das vezes, o ar empestado do inferno.

Coisa estranha! Tal religiosa, se estivesse ainda na casa de seus pais, não ousaria, de certo, ficar horas e horas, sozinha, a conversar com um moço! e não tem escrúpulo de fazê-lo na casa de Deus! Será, pois, a casa de Deus menos respeitável que a casa dos seculares?

Mas, me dirá talvez essa religiosa, graças a Deus, não há nada de mal. — Quem assim fala, escute o que vou dizer: todas as amizades fundadas na simpatia e no afeto sensível para o objeto agradável, quando outro mal não fazem, servem de grande obstáculo para a perfeição: fazem, pelo menos, perder o espírito de oração e o recolhimento. A pobre religiosa que se sente ligada por alguma afeição destas, estará com o corpo na igreja mas seus pensamentos e afetos estarão voltados para o objeto amado. Perde o gosto dos sacramentos. Não tem mais sinceridade nas confissões, porque tendo vergonha de parecer apegada, e temendo que o confessor a obrigue a romper essa cadeia, não ousa descobrir-lhe a causa de sua tibieza, e assim a infeliz vai sempre de mal a pior. — Perde a paz; porque, se ouve falar mal da pessoa predileta, perturba-se toda e toma logo as dores por ela. Perde a obediência, porque, sendo intimada pela superiora a deixar essa amizade, escusa-se com mil pretextos e não se submete. Perde, em suma, o amor a Deus que quer possuir o nosso coração todo, e não tolera outro amor que não o seu; e, por isso, vendo um coração apegado a outro objeto, retira-se e o priva de sua especial assistência. — A Venerável Sor Francisca Farnese dizia às suas religiosas: “Minhas irmãs, estamos aqui encerradas dentro de quatro paredes, não para ver e ser vistas, mas para nos conservarmos sem mancha aos olhos divinos. Quanto mais nos escondermos das pessoas do mundo, tanto mais Deus se nos manifestará pela sua graça pela vida, e pela sua glória na outra”.

2. Mas não é tudo. Essas afeições a pessoas de outro sexo, fundada em certas qualidades exteriores, não causam à alma somente grandes perdas, mas a põem em grande perigo. No começo, essas afeições parecem indiferente; mas, pouco a pouco tornam-se defeituosas e finalmente arrastam a alma à alguma queda moral. Lá disse S. Jerônimo: O homem e a mulher são como o fogo e a palha; e o demônio não cessa de soprar para atear o incêndio²⁵. Assim como é fácil de arder a palha com a vizinhança do fogo, assim é fácil de se queimarem as pessoas de diferente sexo com as familiaridades demasiadas; e até é mais fácil, porque aí está o inimigo a soprar para acender o fogo. — Sta. Teresa se viu um dia no inferno, e Deus então lhe fez conhecer o lugar que os demônios lhe tinham aparelhado, se não se libertasse de certa amizade, não impura, mas natural, que nutria a um seu parente²⁶.

3. — Ó vós que me ledes, se acaso sentis em vosso coração algum afeto semelhante por alguém, não tendes outro remédio que romper logo com ele; do contrário, se quiserdes arrancá-lo aos poucos, crede-me, nada conseguireis. Tais sortes de cadeias, por isso mesmo, que são fortes e difíceis de quebrar, se não se rompem logo de um só arranco, não se rompem mais. Nem se diga que até agora nada houve de mal ou de inconveniente. Ficai sabendo que o inimigo não começa pelo último excesso, mas vai, pouco a pouco, conduzindo as almas imprudentes até a borda do precipício, e depois com um simples empurrão as faz cair. — É máxima comum dos mestres da vida espiritual que, nesta matéria, não há ou-

tro remédio, senão fugir e tirar a ocasião perigosa. — Dizia S. Felipe Neri que, nesta guerra, vencem somente os poltrões, isto é os que fogem da ocasião. — Já antes tinha dito S. Tomas: Nos outros vícios podemos resistir nas ocasiões, fazendo-nos violência; mas, no vício oposto à pureza, não há outro remédio senão fugir da ocasião e romper com o apego²⁷.

4. — Se, pois, como eu espero, estais livres destes afetos, acautelai-vos deles quanto puderdes, porque ainda estais sujeitas a cair em algum laço, de que tantas outras por negligência não escaparam.

Antes de tudo, segui a advertência de Sta. Tereza, que deixou escrito que a religiosa deve preferir ser grosseira com os seculares a ser demasiadamente cortês e profusa no falar e fazer cumprimentos. — Do mesmo modo escrevia Sta. Catarina de Senna à uma sua sobrinha: “Com os seculares sêde modesta e conservai a cabeça baixa; e nas palavras mostrai-vos rude como um ouriço”. — Estando na grade, abstende-vos também de mirar, de rir com imodéstia e especialmente de aparecer com o hábito afetadamente ajustado e elegante. Seria uma falta ainda maior mostrar-vos com anéis de cabelos na testa, ou ainda com flores no peito, com leques nas mãos e recendendo perfumes próprios aos mundanos. — Enfim, embora não tenhais nenhuma destas misérias que vos repreenda, se quereis evitar todo o perigo, procurai afastar-vos o mais possível da conversação com os seculares. Amai a solidão como a rola, vos exorta S. Bernardo²⁸. — Amai o coro e a cela, e fugi do locutório, como da peste. Que tendes que fazer com as pessoas seculares, tendo deixado o mundo

para serdes todas de Deus? — Escutai o que dizia a venerável Sór Joana de Santo Estevão, religiosa franciscana: “Se sois esposas do Rei dos reis, não volteis os olhos para os escravos. Seria delito para um escravo fixar os olhos sobre a esposa do rei; mas seria ré do mesmo crime a rainha que se deleitasse de ser vista pelo escravo”. — E Sta. Catarina de Senna falando das religiosas escreveu estas palavras: Somos esposas, porém infiéis, quando procuramos as satisfações do amor próprio; a cela não nos agrada, e buscamos a conversação com os seculares²⁹. — Eis o conselho que nos dá S. Jerônimo: Se, conversando com alguém, sentis nascer no coração o menor afeto desordenado, fazei-o desaparecer logo, antes que adquira forças de gigante³⁰. É fácil matar um leão ainda pequeno, mas é muito difícil e até moralmente impossível, quando já se tornou grande.

5. — Seria, pois, ainda mais censurável e vergonhoso se permitísseis a algum secular divertir-se com palavras indecentes; não falo de toques de mão, não querendo supor tal excesso. E não vos lisonjeeis de estar isentas de falta, porque nada dizeis e vos limitais somente a ouvir; se não despedis logo esse insolente, por cooperação, sereis culpadas do mesmo pecado. Além disso, não cortando logo a conversa diabólica, sereis pior do que ele, e de esposa de Cristo passareis a ser esposa do demônio. E facilmente dareis ocasião à ruína do mosteiro, porque uma religiosa semelhante, mantendo tal correspondência, bastará, com seu mau exemplo para arrastar muitas outras a fazer o mesmo. — Acautelai-vos particularmente, quando algum irmão ou parente vosso, vindo

visitar-vos, trazer consigo algum de seus amigos, que vos demonstre simpatia. Embora com eles venha também a vossa tia, fareis a parte principal desta ceia. Se, acaso, perceberes tais ciladas, abaixai logo os olhos para a terra e guardai silêncio com ar severidade; mas seria melhor voltar-lhe as costas, e vos retirar, no mesmo instante. Se, mais tarde, fordes de novo chamada ao locutório, sabendo que lá está tal personagem, respondei que estais ocupadas e que não podeis descer. Acautelai-vos, porque se assim não fizerdes e lhe derdes audiência, eu vos considero perdida.

De igual modo, quando receberdes cartas, em que perceberdes alguma palavra afetuosa, rasgai-as logo, ou melhor lançai-as ao fogo e não lhes dê resposta. Se entretanto for necessária uma resposta, por causa de algum negócio urgente, dai-a em termos graves e lacônicos, sem testemunhar que os sentimentos expressos vos agradaram, nem mostreis mesmo que os notastes. E se, depois, essa pessoa vos chamar à grade não atendais absolutamente; porque, se depois dessa carta desceis a falar-lhe, estais perdida. — Além disso, ficai sabendo que se-reis cúmplice do mesmo delito, se para não desgostar a alguma irmã, não temerdes ofender a Deus, formentando seu apego ilícito. Neste caso deveríeis esperar um castigo exemplar como já aconteceu à uma religiosa, que, sendo sacristã, por condescendência, tinha-se encarregado de remeter uma carta de sua companheira a um indivíduo, com quem esta entretinha correspondência indigna; mas quando apresentou a carta ao portador, este apressado voltou

a roda da sacristia com tanta violência que a infeliz ficou com a mão presa e cortada, e morreu poucos dias depois, de convulsões provenientes da ferida.

6. — Usai das mesmas precauções com os religiosos ou eclesiásticos, que vos venham falar, não por serviço de Deus nem pelo bem das vossas almas, mas por qualquer amizade que tenham convosco. — Especialmente com os vossos confessores seria conveniente que tratásseis somente no confessional; e tendo de falar-lhe em outro lugar, o fizésseis na roda e não nas grades. — É necessário usar ainda de maior reserva a respeito dos diretores, porque a confiança que neles depositais, revelando-lhes os segredos da vossa consciência, é sempre acompanhada de certa simpatia, que, se não for moderada, poderá degenerar e mudar-se em fogo do inferno. É por isso que vos aconselho de vos abster quanto possível de toda relação exterior com os confessores. Não lhes façais presentes; não vos encarregueis do cuidado de seus negócios, de sua cozinha, de sua roupa e de outras coisas semelhantes. — Dizia Sta. Tereza: “Oh! quanto atrasam as religiosas estes pequenos negócios mundanos! E, prouvera a Deus que não as impeçam de ver a Nosso Senhor no Céu!” — E, falando particularmente dos presentes, se já existe há muito tempo este costume no convento, basta que, duas ou três vezes no ano, lhes envieis alguma coisa de pouco valor, antes como um sinal de vossa atenção do que do vosso afeto. — Enfim, com suma cautela, nunca deixeis escapar da boca, em casa nenhum, uma só palavra afetuosa.

7. — Nem pretendais que não há perigo algum, porque esse sacerdote é um santo. — Escutai o que diz S. Tomás de Aquino: quanto mais santas são as pessoas a quem dedicamos estima, mais cautela devemos ter, porque a idéia que temos de suas virtudes e bondade, serve para nos inclinar mais a amá-los³¹. — Ouvi também o venerável padre Sertório Caputo da Companhia de Jesus: “O demônio primeiramente nos faz amar as virtudes do indivíduo, depois a sua pessoa, e por fim nos lança no abismo”. — O doutor angélico acrescenta que o inimigo sabe muito bem esconder o perigo, pois, no começo, não nos atira setas com visos de envenenadas, mas só as que acendem o afeto e fazem pequenas feridas no coração; mas, dentro de pouco, essas pessoas, abrasadas de afeto, não se tratarão mais como anjos, como a princípio, mas como seres revestidos de carne: seus olhares se cruzarão muito amiúde, suas palavras serão mais afetuosas. Depois, começarão a desejar a repetir as visitas e a devoção espiritual se converterá em afeto carnal. Tais são os próprios sentimentos do santo doutor.

8. — S. Boaventura indica cinco sinais para conhecer quando o afeto não é puro:

1.º - Quando há conversas longas e inúteis; e quando são muito longas, são sempre inúteis;

2.º - Quando há olhares e elogios recíprocos;

3.º - Quando uma pessoa escusa os defeitos da outra;

4.º - Quando aparecem certos pequenos melindres;

5.^o - Quando o afastamento causa inquietações³².

— E eu acrescento, quando muito agradam o exterior e o gênio da pessoa; quando se deseja que ela corresponda ao afeto; quando se aborrece que outrem observe, ouça e diga o que se passa.

Oh! o padre Pedro Consolini, Oratoriano, tinha bastante razão, quando dizia que com as pessoas santas de sexo diferente é preciso tratar, como com as almas do purgatório, isto é, de longe e sem vê-las! — Há religiosas que entretém longas conferências com os padres espirituais, no intuito de mais se afervorarem com seus discursos. Mas que necessidade há de tais entrevistas familiares tão longas, com risco de serem vítimas de alguma paixão perniciosa? Se tem verdadeiro desejo de se afervorarem, podem recorrer aos livros de piedade que estão à sua disposição; bastam as leituras que se fazem durante a oração e as refeições, os sermões que ouvem na igreja. Independente de tudo isso, bastariam as regras e constituições da religião, se as lessem com atenção e as pusessem em prática.

9. — O que precede se aplica às pessoas de fora; mas é preciso observar que o amor desordenado pode introduzir-se também entre as religiosas do mesmo convento, principalmente quando se estabelece alguma familiaridade excessiva entre as jovens. — S. Basílio deixou escritas estas palavras: “Moço, foge a familiaridade com os teus iguais, porque o demônio por esse meio a muitas fez precipitar nas fogueiras do inferno. Muitos deles, continua S. Basílio, que a princípio eram animados por certa afeição

que parecia de caridade, com o andar do tempo foram arrastados a grandes desordens pelo inimigo”³³. A bem-aventurada Angela de Foligno dizia igualmente: “Ainda que o amor seja a fonte de todo o bem, contudo no amor se encerra também todo o mal. E eu não falo do amor impuro que, já se sabe, deve ser evitado, mas do amor do próximo que pode degenerar em amor desordenado. A demasiada convivência, fazendo crescer o afeto mútuo, faz que o amor unindo demais os corações, torne-se nocivo; de modo que, aumentando-se o afeto, começará a obscurecer a razão, e um desejará aquilo que o outro quer, até que convidado para o mal um pelo outro, não saberá contradizer e resistir, e estarão ambos perdidos”³⁴

10. — Deve-se notar ainda, que, se as amizades externas com os seculares são mais escandalosas, as internas entre as mesmas irmãs são mais perigosas, seja porque são mais difíceis de romper, seja porque a ocasião é mais próxima. Prouvera a Deus que uma religiosa nunca tenha a desgraça de cometer alguma falta grave contra a castidade na casa do Senhor! Isaías a considera perdida. Cometeu a iniquidade na terra dos Santos, exclama o Profeta, não verá a glória do Senhor³⁵.

Por isso as mestras de noviças devem estar sempre com os olhos abertos sobre elas especialmente nesta matéria; e não tenham escrúpulo de, neste ponto, suspeitar mesmo o mal maior. Quando virem algum apego ou familiaridade entre duas noviças, procurem cortá-la imediatamente, proibindo-lhes andarem juntas; e estejam sempre alerta, para prevenir todo o mal que possa acontecer. De tempos a

tempos, as exortem, em termos gerais, a se guardarem como da morte, de ocultar algum pecado nas confissões, por vergonha; e, para esse fim, lhes refiram alguns exemplos de pessoas condenadas à desgraça eterna por terem feito confissões sacrílegas.

11. — Nos seus avisos às religiosas em geral. S. Basílio ordenou que fossem punidas todas as de sua ordem que nutrissem amizades particulares³⁶, com razão chamadas por S. Bernardo *amizades envenenadas e inimigas da paz comum*. — E na verdade, quando não causam outro dano e outro perigo, são, ao menos, uma sementeira de distúrbios, de murmurações e de desordens; porque são as amizades particulares que formam as facções e partidos, e fazem que os votos não se dêem as mais dignas, mas às mais parciais. Sêde amigas de todas as irmãs, querei bem e prestai serviços a todas, de modo que cada uma pense estar bem convosco. Entretanto, guardai-vos de ter familiaridade com alguma; a vossa intimidade seja unicamente com Deus. Sobretudo, guardai-vos daquela que demonstre alguns queda particular para convosco. Vós caminhais por uma estrada obscura e perigosa, como é a vida presente. Se pois tiverdes uma companhia má que vos atire em algum precipício, estais perdidas.

12. — Evitai, nesta matéria, todo o respeito humano, e calcai aos pés o maldito temor *do que dirão*. — Vós dizeis: Se eu despeço aquela pessoa de fora, se me livro desta outra, se me entrego ao retiro, à oração, à mortificação, que dirão de mim? Zombarão de mim, e serei o objeto da irrisão de todos. — Ai! quantos religiosos e religiosas não se condenaram

por esta maldita enfermidade do respeito humano, escreveu Sto. Agostinho³⁷. É por isso que S. Francisco de Borgia dizia que todo aquele que quer dar-se a Deus, deve antes de tudo calcar aos pés este maldito medo *do que dirão*. — Meu Deus! E porque não pensamos no que dirá Jesus Cristo, no que dirá a Santíssima Virgem? — O Senhor diz que a sua esposa é um jardim fechado³⁸. — Com estas palavras, faz saber as religiosas que querem ser suas verdadeiras esposas, a necessidade que têm de conservar seus corações bem fechados, de modo que neles não entre senão o amor de Deus, e nenhum outro afeto. E notai bem que entre todos os defeitos que pode cometer uma religiosa, talvez não haja outro que mais desagrade ao divino Esposo, do que nutrir no coração algum afeto estranho. Deus quer só para si o coração de suas esposas todo inteiro. Ainda que os esposos da terra tudo podem sofrer, exceto ver suas esposas amarem outra pessoa além deles. — Termino esta matéria, dizendo-vos que, tratando-se de amor, deveis figurar-vos que no universo só existis vós e Deus a quem deveis amar.

13. — Mas antes de acabar, não posso deixar de verberar o procedimento de certas religiosas que tem amor demasiado aos animaizinhos como gatos, cães, etc. Querem tê-los sempre consigo, na mesa, no leito; os trazem muitas vezes nos braços, os beijam, e chegam até a dizer-lhes palavras afetuosas. Se ficam doentes, se inquietam: se morrem, ficam inconsoláveis, choram e se queixam de quem quer que pudesse ter sido a causa. Este afeto pelos animais, sendo irracional e repreensível ainda nos secu-

lares, muito mais o deverá ser em uma esposa de Jesus Cristo!

ORAÇÃO

Meu Jesus, já vos compreendo. Vós quereis todo o meu coração, todo o meu amor, e eu vô-lo quero dar todo. Depois de tantos desgostos que vos dei, eu merecia ser abandonada por vós, mas percebo que me continuais a convidar a vos amar, dizendo-me no íntimo da alma: Amarás ao Senhor teu Deus de todo coração³⁹. Sim, quero obedecer-vos, de hoje em diante só quero vos amar. Ó meu Jesus, quem me dera poder me consumir por vós, assim como vos consumistes todo por mim! Vós, por meu amor destes todo o vosso sangue, para me salvar sacrificastes toda a vossa vida; eu ousaria a ter reservas convosco? Para vos amar não basta um só coração, não bastam sequer mil corações; e eu dividirei este meu pobre coração com as criaturas? Não. Vós o quereis todo e eu vo-lo quero dar todo inteiro. Recebei-me, ó meu Jesus, meu amor e meu Esposo. Eu sou vossa e toda vossa. Disponde de mim como vos aprouver.

Maria, minha esperança, uni-me a Jesus vosso Filho e fazei-me toda sua. A vós peço esta graça e de vós a espero.

1. Si quis venit ad me, et non odit patrem suum et matrem..., non potest meus esse discipulus. *Luc. 14, 26.*

2. Veni enim separare hominem adversus patrem suum, et filiam adversus matrem suam. *Matth. 10, 35.*

3. Et inimici hominis, domestici ejus.

4. Frequenter amici carnales adversantur profectui spirituali. 2. *que 189, a. 19.*

5. Propinqui carnis, in hoc proposito, amici non sunt, sed potius inimici. *Contra retrah. a relig. a. 9.*

6. Extra cognatos quisque debet fieri, si vult parenti omnium verius jungi. *Mor. l. 7, c. 13.*

7. Jesus inter cognatos non invenitur. *Epist. 107.*

8. Carnalis amor extra Dei amorem cito te capiet. *Epist. 134.*

9. Qui dicit patri suo et matri suae: Nescio vos; et fratribus suis: Ignoro vos;... hi custodierunt eloquium tuum, et pactum tuum servaverunt. *Deut. 33, 9.*

10. Audi, filia, et vide, et inclina aurem tuam, et obliviscere populum tuum et domum patris tui; et concupiscet rex decorem tuum. *Ps. 44, 11.*

11. Grande praemium parentis obliti: Concupiscet rex decorem tuum! *Ep. ad Furiam.*

12. Omnis qui reliquerit domum, vel fratres, aut sorores. aut patrem, aut matrem..., propter nomen meum, centuplum accipiet, et vitam aeternam possidebit. *Matth. 19, 29.*

13. *Cam. da perf. c. 10.*

14. *Surius. 14 Maii, Vit. S. Pach.*

15. Quanti monachorum, dum patris matrisque miserentur, suas animas per diderunt. *Reg. Monach. de laud. Relig.*

16. Grandis in suos pietas, impietas in Deum est. *Ep. ad Paul.*

17. Fugiamus illorum curam tamquam diabolicam. *Const. Mon. c. 21.*

18. Nemo mittens manum suam ad aratrum et respiciens retro, aptus est regno Dei. *Luc. 9, 62.*

19. Sine ut mortui sepeliant mortuos suos. *Luc. 9, 60.*

20. Fili, quid fecisti nobis sic? ecce pater tuus et ego dolentes quaerebamus te. *Luc. 2. 48.*

21. Nesciebatis quia, in his quae Patris mei sunt, oportet me esse? *Luc. 2, 49.*

22. Qui familiaritatem non vult vitare suspectam, cito labitur in ruinam. *Serm. 293. App. E. B.*

23. *III. Reg. 11, 4.*

24. *De Singularit. circ.*

25. Homo et mulier, ignis et palea: et diabolus nunquam insuflare cessat, ut accendatur. *Eusebius ad Damas. de morte Hieron.*

26. *Vida, c. 32.*

27. Caeteris vitiis vis potest resistere; huic tamen non potest, nisi per fugam *De Moda confit. c. 14.*

28. Sede solitarius, sicut turtur; nihil tibi et turbis. *In Cant. s. 40.*

29. *Carta a Abadessa de S. Pedro.*

30. Dum parvus est hostis, interfice. *Ep. ad Eustoch.*

31. Nec quia sanctiores fuerint, ideo minus cavendae; quo enim sanctiores fuerint, eo magis alliciunt. *De Modo conf. c. 14.*

32. *De Profectu Rel. l. 2, c. 27.*

33. Juvenis, aequalium tuorum consuetudinem defugito; quantos illorum opera adversarius plerosque sempiterno igni cremandos addixit! Spiritualis primo charitatis quadam specie illectos, postea in voraginem praecipites deturbavit. *S. de Abdic. rer.*

34. *Arnald vit. c. 64.*

35. In terra sanctorum iniqua gessit, et non videbit gloriam Domini. *Is 26, 10.*

36. *De Inst. mon. s. 1.*

37. Oh! quod detrusit ad inferos infirmitas haec!

38. Hortus conclusus, soror mea sponsa. *Cant. 4, 12.*

39. Diliges Dominum Deum tuum ex toto corde tuo.

CAPÍTULO XI

Da santa humildade***I. Dos bens que nos traz a humildade.***

1. A *humildade* é chamada pelos santos base e salvaguarda de todas as virtudes.

Ainda que não seja a primeira em excelência, todavia diz Sto. Tomás, ela tem o primeiro lugar como fundamento. Assim como na construção de um edifício, o fundamento deve preceder as paredes e colunas, embora fossem estas de ouro, assim na vida espiritual, é a humildade que deve vir em primeiro lugar, a fim de afastar a soberba, a qual Deus resiste¹. Dai este pensamento de S. Gregório: Querer praticar as outras virtudes sem a humildade é atirar pó ao vento, que logo o dispersa².

2. — Eis um fato referido no *Espelho dos exemplos*: Num deserto vivia um ermitão de grande reputação de virtudes. Achando-se para morrer, mandou pedir ao seu abade que lhe trouxesse o sagrado viático. Veio o abade e ao mesmo tempo chegou certo ladrão público, que, compungido por aquela função, não se julgou digno de entrar, na cela do solitário, e, de fora, pôs-se a dizer: “Quem me dera ser igual a ti!” — Ouvindo isto o monge, cheio de orgulho, respondeu: “Certamente tu serias feliz, se fosses como eu”. — Ora, que aconteceu? O ladrão saiu dali correndo

para se confessar, mas caiu num precipício e morreu logo. Dali a pouco faleceu também o ermitão. Um outro monge, seu companheiro, deplorou a sua morte, e ao mesmo tempo mostrou grande alegria pela morte do ladrão. Sendo perguntado porque assim procedia, disse que o ladrão se tinha salvado pela contrição que tivera de seus pecados, e o solitário se tinha perdido pela soberba³. — Mas ninguém acredita que este tenha se ensoberbecido somente na hora da morte. O seu modo de falar na última hora dá a entender que a soberba há muito tempo estava enraizada no seu coração e por isso o perdeu. — Enfim Sto. Agostinho nos adverte que se a humildade não nos preceder e nos acompanhar até o fim, todo o bem que fizemos, nos será roubado pela soberba⁴.

3. — Esta bela virtude da humildade era pouco conhecida e pouco estimada dos homens, e até era aborrecida na terra, onde, por toda a parte, reinava a soberba, que foi a causa da ruína de Adão e de todos os seus descendentes. Foi por isso que o Filho de Deus desceu do céu e no-la veio ensinar, não só com a sua palavra, mas também com o seu exemplo. Para esse fim humilhou-se até se fazer homem e tomar a forma de servo⁵. — Quis mesmo, entre os homens, ser tratado como um objeto de desprezo e como o último de todos, no dizer do profeta Isaías⁶. — Com efeito nós o vemos, em Belém, nascido em um estábulo e reclinado em uma manjedoura; em Nazaré, desconhecido e pobre em uma oficina, feito servente de um mísero artista. Nós o admiramos depois, em Jerusalém, flagelado como um escravo, esbofeteado

como um vilão, coroado de espinhos como um rei de comédia, e enfim crucificado como um malfeitor.

Escutemos agora o que ele nos diz: Eu vos dei o exemplo afim de que façais o mesmo que fiz por vós⁷. — É como se tivesse dito: Meus filhos, eu abracei tantas ignomínias, para que vós, vendo o meu exemplo, as não desprezeis. — Sto. Agostinho, falando da humildade de Jesus Cristo, faz esta reflexão: Se esta medicina não nos livra da nossa soberba, não sei outro meio mais apto para consegui-lo⁸. — Eis o que o mesmo santo escreveu o Dioscoro: Amigo se queres saber qual a virtude principal para nos fazer discípulos de Jesus Cristo, e mais própria para nos unir a Deus, eu te direi que a primeira é a humildade, a segunda a humildade, a terceira a humildade; e se me perguntares quantas vezes quiseses, eu responderei sempre a mesma coisa⁹.

Os soberbos são objeto de ódio e de abominação aos olhos de Deus, assegura o Sábio¹⁰. — Sim, porque o soberbo é *ladrão*, é *cego* e é *mentiroso*. É *ladrão*, porque se apropria do que é de Deus. Tendes alguma coisa que não houvésseis recebido? pergunta S. Paulo¹¹. Se alguém ajaezasse o seu cavalo com xairel de ouro, poderia porventura o animal, caso fosse dotado de razão, gloriar-se deste arreio, sabendo que dele pode ser despojado ao menor aceno do seu dono?

É *cego* como foi dito àquele prelado do Apocalipse: Tu pensas ser rico, e não sabes que és um miserável e cego¹². — Com efeito que temos nós de nós mesmos senão o nosso nada e os nossos pecados? Ainda no pouco bem que fazemos, diz S. Bernardo,

se quisermos apreciá-lo no seu justo valor, acharemos só desordens e defeitos¹³. — É *mentiroso* porque todos os bens que o homem tem da natureza, como a saúde, a inteligência, a beleza, a habilidade; e tudo o que tem da graça, como os bons desejos, o coração dócil, o espírito esclarecido, são outros tantos bens recebidos de Deus. Por isso dizia S. Paulo: Eu sou o que sou, pela graça do Senhor¹⁴. — Pois é certo, continua o Apóstolo, que não posso ter por mim mesmo nem sequer um bom pensamento¹⁵.

5. — Desgraçada a religiosa que se deixa dominar pela soberba! Enquanto este vício nela reinar, o espírito de Deus aí não entrará, mas o demônio fará dela o que quiser. — Dizia S. José Calazans: O demônio serve-se do religioso soberbo como de uma peteca ou bola de jogar. — Refere Cesario que, um dia, sendo levado a certo mosteiro um possesso, o prior, trazendo consigo um monge, ainda jovem e tido por santo, disse ao demônio: Se este religioso te mandar sair, ousarás resistir? — Eu não tenho medo dele, respondeu o demônio. — E porque? — Porque é soberbo¹⁶.

Para ver seus servos livres da soberba, o Senhor permite às vezes que sejam atormentados por tentações vergonhosas, tais como as impuras, e apesar de suas preces instantes e reiteradas, os deixa a lutar. É o que sucedeu com S. Paulo, que escreveu: O aguilhão da minha carne me foi dado, como um enviado de Satanás para me esbofetear. Eu pedi três vezes ao Senhor que o afastasse de mim, e me respondeu: Basta-te a minha graça¹⁷. — Nota S. Jerônimo que Nosso Senhor não quis livrar o Apóstolo do

tormento desta tentação impura, para que se mantivesse na humildade. Deus tolera mesmo, algumas vezes, que uma pessoa caia em algum pecado, para aprender a ser humilde segundo o testemunho de Davi, que confessa ter pecado por lhe faltar a humildade¹⁸.

6. — Quando te humilhas, diz Sto. Agostinho, Deus desce para se unir contigo; mas quando te ensoberbeces, ele foge de ti¹⁹. — O rei Profeta diz: O Senhor olha para os humildes com complacência, e aos soberbos vê de longe²⁰. — E assim como nós, vendo alguém de longe, não o conhecemos, assim Deus parece dizer, do mesmo modo, que não conhece os soberbos. — Em certo mosteiro, havia uma religiosa soberba que chegou uma vez a dizer a outra monja estas palavras: “Olha bem que este hábito que nós ambas vestimos, faz que nos assentemos no mesmo banco; mas, fica sabendo que, na casa de meu pai, tu não merecias nem sequer ser uma criada”. Ora como pensais vós que Deus olhasse para uma freira tão altaneira?

Com Deus os soberbos não se coadunam porque o Senhor os não pode suportar. Os anjos soberbos estiveram apenas um momento no paraíso, e no segundo momento o Senhor os expulsou e precipitou no inferno, bem longe de si. Não pode deixar de cumprir-se a palavra: Quem se exalta será humilhado²¹. — É o que aconteceu a um orgulhoso de que fala S. Pedro Damiano. Antes de vir a duelo com um seu rival por causa de uma propriedade, que ele queria defender à espada, foi à Missa; e, ouvindo pronunciar as palavras do Evangelho acima citadas,

pôs-se a dizer: Isto não é verdade porque, se me houvesse humilhado, teria perdido o meu domínio e a estima de que gozo. — Enfim, que sucedeu? Quando chegaram à ação, o inimigo o feriu com a espada mesmo na boca, transpassou-lhe a língua sacrílega e o estendeu morto por terra²².

7. — O Senhor prometeu ouvir a quem fizer oração²³. Afirma, porém, S. Tiago que Deus resiste às orações dos soberbos, e as não despacha; enquanto é cheio de liberalidades para com os humildes, abrelhes as mãos, e dá-lhes tudo o que buscam e desejam²⁴. — Por isso o Sábio nos recomenda sejamos humildes diante de Deus e esperemos de suas mãos tudo o que pedirmos²⁵.

Senhor exclamava Sto. Agostinho, dai-me o tesouro da humildade²⁶. — A humildade é um tesouro, porque o Senhor enriquece os humildes com a abundância de todos os bens. Quando o coração do homem está cheio de si mesmo, não pode receber os dons divinos. É preciso pois esvaziá-lo primeiro com o conhecimento do próprio nada. — Davi assim fala ao Senhor: Vós fazeis jorrar as fontes dos vales e correr os rios entre as montanhas²⁷. — Deus os faz vales abundantes de água; isto é, enriquece de sua graça as almas humildes, mas não os montes, isto é, os espíritos soberbos. Por estes passam as graças, mas não ficam. Dai também estas palavras da Ssma. Virgem: O Onipotente me fez grandes dons, em atenção à humildade de sua serva, isto é, olhando o conhecimento que tenho de meu nada²⁸.

Refere Sta. Teresa, na sua vida, que as maiores graças que de Deus recebeu, lhe foram dadas, quan-

do mais se humilhava na presença de Nosso Senhor na oração²⁹.

Bem disse o Sábio: A oração do humilde penetra os céus, e de lá não desce sem que Deus a ouça³⁰. — Assim os humildes alcançam de Deus tudo o que pretendem. Não há razão para se temer que o humilde seja confundido e fique desconsolado³¹.

É o que levava S. José Calazans a dizer: Se quereis ser santos, sêde humildes. — Tal foi o conselho que um santo varão deu a S. Francisco Borgia ainda secular: “Se queres te santificar, pensa todos os dias em tuas misérias”. Fiel a este aviso, o santo consagra, cada dia, suas duas primeiras horas de oração ao conhecimento e desprezo de si mesmo.

8. — Observa S. Gregório que, assim como a soberba é o sinal característico dos réprobos, assim também a humildade o é dos predestinados³². O abade Sto. Antão viu, um dia, o mundo todo cheio de laços armados pelo demônio, e suspirando exclamou: “Quem poderá jamais escapar a tantas perigos!” Ouviu então uma voz que lhe disse: Antão, só a humildade o pode com segurança; aquele que anda cabisbaixo, não tem que temer de ser apanhado³³.

Em suma, como disse o nosso divino Salvador, se não nos fizermos meninos, não na idade, mas na humildade, não conseguiremos ser salvos³⁴. — Narra-se na vida de S. Palemon, que um certo monge, caminhando sobre as brasas, disse se vangloriou e pôs-se a dizer aos companheiros: “Qual de vós é capaz de caminhar sobre carvões acessos sem se queimar?” S. Palemon o corrigiu desta vanglória; e depois

desgraçadamente, caindo em muitos pecados, acabou a vida em mau estado.

9. — O paraíso está prometido aos humildes que são desprezados e perseguidos nesta terra: Bem-aventurados sois, quando fordes amaldiçoados e perseguidos, porque a vossa recompensa no céu será grande³⁵.

Além disso, os humildes são felizes não só na outra vida, mas também nesta, segundo outra palavra do nosso divino Redentor: Aprendei de mim a ser mansos e humildes e gozareis da paz, em vossas almas³⁶. — O soberbo nunca encontra a paz, porque jamais consegue ser tratado segundo o vão conceito que tem de si mesmo. Ainda quando é honrado, fica descontente de ver outros mais honrados do que ele. Sempre falta-lhe ainda alguma honra que deseja, e esta privação o atormenta mais do que o consolam todas as honras que já possui. — Quantas não eram as do soberbo Aman na corte de Assuero, a ponto de ter direito de assentar-se à mesa do rei? Todavia, porque Mardocheu não queria saudá-lo, julgava-se infeliz e dizia: No meio de tanta prosperidade, penso nada possuir, enquanto vir Mardocheu assentado à porta do palácio³⁷. — E quais são as honras que recebem os soberbos! Não são de regozijá-los, porque lhe são prestadas à força, só pelo respeito humano. — Segundo nota S. Jerônimo, a verdadeira glória foge de quem a deseja, e persegue a quem a despreza, do mesmo modo que a sombra segue a quem dela corre e foge de quem a quer buscar³⁸.

10. — Ao contrário, o humilde está sempre contente, porque, se recebe alguma honra, a julga acima

de seus merecimentos; e, quando o cobrem de afrontas, crê merecer maiores pelos seus pecados, e diz como o santo Jó: Pequei e sou verdadeiro culpado; o meu castigo está aquém das minhas faltas³⁹. — Neste ponto, S. Francisco de Borgia nos deixou um belo ensinamento. Tendo de fazer uma longa viagem, aconselharam-lhe que mandasse alguém adiante para preparar a hospedagem, afim de evitar os incômodos, a que se expunha, chegando sem avisar. O santo respondeu: “Oh! por isso, nunca deixo de me fazer preceder do batedor. Sabeis qual? A lembrança do inferno, que mereci. Este forriél prepara-me, em qualquer hospedaria, aposentos régios, comparando-os com o lugar em que merecia estar”.

ORAÇÃO

Meu Deus depois de tantos pecados, como pode haver em mim tanta soberba! Ai eu vejo que as minhas faltas depois de me tornarem tão ingrata para convosco, ainda me tornaram soberba! Senhor não me expulseis da vossa presença como eu mereço⁴⁰. Tende piedade de mim. Dai-me luz e fazei-me conhecer quem sou eu e o que mereço. Quantos por menos pecados do que os meus estão no inferno, e não tem mais esperança de perdão! e a mim vejo que vós mesmo me ofereceis o perdão, se eu o quiser. Sim, eu o quero. Meu Redentor, perdoai-me, pois me arrependo de todo o coração de todas as minhas soberbas, com as quais não só desprezei o meu próxi-

mo, mas também vos desprezei a vós, que sois o sumo bem. Eu vos direi com Santa Catarina de Gênova: Meu Deus, não mais pecar, não mais pecar. — Eu vos ofendi bastante, e não quero mais abusar da vossa paciência. Eu vos amo, Senhor, e quero empregar o resto da minha vida somente em vos amar e vos agradar. Meu Jesus, assisti-me. Quanto mais animada estou do desejo de ser toda vossa, tanto mais se esforça o inferno para me acabrunhar com tentações. Socorrei-me e não me abandoneis às minhas próprias forças.

Santíssima Virgem Maria, já sabeis que em vós coloquei todas as minhas esperanças. Não deixeis de me ajudar sempre com as vossas preces, que de Deus alcançam tudo quanto pedem.

II. Da humildade de espírito ou de juízo

1. — Depois de ter conhecido os grandes bens que nos oferece a humildade, vamos a prática e vejamos o que é preciso fazer para adquirir esta santa virtude.

Distingue-se a *humildade de espírito e de juízo da humildade de coração e de vontade*. Falemos aqui da primeira, sem a qual não pode obter-se a segunda.

A *humildade de espírito* consiste, segundo S. Bernardo em ter uma fraca opinião de si mesmo e se ter por vil e desprezível, tal qual se é na realidade⁴¹. — A humildade é a verdade, como escreveu Sta. Teresa, e o Senhor ama tanto os humildes, porque eles

amam a verdade⁴². É certo que nada somos, que somos ignorantes, cegos, incapazes de fazer qualquer bem. Por nós mesmos, não temos outra coisa que o pecado, que nos torna mais vis do que o nada, e nada podemos fazer senão o mal. Todo o bem que temos e fazemos, é de Deus e dele vêm. O humilde tem sempre diante dos olhos esta verdade, e por isso de nada se apropria senão do mal, e se julga digno de todo o desprezo. É por isso que não pode tolerar que lhe atribuam um merecimento que não tem. Ama, ao contrário, ver-se desprezado e tratado como merece. É por isso que se faz tão querido de Deus, diz S. Gregório⁴³. — Dai, Sta. Maria Madalena de Pazzi, falando das religiosas, dizia que as duas bases da perfeição destas são o amor a Deus e o desprezo de si mesmas, e acrescentava que verão a Deus no céu tanto mais claramente, quanto mais se houvessem abatido na terra.

2. — É preciso pois orar sempre como Sto. Agostinho: Senhor, fazei-me conhecer quem sou eu e quem sois vós⁴⁴. — Vós sois a fonte de todo o bem, e eu sou a mesma miséria, que por mim nada tenho, nada sei, nada posso e nada valho, senão para fazer o mal. — O Sábio diz que Deus não é honrado senão pelos humildes⁴⁵. — Com efeito, sendo ele o único e sumo bem, só os humildes o reconhecem por tal. Se, pois, quereis honrar a Deus, tendes sempre diante dos olhos as vossas misérias, e confessai com verdadeira sinceridade que, por vós mesmas, só tendes o nada e a malícia, e que Deus é tudo. Ficai pois convencidas de que só mereceis afrontas e castigos, e ofere-

cei-vos para receber com submissão todos os males que o Senhor vos enviar.

3. — No entanto, observai as seguintes regras:

1.^o - Não vos glorieis de coisa alguma que houverdes feito. Muito mais do que vós fizeram os Santos. Por isso eu aconselho a todos que façam a leitura espiritual sobre as vidas dos santos, porque, por ela, ao menos se abaterá a nossa soberba, vendo as grandes coisas que fizeram por Deus; e nos envergonharemos do muito pouco que temos trabalhado e trabalhamos por Nosso Senhor. Demais, como podemos gloriar-nos de alguma coisa, sabendo que, se acaso temos praticado algum ato de virtude, tudo é dom de Deus? — Lá disse S. Bernardo: Quem não zombaria das nuvens, se quisessem vangloriar-se da chuva que enviam à terra!⁴⁶ Nós merecíamos a mesma irrisão, se ousássemos gloriar-nos do pouco bem que temos feito. — Narra o bem-aventurado Padre Mestre Ávila que um grande senhor casou-se com uma pobre camponesa. Para que não se ensoberbesse por se ver cercada de criados e vestida com rico aparato, mandou que se conservassem os seus hábitos antigos e grosseiros, e que ela os tivesse sempre diante dos olhos. — O mesmo deveis fazer. Quando descobrires em vós alguma coisa de bom, olhai para os vossos antigos hábitos, lembrai-vos o que já fostes outrora e, por fim, conclui que todo o bem que tendes é uma esmola que Deus vos fez.

4. — Dizia Sto. Agostinho: Senhor, se alguém vos apresentar seus merecimentos, não faz mais do que apresentar-vos os vossos dons⁴⁷. — Quando Sta. Teresa fazia ou via praticar uma obra boa, pu-

nha-se logo a louvar a Deus, pensando que dele vinha todo aquele bem. Pelo que sabiamente observava a santa, que a humildade não nos impede de reconhecer as graças especiais que o Senhor nos dá com mais abundância do que aos outros. Isto não é soberba, dizia ela; tal conhecimento ajuda a nossa humildade e a nossa gratidão, fazendo-nos ver que somos mais indignos do que os outros e mais favorecidos do que eles. E acrescentava a santa que uma alma jamais conseguirá fazer grandes coisas por Deus, sem antes reconhecer ter dele recebido grandes dons⁴⁸.

O essencial está em distinguir sempre o que é de Deus, e o que é nosso. — S. Paulo não tinha escrúpulo de afirmar que ele tinha trabalhado por Jesus Cristo mais do que todos os outros apóstolos.

Mas acrescentava logo que tudo quanto tinha feito não era obra sua, porém da graça divina que nele assistia⁴⁹.

5. — 2.^o - Sabendo que sem Deus nada podeis, não confieis demais em vossas próprias forças. Imitai a S. Felipe Neri que sempre desconfiava de si mesmo. O soberbo confia demais no seu valor, e por isso cai justamente, como aconteceu a S. Pedro, que protestou antes de morrer com Jesus Cristo do que ser induzido a negá-lo⁵⁰. Como, porém, assim tinha falando confiado demais nas próprias forças, apenas chegando a casa do pontífice, renegou o seu divino Mestre. Guardai-vos, pois, de confiar nas resoluções tomadas e na boa vontade presente, mas ponde toda a vossa confiança em Deus, dizendo sempre: Eu posso tudo, não por mim, mas naquele que me conforta⁵¹. E

então esperai fazer grandes coisas, porque os humildes confiados em Deus mudam de força na frase de Isaías⁵². Desconfiando de si mesmos, deixam de ser fracos como antes eram, e adquirem a fortaleza de Deus. Dai esta sentença de S. José Calazans: “Aquele que quiser que Deus o faça instrumento de grandes obras, procure ser o mais humilde de todos”. Segui o exemplo de Sta. Catarina de Senna. Quando era tentada de vanglória, humilhava-se; e quando acometida de desânimo, confiava em Deus, pelo que o demônio lhe disse um dia com raiva: “Maldita tu e maldito quem te ensinou esse meio de me vencer. Não sei mais como te apanhar”. — Assim, pois, quando o inimigo vos disser que para vós não há perigo de cair, tremei, pensando que, se Deus vos deixa um instante, estais perdidas. Quando fordes tentadas de desânimo,izei com Davi: Senhor, pus em vós todas as minhas esperanças, confio que não serei confundida, privada da vossa graça e feita escrava do inferno⁵³.

6. — 3.^o - Se por desgraça cairdes em algum pecado ou defeito, não desanimeis, mas humilhai-vos, arrependei-vos, e, então, conhecendo melhor a vossa fraqueza, encomendai-vos a Nosso Senhor, com maior confiança. Indignar-se contra si mesmo desanimando depois da queda, não é humildade, é antes *soberba*. Esta é que faz que um se admire de ter podido cair em tal falta: é soberba e artifício do demônio, que pretende assim fazer-nos abandonar o caminho da perfeição, desanimados de poder ir adiante, e desse modo fazer-nos precipitar em maiores pecados. Não, nesse caso, mais do que nunca confiemos

no Senhor, valendo-nos de nossa fraqueza e infidelidade para mais esperarmos na sua divina misericórdia. Assim se entende esta palavra do Apóstolo: Tudo pode contribuir para o nosso bem⁵⁴. Onde a Glosa acrescenta: Ainda os pecados⁵⁵. A este propósito, o Senhor dizia um dia a Sta. Gertrudes: Quando alguém tem uma mancha na mão, lava a mão e esta fica mais limpa do que antes. Assim a alma que depois do pecado se purifica pelo arrependimento, torna-se mais agradável aos meus olhos do que antes da queda⁵⁶. Especialmente, Deus permite às vezes que as almas ainda não bem arraigadas na humildade, caiam em alguma falta, afim de que aprendam a desconfiar de si mesmas e confiar só no seu auxílio. Todas as vezes, pois, caríssimas irmãs, que houverdes caído em algum defeito, não fiqueis nele caídas, mas levantai-vos com um ato de amor e de dor, com o propósito de emendar, cheias de confiança em Deus. Dizei então com Sta. Catarina de Gênova: “Senhor, eis os frutos do meu jardim, e se me não sustentais, eu farei ainda pior; mas espero em vós não cair mais, como proponho”. — Se todavia cairdes de novo, levantai-vos sempre do mesmo modo, e nunca abandoneis a resolução de ser santas.

7. — 4.^o - Se souberdes que alguém caiu em pecado grave, não vos ensoberbeçais de vós mesmas, nem vos admireis, mas tende compaixão dessa alma, e temeí que o mesmo vos aconteça, dizendo com Davi: Se o Senhor me não tivesse sustentado, eu estaria agora no inferno⁵⁷. Acautelai-vos, pois, de vangloriar-vos de estar isentas dos defeitos que virdes nas outras; do contrário, o Senhor vos punirá, permi-

tindo também a vossa queda, como aconteceu a um velho monge de que fala Cassiano. Certo jovem torturado longo tempo por uma forte tentação desonesta foi ter com um monge velho para pedir-lhe auxílio; mas este em vez de dar-lhe coragem e consolo, mais o acabrunhou e afligiu, cumulando-o de impropérios e dizendo-lhe: “Como! um monge ousa pensar tantas misérias?” Mas, que aconteceu? Permitiu depois o Senhor que o velho fosse tão fortemente tentado pelo espírito da impureza, que andava correndo como louco, pelo mosteiro. Então, o abade Apolo que já tinha sido informado da sua indiscrição; foi procurá-lo e disse-lhe: Sabe, irmão, que Deus permitiu em ti essa tentação, em castigo de teres testemunhado tanto espanto do pobre moço que te pediu socorro, e para aprenderes a compadecer-te do próximo em casos semelhantes⁵⁸. Tal é também o aviso do Apóstolo aos seus discípulos, dizendo-lhes: Se alguém deve corrigir a outrem, não o faça com dureza e desprezo, mas antes lembre-se que é tão miserável e frágil como o delinqüente; do contrário, Deus permitiria que fosse assaltado da mesma tentação, que o precipitaria talvez no mesmo pecado, em que se espanta de ver caído o seu próximo⁵⁹. A este propósito conta também Cassiano que o abade Machéte confessa confessava ter caído miseravelmente em três faltas, que antes tinha condenado em seus irmãos⁶⁰.

8. — 5.^o - Considerai-vos como a maior pecadora que existe na face da terra. As almas verdadeiramente humildes são mais esclarecidas da luz celeste, e como conhecem melhor as perfeições de Deus, também vêem melhor as suas misérias e os seus peca-

dos. Dai vem que os santos, cuja vida era tão exemplar e tão diferente da dos mundanos, se diziam, não por exagero, mas com verdadeira convicção, os maiores pecadores do mundo. — Assim se julgava S. Francisco de Assis. — S. Tomas de Vilanova era continuamente assaltado de temor, pensando, dizia ele, nas contas que havia de dar a Deus pela sua má vida. — Sta. Gertrudes considerava um milagre não se abrir a terra debaixo de seus pés, para engoli-la por causa de seus pecados. — S. Paulo eremita derramava lágrimas, dizendo: “Ai de mim pecador, que não mereço ter sequer o nome de monge”. — O bem-aventurado padre Mestre Ávila refere a este propósito que uma pessoa de grande virtude, tendo rogado a Deus lhe fizesse ver qual era o estado de sua alma, obteve a graça pedida e a viu tão disforme e abominável, embora só tivesse cometido pecados veniais, que exclamou: Senhor, por misericórdia, tirai-me de diante dos olhos essa figura monstruosa.

9. — 6.^o - Guardai-vos, pois, de vos preferir a quem quer que seja. Basta um julgar-se melhor do que os outros, para se tornar o pior de todos, assegura iTrithemio⁶¹. Assim também basta que alguém creia ter grandes merecimentos para perder os que tem e não ter mais nenhum. O principal merecimento da humildade consiste em crer um sinceramente que não tem nenhum direito adquirido e que não merece senão afrontas e castigos.

Os dons e graças que Deus vos tem concedido não serviriam senão para vos fazerem condenar com maior rigor no dia do júizo, se abusásseis desses dons, elevando-vos acima das outras. Mas não basta

não vos antepordes à nenhuma; é preciso, como já ficou dito, considerar-vos a última e a mais indigna de todas as vossas irmãs. E porque? Primeiramente, porque conheceis sem dúvida os muitos pecados que tendes cometido, e ignorais os pecados das outras; e, ao contrário, sabeis que nada possuís, e não conheceis muitas virtudes ocultas. Além disso considerai que, com as luzes e graças que o Senhor vos prodigalizou, já devíeis ser uma santa. Oh! se Deus houvesse dado tantas graças a um infiel, talvez fosse já um serafim; e vós ainda estais tão atrasada e tão cheia a imperfeições e defeitos!

O pensamento da vossa ingratidão deve também confundir-vos a ponto de desejardes viver debaixo dos pés de todas, porque, diz S. Tomás, o pecado se torna tanto mais grave, quanto maior for a ingratidão de quem o comete⁶². Quem sabe se um só pecado vosso não pesa mais diante de Deus, do que cem pecados de outra pessoa menos favorecida e menos cumulada de graças do que vós? Já sabeis que tendes pecado muito. Sabeis que a vossa vida não foi senão uma contínua urdidura de culpas voluntárias; e se acaso praticastes alguma obra boa, todavia será tão contaminada de defeitos e de amor próprio que talvez mais mereça castigo, do que prêmio.

10. — 7.^o - Todas estas considerações devem persuadir-vos, segundo a exortação de Sta. Maria Madalena de Pazzi a todas as religiosas, que não mereceis sequer beijar a terra que pisam as vossas irmãs. Deveis crer que se recebeceis todos os ultrajes imagináveis e se estivesseis no fundo do inferno abaixo de todos os condenados, tudo seria pouco em

comparação com o que mereceis. E, por isso do fundo do abismo das vossas misérias alçai sempre a voz ao céu, dizendo: Ó Deus, vinde em meu auxílio; Senhor, apressai-vos em me socorrer⁶³. Sem isso, estou perdida e vos ofenderei ainda mais do que dantes e mais do que todos.

Esta prece deveis repeti-la sempre, quase a todo o instante. Sim, quando estiverdes no coro ou na cela, quando andardes pelo mosteiro, quando descerdes ao locutório ou ao refeitório, quando vos levantardes da cama ou deitardes, repeti sempre a todo o momento: Senhor, ajudai-me; Senhor, assisti-me; Senhor tende misericórdia de mim! De outra sorte, no momento, em que descuidardes de recomendar-vos a Deus, podereis começar a ser a maior pecadora do mundo. Fugi, pois, mais do que da morte, de todo ato ou pensamento de soberba, por menor que seja.

Termino por esta grave sentença de S. Bernardo: Não temos por que temer qualquer dano proveniente de alguma humilhação, por maior que seja; mas devemos ter receito até do menor movimento de soberba, porque pode precipitar-nos em todos os males⁶⁴.

ORAÇÃO

Deus de minha alma, eu vos agradeço, porque me fizestes conhecer a vaidade de tudo quanto o mundo estima. No entanto, dai-me forças para me desapegar de todas as coisas, antes que a morte delas me separe. Ai de mim que, há tantos anos, estou na vossa casa, deixei o século para me santificar e até agora nada tenho aproveitado! Ai! quantas cha-

gas hediondas vejo na minha alma! Meu Jesus, tende piedade de mim e curai-me. Vos podeis e quereis curar-me, se eu resolver mudar de vida, se eu quiser me corrigir! — Vós prometestes, por boca do profeta, esquecer as ofensas recebidas, se o pecador se arrepender⁶⁵. Tenho sumo pesar de ter desprezado o vosso amor. Esquecei, pois, todas as minhas ofensas. Para o futuro antes quero perder a vida, do que causar-vos o menor desgosto voluntário.

Meu Deus eu vos quero amar. E a quem amarei senão a vós, que sois tão digno de ser amado? Vós me criastes, me remistes com a vossa morte, me chamastes à religião, me cumulastes de tantas graças! Só vós, pois, mereceis todo o meu amor, e eu só a vós quero amar.

Maria Santíssima, minha rainha e minha grande advogada, ajudai-me com a vossa intercessão, afim de que eu não seja mais ingrata ao vosso divino Filho.

III. Da humildade de coração ou de vontade.

1. — *A humildade de espírito* consiste, pois, como temos visto em uma pessoa se crer digna de desprezo. *A humildade de coração*, porém, consiste em desejar um ser desprezado dos outros e sentir prazer nas humilhações. E aqui está o maior mérito da humildade de coração, porque ganhamos mais com os atos da vontade do que com os do entendimento.

Falando da humildade da vontade, dizia S. Bernardo: O primeiro grau de humildade em uma religio-

sa é não querer mandar; o segundo é querer ser mandada; e o terceiro é, na sujeição, sofrer com ânimo tranqüilo todas as injúrias que se lhe fizerem⁶⁶. Esta é propriamente a humildade de coração, que Jesus Cristo quis ensinar-nos com seu exemplo, quando disse: Aprendei de mim que sou brando e humilde de coração⁶⁷. — Muitos são humildes de boca, mas não de coração; tais são, diz S. Gregório, os que se proclamam criminosos, dignos de todos os castigos, mas depois não o crêem; e quando alguém os censura, logo se perturbam e negam ter o defeito de que são repreendidos. Tal era certo monge de que fala Cassiano: dizia que era um grande pecador e que não era digno de estar sobre a terra; mas, sendo repreendido pelo abade Serapião de um grande defeito, que era andar vagando ociosamente pelas celas dos outros, em vez de viver retirado na sua, como ordenava a regra, o monge soberbo muito se inquietou. Então, lhe observou o abade: Que é isso meu filho? tu agora te dizia o maior dos celerados, e te mostras tão indignado com uma só palavra de caridade que te disse?⁶⁸ — Oh! quantas vezes acontece isto nos mosteiros! Aquela religiosa está sempre a repetir que é a maior pecadora do mundo e que tem merecido mil infernos. Se, porém, a abadessa, ou outra irmã, lhe adverte, com doçura, alguma falta em particular, ou mesmo, em geral, a sua tibieza ou conduta pouco edificante, logo toma a espada da defesa e prorrompe com altivez: Que mal fiz eu? e que escândalo tenho dado? Era melhor que cuidásseis de corrigir as outras que fazem tantas coisas que eu não faço. — Como? Ainda há pouco, dizíeis que por vos-

sos pecados merecíeis mil infernos e já não podeis sofrer uma só palavra? Portanto, a vossa humildade é só de boca, e não a de coração recomendada por Jesus Cristo.

2. — O Espírito Santo nos dá esse aviso: Há alguns que se fazem de humildes, só por malícia, para serem tidos e louvados por humildes e para não serem repreendidos e humilhados⁶⁹. — Mas, diz S. Bernardo, procurar louvores das humilhações não é humildade, porém destruição da humildade; porque, deste modo, a mesma virtude torna-se uma fonte de soberba⁷⁰. Na teoria, dizia S. Vicente de Paulo, a humildade tem uma boa aparência, mas na prática é horrenda, porque a verdadeira humildade consiste em amar as objeções e desprezos. Pelo que notou S. João Clímaco, que, para ser humilde não basta dizer que se é mau, mas também é preciso alegrar-se de ser tido por tal pelos outros e de ser por isso desprezado. Eis as suas palavras: “É bom que tu digas mal de ti, mas é melhor que, quando ouvires dizer isto por outrem, tu o confirmes, não te ressentindo, e até alegrando-te com isso⁷¹. — Antes já o escrevera S. Gregório: “O verdadeiro humilde confessa-se pecador, e quando lhe censuram as faltas, não as nega mas reconhece”⁷². Enfim, S. Bernardo exprime o mesmo pensamento nestes termos: O verdadeiro humilde não pretende ser louvado por humilde, mas quer ser tido por vil, defeituoso e desprezível e se compraz de se ver humilhado e tido na conta em que se estima⁷³. Dai vem que a humilhação o torna mais humilde, diz o mesmo Santo doutor: Muda a humilhação em humildade⁷⁴.

Pelo que dizia S. José Calazans: “Quem ama a Deus não busca parecer santo, porém sê-lo de fato”.

2. — Eis, pois, caríssimas Irmãs, o que haveis de observar, se quereis ser verdadeiramente humildes de coração e de vontade.

1. Em primeiro lugar, fugi de dizer uma palavra em vosso louvor, seja em relação à vossa conduta, aos vossos talentos, às vossas boas obras, seja em relação à vossa família, sua nobreza, riqueza e alianças. Escutai este aviso do Sábio: Louvem-te os outros, e não a tua boca, se queres conservar a humildade⁷⁵. — Além disso, é conhecido o provérbio comum, que *louvor em boca própria é vitupério*, e a ninguém honra. Que diríeis e que conceito fareis da religiosa que se pusesse a dizer que sua família nada tem que ceder a qualquer outra? ou ainda que ela merece ser preferida às outras nos ofícios? Pensai que as outras dirão o mesmo de vós, se alguma vez vos gloriardes de qualquer coisa. Assim, pois, quando houverdes de falar de vós e nunca vos exaltar. Com o abatimento, nada podeis perder, mas exaltando-vos acima do que sois, afirma S. Bernardo, podeis danificar-vos muito⁷⁶.

Se uma pessoa, ao passar por uma porta, abaixa demais a cabeça, não se faz mal; mas se a não abai-xar quanto é preciso, ainda que a conserve levantada apenas um dedo demais, baterá com a testa na padi-eira, e quebrará a fronte. Todas as vezes, pois, que houverdes de falar de vós mesmas procurai antes dizer mal do que bem, antes manifestar as faltas do que as ações que tenham alguma aparência de virtude. Enfim, será melhor que, nas conversas, nunca

faleis de vós mesmas, nem bem nem mal. Considerai-vos como uma coisa tão vil, que nem sequer mereça ser nomeada; porque, muitas vezes, ainda quando falamos das coisas que nos devem envergonhar, se intromete uma certa soberba fina e disfarçada; pois ao mesmo tempo que tocamos nos nossos defeitos, intimamente dessa mesma nossa confusão surge em nós o desejo de ser louvados ou ao menos de ser tidos na conta de humildes. Isto, porém, não se entende quando falais com o confessor, a quem deveis sempre descobrir os vossos defeitos, as más inclinações e ainda, geralmente falando, os maus pensamentos que passam pela imaginação. Mas, as vezes ocorre, na conversa, tocar em coisas que redundam em vosso vilipêndio; e, então, não recuseis falar delas. Por exemplo, o Padre Villanova da Companhia de Jesus não se envergonhava de que todos soubessem que seu irmão era um pobre jornaleiro. Do mesmo modo, o Padre Sacchini, também jesuíta, encontrando-se uma vez em público com seu progenitor, que era um pobre muladeiro, logo foi abraçá-lo dizendo: Oh! Meu pai!

4. — Se, pois, alguma vez sem culpa vossa, acontecer serdes louvada, estando presente, procurai confundir-vos, ao menos interiormente, lançando um olhar para tantos defeitos que tendes cometido. Diz S. Gregório que os soberbos se regozijam até com os elogios falsos que lhe fazem, mas os humildes se confundem e penalizam ainda com os verdadeiros⁷⁷, como sucedeu a Davi, que dizia: Fiquei confuso e humilhado, quando me exaltaram⁷⁸. O humilde se aflige com os louvores, acrescenta S. Gregório, porque

não crê ter as qualidades que lhe atribuem, e também porque, alegrando-se com o elogio, teme perder todo o merecimento que por ventura tenha adquirido diante de Deus segundo aquilo do Evangelho: Ficas-tes contente com o louvor? Já recebeste o prêmio e nada mais te toca⁷⁹. — Disse o Sábio que assim como o ouro se prova com o fogo, assim o espírito do homem se prova com os louvores dos outros⁸⁰. — O verdadeiro humilde, quando ouve os louvores, não se compraz nem se incha, mas se confunde e se aflige, como acontecia com S. Francisco de Borgia e S. Luiz Gonzaga, quando eram louvados. Portanto, quando vos honrarem com louvores e sinais de distinção, humilhai-vos profundamente e temei que essas honras não sejam causa da vossa queda e perdição. Pensai, pois, que a estima dos homens é talvez a maior desgraça que vos pode acontecer; porque pode corromper o vosso coração, fomentando a vossa soberba, e assim ser a causa da vossa condenação eterna.

5. — Tende sempre diante dos olhos a grande máxima de S. Francisco de Assis: “Eu sou o que sou diante de Deus”. Esperais porventura ser tanto mais estimada de Deus”, quanto mais fordes dos homens? Quando escutais com prazer e vaidade os elogios que vos dão, e vos considerais melhor do que as outras irmãs, sabeis que enquanto os homens vos lisonjeiam, Deus vos repele para longe de si. Persuadi-vos que os louvores recebidos não vos fazem melhor, pois, como diz Sto. Agostinho, assim como os ultrajes que recebemos, não nos tiram os méritos da virtude, assim também os aplausos dos que nos louvam, não

nos tornam melhores do que somos⁸¹. — Por isso, sempre que ouvirdes algum louvor, repeti estas palavras do mesmo Santo: Eu me conheço melhor do que os que me louvam, e vejo que seus louvores são falsos e Deus o vê melhor do que eu; porque ele bem sabe que não mereço honras, senão todos os desprezos da terra e do inferno⁸².

6. II. Em segundo lugar, já que deveis evitar alegrar-vos com os elogios dos outros, ainda com maior cautela deveis abster-vos de aspirar as honras e ofícios maiores do convento, e também, como dizia Sta. Maria Madalena de Pazzi, fugi de todos os exercícios que tenham aparência, porque ai está de espreita a soberba; e é preciso não só fugir, mas ter horror disso. — No mosteiro da Santíssima Trindade de Nápoles havia uma religiosa muito exemplar, chamada Sór Archangela Safelice. Seu confessor lhe disse um dia: “Sór Archangela, as religiosas querem eleger-te abadesa”. Respondeu-lhe com espanto: “Que dizeis meu Padre?” e logo acrescentou: “Mas, Deus remediará”. E ao dizer estas palavras, sobreveio-lhe, no mesmo lugar, um acesso de apoplexia, que a deixou tão lesada que as religiosas tiveram de pensar em outra.

Sto. Hilário disse: Toda a honra do mundo é negócio do demônio, em que ganha muitas almas para o inferno⁸³: E se a ambição das honras ocasiona grandes assolações no meio do século, muito maiores devastações faz nos mosteiros. — S. Leão diz que a Igreja é desonrada e vilipendiada pelas intrigas dos eclesiásticos e religiosos ambiciosos que deveriam ser os exemplares da humildade⁸⁴. — E Sta. Te-

resa, falando particularmente das monjas, escreveu: “Onde há pontos de honra nunca haverá espírito de perfeição”⁸⁵. E em outro lugar disse: “O mosteiro, em que entram pontos de honra e preeminências, deve-se considerar como perdido, e deve-se crer que já expulsaram o Esposo divino de sua casa”.

E depois acrescenta, dirigindo-se às suas filhas: “Se acaso achar-se entre vós algum Judas expulsai como uma peste; ao menos não saia do cárcere aquela monja que pretende ser chefe das outras. Antes de ver entrar no mosteiro a ambição, eu queria que nele penetrasse o fogo, e queimasse todas as religiosas”. Do mesmo sentimento era Sta. Joana de Chantal, que dizia: “Eu antes quero ver soterrado o meu mosteiro, do que vê-lo invadido pela ambição e desejo dos cargos”.

7. — Mas, por favor, ouçamos as sábios reflexões que sobre este ponto faz Pedro de Blois em uma de suas cartas, em que descreve os efeitos pestilentos da ambição, e a ruína que causa nas almas. “A ambição, diz ele, macaqueia a caridade, mas de modo inverso. A caridade tudo sofre, mas pelos bens eternos; a ambição também padece tudo, porém pelas mesquinhas honras deste mundo. A caridade é toda benigna, mas com as pessoas pobres e desprezadas; a ambição é também toda benigna, mas somente com as pessoas poderosas, que podem contentá-la. A caridade tudo suporta, mas para agradar a Deus: a ambição também tolera tudo, mas pela vaidade de chegar àquela honra e àquele ofício. Ó Deus! Tal religiosa há de sofrer incalculáveis agulhões de incômodos, fadigas, temores, gastos, e até

afrontas e ultrajes para possuir aquela dignidade que pretende! A caridade finalmente crê e espera tudo o que tem relação com a glória eterna: a ambição crê e espera tudo o que respeita a própria estima nesta vida⁸⁶.

8. — Mas, afinal, que lucra essa pobre monja com tal honra que ambiciona, senão um pouco de fumo, que a não sacia, e que em vez de honrá-la, tanto mais a rebaixa aos olhos das outras? Bem dizia Sta. Teresa: “A honra se perde por isso mesmo que é desejada; e quanto mais é a honra que se recebeu tanto maior é a vergonha de quem a procurou, porque quanto maiores esforços envidou para possuí-la, tanto mais indigna se mostrou”. — Também dizia Sta. Joana de Chantal: “Aquelas que se julgam mais dignas dos cargos, são as que menos os merecem, porque lhes falta a humildade que é a melhor disposição para exercitá-las”. E queira Deus que a dignidade assim obtida não venha a ser a causa da sua condenação eterna! — O Padre Vicente Carafa, da Companhia de Jesus, visitando um dia um seu amigo enfermo, soube que este tinha sido promovido a certo ofício muito rendoso, porém de grande responsabilidade. O amigo pediu que lhe obtivesse de Deus a saúde; mas o Padre respondeu-lhe: “Não, meu amigo, não quero trair o amor que te tenho: Deus te chama a outra vida agora que estás na sua graça, porque te quer salvar; e se te deixasse viver mais, não sei se te salvarás com este ofício”. E assim o amigo aceitou a morte com resignação, e de fato faleceu todo consolado e conformado com a vontade divina.

É muito difícil, dizia S. Boaventura, alegrar-se com alguma honra, sobretudo se é uma dignidade que trás consigo encargos de consciência, como a de abadessa, vigária, mestra de noviças, e não se pôr em grande risco de se perder⁸⁷. E em maior perigo ainda está quem com ambição pleiteou tal ofício; porque a infeliz não terá coragem de negar às irmãs que a promoveram, o que elas pedirem sem causa justa, e assim facilmente se perderá. Além disso, Deus não é obrigado a dar os auxílios necessários para esse cargos àquela que o procurou por empenhos; e privada da assistência divina, como poderá exercê-lo devidamente? Oh! quantas preladas veremos condenadas no dia do juízo por terem buscado esse ofício!

9. — Se, pois, caríssimas irmãs, quereis conservar a humildade, não vos deixeis seduzir por nenhum desejo de vanglória. Que espírito de humildade pode ter uma religiosa, que, no exercício de suas funções, quer ostentar aparato de riqueza e de grandeza, fazendo tudo com pompa e profusão? Que espírito de humildade pode ter aquela outra que, trazendo o hábito religioso, pretende e estima ser tratada com o título de *Excelência*? Se fosse humilde, diria a todos, e até aos criados dos seus parentes, que não quer nem aceita esse tratamento, que só fica bem às pessoas do mundo. Aliás é certo que, para uma religiosa, o tratamento de *Reverência* é mais honroso que o de *Excelência*, porque o primeiro é dado como a uma esposa de Cristo e o segundo como a uma Senhora do século.

Dizia S. Francisco Xavier que estimar ver-se honrado é coisa indigna do cristão, que deve ter continu-

amente diante dos olhos as ignomínias de Jesus Cristo. Quanto mais indigno não deve sê-lo de uma pessoa consagrada a Jesus Cristo, que viveu tantos anos, neste mundo, tão ignorado e tão desprezado? — Dizia S. Maria Madalena de Pazzi que a honra de uma religiosa consiste em pôr-se abaixo de todos e ter horror de ser preferida a qualquer. E esta é a emulação que deve existir entre as religiosas, escreveu S. Tomás de Villanova; isto é, todas devem confiar em ser cada uma mais humilde que a outra, para mais agradar a Jesus Cristo⁸⁸.

Ao entrar na religião dissestes: Escolhi viver humilhada na casa de meu Deus, antes que viver honrada no mundo⁸⁹. — E agora porque haveis de estar tão apegada aos fumos e às vaidades do mundo? — Se quereis santificar-vos, escutai a advertência de S. Boaventura: “Desejai viver ignorada e ser tida por nada”, de sorte que no convento ninguém vos dê importância⁹⁰.

10. — Não tenhais inveja das religiosas que tem mais inteligência e mais habilidade do que vós, nem das que são mais estimadas no mosteiro; mas somente das que vos superam no amor de Deus e na humildade. A humilhação é preferível a todas as honras e aplausos do mundo. A ciência mais bela para uma religiosa é saber humilhar-se e ter-se por nada e estimar ser tida nessa conta. Deus vos não deu maior talento, porque talvez vos prejudicasse e fosse causa da vossa condenação. Contentai-vos com o escasso talento que recebestes porque assim vos exercitareis mais na humildade que é o caminho mais seguro, senão o único, que vos conduzirá à salvação e à san-

tidade. Se as outras vos ultrapassam na arte de saber governar e captar a estima geral, procurai excedê-las na humildade, como diz o Apóstolo⁹¹. — Quem tem a honra de governar está em grande perigo de envaidecer e de perder a luz divina, tornando-se semelhante aos brutos, que só vão atrás dos mesquinhos bens desta terra, sem cuidar dos bens eternos, como já dizia o real profeta: O homem elevado em honras, não compreendeu a sua fragilidade; comparou-se aos animais brutos e tornou-se semelhante a eles⁹².

Se, portanto, quereis andar pelo caminho seguro, fugi das honras e abraçai os ofícios e serviços mais abjectos. Uma religiosa que deseja santificar-se, não deve ter outra aspiração que ser empregada nos misteres mais humildes do mosteiro; e nesse intuito, deve oferecer-se muitas vezes às superiores e às oficiais para fazer o que as outras recusam. A esposa dos Cantares apresenta-se ora como solitária, ora como guerreira, ora como vinhateira, mas em todos esses ofícios faz sempre o papel de amante. Assim a monja deve fazer todos os seus atos por amor do divino Esposo; e parecendo, em tudo o que faz a fiel amante de Jesus Cristo, não tem que desdenhar nenhum emprego, nem sujeição alguma. Os serviços mais baixos aos olhos do mundo são os mais nobres nos mosteiros, e os mais procurados dos santos, como sendo mais agradáveis a Jesus Cristo. Narra Cassino que o abade Pafúncio, sendo muito estimado no Egito, fugiu de lá, e foi para o mosteiro de S. Pacomio; onde sendo desconhecido, foi encarregado de tratar do jardim. Ficou muito contente por ver-se

incumbido de um tão baixo mister. Sendo depois reconhecido e tirado do jardim, não fazia mais do que derramar lágrimas e lamentar a perda do tesouro encontrado na sua humilhação⁹³.

11. — Procurai também praticar a humildade, guardando a pobreza nos móveis da cela e nas vossas vestes. — Refere S. Gregório que Sto. Equicio vestia-se com tanta humildade, que quem o não conhecesse, seria até capaz de não saudá-lo. Oh! de quanta edificação servem os hábitos pobres! — Atravessavam um dia o Nilo os dois Macários e na mesma embarcação iam também alguns fidalgos nobremente vestidos. Um deles, vendo os vestidos tão pobres dos dois monges, ficou tão compungido que, deixando o mundo, se fez também monge.

Um outro meio de conservar a humildade, é ter os olhos modestamente voltados para a terra e falar em voz baixa. Advirta-se, porém, que estes e outros atos exteriores só ajudam a humildade, quando são unidos com a humildade interior de coração. Do contrário, seriam atos da mais abominável soberba; porque, segundo S. Jerônimo, não há pior soberba do que aquela que se esconde sob a capa da humildade⁹⁴.

ORAÇÃO

Meu Jesus, eu me envergonho de aparecer diante de vós! Vós tanto amastes os desprezos e os opróbrios, que chegastes a morrer em uma cruz escarnecido e ludibriado, e eu não tenho podido suportar a menor afronta que me têm feito! Vós inocente

por meu amor fostes saciado de ignomínias, e eu peccadora sou tão ávida de honras e louvores! Ai! meu divino Esposo quanto me vejo dissemelhante de vós! isto me faz temer pela minha salvação eterna, porque os predestinados deverão ser conformes a vós. Mas não quero desconfiar da vossa misericórdia, porque me haveis de socorrer e converter. Proponho com vosso auxílio querer sofrer de hoje em diante, por vosso amor, todos os desprezos e injúrias que me fizerem. Ai! com vosso exemplo, como as ignomínias se tornaram amáveis às almas que vos amam! Eu vos amo e quero fazer tudo o que puder para vos agradar. Perdoai-me os desgostos que vos dei pelas minhas soberbas, das quais me arrependo de todo o coração, e dai-me forças para ser fiel em cumprir a promessa que vos faço hoje de me não lamentar das afrontas que me forem feitas.

Maria Santíssima, minha Mãe, vós que fostes tão humilde, alcançai a graça de imitar-vos quanto me for possível.

IV. Continuação da mesma matéria, e mais particularmente da paciência dos desprezos

1. — 3.º - Em terceiro lugar, para conservar a humildade, é preciso não se perturbar nas repreensões. Inquietar-se uma pessoa, quando recebe uma correção, é sinal de que ainda não chegou a ser humilde. E, por isso, deve pedir a Nosso Senhor que lhe dê esta virtude tão necessária à salvação. O Padre Rodrigues observa que certas religiosas fazem como

o ouriço. Quando alguém as toca, eriçam logo os espinhos, isto é, prorrompem imediatamente em palavras desabridas, injúrias e murmurações. — S. Gregório diz por sua vez: Temos conhecido muitos, que, quando ninguém os acusa, se dizem pecadores; mas, se alguém os corrige de algum defeito, procuram defender-se quanto podem, para não serem tidos na conta de imperfeitos⁹⁵. — Muitas religiosas fazem o mesmo; mas ouçam o que diz o Espírito Santo: Quem não aceita a repreensão, não anda pelo caminho dos justos, mas pelo dos pecadores; isto é, segue o caminho do inferno⁹⁶.

2. — Essa pessoa, diz S. Bernardo, se ira contra quem a pretende curar com a repreensão; e não se incomoda com quem a fere com bajulações⁹⁷.

Tremamos diante da funesta predição do sábio aos que não querem ser corrigidos: Os que fogem de toda a correção, se perderão com a prosperidade dos insensatos⁹⁸. — A prosperidade dos insensatos consiste em não ter quem os corrija e desprezar as repreensões; e por isso se condenam miseravelmente. — O venerável Beda conta um fato horroroso acontecido a duas religiosas, que, repreendidas pela sua superiora, fizeram pouco caso. Depois, indo de mal a pior, fugiram do mosteiro. Sendo porém encontradas, foram reconduzidas ao claustro. Sua abadessa, que era Sta. Borgontófora, perguntou-lhes o que as tinha levado a tal excesso. Responderam que isso lhes tinha sucedido porque não tinham dado ouvido às suas advertências. Algum tempo depois, caindo ambas enfermas e prestes a morrer não quiseram confessar-se; e chegando aos últimos momentos, puse-

ram-se a gritar: “Esperai um pouco, esperai”. E depois voltando-se para as companheiras, disseram: “Não vedes ali aquela tropa de negros etíopes que vem nos prender?” E, com efeito, apareceram certas sombras espantosas que com vozes horríveis chamavam pelas duas miseráveis enfermas. E estas, continuando a gritar: “Esperai, esperai!” expiraram desgraçadamente sem os sacramentos.

3. — Diz S. João Crisóstomo: Quando o justo é apanhado em algum defeito, geme por ter errado. O pecador, porém, encontrado em falta, geme também, não por ter errado, mas por ter sido conhecido o seu erro; e então não cuida de se arrepender do seu pecado, mas trata de defender-se e indignar-se contra quem o repreende.

Dizei, minhas irmãs: Tendes vós assim procedido, no passado, com quem por caridade vos corrigiu de alguma falta? Continuareis a fazer o mesmo para o futuro? Não, vos diz S. Bernardo: “Deveis agradecer muito a quem vos repreender de qualquer defeito. É uma injustiça clamorosa irar-se contra aquele que vos mostra o caminho da salvação”⁹⁹.

Segundo aconselha Sta. Maria Madalena de Pazzi, se isto puder realizar-se sem desordem, faríeis bem de procurar uma companheira fiel que vos advirta de todas as faltas, que talvez vos passem desapercibidas. — Vós sabeis bem que sois cheias de misérias e defeitos. O único remédio para tantos males é humilhar-vos, quando os conhecerdes ou fordes advertidas por outrem.

Dizia Sto. Agostinho que a humildade é a nossa perfeição¹⁰⁰. Já que somos tão imperfeitos na prática

das virtudes, sejamos ao menos perfeitos em humilhar-nos, e alegrar-nos quando se apresentarem as ocasiões de confundir-nos, sendo repreendidos por nossas faltas. E notemos que nossa soberba nos faz sofrer mais facilmente as afrontas não merecidas, do que as correções que merecemos, porque nas primeiras o nosso amor próprio é menos ferido. Assim, pois, quando fordes repreendidas com razão, estai atentas para oferecer logo a Deus aquela confusão e vergonha em satisfação pelos defeitos cometidos. Esmagai o escorpião em cima da chaga que ele vos fez, servindo-vos daquela confusão para reparar as faltas em que caístes. Ficai persuadidas, que quanto maior for a humildade com que aceitardes a repreensão, tanto maior será a misericórdia de Deus, em perdoar-vos.

4. — Procurai, pois, praticar este grande ato de humildade, tão agradável a Deus, não vos defendendo nem vos escusando, quando receberdes alguma correção. — Diz Sta. Teresa que uma religiosa, quando é acusada de uma falta, ganha mais, com não se defender nem desculpar, do que se ouvisse dez sermões¹⁰¹. Se, pois, vos suceder serdes repreendidas, ainda injustamente, deixai de justificar-vos em honra da santa humildade, sempre que a justificação não for necessária para tirar o escândalo da comunidade. — Certa religiosa escreveu, uma vez, ao Padre Antônio de Torres seu diretor, pedindo que a justificasse perante uma pessoa de certa falta de que era acusada; mas escutai como lhe respondeu: “Estou espantado de como V. R. teve ânimo de me escrever para que eu a justifique junto de N. N. Eu a

lastimo. Creio que as ocupações dos dias passados a fizeram esquecer depressa do que, nesta semana dolorosa, ouviu dizer do seu divino Esposo, acoimado de sedutor. É impossível que, lembrando-se disso, tivesse podido escrever-me para defendê-la. Envergonhada desta ação, ponha-se de joelhos, descalça e com uma corda ao pescoço, aos pés do seu Crucifixo, e peça perdão de sua infidelidade. Proponha nunca mais, em nenhuma circunstância, justificar-se nem escusar-se, mas sempre dizer que errou, embora tenha de morrer arrepentada. Assim por V. R. morreu envergonhado e saturado de opróbrios o divino Esposo, e assim V. R. há de procurar tomar posse dele”.

Dizia Sta. Maria Madalena de Pazzi que cessa de ser religiosa a que se escusa, ainda quando é caluniada e coberta de baldões. Não contente de não se escusar de suas faltas, a religiosa verdadeiramente humilde procura torná-las conhecidas de todos.

No livro intitulado *“Prodígios da graça”*, onde se trata dos monges da nova reforma da Trappa, lê-se que um destes religiosos, quando cometia uma falta, ia se acusar dela primeiramente diante do abade, depois diante do prior; e além disso, se acusava também perante toda a comunidade reunida em capítulo. — A mesma Sta. Maria Madalena de Pazzi dizia que a monja que manifesta as suas culpas, merece que Jesus Cristo as oculte com seu sangue.

5. — 4.^o - Em quarto lugar, se quereis adquirir a humildade perfeita, procurai aceitar com paz todos os desprezos e maus tratos, que vos fizerem. Nós os suportaremos com paciência, quando nos conven-

cermos que os merecemos em desconto dos nossos pecados.

A humilhação é a pedra de toque dos Santos. — Diz S. João Crisóstomo que o sinal mais certo para conhecer que há virtude em uma alma, é observar se ela se porta com mansidão ao receber as afrontas¹⁰². — Narra o Padre Crasset na história da Igreja do Japão, que, durante a última perseguição, um missionário Agostiniano, que viajava incógnito, recebeu uma bofetada sem se alterar, e por este sinal foi reconhecido por cristão e preso como tal, julgando os idólatras que tal virtude não podia achar-se, a não ser em um cristão. — Dizia S. Francisco de Assis que alguns fazem consistir a sua santidade em recitar muitas orações ou em fazer muitos exercícios de penitência, mas não podem sofrer resignados uma palavra injuriosa, não compreendendo que ganhariam muito mais, se suportassem com paciência os desprezos. Vós lucrareis mais diante de Deus recebendo uma afronta, do que fazendo dez jejuns a pão e água. Vereis, por exemplo, que se concede às outras irmãs aquilo que vos foi negado: atendem ao que dizem as outras e zombam do que dizeis; as outras são louvadas em tudo o que fazem, são eleitas para os ofícios mais honrosos, e vós sois tidas em pouca conta, e até sempre ridicularizadas em tudo o que fazeis. Então se reconhece, diz S. Doroteu, se sois verdadeiramente humildes, se aceitais em paz todas estas humilhações, e se recomendais a Deus com maior amor as irmãs que mais vos maltratam, como sendo as que aplicam o remédio mais enérgico à vossa soberba, doença maligna entre todas e capaz de vos causar a

morte. Aos soberbos, porque se julgam merecedores de todas as honras, as humilhações que recebem, só servem para aumentar a sua soberba; mas os humildes, por pensarem que merecem toda a sorte de opróbrios, servem-se dos desprezos para serem mais humildes, convertendo a humilhação em humildade, na frase de S. Bernardo¹⁰³.

6. — As humilhações que fazemos por nós mesmos, como servir os enfermos, beijar os pés a quem se crê ofendido por nós, embora se lamente sem razão, e outras semelhantes são boas; mas as melhores são as que nos fazem os outros como repreensões, injúrias, irrisões, quando as abraçamos de boa vontade por amor de Jesus Cristo. — Assim como o ouro se prova ao fogo, diz o Espírito Santo, assim a perfeição dos homens se experimenta no cadinho das humilhações¹⁰⁴.

— “A virtude sem prova, dizia Sta. Maria Madalena de Pazzi, não é virtude”. Quem não sofre com calma os desprezos, não pode jamais ter o espírito da perfeição.

A esposa dos Cantares se exprime assim: O meu nardo exalou o seu odor¹⁰⁵. O nardo é uma erva aromática, que não esparge o seu perfume senão quando é pisado ou esmagado. Oh! que perfume agradável a Deus não expande uma religiosa humilde, quando abraça com calma os opróbrios, alegre de ver-se maltratada e vilipendiada como a última do convento! Perguntando-se ao monge Zacarias o que era preciso fazer para adquirir a verdadeira humildade, este tomou o seu gorro, o atirou ao chão e pisou bastante dizendo: “O verdadeiro humilde é aquele

que se alegra, quando se vê tratado como este pano”.

E que feliz morte não terá a religiosa que vive humilhada no seu convento, sofrendo sempre tranquilamente os desprezos de que é objeto?” Em vez de odiar a quem assim a trata, lhe é muito agradecida de todo o coração.

Narra S. João Clímaco que um monge chamado Abbacyro, tendo passado quinze anos em certo mosteiro, sempre tido em pouca importância e vilipendiado por seus companheiros, à hora da morte agradeceu-lhes muito a caridade que lhe tinham feito em conservá-lo tão humilhado, e assim expirou com uma paz do paraíso¹⁰⁶.

7. — Algumas religiosas se lisonjeiam de ser humildes, porque estão persuadidas da sua miséria e se arrependem da sua má vida passada; mas não querem ser humilhadas e não podem suportar que alguém lhes falte com a estima e respeito: e por isso evitam os ofícios baixos e tudo o que não condiz com a sua soberba. Mas, que humildade é essa? Confessam que são dignas de todas as ignomínias, e depois não querem tolerar a menor desatenção, e até pretendem obséquios e honras? O Espírito Santo as condena nestes termos: “Há alguns que se humilham sem sinceridade; seu coração está cheios de doubles¹⁰⁷. Fazem consistir sua humildade, toda exterior, em dizer que são os mais miseráveis dos homens, mas, no interior, querem ser mais honrados e estimados do que os outros.

Eu espero, caríssima irmã, que não sejais desta classe. Se verdadeiramente vos considerais a pior de

todas as irmãs contentai-vos de ser tratada abaixo de todas. E por isso amai como vossas melhores amigas as irmãs que, vos desprezando, vos ajudam a ser humilde e desapegada da glória terrena, afim de que, unindo-vos mais estreitamente com Deus, nesta vida, não busqueis outra coisa senão o seu santo amor.

8. — Considerai-vos como um cão morto e em putrefação, que mereceis ser aborrecida de todos. Oferecei-vos a Deus para sofrer todos os opróbrios por seu amor, e em satisfação das ofensas que lhe tendes feito, sem permitir que o amor próprio disso se lamente. Pensai que merece muito maiores desprezos quem teve a ousadia de desprezar a Deus; merece estar debaixo dos pés dos demônios. S. Bernardo afirmava que não conhecia melhor remédio para curar as chagas da sua consciência, do que as injúrias e os desprezos¹⁰⁸.

Alegrai-vos, pois, caríssima esposa do Senhor, quando vos virdes aviltada, abatida abaixo de todas as vossas irmãs, zombada por todas, tratada em fim como a mais inepta e desprezível da vossa comunidade. Não vos desculpeis ainda quando fordes caluniada, nem permitais que outros vos defendam, a não ser que seja absolutamente necessário escusar-vos, como já deixei dito, para evitar o escândalo das outras. Não vos oponhais a que vossas faltas se descubram aos superiores. Quando receberdes alguma humilhação, não andeis a procurar quais foram as autoras; e se as descobrires, não a injurieis, nem deis a conhecer que sabeis de tudo, nem vos lamenteis com outras; e na oração, quando pedirdes pelas outras, a primeira recomendada seja a que vos des-

preza e persegue. — Persuadi-vos bem do que dizia o Padre Alvarez, que o tempo das humilhações é o tempo de sair das próprias misérias, e prover-se de grandes merecimentos. Além disso, dizia Sta. Maria Madalena de Pazzi que as cruces e afrontas são as maiores carícias que sóe o celeste Esposo fazer as suas prediletas; e por isso a santa afirmava que sentia grandes consolações em tratar com pessoas desprezadas, sabendo quanto eram queridas de Jesus Cristo. Dai, exortava com fervor as suas religiosas: Irmãs, o vosso único repouso seja quando fordes desprezadas. — Mas, sobretudo, é preciso ter constantemente diante dos olhos a palavra do divino Mestre: Felizes os que são odiados dos homens, evitados e injuriados, e cujo nome é rejeitado como infame¹⁰⁹.

O Apóstolo S. Pedro acrescenta: Bem-aventurados sereis, quando fordes ultrajados por amor de Jesus Cristo, porque então repousam sobre vós a verdadeira honra, a verdadeira virtude e o verdadeiro espírito de Deus¹¹⁰.

9. Os santos não se santificaram com os aplausos e honras, mas com as afrontas e desprezos. Sto. Ignácio Mártir, depois de ter sido estimado e venerado de todos como prelado, foi enviado a Roma como réu para sofrer o martírio. Na viagem só recebeu injúrias e maus tratos dos soltados que o conduziam; e então dizia, com júbilo: Agora começo a ser verdadeiramente discípulo de Jesus Cristo, que foi desprezado por mim¹¹¹.

Na vida de S. Francisco de Borgia se conta que, estando, uma noite, no leito, em uma hospedaria, com o Padre Bustamante, seu companheiro de via-

gem, este que sofria de bronquite, passou toda a noite a tossir e cuspir. Cuidando escarrar na parede, acertou de fazê-lo no Santo e muitas vezes na face. Pela manhã, percebeu o que tinha feito e ficou muito aflito, mas o santo lhe disse: “Meu Padre, não vos dê isso pena, porque com certeza, na casa, não havia lugar mais digno de ser cuspidado do que a minha face”.

Meu Deus! que sabe uma religiosa que não aprendeu a sofrer uma afronta por Jesus Cristo? A religiosa que não pode suportar as injúrias, mostra que perdeu de vista a Jesus crucificado. — A B. Maria da Encarnação, estando uma vez diante um crucifixo, disse às suas religiosas: Será possível, minhas irmãs, que recusemos abraças os vilipêndios vendo a Jesus Cristo tão desprezado? — Uma outra boa religiosa, quando recebia alguma afronta, ia dizer diante do Ssmo. Sacramento: “Senhor, eu sou pobre de mais nada tenho para vos ofertar, vos ofereço esta injúria que acabo de receber de presente”. — Oh! Com que agrado Jesus Cristo recebe uma pessoa desprezada, que abraçou os vilipêndios por seu amor! e como logo a consola e enriquece de graças! — O Padre Antônio Torres, falando do tempo em que foi humilhado e tratado como sementeiro de doutrinas falsas, pelo que esteve muitos anos suspenso de ouvir confissões, escreve a alguém estas palavras: Sabei que, em todo o tempo em que fui caluniado, recebi de Nosso Senhor tão grandes consolações espirituais que posso afirmar nunca ter tido outras semelhantes.

10. — Sofrer os desprezos com espírito calmo é o meio não só de adquirir grandes merecimentos, mas também de atrair o próximo para Deus. — É o que levou S. João Crisóstomo a dizer: “O que suporta as humilhações com calma e doçura, torna-se útil a si mesmo, e a todos os que o observam¹¹²; porque acrescenta o santo, não há nada que mais edifique o próximo do que a mansidão de uma pessoa que recebe as injúrias com rosto tranqüilo¹¹³. — Narra o Padre Maffei que, pregando no Japão um religioso da Companhia de Jesus, um insolente lhe cuspiu na face. O missionário limpou-se com o lenço e continuou a prédica, como se nada lhe tivesse acontecido. Um dos ouvintes, vendo isto, converteu-se à fé. Uma religião que ensina tal humildade, dizia ele, não pode deixar de ser verdadeira e divina. — Do mesmo modo, S. Francisco de Sales, com sua mansidão, sofrendo, sem se inquietar, todas as injúrias que lhe dirigiam os predicantes, converteu muitos hereges.

11. — Se uma religiosa vive em um convento pouco observante, e quer seguir a senda da perfeição, esteja certa de que em toda a sua vida há de ser sempre zombada, murmurada, injuriada, perseguida e odiada. Não há remédio, pois diz o Espírito Santo: Os ímpios que caminham pela estrada larga, abominam os que trilham a estreita vereda da virtude¹¹⁴. — A razão é que a vida dos bons é uma contínua reprovação do modo de viver dos maus que, por isso, queriam que todos vivessem à larga como eles. — A fuga do locutório, a assistência ao coro, a observância do silêncio, o desapego das amizades particulares e quase todas as ações virtuosas daquela boa

religiosa são chamadas singularidades, carolices e até hipocrisia, afim de ser tida por santa. E se ela, por acaso, cai em alguma falta, porque enfim, não deixa de ser frágil e sujeita aos defeitos; se, por exemplo, responde com pouca paciência, ou se defende de alguma injustiça que lhe fazem, oh! então todas as outras gritam: Vede a santa! eis o que faz a santa, que comunga todos os dias, que guarda silêncio perpétuo, que anda com cilício, que está todo o dia no coro a enganar o mundo! — E, às vezes, misturam coisas falsas com verdadeiras. — A religiosa que pretende santificar-se, prepare-se bem para sofrer, e oferecer a Deus essas humilhações. Se as não quiser suportar, não se manterá longo tempo no bom caminho começado; abandonará cedo suas resoluções e se tornará tão imperfeita como as outras. Falando-se uma vez, diante de S. Bernardo, de certo monge que passava por santo, disse ele: Sim; será santo, porém, falta-lhe o melhor, que é ser tido na conta de mau religioso.

12. — Reconheçamos, pois, que o mais belo apanágio dos santos é serem perseguidos nesta vida, segundo as palavras de S. Paulo: Todas aquelas que querem viver com piedade em Jesus Cristo, hão de sofrer a perseguição¹¹⁵. — E nosso divino Salvador já o tinha dito: Assim como me perseguiram, hão de vos perseguir¹¹⁶.

Alguma religiosa dirá: Eu cumpro o meu dever, e não molesto a ninguém. Para que me hão de apouquentar? — Que é isso? Todos os santos foram perseguidos; Jesus seu chefe também o foi; e vós que-reis ser poupada? — A maior graça que Deus nos

pode fazer, diz Sta. Teresa, é permitir que sejamos tratados do mesmo modo que seu amado Filho o foi nesta terra¹¹⁷. — O Padre Torres teve pois razão de escrever a uma religiosa sua penitente: Creia que entre as maiores graças que o Senhor pode dar-lhe, a principal de todas é fazê-la digna de ser caluniada por todas as monjas, sem achar crédito em nenhuma. — Portanto, irmã caríssima, quando fordes desprezada e feita, como se costuma dizer, gato sapato das outras, alegrai-vos e agradecei muito ao divino Esposo que vos quer ver tratada como ele foi nesta vida. E, por isso, quando estiverdes na oração, figurai-vos todas as desconsiderações, contrariedades e perseguições, que vos possam sobrevir, e oferecei-vos com generosidade para sofrê-las por Jesus Cristo, porque assim, com auxílio divino, ficareis mais preparada para aceitá-las depois nas ocasiões.

13. — Em quinto e último lugar, digo que, não contente de aceitar os desprezos com paciência, é preciso também sorvê-los com satisfação e alegria. O bom religioso, dizia S. José Calasans, despreza o mundo e se alegra de ser por ele desprezado. O venerável Padre Luiz da Ponte, a princípio, não podia compreender como uma alma pode sentir prazer de se ver desprezada; mas, depois, tornando-se mais perfeito, bem o entendeu e experimentou. Com as nossas forças certamente lá não chegaremos, mas poderemos consegui-lo bem com os auxílios da divina graça, como os apóstolos, que se retiravam da presença do conselho, inundados de alegria, por se verem achados dignos de sofrer opróbrios por Jesus Cristo¹¹⁸. Em alguns, dizia S. José Calasans, verifica-

se a segunda parte, que é sofrer injúrias, mas não a primeira que é fazê-lo com alegria. É, entretanto, o que Sto. Ignácio de Loyola veio do céu, depois de sua morte, ensinar a Sta. Maria Madalena de Pazzi, dizendo-lhe: A verdadeira humildade consistem em regozijar-se em todas as coisas que podem nos induzir ao desprezo de nós mesmos.

14. — Os mundanos não se alegram tanto com as honras que se lhes fazem, quanto os santos com os vilipêndios de que são objeto. — Frei Junipero quando era injuriado, suspendia a sua túnica e fazia um seio para receber as afrontas, como se fossem pérolas. — S. João Francisco Regis, quando, na conversação com seus religiosos, se via burlado, não só se alegrava, mas também procurava fomentar as suas irrisões. É por isso que os santos parecem que não sabem desejar outra coisa nesta terra senão sofrer e ser desprezados por Jesus Cristo. — Nosso Senhor apareceu um dia a S. João da Cruz, coroadado de espinhos e com a cruz às costas, e, neste estado, disse-lhe: Pede-me o que quiseres. O Santo respondeu: Senhor, dai-me a graça de padecer e ser desprezado por amor de vós¹¹⁹. Como se tivesse querido dizer: Senhor, vendo-vos assim maltratado e desprezado por meu amor, que outra coisa posso pedir-vos, senão dores e desprezos? — Disse Deus a B. Ângela de Foligno que o sinal para se conhecer que as ilustrações recebidas por uma alma são verdadeiramente suas é ver que, depois destas, a alma fica abrasada de grande desejo de ser humilhada por seu amor. Donde se conclui que Jesus Cristo quer que longe de nos perturbarmos com as injúrias e perseguições,

nos alegremos e regozijemos com elas, pelo grande prêmio, que nos está aparelhado no céu: Sois felizes, quando sois amaldiçoados e perseguidos...; regozijai-vos e saltai de alegria, porque no céu será enorme a vossa recompensa¹²⁰.

15. — Quando uma jovem está para entrar em algum mosteiro e para consagrar-se a Jesus Cristo, eu costumo recomendar-lhe especialmente estas duas coisas, isto é, a obediência e a tolerância dos desrezos.

Quis estender-se um pouco nesta matéria, porque me parece impossível que, sem isto, uma religiosa possa adiantar-se na perfeição. Se, ao contrário, ela abraça os desrezos com alegria, eu tenho por certo que se santificará. A religiosa humilde de coração, como é a que estima ver-se desrezada, torna-se o coração de Jesus Cristo, dizia S. Paulino¹²¹. — Portanto, minha irmã, se quereis chegar à santidade, tende por certo que deveis ser muito humilhada e desrezada. Ainda que as vossas irmãs fossem todas santas, o Senhor permitirá que, senão sempre, ao menos algumas vezes, sejais contrariada, aviltada abaixo das outras, desdenhada, acusada e repreendida. Basta; Jesus Cristo achará o meio de vos fazer desrezada, para vos tornar semelhante a ele. É por isso que vos convido a observar esta excelente prática, que o Padre Torres ensinava a seus penitentes: “Recitai todos os dias um *Padre Nosso* e uma *Ave Maria* à vida humilde de Jesus Cristo, e oferecei-vos para sofrer por seu amor, não só com paciência senão também com alegria, todas as contrariedades e

todos os despezos que ele quiser enviar-vos, pedindo-lhe sempre a graça de ser-lhe fiel neste ponto”.

ORAÇÃO

Meu Jesus, meu amor, como posso ser tão soberba, quando vos vejo a vós, que sois meu Deus, humilhado até o ponto de morrer por mim como um criminoso em seu patíbulo? Ai! pelos méritos dos vossos abatimentos, fazei que eu conheça as minhas misérias e meus defeitos afim de que me deteste a mim mesma e sofra com paciência por vosso amor todas as injúrias que me forem feitas. Oh! Meu Redentor, como nobilitastes os opróbrios e os tornastes amáveis às almas que vos estremecem! Fazei que eu conheça a vossa bondade e o vosso afeto para comigo, afim de que vos ame e abrace todos os despezos para vos agradar. Fazei que eu afaste de mim todos os respeitos humanos, e em todas as minhas ações não tenha em vista outra coisa senão o vosso aprazimento. Eu vos amo, ó meu Jesus desprezado, e tomo a resolução de, com a vossa graça, não mais me afligir nem lamentar de qualquer ignomínia que me irroguem. De vós espero a força para ser fiel.

Ó Maria, minha Mãe, socorrei-me com a vossa intercessão. Rogai a Jesus por mim.

1. Humilitas primum locum tenet in quantum expellit superbiam cui Deus resistit. 2, 2, q. 161, a 5.

2. Qui sine humilitate virtutes congregat, quasi in ventum pulverem portat. In Ps. Poet. 3.

3. Spec. Exempl. dist. 9. ex. 199.

4. Nisi humilitas praecesserit, et comitetur, et consecuta, fuerit, totum extorquet de manu superbia. *Epist. 118 E. B.*

5. Semetipsum exinanivit, formam servi accipiens. *Philipp. 2, 7.*

6. Despectum et novissimum virorum. *Is 5, 3, 3.*

7. Exemplum enim dedi vobis, ut quemadmodum ego feci vobis, ita et vos faciatis. *Joan. 13, 15.*

8. Haec medicina si superbiam non curat, quid eam curet nescio. *Serm. 77. E. B.*

9. Ea est prima humilitas, secunda humilitas, tertia humilitas; et quoties interrogares, hoc dicerem *Epist. 118. E. B.*

10. Abominatio Domini est omnis arrogans. *Prov. 16, 5.*

11. Quid autem habes, quod non accepisti? *I. Cor. 1, 7.*

12. Nescis quia tu es miser... et caecus. *Apoc. 3, 17.*

13. Si districte judicetur, injusta invenietur, omnis justitia nostra. *In fest. Omn. Sanct. s. 1.*

14. Gratia autem Dei sum id quod sum. *I. Cor. 15, 10.*

15. Non quod sufficientes simus cogitare aliquid a nobis. *II. Cor. 3, 5.*

16. *Dial. I. 4. c. 5.*

17. Datus est mihi stimulus carnis meae, angelus Satanae, qui me colaphizet; propter quod ter Dominum rogavi ut discederet a me, et dixit mihi; Sufficit tibi gratia mea. *II. Cor. 12, 7.*

18. Priusquam humiliarer, ego deliqui. *Ps. 118, 67.*

19. Altus est Deus; erigis te, et fugit a te humilia te, et descendit ad te. *Serm. 177 App. E. B.*

20. Excelsus Dominus, et humilia respicit, et alta a longe cognoscit. *Ps. 13, 7, 6.*

21. Qui autem se exaltaverit, humiliabitur. *Matth 23, 12.*

22. *Op. 34. de var. mir. Narrat c. 4.*

23. Omnis enim qui petit accipit. *Luc. 11, 19.*

24. Deus superbis resistit; humilibus autem dat gratiam. *Jac. 4.*

6.

25. Humiliare Deo, et, expecta manus ejus. *Eccli. 13. 9.*

26. Domine, concede mihi thesaurum humilitatis. *Medit. c. 1.*

27. Qui emitis fontes in convalibus; inter medium montium penetrant aquae. *Ps. 103, 10.*

28. Quia respexit humilitatem ancillae suae... fecit mihi magna qui potens est.

29. *Vida, c. 38.*

30. Oratio humiliantis se nubes penetrabit... et non discedet, donec Altissimus aspiat. *Eccl. 35, 31.*

31. Ne aventatur humilis, factus confusus. *Ps. 73, 21.*
32. Evidentissimum reproborum signum superbia est; at contra humilitas electorum, *Mar I. 34. c. 22.*
33. *Vit. Patr. I. 3, n. 129.*
34. Nisi... efficiamini sicut parvuli, non intrabitis in regnum coelorum. *Matth. 18, 3.*
35. Beati estis, cum maledixerint vobis, est persecutus vos fuerint..., quoniam merces vestra copiosa est in coelis. *Matth. 5, 11.*
36. Discite a me quia mitis sum et humilis corde, et invenietis requiem animabus vestris. *Matth. 11, 29.*
37. Et cum haec omnia habeam, nihil me habere puto, quamdiu video Mardocheum Judaeum sedentem ante fores regias. *Esth. 5, 13.*
38. Virtutem quasi umbra sequitur, et, appetitores sui deserens, appetit contemptores. *Ep. ad Eustoch.*
39. Peccavi, et vere, deliqui, et, ut eram dignus, non recepi. *Job. 33, 27.*
40. Ne projicias me a facie tua.
41. Humilitas est virtus qua homo, verissima sui cognitione, sibi ipsi vilescit. *De Grad. hum. c. 1.*
42. *Cast. int. morad. 6, c. 10.*
43. Tanto fit qui que Deo pretiosior, quanto vilior sibi. *Mor. I. 18, c. 22.*
44. Noverim te, moverim me. *Solil. I. 2, c. 1.*
45. Ab humilibus honoratur. *Eccl. 3, 21.*
46. Si gloriantur nubes, quod imbres genuerint, quis non irrideat? *In cant. s. 13.*
47. Quisquis tibi enumerat merita sua, quid tibi enumerat, nisi munera tua? *Conf. I. 9, c. 13.*
48. *Vida c. 10.*
49. Abundantius illis omnibus laboravi non ego autem, sed gratia Dei mecum. *I. Cor. 15, 10.*
50. Etiamsi oportuerit me mori tecum, non te negabo. *Matth. 26, 35.*
51. Omnia possum in eo qui me confortat. *Phil. 4, 13.*
52. Qui autem sperant in Domino, mutabunt fortitudinem. *Phil. 40, 31.*
53. In te, Domini, speravi; non confundar in aeternum. *Ps. 30, 2.*
54. Omnia cooperantur in bonum. *Rom. 8, 28.*
55. I tiam peccata.
56. *Insin. I. 3, c. 78.*

57. Nisi quia Dominus adjuvit me, paulo minus habitasset in inferno anima mea. *Ps. 93, 17.*

58. *Collat. 2, c. 3.*

59. Fra res, et si praeoccupatus fuerit homo in aliquo delicto... hujus modi instruite in spiritu lenitatis considerans te ipsum ne et tu tenteris. *Gal. 6, 1.*

60. *De Goenob. inst. I. 5, c. 30.*

61. Coeteros contempsisti; coeteris pejor factus es.

62. *1. 2. q. 73, a. 10.*

63. Deus, in adiutorium meum intende; Domine, ad adjuvandum me festina.

64. In anima non est timenda quantalibet humiliatio; horrenda autem nimium vel minima erectio. *In Cant. s. 37.*

65. Si autem impius egerit poenitentiam..., omnium iniquitatum ejus... non recordabor. *Ezeg. 18. 21.*

66. Primus profectus, nolle dominari; secundus, velle subjici; tertius, in ipsa subjectione, quaslibet injurias illatas sequanimitate pati. *De Divers. s. 60.*

67. Discite a me quia mitis sum et humilis corde. *Matth. 11, 39.*

68. *Collat. 18, c. 11.*

69. Est qui nequiter humiliat se, et interiora ejus plena sunt dolo. *Eccl. 19, 23.*

70. *In Cant. s. 16.*

71. *Scal. par. gr. 21.*

72. Cum se peccatorem dicit, id de se dicenti etiam alteri non contradicit. *Mor. I. 22, c. 14.*

73. Verus humilis vilis vult reputari, non humilis praedicari. *In Cant. s. 16.*

74. Humiliationem convertit in humilitatem. *In Cant. s. 34.*

75. Laudet te alienus, et non os tuum. *Prov. 27, 2.*

76. Grande malum, si, vel modice, plus vero te extollas. *In Cant. s. 37.*

77. *Mor. I. 22. c. 9. — I. 26, c. 30.*

78. Exaltatus autem, humiliatus sum et conturbatus. *Ps. 37, 16.*

79. Recepisti bona in vita tua. *Luc. 16, 25.*

80. Quomodo probatur... a fornace aurum, sic probatur homo ore laudantis. *Prov. 27, 21.*

81. Nec malam conscientiam sanat laudantis praeconium, nec bonam vulnerat conviciantis opprobrium. *Contra Petil. I. 3. c. 7.*

82. Melius me ego novi, quam illi; sed melius Deus, quam ego. *In Ps. 36, s. 3.*

83. Omnis saeculi honor diaboli negotium est. *In Matth. c. 3. n.*
- 5.
84. Corpus Ecclesiae ambientium contagione foedatur. *Epist. 1.*
85. *Cam. da Perf. c. 8, 13.*
86. *Epist. 14.*
87. Vix fieri potest quod, qui delectatur honore, in periculo magno non sit. *Med. vitae Christi.*
88. In hoc ad invicem zelate, quaenam huic Sponso carior existat, quae humilior. *De Nat. Mav. ad mon. conc. 22.*
89. Eligi abjectus esse in domo Dei mei, magis quam habitare in tabernaculis peccatorum. *Ps. 83, 11.*
90. Ama nesciri et pro nihilo reputari. *Alphab. relig.*
91. Sed in humilitate superiores. *Phil. II, 3.*
92. Homo cum in honore esset, non intellexit, comparatus est jumentis insipientibus, et similis factus est illis, *Ps. 48, 13.*
93. *Inst. I. 4, c. 30.*
94. Multo deformior est superbia quae sub humilitatis signis latet. *Ep. ad Celant.*
95. Multos novimus, qui, arguente nullo, peccatores se confitentur; cum vero de culpa fuerint correpti, defensionis patrocinium quaerunt, ne peccatores videantur. *Mor. I. 22, c. 14.*
96. Qui odit correptionem vestigium est peccatoris. *Eccli. 21, 7.*
97. Medicant irascitur, qui non irascitur sagittanti. *In Cant. s. 42.*
98. Eo quod... detraxerint universae correptioni... prosperitas stultorum perdet eos. *Prov. 1, 29.*
99. Soror, multas age gratias illi qui increpavit te: non contristeris, cum monstraverit viam salutis. *De modo bene vivendi, c. 18.*
100. Ipsa est perfectio nostra, humilitas. *In Ps. 130.*
101. *Caminho da perf. c. 16.*
102. *In Gen. hom. 34.*
103. Est humilis qui humiliationem convertit in humilitatem. *In Cant. s. 84.*
104. In igne probatur aurum..., homines vero receptibiles in camino humiliationis. *Eccli. 2, 5.*
105. Nardus mea dedit odorem suum. *Cant. 1, 11.*
106. *Scal. par. gr. 4.*
107. Est qui nequiter humiliat se, et interiora ejus plena sunt dolo. *Eccli. 19, 23.*
108. Ego plagis conscientiae nullum judico accomodatius medicamentum probis et contumeliis. *Epist. 280.*

109. Beati eritis cum vos oderint homines, et cum separaverint vos, et ejecerint nomen vestrum tanquam malum, propter Filium hominis. *Luc. 6, 22.*

110. Si exprobamini in nomine Christi beati eritis; quoniam, quod est honoris, gloriae, et virtutis Dei, et qui est ejus Spiritus, super vos requiescit. *I. Pet. 4, 14.*

111. Nunc incipio esse Christi discipulus. *Ep. ad Rom.*

112. Mansuetus, utilis sibi et aliis. *In Act. hom. 9.*

113. Nihil ita consiliat Domino familiares, ut quod illum vident mansuetudine jucundum. *S. de Mansuet.*

114. Abominantur impii eos qui in recta sunt via. *Prov. 29, 27.*

115. Omnes qui pie volunt vivere in Christo Jesu, persecutionem patientur. *II. Tim. 3. 12.*

116. Si me persecuti sunt, et vos persequentur. *Joan. 15, 20.*

117. *Cost. int. d. 7, 4.*

118. Ibant gaudentes a conspectu consilii, quoniam digni habitus sunt pro nomine Jesu contumeliam pati. *Act. 5, 41.*

119. Domine, pati et contemni pro te.

120. Beati estis, cum maledixerint vobis et persecuti vos fuerint... gaudete et exultate, quoniam merces vestra copiosa est in caelis. *Matth. 5, 11.*

121. Humilis corde cor Christi est. *Ep. ad Sever.*

Fim da primeira parte